PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FELIPE ARROYO LEMO

A CAIPIRÓPOLIS

A Construção do imaginário urbano em São Paulo 1911-1918

MESTRADO EM HISTÓRIAL SOCIAL

SÃO PAULO

2019

Felipe Arroyo Lemo

A Caipirópolis

A Construção do imaginário urbano em São Paulo 1911-1918

Mestrado em História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social, sob orientação da Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz.

SÃO PAULO
2019

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Para os meus pais. E os pais de meus pais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)- Código de Financiamento: 88887.148437/2017-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)- Finance Code: 88887.148437/2017-00.

AGRADECIMENTOS

A realização de uma dissertação conta com o apoio, direto e indireto, de numerosas figuras. Agradeço a todas ela, e de forma particular a:

Em primeiro lugar a minha orientadora, Prof. Dra. Heloisa de Faria Cruz, que me manteve são e ancorado, quando me descarrilhava. Ao Prof. Dr. Lauro Ávila, que me encorajou a trilhar este caminho, tendo, não só me indicado que plataforma tomar, mas também me acompanhado nela.

À Capes, que financiou esta pesquisa através da bolsa alcançada no Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aos funcionários de cada instituição de pesquisa que visitei, ou cogitei visitar, obrigado pela paciência, emails trocados, notícias e informações, lisura e atenção aos materiais. Meu afeto, em especial, fica com os da Biblioteca Mario de Andrade, a começar por Carolina Martins Tenório, que me apresentou a Hemeroteca, e a máquina de microfilme, que lembrou de mim quando material de meu interesse lá chegou, mesmo após longo hiato. À Joana Moreno de Andrade e Marilza, na seção de Obras Raras, tão solícitas, fazendo o mesmo caminho para os mesmos tomos das mesmas três revistas incansáveis vezes.

À equipe do Arquivo do Estado de São Paulo, que digitalizou quase quinhentos volumes d'*A Cigarra*, meu mais eterno e sincero agradecimento. Um material tão importante, que ainda pode render e auxiliar em tantas pesquisas das mais diversas áreas, só tem a somar uma vez que está disponibilizado desta forma, tão simples, mas tão abrangente. O mesmo vale para *O Pirralho*, cuja casa eterna, torço, é a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Uma plataforma com suas limitações, mas, ainda assim, de livre e ininterrupto acesso.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em História da PUC-SP, meu apreço pela oferta de leituras, que contribuíram, não só diretamente a este trabalho, mas a minha formação. A este grupo, somam-se os professores da graduação, que apontaram tantas vertentes e caminhos, e, ainda assim, mantiveram-me centrado, me capacitando nas minhas escolhas e tendências, sem perder de vista a perspectiva.

À todos os pesquisadores, colegas, da graduação, da pós, reconheço as trocas, os conselhos, as leituras e as releituras, os comentários, críticas e sugestões. Particularmente a Beatriz, Gustavo e Raul, foram nossas vivências, sem dúvida, que fizeram do processo, experiência leve e proveitosa.

Aos meus amigos e familiares, que me mantiveram sãos, mesmo nas loucuras, exageros, conflitos e percalços. Nossas idas a teatros, cafés, festas e restaurantes, não se igualam, absolutamente, aos apresentados adiante, mas foram basilares para minha saúde física e metal — ou nem tanto, mas, de qualquer forma, existiram, e engendrados estão.

Aos meus pais e meu irmão, pelo apoio, incentivo, esforço e paciência que demonstram em tantos momentos. Que me perdoem o abandono, desânimo, trepidez e ansiedade que posso ter demonstrado.

Por fim, àqueles que fizeram nascer meu gosto pela história, minhas professoras e professores do fundamental e do ensino médio, cujas aulas aspiro um dia poder igualar, Vanessa, Samantha, Ritinha, Marina, Dona Vanda, Lucinha, Marcelo e Nart.

A vida mundana, que tantas incertezas lhe trazia antes de conhecê-la, não passava de um sistema de pactos atávicos, de cerimônias banais, de palavras previstas, com o qual se entretinham uns aos outros na sociedade para não se assassinarem

Gabriel Garcia Marquez, *Amor nos Tempos de Cólera*

RESUMO

O objetivo central dessa dissertação é refletir sobre como as revistas ilustradas de recente fluência no quotidiano da cidade se articulam na construção do imaginário urbano no início do século XX. Entender, assim, a partir de que forças, de que lugares e de que sujeitos se deram as disputas nos espaços públicos e privados em formação.

Norteada por dois grandes eixos, a criação do citadino e dos novos espaços, ditos modernos, a pesquisa busca discutir a promoção de novos costumes, regras de comportamento urbano, atitudes, papéis sexuais e de gênero, bem como suas limitações e restrições no espaço da cidade.

Para tanto, elegemos três revistas ilustradas, todas importantes no período, de grande tiragem e circulação. Cada uma delas com projeto gráfico e viés político específicos que, por vezes, podem apresentar pontos de convergência. São elas: *A Cigarra*, *O Parafuso* e *O Pirralho*.

Palavras-chave: Revistas ilustradas, imaginário urbano, modernização, sociabilidades, São Paulo.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to reflect on how illustrated magazines of recent fluency in the daily life of São Paulo are articulated in the construction of the urban imaginary in the early twentieth century. To understand, therefore, from which forces, from what places and from what subjects the disputes occurred.

Based on two main axes, the creation of the modern city and its new spaces, this research seeks to discuss the promotion of new customs, rules of urban behavior, attitudes, sexuality and gender roles, as well as their limitations and restrictions.

To do so, we chose three illustrated magazines, all important in the period, of great print run and circulation. Each one of them with specific graphic design and political bias that can sometimes converge. They are: *A Cigarra, O Parafuso* e *O Pirralho*.

Keywords: Ilustrated magazines, urban imaginary, modernization, sociablities, São Paulo.

Lista de Figuras

Figura 1 - Manoel Leiroz, publicada n'A Cigarra, 1915, n. 23, p. 24 71

Figura 2 - Os chronistas d'O Pirralhoo, publicada no n. 134, 1914, p. 3 78

Figura 3 - "As Caras do Cyclista" A Cigarra, 1914, n. 5, p. 33 98

Figura 4 - "A possante Fiat 45 H. P.", A Cigarra, 1916, n. 43, p. 25 106

Figura 5 - Aspecto no Automóvel Club, A Cigarra, 1916, n. 46, p. 39 107

Figura 6 - "Segurança Publica", O Pirralho, 1911, n. 2, p. 6 109

Figura 7 - "Do Futuro de São Paulo", O Pirralho, 1911, n. 17, p. 11 110

Figuras 8, 9 e 10 - Caricaturas de Voltolino, O Pirralho, 1911, n. 17, p. 7, 8 e 10. 111

Figura 11 - "Protestos da Light", O Pirralho, 1912, n. 38, p. 7. 112

Figura 12 - Carro d'A Cigarra durante o corso de carnaval em 1915 129

Figura 13 e 14 - Páginas d'A Cigarra de 25 de fevereiro de 1915, n. 18 130

Figura 15 - "Á sahida do Radium", O Pirralho, 1912, n. 49, p. 14. 141

Figura 16 e 17 - "A inauguração do Belvedere", A Cigarra, 1916, n. 44, p. 15 e 16 148

Figura 18 - "O Patrimonio do Povo", A Cigarra, 1916, n. 46, p. 19 149

Figura 19 e 20 - "O Patrimônio do Povo", A Cigarra, n. 46, 1916, p. 21 e 22 150

Figuras 21 e 22 - A Cigarra, n. 19, p. 21 e 28 155

Figuras 23 e 24 - A Cigarra, 1916, n. 35, p. 22 e 23 155

Figura 25 - "A inauguração do Municipal", O Pirralho, 1911, n. 6, p. 7 158

Figura 26- "Vida Academica", O Pirralho, 1912, n. 37, p. 14 175

Figura 27 e 28- "Café Brasil", A Cigarra, 1914, n. 6, p. 52 e 53 179

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **25**

1. SÃO PAULO, QUEM TE VIU E QUEM TE VÊ: A IMPRENSA, A CIDADE E AS REVISTAS **39**

1. 1. A Cigarra 45

1. 2. O Pirralho 51

1. 3. O Parafuso 60

1. 4. São Paulo faz-se texto: as crônicas e os cronistas 66

2. O VER E O SER VISTO: A RUA, O CORSO E SEUS PERSONAGENS **83**

2. 1. Um barulho corrosivo 94

2. 2. A Poderosa 108

2. 3. O corso cresce em figuras, entusiasmo e equipagens 120

3. ORÓPA DA FAZENDEIRADA: SOCIABILIDADES E SEUS ESPAÇOS **135**

3. 1. O esthetico Trianon 147

3. 2. O pomposo Municipal 157

3. 3. As cabecitas de pássaro e os marmanjos 162

CONCLUSÃO **183**

BIBLIOGRAFIA E FONTES **187**

APÊNDICES **195**

INTRODUÇÃO

> É um facto curiosissimo, notavel e interessante, observado em nossa sociedade, a maneira acanhada porque se diverte a gente desta terra, muito justamente chamada por alguém de a Caipiropolis
>
> BLAS, Ruy, *O Pirralho*, 1915, n. 173, p. 7.

O início do século XX é de retração da cidade caipira, pau a pique, tanto na pedra e cal quanto no imaginário. Instaura-se um ideal de cidade moderna *pari passu* com as grandes capitais europeias.Os padrões considerados civilizados de comportamento e de convívio social, progressivamente adotados no universo patriarcal da elite cafeicultora e dos industriais emergentes, foram exportados para toda a cidade, produzindo tensões, conflitos, tumultos e resistências (ROLNIK, 1999, p. 67-69). As elites dominantes procuraram impor autoritariamente seu novo modo de vida, percebido como moderno, tentando eliminar as diferentes culturas existentes, erradicar os hábitos populares vistos como atrasados ou perigosos, seja expulsando os negros e outros "indesejáveis", seja protegendo seus bairros com muralhas invisíveis. Além disso, procuraram interferir diretamente na composição étnica da população, em busca do "branqueamento da raça" (SANTOS, 1998, p. 38-41).

Para o historiador polonês Bronislaw Baczko, o imaginário social pode ser compreendido como um conjunto de representações coletivas associadas ao poder.É através do imaginário social que uma coletividade designa sua identidade;

> […] elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de "bom comportamento", designadamente através da instalação de modelos formadores, tais como o do "chefe", o "bom súdito", e o "guerreiro corajoso", etc. (BACKZO, 1985, p. 11).

Assim, Backzo considera que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, além de oferecer referenciais simbólicos que indicam os indivíduos que pertecem à mesma sociedade, ele define as relações com as divisões internas e com suas instituições sociais. "O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder" (BACKZO, 1985, p. 11). Ainda, "a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal

difusão" (BACKZO, 1985, p. 14). Para ele, as modalidades de difusão e controle alteram-se de acordo com a tecnologia e a cultura "que assegura a circulação das informações e das imagens".

> Nesta evolução, há dois momentos que marcam rupturas significativas: a passagem da cultura oral a cultura escrita, que se efetuou graças, sem dúvida, a tipografia, mas ainda mais decisivamente graças a alfabetização; e a implantação duradoura dos meios de comunicação de massa (BACZKO, 1985, p. 14).

Apesar da existência da prensa gráfica desde 1450, ou mesmo antes na China e no Japão, onde a impressão era praticada pelo menos desde o século VIII, e o surgimento dos jornais no século XVII (BRIGGS, BURKE, 2006, p. 24-26), é o fluxo intenso de mudanças trazidas pela Segunda Revolução Industrial, ou Revolução Científico-Tecnológica, que impõe uma dinâmica de crescimento sem precedentes ao conjunto do processo produtivo da economia capitalista (SEVCENKO, 2003, p. 60), garantindo a difusão em larga escala do imaginário social que envolveu a cultura capitalista europeia. A partir da Grande Depressão, iniciada em 1873 e prosseguindo até a última década do século XIX, a produção desregrada e a diminuta demanda no plano local abrem caminho para o desdobramento espacial do sistema capitalista.

> Verificou-se, a partir de 1873, um verdadeiro *boom* de exportação de capitais europeus, voltado preferencialmente para suas próprias regiões coloniais […] e para as regiões do passado colonial submetidas ainda à *Indirect Rule* das potências européias (como é o caso predominantemente da América Latina). Os capitais destinavam-se sobretudo a empréstimos governamentais e à instalação de uma infra-estrutura de meios de comunicação e de transporte e de bens de capital destinados ao incremento das indústrias extrativas e ao beneficiamento de matérias-primas (SEVCENKO, 2003, p. 61).

Esse "novo imperialismo" dotava, assim, as regiões de baixa ou nenhuma capitalização, do equipamento produtivo necessário para adaptar-se à demanda europeia. Estimuladas por um novo contexto da economia internacional, a América do Sul opta pelo caminho da "ocidentalização" na sua forma burguesa liberal com grande zelo, e ocasionalmente grande brutalidade, de uma forma mais virtual que qualquer outra região do mundo, com a exceção do Japão (HOBSBAWM, 2017, p. 194). Os países que adotaram o sistema, passam então por mudanças que afetam desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, a hegemonia europeia, sobre todo o globo terrestre, padroniza modos de vida, usos, costumes, formas de pensar, ver e agir (SEVCENKO, 1998, p. 7).

Em São Paulo, as ruas ganham outra vida e começam a ser ocupadas por uma série de diferentes personagens. É o mercado de bens de consumo crescente que vai ditar as novas formas de sociabilidade. O centro é o novo ponto de convergência dos paulistanos, a Rua Direita, a Rua do Comércio e a Rua São Bento formam o Triângulo — área compreendida entre o Convento de São Francisco, o Convento do Carmo e o Mosteiro de São Bento —, ponto ideal para flanar, onde estão instaladas as novas lojas de departamento, com seus artigos coqueluche. A futura capital, para usar termos da época, iniciava uma longa fase de "embelezamento" e "higienização" urbana, era tempo de novos empreendimentos imobiliários e novas formas de lazer. Essas palavras vinham frequentemente associadas a outras: "modernização", "civilização" e "progresso", que, por vezes, eram usadas de maneira análoga. "Era o drama do progresso, a palavra-chave da época, maciço, iluminado, seguro de si mesmo, satisfeito mas, acima de tudo, inevitável" (HOBSBAWM, 2017, p. 25)

Segundo Maurício Silva (2004, p. 147), as políticas modernizadoras instituídas a partir da Primeira República, período histórico pródigo em transformações, optam por processos de natureza excludente, reveladores de atitudes protecionistas que buscam privilegiar determinados setores da sociedade, efetivando uma modernização de casta. Afastado desse progresso, o povo sofreria, mais tarde, todas as consequências dele decorrentes.

É necessário atentar para as associações feitas com as palavras/conceitos: quando falamos em progresso, há uma imediata associação com o conceito de desenvolvimento, "[…] o que nos levaria a pensar que a base concreta do processo aqui apontado poderia partir de uma deliberada política desenvolvimentista, levada a termo por nossos governantes republicanos" (SILVA, 2004, p. 147). A política desenvolvimentista — amplamente divulgada como "progresso" — foi determinada, na realidade, por uma estratégia de crescimento, que, aliada à inserção de uma miríade de novas tecnologias, processos e sociabilidades, faria a cidade de São Paulo, assim como aconteceu no Rio, passar por um vertiginoso e infrene processo de crescimento urbano.

Essa política, defende José Carlos Ferreira do Santos (1998, p. 69), também se pautava pela busca da criação "[…] de uma hipotética civilização moderna, branca e europeizada, tentando esconder, ou destruir os vestígios de uma suposta 'barbárie' em relação a população nacional pobre". Santos discute o desmerecimento e exclusão de modos de vida dos nacionais no perímetro urbano, logo descritos como não tendo "meio conhecido de subsistência e, consequentemente, julgados "como vagabundos". "[…] palavras como

civilização, progresso, prosperidade, modernização, europeização confundem-se com especialização dos espaços e exclusão, o que aponta não só a visão sobre a cidade como em relação aos seus sujeitos sociais" (SANTOS, 1998, p. 73).

O ano de 1911 — que delimita o início de nossa pesquisa —, é marcado pelo lançamento da primeira publicação escolhida para estudo, *O Pirralho,* e, para além dele, o início da década vê, dentre outros, evento que sinaliza a dubiedade característica da modernização. Em fins de 1910, chegaram a São Paulo dois aviadores italianos, Eros Ruggerone e Giulio Piccolo. Assunto de interesse na época, a aviação permeava o imaginário dos cidadãos compenetrados no sentimento de pioneirismo burguês. Apenas nove anos após o vôo de Santos Dumont em torno da Torre Eiffel (1901), a dupla marcou um voo em conjunto para janeiro de 1911, o que deveria ser o primeiro na America Latina.

> […] mas Piccolo não quis esperar. Procurou voar sozinho no Velódromo. Quis desfrutar a glória de ser o primeiro a voar sobre São Paulo. O inexperiente aviador, porém, não percebeu que a pista da Rua da Consolação era pequena demais para as experiências. O aeroplano não subiu, correu na pista e foi de encontro ao parapeito, Piccolo fraturou o crânio (ARAÚJO, 1981, p. 191).

Apesar de socorrido e levado ao Hospital Umberto I, no automóvel do jornal *Fanfulha*, Piccolo não resistiu, falecendo na madrugada de 25 de dezembro de 1910. Giulo Piccolo ficou com o título de primeira vítima de um acidente de aviação em território brasileiro. Em janeiro, Ruggerone alçou voo no campo do Hipódromo da Mooca, muito maior que o Velódromo, voando na altura de 50 metros os bairros do Brás e Belenzinho. Era um espetáculo inteiramente novo para São Paulo. Lá nas alturas o aeroplano, tal qual um vasto pássaro branco, seguia tranquilamente a sua rota não tardando a volver ao prado da Mooca, onde o aviador foi entusiasticamente recebido (ARAÚJO, 1981, p. 192).

O caso dos aviadores, imigrantes italianos, ilustra as proposições de uma era que traz uma nova realidade técnica, já imposta desde o século XIX. Vinham as ferrovias, as máquinas industriais, os bondes, os automóveis e, por fim, os aviões. Junto deles, uma miríade de novas possibilidades e uma mudança na percepção de tempo e velocidade. Alterações que desde há muito provocavam encantamento na Europa. Phileas Fogg, personagem do romance de Júlio Verne, tinha absoluta convicção da possibilidade de percorrer o globo terrestre em oitenta dias, e Jacinto, de Eça de Queiroz, já se enfatuara com as diversas engenhocas que Paris lhe oferecia.

Naquele 1911, São Paulo ganhava o Teatro Municipal, tão baseado no Opéra Garnier de Paris — a que Sevcenko chama de "êmulo fáustico" (2014, p. 116). A São Paulo

Railway Company[1] havia inaugurado dez anos antes, sua nova estação no bairro da Luz, que ainda causa encantamento, como no caso do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, para quem a estação é "[…] esplêndida […] toda feita com materiais importados da Inglaterra, até com um relógio inspirado no Big Ben, e desde logo se impôs como um dos símbolos do progresso paulistano" (TOLEDO, 2015, p. 28). Simultaneamente, o acidente de Piccolo traz a lume os muitos lados da "modernidade". A mesma luz elétrica que tirava as cidades da escuridão, promovia acidentes, por vezes fatais. Os bondes, tão úteis para a locomoção local, eram responsáveis por uma série de aflições: decepamento de membros, morte de crianças e anciões que não se afastavam de seus trilhos rápido o bastante. Os automóveis, incialmente considerados "brinquedo de ricos", eram barulhentos e perigosos, atropelando crianças em suas corridas desmedidas (COSTA; SHWARCZ, 2007, p. 11-12 e 17).

> Com efeito, em pouquíssimo tempo a população urbana tomava contato com uma outra realidade, até então desconhecida: ganhava corpo o mundo inovador da tecnologia, factível não apenas graças à revolução industrial que vinha ocorrendo na Europa finissecular, mas também à adoção de uma série de novos meios energéticos pelo Brasil, modificações tecnológicas que trariam conseqüências inenarráveis ao imaginário da população, criando as mais diversas representações fantasmagóricas (SILVA, 2004, p. 149).

Junto às transformações na cidade, vieram as urbanas, o velho burgo dos estudantes, transformava-se na "metrópole do café". O alargamento e alinhamento das ruas centrais, a construção do Velódromo Paulista — em terreno de sua propriedade —, além da construção da Avenida Tiradentes e pavimentação da Av. Paulista foram feitos da administração de Conselheiro Antonio Prado (1899 a 1910). "Ex-monarquista, filho de uma das famílias mais tradicionais de São Paulo, conhecido por suas posturas conservadoras e por ter sido um dos maiores defensores da vinda de imigrantes para substituir os escravos" (SANTOS, 1998, p. 73). Em livro de relatos reunidos por Ernani Silva Bruno, vemos numerosos exemplos das preocupações nos dez anos da gestão do Conselheiro:

> São Paulo, […], situada sobre um grande altiplano ondulado que dá a impressão de estar nos arredores de Florença, desperta a admiração de todos os brasileiros, embasbacados e orgulhosos de terem também eles, uma cidade americana, isto é,

---

[1] Empresa, sediada em Londres, responsável por erguer o primeiro trecho ferroviário de São Paulo, ligando o porto de Santos à cidade de Jundiaí. A primeira estação na Luz era singela, erguida junto com a ferrovia, em 1865. Reconstruída na década de 1870, foi aos poucos se tornando obsoleta diante do crescente número de cargas e de passageiros, que tinham como destino a cidade de São Paulo (ESTAÇÃO DA LUZ. 28 nov. 2012. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/lugares,estacao-da-luz,7678,0.htm>. Consultado em: 18 maio 2018.

> imbuída daquele espírito de orgulho, de empreendimento, de ardor, de atividade incessante que falta às antigas capitais brasileiras (FERRERO, 1908, p. 30-34 apud BRUNO, 1981, p. 146).
>
> Basta caminhar pela Avenida Tiradentes, com suas fileiras de árvores e dupla faixa de tráfego, marginadas por palacetes, para a gente se sentir em Paris. Mas basta aproximar-se da região do Tietê — o "East End" de São Paulo — e você estará nas docas de Lisboa ou do Porto (FIFE, 1909, p. 208-210 apud BRUNO, 1981, p. 148).

As comparações a Europa são constantes. Lembrada como "Paris dos trópicos" e "Manchester brasileira", São Paulo, defende o francês Joseph Burnichon em visita a capital do estado em 1910, deve os méritos e resultados da transformação da cidade aos estrangeiros: "[…] as grandes casas comerciais e os bancos estão nas mãos de alemães; os ingleses possuem a estrada de ferro; os italianos constroem e decoram as casas […] os franceses - helas - exploram o Politeama" (BURNICHON, 1910, p. 226-228 apud BRUNO, 1981, p. 154). As imagens construídas pelos memorialistas e viajantes desse período destacam os aspectos positivos da modernidade paulistana. Relatos da área do Triângulo enumeram as confeitarias, lojas de moda, cafés, teatros, redações dos jornais, viadutos, praças e a grande circulação de pessoas. Desconsiderando totalmente, quase sempre, "[…] os distritos suburbanos [São Miguel, Penha e Nossa Senhora do Ó], habitados por um significativo contigente de nacionais" (SANTOS, 1998, p. 69).

Em suas memórias sobre a São Paulo antiga, Jorge Americano lembra, em texto de 1908:

> Andavam alargando ruas. A da Santa Efigênia recuava dois metros. A largura anterior ainda se vê no lado ímpar […]. A Ladeira do Seminário foi alargada um metro. Vê-se a largura primitiva numa casa que avança, no lado ímpar.
>
> A Rua 15 de Novembro retificou-se de algumas sinuosidades, entre o Largo do Tesouro e a Praça da Sé. […] A Igreja de São Bento que deixava para a Rua Florêncio de Abreu a largura de uns seis metros, foi demolida e deu à rua mais quatro metros (AMERICANO, 1957, p. 102).

Já antes do Conselheiro, João Theodoro Xavier de Mattos assume, em 1872, o governo da província de São Paulo, momento em que "[…] passa a alterar a estrutura local: abre novas ruas, prolonga velhas estradas, amplia largos, reforma a Várzea do Carmo, cria jardins públicos…" (COSTA; SHWARCZ, 2007, p. 30). Para Hugo Segawa (2004, p. 21), foi

a construção do Viaduto do Chá[2], inaugurado em 1892, o símbolo da "ruptura da acrópole em que se implantara São Paulo, ao atravessar as vertentes do riacho do Anhangabaú. Um dos lados o Triângulo tradicional se abria". "Quem saísse do centro da cidade pelo Viaduto do Chá deixava à direita a Chácara Rodovalho, onde está o Teatro Municipal e a esquerda um grupo de casinhas pertencentes à Santa Casa da Misericórdia, onde hoje está a Casa Anglo Brasileira". Ao fundo, passadas as ruas Conselheiro Crispiniano e a rua Onze de Junho, chega-se à "[…] Praça da República. […] um descampado, ora poeirento, ora enlameado, conforme a época do ano" (AMERICANO, 1954, p. 126-127). Em 1908, quando a cidade já estava há muito sob efeito do grande surto cafeeiro, a população de São Paulo se elevou de 64.934 — censo de 1890 — para 270 mil moradores (SEVCENKO, 2014, p. 108).

São Paulo era o eldorado do café, a cidade "do ouro vermelho". Mesmo assim, quando aqui chegavam esperando colher os frutos dessa magnífica riqueza, "[…] teriam que improvisar suas habitações […] enfrentando volume inexorável de contrariedades".

> Exceto a área central e os bairros mais distintos projetados em direção às colinas, o restante da urbe, nos dizeres de um popular, apresentava "aspecto de aldeia de garimpeiros do faroeste americano". […] A área total da cidade era submetida a uma tal prática especulativa, sem qualquer regulamentação, que, além de tolher a ação administrativa da autoridade pública — via de regra, aliás, conivente com ela —, tornava desconexos entre si os vários bairros e setores do município, ao mesmo tempo que centralizava o comércio e serviços, criando dificuldades extremas de transportes e saturação de fluxos, já por si agravados pela topografia acidentada, pelos rios, alagados e trilhos ferroviários (SEVCENKO, 2014, p. 109).

A política econômica do governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, instituída por Rui Barbosa, assegurou a continuidade à especulação e propiciou condições para a enorme proliferação de sociedades anônimas, muitas das quais ligadas à atividade de construção e loteamento. Em São Paulo, de fevereiro a julho de 1890, surgiram mais de duzentas sociedades anônimas, e em agosto do mesmo ano foi fundada a Bolsa de Valores. Ramos de Azevedo foi diretor técnico da carteira de uma dessas novas instituições, o BancoUnião, responsável por diversas residências de "nobres" (SEGAWA, 2004, p. 27).

Foi a política de Encilhamento — como veio a ficar conhecida —, junto à atuação como reformador urbano do conselheiro Antonio Prado, que deram margem ao mais danoso

---

[2] Um empreendimento de Jules Martin (1832-1906), o Viaduto do Chá ligava, então, o centro de S. Paulo, que se reestruturava, a "[…] um modesto casario e o vazio do Largo dos Curros (a futura Praça da República)" (SEGAWA, 2004, p. 23). Com a crescente movimentação do centro, o Viaduto era muito utilizado por aqueles que podiam pagar o pedágio de 3 vinténs então cobrado, geralmente, a elite paulista, em trânsito para ir aos cinemas e cafés do centro.

agente especulador, comprometendo definitivamente o futuro da cidade, forçando seu desenvolvimento em bolsões desconexos e espaços discriminados: o monopólio obtido pela *Light & Power* (SEVCENKO, 2014, p. 122).

Essa companhia foi responsável por um radical processo de mudança no município, trazendo para o quotidiano paulistano as mais modernas tecnologias relacionadas à eletricidade. Nesse processo, a *Light* desempenhou importante papel, criando uma cultura técnica voltada à eletricidade, incentivando, em larga escala, a adoção de novos produtos e práticas a ela relacionados. No caso de São Paulo, contudo, esse processo de difusão, centrado em uma única empresa, realizou-se de forma monopolista e exclusivista, por meio da imposição de decisões de forma vertical e uma completa exclusão da sociedade de qualquer participação, reflexo, também, da organização política local. Essas novas tecnologias resultam em uma manifestação extremamente destrutiva, "[…] que antes de representarem uma melhoria, eram sentidas como uma forma de exclusão pela grande maioria da população da cidade, que experimentava essas novas forças principalmente em sua forma negativa" (SÁVIO, 2005, p. 188).

Fruto dos grandes fluxos de imigração e do fascínio que exerciam as grandes metrópoles europeias e americanas, São Paulo passava por uma crise de identidade, sofrendo alguns desdobramentos esquizofrênicos. Esses, deixaram a cidade com a aparência do que Sevcenko tão bem caracteriza como uma

> […] artificialidade repentina e sem raízes da riqueza cafeeira, gerando uma metrópole complexa da noite para o dia, lançou as imaginações num vazio, em cujo âmago aspectos fragmentados das organizações metropolitanas européias e americanas atuavam como catalisadoras de uma vontade de ser, diante da qual as condições locais seriam sentidas antes como embaraços do que como a base e o fim de um empreendimento coletivo (SEVCENKO, 2014, p. 113).

Desde cedo, o processo de modernização da cidade envolveu muito mais do que o embelezamento de espaços físicos, como a construção dos majestosos palacetes, jardins e parques, como o Anhangabaú, o parque Dom Pedro, ou a Praça Buenos Aires, pelo arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard. A modernização conservadora que afetou o país, desde então, impôs paulatinamente a homogeneização de um modo de viver em nome do progresso, da técnica e da razão, marginalizando costumes e culturas de populações que não se encaixavam nos novos propósitos da cidade (ROLNIK, 1999, p. 67-69). De maneira mais ampla, São Paulo rivalizava com centros vizinhos — Santos, com seu porto já cosmopolita e Campinas, grande produtora de café. O período assiste a um

> […] profundo processo de reordenação da sociedade e de ocupação do espaço urbano, caracterizado tanto pela incorporação, quanto pela destruição das inúmeras tradições culturais populares […] Assim sendo, embora a cidade tenha-se formado a partir do encontro de várias nacionalidades, entre os milhares de imigrantes europeus e migrantes rurais que aqui aportaram e os negros ex-escravos e livres que aqui viviam, as elites dominantes procuraram impor autoritariamente seu novo modo de vida, percebido como moderno, tentando eliminar as diferentes culturas existentes, erradicar os hábitos populares vistos como atrasados ou perigosos, seja expulsando os negros e outros "indesejáveis", seja protegendo seus bairros com muralhas invisíveis(RAGO, 2004, p. 387).

Eis uma São Paulo em constante movimento, que nos conduz ao objetivo central dessa dissertação: refletir sobre como as revistas ilustradas de recente fluência no quotidiano da cidade se articulam na construção do imaginário urbano no início do século XX. Entender, assim, a partir de que forças, de que lugares e de que sujeitos se deram as disputas nos espaços públicos e privados em formação. Norteada por dois grandes eixos, a criação do citadino e a dos novos espaços, ditos modernos, a pesquisa busca discutir a promoção de novos costumes, regras de comportamento urbano, atitudes, papéis sexuais e de gênero, bem como suas limitações e restrições no espaço da cidade. Para tanto, elegemos três revistas ilustradas, todas importantes no período, de grande tiragem e circulação. Cada uma delas com projeto gráfico e viés político específicos que, por vezes, podem apresentar pontos de convergência. São elas: *A Cigarra*, *O Parafuso* e *O Pirralho*.

A escolha pelas três revistas, como fonte, decorreu da avaliação de aspectos práticos, disponibilidade para pesquisa, quantidade de exemplares existentes e organização das coleções, bem como o viés político de cada uma. Todas as três são de relativo fácil acesso, estando presentes em múltiplos arquivos na cidade de São Paulo, tanto *A Cigarra* quanto *O Pirralho*, têm suas coleções largamente digitalizadas e disponibilizadas na rede. O trio também já foi enfocado, separadamente, em outros trabalhos acadêmicos, cada qual com destaque para seção, autor ou caricaturista específico. *O Parafuso* foi a única publicação do escopo documental que apresentou alguma dificuldade, com acesso dificultado pela inexistência de uma coleção completa e o fato de não estar digitalizada. As três compõem o mesmo mercado editorial incipiente na São Paulo do início do século XX, a*O Parafuso*, contudo, compete a posição de contraponto frente às outras duas, mais alinhavadas. As revistas oferecem, cada qual a seu modo, representações da cidade, criando referências de comportamentos e identificações para os diferentes grupos que se formavam. Alinhavadas em algumas frentes e distoantes em tantas outras, cada uma das três publicações apresenta a cidade de São Paulo e seu processo de modernização de maneira díspar. Assim, essas revistas

trazem "[…] indicadores de uma sociedade multifacetada e em profunda transformação" (PADILHA, 2001, p. 66).

De maneira a nos mantermos fiéis ao texto das revistas, não foi feita nenhuma correção ou atualização ortográfica. Assim, permaneceram as grafias originais, neologismos e frequente uso do português macarrônico[3].

O caráter das revistas aqui enfocadas é capitalista, isto é, são expoentes de uma imprensa que constitui, generaliza, difunde e recria a hegemonia do capital. Optamos pelo estudo dessa imprensa, por a considerarmos fonte privilegiada para discutir a mobilização e a promoção do imaginário de uma cidade moderna e aburguesada.

O estudo da cidade de São Paulo no período, é apoiado na produção de Nicolau Sevcenko. São Paulo, no início do século XX, estava longe de ser a capital cultural e, ao mesmo tempo, era o nascedouro de um processo que buscava ser urbano e moderno. A dinâmica promovida pela Pauliceia naquele início de século é única em muitos aspectos, mas em tantos outros bebe das fontes europeias. Os apontamentos com relação aos aspectos culturais da Pauliceia em formação vêm de texto de Margareth Rago, "A Invenção do Cotidiano na Metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900-1950", que explora as formas de sociabilidade e diversificação do lazer, construídas na primeira metade do século XX. Outra importante contribuição, "Nem Tudo era Italiano: São Paulo e Pobreza (1890-1915)", de José Carlos Ferreira dos Santos, que busca destacar a incontestável presença de populações pobres nacionais na Cidade de São Paulo, frequentemente marginalizada e desqualificada pelo Estado, pelas elites e outros setores da população.

Quanto ao estudo da imprensa contribuíram Heloisa de Faria Cruz e Nelson Werneck Sodré, com apoio de Sergio Miceli. O levantamento e catalogação das publicações paulistanas de cultura e variedades entre os anos de 1870 e 1930, "São Paulo em Revista", resultado de anos de pesquisa realizada por Cruz, foi de importância inigualável para início deste trabalho. Seu livro "São Paulo Papel e Tinta", versa justamente sobre o periodismo e suas correlações com a vida urbana paulistana entre os anos de 1890 e 1915. A produção de Sodré, especificamente "A História da imprensa no Brasil", já tem inclusão obrigatória em todos as pesquisas sobre imprensa e periodismo. E a inclusão de Miceli, com seu "Nacional Estrangeiro", ajudou na compreensão dos personagens que passaram a colaborar na imprensa nascente.

---

[3] A respeito do estudo do português macarrônico ver CRUZ, 2000, p. 206; e SALIBA, 2002, p. 178-179;

A reconstituição arquitetônica fica por conta do trabalho de Hugo Segawa (2004), que muito contribuiu com os planos de construção, influências arquitetônicas, personalidades que os fomentaram, pessoas que as desempenharam e afins. Já quanto à cidade, vista através da imprensa, foram numerosas contribuições. Destacam-se, aqui, "A Cidade como Espetáculo", de Marcia Padilha (2001), uma leitura da publicidade em revistas ilustradas — *A Cigarra* e *Ariel* principalmente — que ela usa como maneira de remontar à época. A dissertação de Brás Ciro Gallotta, "O Parafuso: humor e crítica na imprensa paulista, 1915-1921" (1997), trabalho de mestrado desenvolvido na PUC-SP sobre revista de humor irreverente e um tanto incomum, que também é tida como fonte aqui. "Imagens Femininas na Revista A Cigarra: São Paulo 1915-1930", de Sabrina Gottschlisch do Prado (2003), outra dissertação também desenvolvida na PUC-SP, em que ela trabalha uma série de facetas do feminino no espaço público. "A Revista A Cigarra: São Paulo - 1914 - 1934", de Hivana Mara Zaina de Matos (2003), em que ela traça um histórico compreensivo da revista no período proposto. Bem como dissertação de Regina Aida Crespo (1990), "Crônicas e Outros Registros: flagrantes do pré-modernismo (1911-1918)", trabalho que toma como fonte as "crônicas editoriais" de três revistas, *A Cigarra, O Pirralho* e *A Vida*.

Também compõe o corpo documental outra gama literária: as memórias. De grande relevância como documento histórico, é delas que se tiram causos do quotidiano, que podem carecer de precisão, mas não deixam de ser parte integrante do retrato de época. A memória, seletiva, suscetível e vulnerável, não deve ser entendida como factível, sempre inundada de devaneios e criações do subconsciente. Ela não carece, contudo, de verossimilhança, tornando verdade somente aquilo que representa a vida em que está inserida. Presentes na época de ebulição urbana, os memorialistas compilaram uma série de causos que trabalham a nosso favor. Destacam-se Jorge Americano, que reconta a São Paulo que viveu quando jovem, Jacob Penteado, com suas lembranças do bairro de Belenzinho e Zélia Gattai, moradora da rua Santos, filha de imigrantes italianos, que narra sua infância no início do século XX. Também destacou-se a autobiografia de Oswald de Andrade, "Um Homem Sem Profissão Sob as Ordens de Mamãe", livro em que ele relembra o lançamento d'*O Pirralho* e oferece dados importantes sobre a biografia do diretor de outra revista, *O Parafuso*.

O presente trabalho toma como fonte de estudo três revistas daquele início de século: *A Cigarra, O Parafuso* e *O Pirralho*. Todas as três começam a ser publicadas no segundo decênio do século XX, 1914, 1915 e 1911, respectivamente, tendo permanecido em circulação por pelo menos cinco anos, com destaque para *A Cigarra*, que, perpassando

diversas mudanças editoriais e empresariais, manteve-se até meados de 1970. Cada uma delas teve motivações específicas, vieses particulares e, portanto, dirigiam-se a diferentes públicos.

O Pirralho, primeira a surgir, é de lavra de Oswald de Andrade e seu amigo, Dolor de Brito. Trata-se de uma publicação humorística, política e literária que circulou até fins de 1917, num percurso atribulado, tendo passado por muitas mãos e sido guiado por muitas cabeças. Em 1914, entra em cena *A Cigarra*, editada por Gelásio Pimenta, seu fundador proprietário. No recorte aqui estabelecido, a revista é caracterizada por suas extensas reportagens fotográficas, crônicas, contos e poesias. Uma revista que, a cada quinzena, cantava "independente do ritmo inexorável das estações" (CRESPO, 1990, p. 13). No ano seguinte é a vez d'*O Parafuso*, a revista, dirigida por Baby de Andrade (lê-se Babi), figura polêmica, manteve-se em circulação até 1921. Sob novas direções a revista teve dois outros momentos: o ano de 1922, sob comando de A. Castro Leão, e entre 1948 e 1951 sob Benedito Lima. A publicação de Baby estabelece um contraponto importante com suas conterrâneas, visto que era uma publicação de constante denúncia aos exageros e preciosidades da política local e da sociedade paulistana.

Ambas *A Cigarra* e *O Pirralho*, podem ser entendidas como publicações produzidas por uma elite letrada para uma mesma elite, com fomentação ao viver urbano, aos costumes e espaços que surgiam na época. *O Pirralho*, contudo, tinha linha editorial mais voltada para o humor e para a crítica política jocosa, principalmente se comparada a*O Parafuso*. Ainda assim, era produto da elite a ser lido por ela. Divulgava, portanto, eventos sociais e novidades da cidade em transformação, sem deixar de lado a crítica política e social, suavizada por piadas. Já *O Parafuso,* este sim publicava, sem falha, conteúdos que "[…] mexiam com o brio da arrivista burguesia paulista" (GALLOTTA, 1997, p. 11). Falando o tempo todo em nome do povo, e respaldado pela mesma vendagem significativa que o igualava a suas conterrâneas, *O Parafuso* enfrentava, de maneira incisiva, combativa e ousada, os poderes estabelecidos, com singular destaque a oligarquia paulista, o PRP (Partido Republicano Paulista), chamado pela publicação de "canalhocracia".

Cada uma das três revistas foi escolhida por motivo específico, sendo capazes de oferecer, cada qual a seu modo, representações da cidade e da vida social que se constituía. Tanto *O Pirralho* como *A Cigarra* veiculavam entretenimento, diversão, alguma literatura e muita crônica social, além de artigos e comentários sobre fatos do quotidiano e da vida política paulistana, brasileira e europeia. A diferença entre elas encontra-se no estilo dominante, ou "espírito", de cada uma delas. A*O Pirralho* competia humor irreverente, de

parodia e ironia, além de ter empreendido alguma força na crítica ao projeto de modernidade, principalmente por meio das caricaturas de Voltolino. O mesmo, numa primeira leitura, poderia ser pensado para *O Parafuso*, contudo seu humor era mais ácido, escrachado e, por vezes, com intuito veemente de insulto — palavras de baixo calão eram seu forte. Além disso, *O Parafuso* não falha em revelar verdadeiras falcatruas promovidas por empresas prestadoras de serviços à municipalidade, bem como evidenciar posicionamentos de indivíduos públicos. Já *A Cigarra*, caracterizava-se por utilizar um tom cerimonioso e formal no tratamento de praticamente tudo aquilo que divulgava. O seu senso de humor não possuía, absolutamente, a acidez das revistas concorrentes. Suas ilustrações não carregavam o acento crítico que Voltolino empregava n'*O Pirralho* e n'*O Parafuso* e seu humor limitava-se à publicação de pequenas "piadas de salão", espalhadas pelo corpo da revista de modo a dar alguma separação às suas colunas, ou mesmo preencher espaço.

Por outro lado, havia temas que recebiam das publicações tratamento relativamente parecido. A campanha contra o jogo do bicho é um dos principais tópicos que as iguala, tendo perpassado as três revistas, todas empregando discurso moralizante sobre as periculosidades do vício — é certo que *O Pirralho* dedicou igual tempo a um encarte satírico à favor da prática, "A Fita Moderna". Também igualam-se *O Pirralho* e *A Cigarra* no que diz respeito a reverência disseminada pelo ufanismo e militarismo, principalmente após a entrada do Brasil no conflito "mundial" que devastava a Europa. Ao compará-las, pudemos notar que nenhuma das duas abdicava de sua condição de representante da imprensa burguesa. Ao contrário, cultivavam-na através da manutenção não só de colunas especificamente destinadas ao *high-society*, como, principalmente, de seus valores e concepções (CRESPO, 1990, p. 88), manifestando o "desejo de ser estrangeiro" (SEVCENKO, 2003, p. 51).

As reflexões aqui esboçadas estão divididas em três capítulos. O primeiro deles, "**São Paulo, quem te viu e quem te vê: a imprensa, a cidade e as revistas**", busca estabelecer um panorama da cidade de São Paulo a partir da Primeira República. Apesar de estar ainda longe de ser a capital cultural do país, a cidade já era o nascedouro de um processo que buscava ser urbano e moderno. Parte importante desse processo é a imprensa ilustrada, também enfocada neste capítulo a partir de um diálogo entre Cruz e Sodré. A apresentação das revistas trabalhadas divide-se em subitens desse primeiro capítulo, nos quais busca-se entender e contextualizar suas linhas editoriais. Por fim, ainda, pretende-se oferecer um possível caminho para o entendimento de quem eram os cronistas mundanos que compunham

essas publicações, tal como apreender no que compreendiam seus textos, este é o último subitem do capítulo.

No segundo capítulo, intitulado "**O ver e o ser visto: a rua, o corso[4] e seus personagens**", entramos de fato nas fontes. O capítulo mostra as diferentes maneiras pelas quais a população paulistana começava a ocupar o espaço público da capital em formação. Procuramos demonstrar que havia uma vontade, quase obrigação, de ir às ruas, de tomar parte de hábitos até há pouco desconhecidos. Esse processo é repleto de contratempos e empecilhos que devem ser transpostos. Nossos colunistas mundanos vão demonstrar as preocupações das pessoas que tomavam as ruas para com os bondes, os automóveis e a poeira. A expansão de locais chiques, ditos públicos, passíveis de serem preenchidos com *smarts* e dândis, significa, também, a segregação de gente que não compactuava com esses costumes, ou não era aceita por eles.

O terceiro capítulo,"**Orópa da fazendeirada: sociabilidades e seus espaços**", explora os novos locais particulares cultuados pelo público leitor dessas revistas. É nele que vão surgir os cinemas, associações recreativas, *garden-parties, five-o-clock teas,* etc., locais que as elites assumem, sendo seus frequentadores mais assíduos, replicando uma cultura importada da Europa. Faz parte deste capítulo, também, uma leitura dos papéis sexuais e de gênero propostos, ou impostos, por essas publicações. Este subitem da pesquisa busca discutir as regras de comportamento urbano, suas limitações e restrições no espaço da cidade.

Com o proscênio estabelecido, vamos a apresentação dos personagens.

---

[4] Mesmo que préstito: cortejo, desfile de carros, carruagens; desfile de coisas, seres de qualquer natureza; grupo de pessoas que caminham juntas, com determinada finalidade; procissão; cortejo; desfile de carros alegóricos no carnaval (c. carnavalesco);

1. SÃO PAULO, QUEM TE VIU E QUEM TE VÊ: A IMPRENSA, A CIDADE E AS REVISTAS

> *Está V.Ex.completamente transformada, com proporções agigantadas, possuindo opulentos e lindíssimos prédios, praças vastas e arborizadas, ruas todas caladas, percorridas por centenares de pessoas (...); belas avenidas, como a denominada Paulista, encantadores arrabaldes como os Campos Elíseos, a Luz, Santa Cecília, Santa Ifigênia, Higienópolis e Consolação, com uma população alegre e animada, comércio ativissímo; luxuosos estabelecimentos bancários, centenares de casas de negócio e as locomotivas soltando seus sibilos progressistas, diminuindo as distâncias e estreitando em fraternal amplexo as povoações do interior*
>
> PINTO, 1979, A Cidade de São Paulo em 1900, p. 10

Na São Paulo que começa a dar sinais da agitação vindoura, ambos os fatores de rupturas mencionados por Backzo podem ser observados: 1) "a passagem da cultura oral a cultura escrita", largamente difundida graças as novas tipografias e preocupações com a alfabetização; 2) "a implantação duradoura dos meios de comunicação", aqui ainda não de massa, mas de larga difusão no plano local paulista.

Nesse momento a imprensa de variedades, que se formava e se disseminava, ganha sentido específico, um instrumento em prol do reajuste do imaginário. Vários autores compartilham essas ideias, entre eles, Olga Brites (1999) e Sabrina G. do Prado (2003): "Não devemos considerar a imprensa como um retrato da realidade, mas sim tentar vê-la como mais uma constituinte dessa realidade, que participa dela em um movimento de troca, em que ambas influenciam e são influenciadas reciprocamente" (PRADO, 2003, p. 14).

> O periodismo tinha papel ativo no conjunto da vida social, não podendo ser entendido como "reflexo" da sociedade, realçando, em contrapartida, uma capacidade, de interferir nos processos sociais gerais, estabelecendo articulações entre o universo do consumo e outras práticas, criando necessidades, conservando hábitos. As revistas e os jornais não se limitavam a "registrar" imagens […] pré-existentes no social, elas participavam do fazer social daquelas imagens" (BRITES, 1999, p. 114).

Heloisa de Faria Cruz (2000) demonstra que os códigos de escrita e de leitura começam a penetrar o quotidiano da cidade, deixando de pertencer exclusivamente aos

círculos das elites tradicionais. Aliado a isso, as mesmas elites paulistas "[…] cansadas de enviar seus filhos ao exterior e insatisfeitas com a educação de preceptoras domésticas às suas filhas, mobiliza-se na discussão e organização de um sistema particular de ensino". Assim, entre 1898 e 1912, o índice de matrícula na instrução primária triplica, de 43 mil para 150 mil (CRUZ, 2000, p. 66 e 67). Com maior público leitor, cresce o número de tipografias e litografias particulares na cidade, que passam a imprimir "[…] uma grande variedade de materiais tais como faturas, circulares, letras em branco, rótulos de produtos, bulas de remédios, cartões comerciais e de visitas…" (CRUZ, 2000, p. 71). Soma-se a isso o aprimoramento das artes gráficas dos principais jornais diários — *O Correio Paulistano, O Estado de S. Paulo* e *O Diário Popular* — que ganham, agora, ainda maior circulação e veem o mercado de letras crescer. Assim, a imprensa periódica, "[…] antes encastelada e moldada no Largo de São Francisco, vê-se diante de desafios sociais colocados por esse novo desenho da cidade", que deixava seus ares de provincianismo e projetava-se para um futuro cosmopolita. "A linguagem torna-se mais 'mundana', no dizer dos memorialistas, conquistando novos espaços e leitores, buscando a vida cotidiana da cidade" (GALLOTTA, 1997, p. 20).

Dessa maneira, o jornal não pretende mais ser, ele todo, literário (SODRÉ, 1996, p. 340). O avanço das técnicas de impressão gráfica lhes permitiu a separação de textos em colunas, bem como a inserção de elementos gráficos — o rodapé, a separação em diferentes seções, repartições, etc. — dando maior visualidade ao texto, deixando-o mais apetecível ao consumidor. As tipografias, a partir de então, ligadas às novas necessidades mercantis, passam a imprimir estes diferentes materiais, bem como novas folhas e cadernos. Esses são entendidos como produtos, ou seja, têm como objetivo a geração de lucro, seja através de propagandas ou matérias patrocinadas. A imprensa periódica incipiente vira moda e torna-se principal foco de articulação e de concepção de práticas culturais da modernidade, bem como núcleo de difusão de seus projetos e produtos. "A pequena imprensa de folhas e revistas aproxima o jornalismo do cotidiano da vida urbana" (CRUZ, 2000, p. 71).

> Os pequenos jornais, de estrutura simples, as fôlhas tipográficas, cedem lugar às emprêsas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. […] Alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores (SODRÉ, 1966, p. 325).

Nas duas últimas décadas do século XIX, o ritmo de crescimento da cidade de São Paulo é denunciado pelo movimento de circulação da imprensa periódica. Nessa época vieram

"[…] a público mais de seiscentas publicações paulistanas, o quíntuplo das quatro décadas anteriores" (CRUZ, 2000, p. 77).

> […] misturada às necessidades colocadas pelo desenvolvimento das escrita e controles mercantis, obedecendo aos ditames de "vulgarização" impostos pela propaganda, transportada na velocidade dos novos serviços de correios e telégrafos e articulada às novas linguagens visuais da modernidade, a escrita desce do pedestal e começa a invadir a vida cotidiana da cidade (CRUZ, 2000, p. 66).

Dessa transformação decorre a proliferação das revistas ilustradas no primeiro decênio do século XX, ali elas ainda são majoritariamente literárias, "[…] embora também um pouco mundanas e, algumas, críticas" (SODRÉ, 1966, p. 340).

> As revistas ilustradas, aparecendo na fase em que a imprensa e literatura se confundiam e como que se separando, ou esboçando a separação entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da alienação cultural então vigente, buscando emancipar-se depois, ao se tornarem principalmente mundanas, e até femininas umas, e principalmente críticas outras (SODRÉ, 1966, p. 346).

As novas folhas ilustradas passam a congregar, além da elite masculina e literatos da Academia de Direito, outros grupos sociais, como imigrantes, mulheres cultas da elite letrada e profissionais liberais. "A cidade intromete-se na imprensa" (CRUZ, 2000, p. 80). A vida literária dos anos 1910, apesar de suas casas editoriais não serem exatamente profícuas nesse início de século, "[…] fluía intensamente em saraus e recitais pelos cafés e salões" (CRESPO, 1990, p. 3). Existiam numerosos escritores ávidos por frequentar os novos espaços e pertencer a eles. Iniciativas, como a criação, em novembro de 1909, da Academia Paulista de Letras e, em 1914, da Sociedade Brasileira de Homens de Letras e as campanhas em favor da alfabetização, foram importantes tentativas no sentido da valorização e profissionalização dos escritores (CRESPO, 1990, p. 4 e MARTINS, 2001, p. 515).

Os colaboradores, ou mesmo responsáveis, por essas novas folhas e revistas vinham do que Sérgio Miceli chama de *anatolianos*. Os escritores desse pré-modernismo não podiam seguir nenhum dos modelos disponíveis de excelência — "[…] o dos 'mandarins dos fins do Império […] nem dos altos dirigentes políticos da oligarquia […] e muito menos o modelo dos porta-vozes políticos das oligarquias dos estados menos importantes (MICELI, 2001, p. 54) — esses constituem produto de uma primeira diversificação dos papéis no âmbito do trabalho e do poder. Os *anatolianos* são profissionais liberais, assalariados ou pequenos produtores independentes, que vivem dos rendimentos de suas próprias produções, seja em assessoria jurídica ou colaborações na imprensa.

> O protótipo do *anatoliano* é aquele para cujo êxito têm o mesmo peso a figura do "dândi", manequim intelectualizado responsável pela importação simbólica em país periférico, e uma obra poética que registra "estados d'alma", ambos os planos marcados pela contrafacção dos modelos parisienses (MICELI, 2001, p. 57).

É então, nessa primeira década do século XX, que "o jornalismo tornara-se um ofício compatível com o status de escritor":

> [….] a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; […] o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até mundanos. Aos homens de letras, a imprensa impõe agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagem, entrevistas, notícias […] Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que mais tarde serão os suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mais intimamente ligada à […] divisão do trabalho, que começa a impor suas inexoráveis normas (SODRÉ, 1966, p. 340).

Ainda segundo Miceli, é nas revistas ilustradas que esses colaboradores vão encontrar trabalho de maneira bem mais regular do que nos jornais. Simultaneamente às revistas ilustradas, desenvolve-se a imprensa anarquista e as publicações operárias, na qual colaboram os intelectuais mais distantes das vias de consagração dominantes, como Lima Barreto (MICELI, 2001, p. 56). Na mesma linha, Regina Aida Crespo coloca que o surgimento e popularização dessas revistas ilustradas traduziam o espírito de transformação literária característico da época.

> O campo tido como literário era mais e mais pressionado pelo jornalismo e, de certa forma, perdia espaço para ele. O literário e... o literato iam sendo acoplados pela imprensa e submetendo-se às suas leis. Adaptaram-se, é certo, mas conseguiram deixar algumas de suas marcas no discurso jornalístico (CRESPO, 1990, p. 9).

Através da escrita, e leitura, dessas publicações, a cultura letrada passa progressivamente a articular-se às forças mundanas e quotidianas de sociabilidade coletiva (CRUZ, 2000, p. 94-95). São Paulo, que já iniciava uma aversão ao pau a pique, que via sua população multiplicada em mais de vinte vezes — 30 mil em 1872 salta para meio milhão em 1920 (CRUZ, 2000, p. 60) —, passa a ocupar espaço central nesses periódicos.

As revistas se popularizavam em uma época de nascente recursos tecnológicos, entretanto, vários de seus processos ainda eram feitos de maneira artesanal. Normalmente editadas em papel *couché*, elas tinham capas coloridas e páginas internas ilustradas em *art-nouveau*, sendo impressas, por vezes, em duas ou três cores. Diferente dos jornais, de

circulação diária, que podiam sair duas ou até três vezes ao dia, elas não apresentavam rigor formal, indicando, entre outras coisas, um privilégio do conteúdo. “Das revistas nunca pôde se exigir tal coisa. Nunca foi seu papel acompanhar os fatos, nem fazer necessariamente a síntese jornalística da semana ou da quinzena” (CRESPO, 1990, p. 22). Pelo contrário, nas revistas aqui pesquisadas, suas seções e colunas metamorfoseavam constantemente, seja ao sabor do contexto ou dos acontecimentos do momento. Por vezes assuntos prometidos para os números seguintes eram ignorados, por outras, seções desapareciam por meses e voltavam a figurar sem a menor explicação. Ainda assim, havia uma certa persistências dessas seções, por vezes mudava-se apenas o nome ou a arte que a identificava, mantendo o conteúdo ou ideias norteadoras.

Essas publicações, também não tinham costume de informar seu rol de colaboradores, com expedientes enxutos que pouco mais diziam além de quem eram seus diretores e como remeter cartas e fazer pagamentos. Ainda quanto aos colaboradores, cabe destacar o uso dos pseudônimos. Comum a própria atmosfera literária e cultural da época, em que havia fusão entre vida social e vida literária, camuflados nos pseudônimos, estariam tipos característicos da época, opinando sobre acontecimentos do momento, fazendo crônica social, inventando e narrando histórias (CRESPO, 1990, p. 74). Assim, os pseudônimos ofereciam uma separação entre elas, podendo, inclusive, oferecer uma proteção relativa para o seu autor, caso ele não quisesse ser facilmente identificado por seus colegas. Os “homens sérios”, das letras, intelectuais, através deles, podiam expressar suas ideias mais livremente, sem medo de críticas e desafetos.

As publicações semanais e quinzenais mundanas e literárias, podiam se dar esses luxos, pois não atuavam como pólos informacionais, ofertando maior ou menor destaque ao que lhes conviessem, e vendesse. Além da possibilidade de fazer uma triagem meticulosa, visto que sua circulação era mais espaçada. A variedade de colaboradores também podia dotá-las de certa importância, visto que aparentavam ter o poder de contratar vários autores para suas diferentes seções. Monteiro Lobato lembra, à respeito de “O Minarete”, “um jornal sui generis, inteiramente fora dos moldes do jornalismo do interior”, publicado entre 1903 e 1907:

> Quantos números totalmente escritos por mim – o soneto, os contos, o “humorismo”, as “variedades”, o rodapé, o artigo de fundo! Isso me forçava a um grande sortimento de pseudônimos, para dar ao público a impressão de que o jornal dispunha de um exército de colaboradores: Lobatoyewsky, Yemsky, Pascalon o engraçado, Guy d’Hã, Helio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho,

> Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Tweim, Olga de Lima, etc, etc. (LOBATO, 1972, p. 23).

Em um primeiro plano, o que notabiliza essas revistas é sua estreita relação com a vida quotidiana, ambas nascentes. Às revistas, vai competir a assimilação do quotidiano em transformação, constituindo a metrópole e sendo por ela moldada. Aí ganham visibilidade novos hábitos e costumes urbanos: os passeios no Parque Antártica, no Jardim da Aclimação; a prática de esportes, os jogos de *foot-ball,* as competições de *rowing;* as *matchs* no Velódromo Paulista; as compras no Triângulo; as apresentações teatrais no Polytheama e no Municipal (CRUZ, 2000, p. 93). Estas, tidas por folhas domingueiras, são identificadas como "de cultura", de "variedades" ou "ilustradas", fomentadoras de diversos assuntos, e marcadas por seções de crônicas, sonetos, contos, charges e uma farta linguagem visual, seja através da publicação de aspectos ou da própria diagramação da revista, reservando suas margens ou terços de páginas a imagens.

> Essas revistas resultam de uma dosagem de crônicas mundanas, seções de humor, crítica literária, promoção de figurões da política e das letras, publicação de contos, versos e romances de aventura, variedades, crítica teatral, crítica de arte, coluna de moda, entrevistas, reportagens, inquéritos, uma pitada de estudos e ensaios sociais; a receita de base mistura o mundanismo com todos os tipos de fórmulas literárias. Recorre-se à fotografia bem como às demais técnicas de ilustração, a litografia e xilogravura, empregam-se a rodo charges e caricaturas, multiplicando-se com isso as ilustrações coloridas (MICELI, 2001, p. 56).

Data desse período, também, uma outra gama da imprensa periódica, o de folhas e revistas de crítica social e política, marcadas por novas formas de linguagem, e, ao mesmo tempo, precursoras da Semana de 22. Nestas, os homens do governo passam a ser retratados em ácidas ilustrações ou como alvos de sátiras e de humor irônico (RAMOS, 1985, p. 19), em lugar de "ataques" em textos mais formais. "Faz-se troça dos hábitos e costumes das elites paulistas, do jeito de ser do caipira, dos italianismos da população imigrante, do provincianismo da vida na cidade e das próprias pretensões cosmopolitas da imprensa" (CRUZ, 2000, p. 110). Ampliado o espectro social da cultura letrada, a imprensa passa a receber esses personagens e espaços que, até então, eram estranhos a ela.

Ainda assim, de maneira geral, o narrador da imprensa periódica deste início do século, assume uma posição mais informal, dotando as diversas narrativas de um tom mais coloquial. A imprensa, mais acessível e diversificada, embrenha-se cada vez mais no dia a dia dos paulistas e paulistanos.

De maneira a trabalhar o urbano conflituoso das primeiras décadas do século XX, elegemos três revistas ilustradas, *A Cigarra*,*O Pirralho* e *O Parafuso*. Todas importantes no período, respaldadas por grande tiragem e larga circulação, mas tendo, cada uma delas, um projeto gráfico e viés político específicos que, por vezes, poderiam coincidir. A primeira, representante máxima da "imprensa domingueira", canta em alto e bom som as maravilhas da modernidade em curso na capital. A segunda, diz respeito a uma categoria que emprega o humor e a sátira jocosa na crítica aos políticos e a sociedade paulista, sem nunca perder de vista as regras do decoro e da moral. A última compreende o ramo da imprensa de crítica ferrenha, em defesa do povo, trabalhador e operário, que, por vezes, desprende-se daquelas regras de decoro linguístico.

1. 1. A Cigarra

> […] a fabula é velha, não ha quem não a conheça. Os longos dias de verão aproveitou-os próvidamente a formiga para trabalhar e abastecer o seu celeiro; desperdiçou-os a cigarra a contar a alegria de viver e a gloria do sol. Depois…
>
> Depois é uma feia palavra. Deixemos o dia de amanha á phantasia, ingenua ou espertalhona, dos prophetas que a si mesmos se enganam — ou procuram enganar os outros. Bem basta a cada dia sua própria alegria ou sua propria afflicção. Gastar o verão a preparar-se para o inverno é, afinal de contas, estragar a vida.
>
> Á formiga, a sua tarefa util de enceleirar na sombra; á cigarra, a sua missão estridente de cantar ao sol. Na terra e na vida ha logar para ambas.
>
> Enganar-se-ia por sua propria culpa quem esperasse desta Cigarra alguma utilidade. Espere que ela seja agradavel, e talvez acerte.
>
> Ha muito quem lastime a Alma porque arrasta as miserias do Corpo. Não será preferivel pensar que o Corpo carrega o peso da Alma? Esta tem exigencias, e imperiosas: são lhe indispensaveis inutilidades que constituem, afinal, o ornato e o encanto da existencia. A Arte é a suprema dessas inutilidades essenciaes á vida.
>
> A grande ambição da Cigarra é ser uma revista artística: cantar ao sol com voz que se esforçará — ou não fosse ella cigarra — por fazer alta e estridente. É a sua ambição; não é uma promessa. Prometter obriga; e quem sensatamente se obrigará pelo seu próprio destino? (A CIGARRA, 1914, n. 1, p. 4).

Lançada em 16 de março de 1914, *A Cigarra* inspira-se na conhecida fábula tradicionalmente associada a Esopo (620 a 564 a. C) e recontada por La Fontaine (século XVII). Em seu número inaugural, a revista relembra a famosa história na *chronica editorial*,

algo que hoje pode ser entendido como espaço de editoriais. O gênero fabular constitui meio importante de transmissão de valores de grupo, fortemente enraizados na cultura popular, em companhia aos provérbios e máximas (DUARTE, 2016, p. 4), assim é importante nos determos rapidamente aqui, pois a escolha pela fábula não foi feita ao acaso. Em tradução de Maria Celeste C. Dezotti, a fábula de Esopo está como segue:

> Era inverno e as formigas estavam secando o trigo encharcado, quando uma cigarra faminta lhes pediu alimento. As formigas lhe disseram: "Por que, no verão, você também não recolheu alimento?". E ela: "Mas eu não fiquei à toa! Ao contrário, eu cantava canções melodiosas!". Elas tornaram, a rir: "Mas se você flauteava no verão, dance no inverno!" (ESOPO, 2016, p. 154).

A moral é, também, nossa velha conhecida: não devemos descuidar de nenhuma tarefa ou obrigação de maneira a não padecer de aflições nem correr riscos. Na tradução de Dezotti, contudo, podemos observar na justificativa da cigarra, uma tentativa de demonstrar que a atividade da qual tomava parte no verão era igualmente importante, demandando-lhe tempo e dedicação: "Mas eu não fiquei à toa!". O editorial de lançamento d'*A Cigarra*, todavia, nos remete à moral do descuido de obrigações. Note, na "chronica editorial", como a Formiga aproveitou providamente os longos dias de verão para trabalhar e a Cigarra "desperdiçou-os" contando alegrias. Assim, a "chronica" pode remeter ao hedonismo e ao ócio, mesmo que criativo, não dotando-o de importância similar a do trabalho "braçal" da Formiga. Uma segunda leitura, contudo, postula que a revista, que ambiciona ser artística — "A Arte é a suprema dessas inutilidades essenciaes á vida" —, dota de importância essa questão, que também deve ter valor de mercado, caso contrário não a teriam lançado. Nessa leitura, o uso da palavra "desperdiçar", estaria ligado às questões da alma, que não dispensa "inutilidades" que ornam e encantam a nossa existência.

A Cigarra deixa claro a que veio e com que se preocupa — ou deixa de se preocupar. Tendo estabelecido significado absoluto a seu nome, o texto busca esclarecer seu projeto: não deve haver expectativa de utilidade alguma, somente conteúdos agradáveis. Imbuída nesta crônica está a noção do viver a vida no momento, *carpe diem*, *A Cigarra* contenta-se em viver o presente, "pois basta a cada dia sua própria alegria", "[…] inebriando-se com o prazer intenso e fugaz de sua vida contemplativa e sem planos" (CRESPO, 1990, p. 45). A oposição é colocada em seguida, "[…] e não há porque estragar o verão em preparação ao inverno, isto seria estragar a vida", a preparação ao inverno, ou seja o trabalho, não lhe interessa. Aqui vê-se as duas personagens da fábula, a Cigarra, sensível, caracterizada por sua voz estridente — entendida no sentido de vibrante ou sibilante — sempre ao sol, associada a

ranzinza Formiga, à ausência de iluminação, enceleirada na sombra, sempre na sua tarefa útil de preparação para o vindouro. Ainda assim, a Cigarra é caracterizada como personagem também capaz, dotada de uma missão, de cantar ao sol com voz que se esforçará.

Uma publicação, portanto, que não promete o que será veiculado, traço daqueles que levam a vida despreocupadamente, que é o pretendido. Ela ambiciona, desejando com veemência, mas não empreendendo força em demasia para buscar esse fim. Uma revista de variedade, que para Prado é "[…] dirigida às 'cigarras', e não às 'formigas', ou seja, mulheres que faziam parte de um mundo 'elegante', 'festivo', repleto de música e outras artes, do qual o trabalho deveria estar ausente" (PRADO, 2003, p. 18). Também expressivo à sua identificação é o subtítulo que adota a partir do oitavo número, "Revista de maior circulação no Estado de S. Paulo", mantendo-o, pelo menos, até 1918. De propriedade da empresa Pimenta & Companhia, de Gelásio Pimenta e Coronel Vieira de Souza, *A Cigarra* foi "Lançada com uma tiragem inicial de doze mil exemplares, salta para quinze mil já em seu terceiro volume, chegando a atingir mais de vinte e cinco mil no exemplar de número quatorze" (CRUZ, 1997, p. 91). Nota-se que é a própria revista que nos mune dessas cifras, divulgadas a título de propaganda já no segundo número:

> O presente numero teve uma tiragem de a. 12.000 EXEMPLARES e do terceiro numero será elevada a 15.000 EXEMPLARES por havido augmentado o contracto com o encarregado da venda avulsa na capital e ter já a empreza d'"A Cigarra" agentes e representantes em todas as localidades do Interior de S. Paulo, na Capital da Republica e nos principais centros de Minas Geraes, Rio Grande do Sul e Goyaz (SÃO EVIDENTES, *A Cigarra*, 1914, n. 2, p. 58).

A publicação circulou até 1975[5], de maneira quinzenal intermitente. Estes estão catalogados em diferentes arquivos e bibliotecas, estando em grande parte digitalizados e disponíveis para consulta no Repositório Digital do Arquivo do Estado de São Paulo — 1914 a 1967 —, bem como na Hemeretoca Digital da Biblioteca Nacional — 1917 a 1975. Os números que não se encontram digitalizados, 1, 3, 7 e 11, assim como o restante da coleção, podem ser consultados na seção de Obras Raras da Biblioteca Mario de Andrade, em São Paulo.

---

[5] Aqui faz-se importante a menção ao trabalho de Hivana Mara Zaina de Matos (UNESP/Assis 2003), que nos informa: "Nesse período ocorreram evidentemente muitas mudanças de formato, perfil editorial, proprietários, etc. A partir de 1932, por exemplo, a revista torna-se uma magazine mensal e, em 1934, sua redação é transferida para o Rio de Janeiro, assinalando a fase nacional de sua distribuição" (MATOS, 2003, p. 7). O recorte temporal por nós empregado, contudo, cobre somente os cinco primeiros anos da revista (1914-1918).

Considerada revista de variedades, apesar de forte apelo ao público feminino, traz conteúdo diversificado, como contos, poesias, reportagens, concursos, artigos sobre artes plásticas, esportes, teatro, música, ciências, cinema, política e literatura, além de fartos recursos iconográficos e diversas seções fixas — como nota Cruz (1997). "São constantes coberturas de eventos sociais, esportivos e religiosos, com diversas páginas de fotos e textos mostrando figuras da sociedade paulista em bailes, quermesses, procissões, corsos, festas, clubes e competições esportivas" (PRADO, 2003, p. 20).

Os recursos iconográficos são privilegiados em toda a trajetória da revista. Têm farta arte gráfica, com raras páginas "limpas", os títulos de suas seções são floreados e detalhados; praticamente todos os artigos contém fotos e são frequentes as fotorreportagens. Um levantamento por nós realizado (APÊNDICE B), evidencia que menos da metade da revista é preenchida por textos, chegando a ter apenas 14% no número sete. Nos cento e três exemplares d'*A Cigarra* pesquisados, observamos que, em média, a revista não dispunha de mais de 35% de texto no todo. As páginas restantes vinham apinhadas de reclames, fotografias — de página inteira ou fotomontagens — e ilustrações diversas. Para mais, no período pesquisado, é custoso dizer que a revista circulou quinzenalmente. Se nos mantivermos a uma regra estrita de quinze dias entre exemplares, podemos observar que ela cumpriu esse prazo apenas seis vezes — nenhum dos quais ocorre nos primeiros dois anos. Se lhe dermos margem de um dia, para mais ou para menos, o número já cresce, chegando a trinta e oito exemplares. A tabela de comparativos nos Apêndices (APÊNDICE B) também permite atestar que, em diversas ocasiões, o número de páginas inteiramente dedicadas a fotografias excedia as exclusivamente de textos.

A Cigarra variava, também, em número de páginas, geralmente entre quarenta e oito e cinquenta e duas, chegando a casa das centenas em "edições comemorativas" — de fim de ano. Os reclames mais comuns a publicação eram os de página inteira, posicionados logo após a capa ou logo antes da contracapa, entre cinco e onze de suas primeiras e últimas páginas são dedicadas a publicidade. Esta ocupava, em média, cerca de quatorze páginas de toda a revista. Apesar das flutuações, a revista vem bem estruturada desde seu primeiro volume, com colaboradores, seções e projeto gráfico duradouros.

A revista confere visibilidade ao desenvolvimento da cidade e das elites paulistanas, fornecendo ao leitor imagens da vida moderna, também, por meio da publicidade. Campo privilegiado de informação, articulação e expressão dos modos de pensar da elite, a publicidade veiculada n'*A Cigarra*, exalta sua interpretação de modernidade. Entre o rol de

patrocinadores, a publicação contava com empresas importantes do período — Mappin Stores, Automóveis Ford, Chevrolet, Casa Edison, Conzano, Kodak, Lacta e Companhia Souza Cruz, etc.—, que buscavam veicular em seus anúncios bens de consumo caros, como bebidas, chapéus, charutos, perfumes, viagens à Europa, flores, pianos, tapeçarias, "grammophones", discos, modistas, pratarias, porcelanas, diversos artigos domésticos importados, entre outros[6]. Os produtos representados remetem a esse universo, na medida em que destacavam seu "aspecto moderno", bem como sua indispensabilidade naqueles "novos tempos".

Outra forma de publicidade destacou-se n'*A Cigarra*. Trata-se de algo que, hoje, se igualaria à matéria patrocinada, ou seja, textos encomendados por empresas a redatores acerca de seus produtos e serviços. Essa publicidade, hoje acompanhada de aviso legal, poderia passar despercebida pelo leitor de então, visto que as tradicionais, como ainda são, eram de uma única página, com ilustração chamativa e algumas frases ou jargões diretos. Estas matérias, contudo, eram apresentadas como tais, trazendo textos descritivos dos ambientes e dos festejos de inauguração — visto que eram os que apareciam com maior frequência — sem denunciar-se como conteúdo pago[7].

A Cigarra ficou sendo considerada publicação feminina e patrona das artes. É certo que não deixou de publicar sonetos e contos — se nos ativermos ao recorte estabelecido — bem como fomentar eventos com intento artístico, publicando matérias sobre a Sociedade de Cultura Artística, numerosas fotos de artistas e patronos, ou sobre concertos de música lírica e saraus, além do ocasional "humor de salão", das crônicas e contos lúdicos.Entretanto, como coloca Crespo (1990, p. 101) ainda que a tendência inicial fosse de reputá-la, basicamente, como uma revista feminina conservadora, é preciso reconsiderar. Afinal, a revista dedicava-se a temas não propriamente femininos: numerosas *chronicas editoriais* e aspectos foram publicados sobre a Grande Guerra, textos sobre política interna — ainda que o fizesse apenas com comentários quase sempre triviais —, além das já mencionadas "reportagens" elogiosas e fartamente ilustradas sobre indústrias e estabelecimentos comerciais

---

[6] Foi Nádia Christina Braglia (2011) quem desenvolveu pesquisa pela PUC-SP com enfoque nos anúncios e reclames veiculados nas revistas mundanas da Pauliceia, também nesse início do século XX. Ela buscou refletir sobre as transformações dos espaços e práticas de lazer. Também dedicam capítulos aos reclames e anúncios d'*A Cigarra* Hivana Mara Zaina de Matos (2003), Sabrina Gottschlisch do Prado (2003) e Marcia Padilha (2001) — que também enfoca a revista *Ariel*.

[7] Sobre o assunto ver Cruz, 1996 e Matos, 2003, p. 149-154.

da cidade, tratando até de aspectos técnicos relacionados ao esquema de produção, matérias-primas, instalações, higiene, segurança, etc.

Dessa maneira, *A Cigarra* não deixava de promover uma modernidade repleta de novidades, pontos de *rendez-vous* e *toilettes*, principais foco de atenção de seus aspectos fotográficos. As diversas colagens e montagens fotográficas, contudo, não revelavam as complicações causadas pela tão almejada modernidade, ou por seus agentes.*A Cigarra*, primava por representar a face mais "civilizada" da cidade, o espaço público e o cidadão republicano, eram constantemente idealizados e guarnecidos de determinadas condutas e identidades comprometidas pelo olhar classificador de uma imprensa voltada para a novidade (JANOVITCH, 2006, p. 18 apud Martins, 2001, p. 475). Apesar disso a publicação, diferentemente das outras revistas analisadas, como veremos adiante, se diz apolítica. Contudo, como já foi sugerido acima e por tantos outros[8], a publicação se prostra a favor dos interesses dominantes, fazendo parte da chamada "grande imprensa" do período, segundo Cruz, "[…] privilegiando um repertório de temas e práticas articuladas às novas formas de sociabilidade, […] tais periódicos passam a traduzir e cristalizar formas refinadas e elitistas de olhar a cidade" (CRUZ, 2000, p. 113).

A São Paulo, montada pela cenografia d'*A Cigarra*, é uma idealização de cidade, como a descrita pelo personagem de Edmundo Amaral, no romance A Grande Cidade de 1951:

> Descrevia-lhe o Viaduto do Chá, a iluminação da Rua Barão de Itapetininga, a orquestra do Progredior e as médias do Café Guarani. — Lá é que é! dizia ele cheio de entusiasmo. […] Imaginava um S. Paulo grandioso, cheio de uma vida violenta e brilhante. […] Supunha a Capital enorme, cortada de ruas sonoras pelo estridor dos carros, toda iluminada a luz elétrica, com grandes cartazes multicores piscando luzes na noite. Mas o que mais seduzia era a vida noturna com cafés sonoros de orquestras e rumores de cristais, cabarés iluminados onde mulheres de formas harmoniosas e magníficas dansavam com jovens vestidos de "smokings", colando seus corpos perfumados e macios nos músculos dos homens. Lia então tudo que chegava de S. Paulo: anúncios de cinema do "Estado de S. Paulo", os casos policiais da "Platéia", a "correspondência das leitoras" da "Cigarra"… (AMARAL, 1950, p. 13-14).

São poucos os momentos que ela vai dissuadir-se deste programa. Em sua elegia a modernização, *A Cigarra* tinha uma predileção por enumerar as conquistas da industrialização no Estado. As inaugurações de novas fábricas recebiam longas e elogiosas matérias da publicação, os adjetivos que as caracterizavam são marcados pela demasia: "excellentes",

---

[8] SODRÉ, 1966; MATOS, 2003; PRADO, 2003; CRUZ, 1997 e 2000; GALLOTTA, 1997;

"mais modernos", "intensa prosperidade", "importante empresa". Quanto ao patamar que atesta a qualidade da companhia, nada abaixo da perene comparação aos países mais avançados em sua modernização: "[…] de modo a competir com as melhores da Europa e dos Estados Unidos" (A CIGARRA, 1914, n. 2, p. 20). Esse equiparar com suas contra partes internacionais também marcou estilo n'*A Cigarra*, olhando com inveja indisfarçável os países europeus.

Ainda assim, em alguns momentos *A Cigarra* fez-se crítica, mesmo que de maneira furtiva. Nas poucas colaborações de Voltolino, suas caricaturas tinham cabal intento irônico de crítica, como veremos no terceiro capítulo desta dissertação. Em outros, a revista denunciava, talvez inconscientemente, um projeto de modernidade que produzia diversas situações negativas. Mesmo com a publicação de alguns textos, aqui enfocados, sobre tensões perpassadas pelos avanços da modernização da capital do Estado, *A Cigarra* poucas vezes faz referência aos incômodos por ela gerados.

1. 2. O Pirralho

> O Pirralho nasceu n'um sabbado ao meio dia. Os sinos tocavam, como todo sabbado, ao meio dia. Ora, dessa circumstancia occasional concluiram que O Pirralho ia ser bispo. Porque quando um bispo chega, os sinos tocam geralmente. Mais tarde, O Pirralho, com extravagante precocidade, rimou Sobrinho com Biscoitinho. Os circumstantes pasmados viram n'isso uma grande vocação de poeta declarada.
>
> Logo, porém, vieram affirmar-se os seus puros instinctos de crilla incorrigível, caçoador e risonho. Ficara, portanto desvalorisados os seus calmos precedentes (COMO FOI, *O Pirralho*, 1911, n. 1, p. 3).

De propriedade de José Oswald Nogueira de Andrade e direção de Oswald de Andrade, nasce *O Pirralho* em 12 de agosto de 1911. Desde logo a publicação apresenta dubiedade, *O Pirralho* é, ao mesmo tempo, uma revista e um personagem ativo. Para caracteriza-lo, observou-se que seria bispo ou poeta, contudo, a ponderação foi precoce, visto que logo fizeram-se emergir seus traços mais distintos: incorrigível, caçoador e risonho. Este perfil já nos leva a entender que a revista é irreverente, mas não deixa ultrapassar o limite do decoro. A "chronica editorial" de lançamento continua, nos contando que o *Pirralho*, que não

é “nenhum anarchista para nascer e não [se] baptisar”, depois de tecer longos elogios a Mimi Aguglia[9], atriz “na cidade provinciana”, pediu-lhe que fosse sua madrinha. A ela se juntaria, com certo receio, o compositor italiano Pietro Mascagni[10] no papel de padrinho do crila. Na mesma página estão estampados os autógrafos em fotos dos próprios artistas — estas seriam as únicas fotografias publicadas na revista até seu primeiro aniversário. *O Pirralho*, em oposição *A Cigarra*, deixa claro em seu primeiro número, exatamente que viés político prefere:

> *O* Pirralho é um crila intelligente e sobretudo moderno.
>
> Ainda na escola, já o petiz faz política com as professoras e o director compenetrado. Mas de política mesmo, dessa coisa pegajosa com que os nossos homens importantes lambusam as consciencias, é que o pobresinho entende pouco.
>
> Tem birra do Hermes.
>
> Acha muita graça no capitão Rodolpho porque elle tem cara de padre e não é padre, é capitão.
>
> Sympathisa com o almirante João Candido.
>
> Antipathisa com o Marques da Rocha. Quanto a questão da candidatura á presidencia do Estado de S. Paulo, *O Pirralho* até o mez passado, não tinha opinião. […] Agora, transformado em jornal, importante, opiniatra, elle vóta no secretario do interior para presidente do Estado [dr. Carlos Guimarães] e mesmo que outro seja eleito, outro é que elle não reconhece (A POLITICA do Pirralho, *O Pirralho,* 1911, n. 1, p. 4).

Os textos que abrem a revista, portanto, são expressivos quanto às proposições futuras de conteúdo. Os longos elogios tecidos às performances de Mimi e Mascagni demonstram proximidade das artes — teatro, música, etc. A abertura do segundo texto, “A

---

[9] Mimi Aguglia (21 de dezembro de 1884 - 31 de julho de 1970) foi uma atriz italiana, natural de Catania (Sicília). Sua estreia no teatro foi aos cinco anos de idade, sua carreira, frutífera levou-a em turnê da Itália para todo o restante da Europa e América do Sul. Já atriz teatral internacionalmente famosa, apresentou-se nos Estados Unidos em 1909 onde foi descoberta Charles Frohman que transformou-a em atriz requisitada de cinema (TUESDAYS HIGHLITS, *Radio and Television Mirror,* jul. 1940, p. 46).

[10] Pietro Mascagni (7 de fevereiro de 1863 - 2 de agosto de 1945) ficou mundialmente famoso por sua ópera *Cavalleria Rusticana,* baseado na peça homônima de Giovanni Verga. “Desde a estreia, em 1890, seu sucesso se espalhou de Roma para o mundo. Mascagni, embora tenha composto outras obras, não alcançou com elas tamanha projeção e é lembrado geralmente como o compositor de uma ópera só, tendo caído no ostracismo no final da Segunda Grande Guerra por sua adesão ao fascismo. Todavia, até sua morte, em 1945, aos 81 anos, a ópera tinha sido apresentada mais de 14.000 vezes só na Itália. E faz sucesso até hoje. […] No Brasil, foi apresentada pela primeira vez em 1891, no Teatro Lírico, no Rio de Janeiro, e, em 1892, no Theatro São José, em São Paulo” (WIDMAN, 2017. p. 65-84).

Política do Pirralho", nos oferece indicativos de sua concepção, também, quando faz uso da palavra "moderno", que pressupõe futura existência de artigos alinhados ao que se tinha como moderno naquele momento. Assim como suas claras colocações políticas, apontando não só seus candidatos de preferência, como também aqueles com os quais "tem birra". Uma nota na quarta página arremata o tom da publicação: "Pelos artigos ou piadas de critica severa e justa reponsabilisa-se exclusivamente o nosso musculoso companheiro de trabalho J. Correa".

Com os três excertos de textos deste primeiro volume, pode-se estabelecer motivos para a escolha de seu nome. Além da opção de fazer d'*O Pirralho* um personagem ativo nesses cenários[11], visitando artistas e atendendo a escola, esse nome fez dele, também, uma criança em suas falas e posicionamentos. "Um crila incorrigível, caçoador e risonho", ou seja, sem filtros morais ou sociais, como os de uma criança em sua infância, momento costumeiramente associado a um estado natural de descompromisso, brincadeira e irresponsabilidade, inclusive jurídica (CRESPO, 1990, p. 43). Essa carga de irresponsabilidade, contudo, vem associada a grande respaldo: o "pequeno" tinha como padrinho um grande compositor de óperas e uma famosa atriz, além do tal amigo musculoso. Logo, *O Pirralho* não nasceu desprotegido, personagem de "costas quentes", apesar de estatura e idade.

> Nesse contexto, não se pode negar que o nome e, consequentemente, a revista carregavam uma oportuna dubiedade que, ao mesmo tempo em que procurava isentar O Pirralho da responsabilidade de uma imprensa por assim dizer "adulta", dotava-o de relativa mobilidade para transitar, descompromissadamente, pelo mundo da política e, principalmente, pelo mundo escuso da politicagem (que à revista tanto agradava denunciar e satirizar). Na própria escolha do nome, O Pirralho antecipava aos leitores o caráter brincalhão, aparentemente ingênuo, mas profundamente sarcástico que a revista sempre teria (CRESPO, 1990, p. 43-44).

Outra leitura, esta oferecida por Paula Ester Janovitch (2006), é a de que o nome da publicação fosse uma homenagem carinhosa aos pequenos entregadores de jornais que, a partir do começo do século XX, substituíam os ex-escravos e os auxiliares das tipografias, tornando-se o mais novo símbolo da imprensa nascendo todas as manhãs" (JANOVITCH, 2006, p. 123).

O Pirralho adota, em seu quarto número, o subtítulo "Semanario Ilustrado d'importancia evidente", que mantém até seu último número, em 1918 — a partir de 1915, a

---

[11] Confundir e misturar "O Pirralho-gente" com "O Pirralho-revista" era um procedimento adotado com frequência, principalmente quando se tratava de entrevista. Algumas vezes os repórteres d'*O Pirralho* saíam a campo, mas em outras o próprio "Pirralho-gente" era o responsável pelas "estripulias" publicadas (CRESPO, 1990, p. 48).

publicação passa a ser quinzenal, assim a palavra "Semanario" é substituído por "Revista" nos últimos três anos da publicação. Sua tiragem variou de doze a vinte e cinco mil exemplares, cifras também indicadas pela própria publicação no número vigésimo. Intitulava-se publicação de "variedades, literatura e humor", com seções demarcadas que privilegiam assuntos "mundanos" como cinema, teatro, literatura, esportes, além, é claro da crônica política. *O Pirralho* fez campanha civilista contra o Marechal Hermes da Fonseca, junto a ele, outros políticos e figuras da vida pública foram submetidos à sátira verbal e à caricatura de Voltolino.

Augusto Cesar Mauricio Borges, em sua dissertação de 2009 (p. 29), defende que *O Pirralho* representou uma junção entre humor e política. Aí está sua irreverência, na mistura da crítica política, do sério, com o cômico "[…] que destrói a hierarquia entre o elevado e o baixo, o elegante e o vulgar" (CHALMERS, 1976, p. 46). Para o historiador, a revista utilizava linguagem coloquial e cômica em favor da crítica social, principalmente no que toca seus textos em português macarrônico, seções assinadas por personagens fictícios que traziam uma "reapresentação", a seu modo, de sujeitos das camadas populares, imigrantes franceses, alemães e, sobretudo, italianos — a revista tem folhas dentro de si que já foram enfocadas por outros historiadores, entre elas *O Birralha - Xornal Allemong*, C*orrespondência de Xiririca*, posteriormente *Cartas de um Caipira,As Cartas d'abax'o Pigues*. Nestas, os autores escreviam um português com sotaque, paródias linguísticas que imitavam as falas dos imigrantes ou dos sujeitos do interior, a transcrição do macarrônico é quase fonética e configura registro de reportagem da vida quotidiana das camadas pobres da população que formava a capital. "O humor d'*O Pirralho*, explicita posições, ideias e posturas políticas bastante claras com relação a São Paulo e às diretrizes nacionais de seu tempo" (BORGES, 2009, p. 40).

Já pode ser percebido, desde o primeiro volume, a antipatia da publicação para com o Presidente eleito Hermes da Fonseca, as críticas a ele dirigidas só se tornaram mais explícitas com o passar dos volumes. Borges (2009, p. 41), ainda, estabelece relação entre *O Pirralho* e *O Parafuso*, na desaprovação ao Marechal e na crítica política em geral. *O Parafuso*, contudo, fez-se mais incidente no plano político municipal, bem como quanto ao uso frequente de termos exagerados e, por vezes, chulos.

> [O Pirralho] não é um pasquim violento, desde o começo apresenta ao lado da sátira política seções literárias, sociais, esportivas […] É uma revista para a classe alta (promove concursos de beleza e de simpatia entre os moços e moças "da sociedade", publica fotografias) embora use técnicas do jornalismo humorístico popular […]

> publicação para gente bem educada. O humorismo não atinge a dimensão do humor escatológico do grotesco popular (CHALMERS, 1976, p. 45).

Uma das características mais marcantes d'*O Pirralho* foram, talvez, as caricaturas de Voltolino (Lemmo Lemmi, 1884-1926), também conhecido por seus pseudônimos, CAM, PAU, TOM ou Xuão. O caricaturista também colaborou com *O Parafuso*, sendo responsável pelas capas e ilustrações internas durante todo o período da publicação e, em menor grau, publicou caricaturas também n'*A Cigarra*. Assim como esta revista, *O Pirralho* é ufanista em sua representação da Cidade de São Paulo — apesar de fazê-la, por vezes, comicamente. A pujança econômica, os avanços modernos e a colocação do Estado de São Paulo como benfeitor nacional, são temas recorrentes em ambas as publicações, de certa maneira, também alinhavadas.

De fácil acesso, *O Pirralho* foi consultado em dois arquivos distintos: a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e a seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade. Ambas as coleções estão praticamente completas, com apenas um exemplar ausente, o duzentos e quarenta e um. Com média de 46% de seu conteúdo dedicada, exclusivamente, a textos e pequena variabilidade de páginas, mais comumente entre doze e vinte e quatro, *O Pirralho* foi publicação eminentemente literária.

Diferente de sua conterrânea, *O Pirralho* manteve um histórico de lançamentos estável, apresentando poucos momentos de intermitência — mesmo assim, o fato de ele ter passado a ser uma publicação quinzenal em 1915 impede de nos referirmos a ele como semanário. Seu maior intervalo foi entre os números cento e cinquenta e quatro e cento e cinquenta e cinco, postula-se que o motivo pode ter sido a troca de diretores, como veremos logo adiante. Pouco inclinado a fotografias — tendo passado todo seu primeiro ano apenas com ilustrações de Voltolino —, a publicação incorre muitas vezes em ter somente sua capa como página preenchida exclusivamente por imagem. Como *A Cigarra*, contudo, *O Pirralho* foi muito favorável a publicidade, geralmente na sua segunda capa e, a maioria, precedendo a contracapa. Outros pequenos reclames como "Fumem só Conquistas de Stender" (n. 16) ou "Cabellos brancos desapparecem com o uso da Mistura Broux, incomparavel!" (n. 112), vinham dispostos no corpo da revista, geralmente como forma de divisão das seções ou, por vezes, junto ao cabeçalho e rodapé das páginas.

Em seu livro de memórias, Oswald de Andrade lembra o lançamento da publicação:

> […] fundei e dirigi sob égide financeira de meu pai. Mamãe, com sua imaginação amazônica, pois lenha na fogueira. Tendo um caricaturista de primeira ordem, Voltolino, e ligando-me a um grupo de literatos, lancei o semanário com êxito. "O Pirralho" teve sua redação à Rua 15 de Novembro, 50B, sobrado. Era uma simples sala ao fundo de um corredor, para onde minha mãe fizera transferir uma escrivaninha, um sofá e parte das cadeiras da casa (ANDRADE, 1990, p. 64).

A vida d'*O Pirralho*, ainda segundo Oswald, tornara-se intensa e importante no cenário político. A revista lutava pela campanha civilista de Rui Barbosa, tendo inclusive recebido oferta financeira de Washington Luís. Em encontro no gabinete do então Secretário de Justiça e Segurança, "[…] ele se dispôs a auxiliar financeiramente 'O Pirralho', que considerava um valor na luta que se desenvolvia em torno de Rui Barbosa contra o hermismo controlado por Pinheiro Machado". Oswald, que se "julgava moço rico" graças à valorização de terrenos da família na Vila Cerqueira César, não aceitou o investimento, continuando a pagar integralmente impressão, caricaturista e todas as contas da publicação (ANDRADE, 1990, p. 67).

Em fevereiro de 1912, Oswald consegue de sua mãe o que mais desejava, conhecer a Europa. *O Pirralho* faz do acontecimento capa. Em número de 12 de fevereiro de 1912, caricatura de Voltolino retrata o Pirralho à bordo de uma embarcação, identificada na lateral como o Marta Washington, que se aproxima de uma Europa anciã e curvada diante o turista. Na página onze do volume, há nota sobre a partida do diretor: "Oswald Junior, a que o *Pirralho* deve a vida, vae passear á Europa. O *Pirralho* está triste por isso mas sabe que elle volta" (OSWALD JUNIOR, *O Pirralho,* 1912, n. 27, p. 11). Algumas páginas adiante, outra caricatura de Voltolino, intitulada "A succursal do 'Pirralho' na Europa", traz um jovem encolhido num cesto, sendo alçado a bordo de um navio. Sob a imagem, lê-se: "O embarque do M. *Le directeur"*.

Por ocasião de sua viagem, Oswald nos conta em suas memórias ter arrendado, "[…] por dez contos de réis, a tabuleta, o título e uma mesa" d'*O Pirralho* a Baby de Andrade e Paulo Setúbal (ANDRADE, 1990, p. 68), entre fevereiro de 1912 e setembro do mesmo ano. Assim, entre 1913 e 1914, Baby parece ganhar mais espaço na publicação. A partir do número 112, de outubro de 1913, um Gavroche passa a assinar uma coluna de comentários *à vol d'oiseau*, "Cortando…", algo como breves observações sobre indivíduos avistados em público. Personagem célebre de Victor Hugo em Os Miseráveis, Gavroche, filho dos Thénardier, ganha destaque durante o embate nas trincheiras e, enquanto recolhe munições, é assassinado. A palavra foi incorporada ao vocabulário francês para denominar menino

parisiense, irreverente, zombateiro e corajoso[12]. Em um primeiro momento, simplesmente reconheci no pseudônimo o recurso da publicação de fazer d'*O Pirralho* um personagem ativo, uma análise mais aprofundada, contudo, fez reconhecer sua identidade. Apontado inicialmente por Gallotta, se comparadas as formas de escrever e a maneira com que se dirige ao público, as assinaturas "Gavroche", "B." e "Baby" são próprias de Benedito de Andrade.

A seção de Gavroche permanece na revista, com alguns rápidos hiatos, até o número cento e cinquenta e quatro, de 1914. O mesmo pseudônimo é creditado como diretor e redator chefe d'*O Pirralho* entre os números 149 e 154 — figurava logo abaixo do título nas páginas de "chronica editorial", que abrem a publicação. Nesse interim, uma nota é publicada no número 151, em que Babyé referenciado como "nosso director", que, em visita ao Rio de Janeiro, "[…] aproveitará a opportunidade para, em nome do Pirralho, cumprimentar o dr. Nilo Peçanha, presidente eleito do Estado do Rio" (PIRRALHO, 1914, n. 151, p. 11). Há uma lacuna de cinquenta e seis dias entre o número 154 e o seguinte, neste, de 03 de outubro, Baby já não mais faz parte da equipe de colaboradores, como revela nota na página três: "Conforme já foi noticiado na Seção Livre do 'Estado de São Paulo', deixou de fazer parte desta revista o sr. Baby de Andrade" (PIRRALHO, 1914, n. 155, p. 3). Adiciona-se a isso, o fato de um Gavroche também assinar coluna no segundo volume d'*O Parafuso* — primeiro a que se teve acesso. Carlos Eduardo Schmidt, em livro de 2009, também afirma que "A primeira das saídas de Juó Bananére de *O Pirralho* deveu-se a discordâncias […] com relação a linha editorial que Baby de Andrade havia imprimido à publicação" (CAPELA, 2009, p. 40). O próprio Alexandre Marcondes Machado, criador do personagem Bananére, afirma que interrompeu sua colaboração n'*O Pirralho,* "[…] por incompatibilidade com o diretor do pasquim, o 'Sr. Babi (Benedito) de Andrade e sua péssima orientação'", a retomando "[…] em outubro de 1914, quando o jornal volta a ser dirigido e animado por Oswald de Andrade" (SALIBA, 1997, p. 114). Em nota, ainda no número 155, *O Pirralho* "[…] anunciava o reaparecimento da revista e o retorno da antiga linha editorial que havia sido rompida por Benedito de Andrade" (CAPELA, 2009, p. 41).

O número cento e cinquenta e oito d'*O Pirralho,* de setembro de 1912, anuncia o retorno de Oswald de Andrade, apenas alguns meses depois de sua partida:

> Em outra qualquer occasião, esse facto seria fartamente festejado pelo *Pirralho*. Infelizmente, Oswaldinho, o querido Nonê, tem neste momento o coração alanceado

---

[12] LAROUSSE, dictionnaires de français. Disponível em: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/gavroche/36350>. Acesso em: 20 maio 2018

> pela morte de sua prezada Mamãe. Em vez, pois, de lhe fazer festas, o *Pirralho*, que o quer muito, mas muito mesmo, compartilha a dor que peza sobre a sua alma de filho extremoso e aqui deixa, num afectuoso abraço, toda a expressão do seu sentimento (PIRRALHO, 1912, n. 58, p. 21).

Tornado a São Paulo, e passado o período de luto a D. Inês, sua mãe, Oswald retoma suas obrigações na revista:

> Os arrendatários não puderam realizar a compra. Tinham-se obrigado a resgatar alguns títulos meus endossados por meu pai. Haviam feito isso. Mas, agora, o encorpado mulato Babi recusava-se a me entregar os títulos querendo forçar-me com essa chantagem a lhe vender a revista. Uma manhã tive com ele uma cena violenta na redação e referi-me a um recibo criminoso que ele passara como dono do jornal, antes de arrendá-lo […] Babi acercou-se de mim como uma fera mas não me agrediu […] contou a alguém que de noite, na Rua 15, me cortaria a cara a chicote de aço. Ele tornara-se, na minha ausência, um terrível valentão. […] Comigo o caso aparentava-se mais que grave. Eu não tinha amigos poderosos. Tinha apenas um revólver Browning que adquiri na Bélgica. Fui ao Secretário de Justiça, Elói Chaves, a quem chamava de dr. Sorriso e, expondo-lhe o caso, pedi-lhe porte da arma. Despachou o meu pedido, aconselhando-me hipocritamente a ter calma, pois o que ele queria era a eliminação do mulato (ANDRADE, 1990, p. 82).

Findo o momento de tensão naquela noite, "[…] em frente ao cinema Íris, junto ao prédio onde funcionava 'O Pirralho'", Oswald fora afastado de Baby por Jairo Góis, que tomou-o energicamente pelo braço e lhe arrastou na direção da Rua 3 de Dezembro, onde exclamou: "— Estou salvando você duma surra de chicote! Fi-lo então tocar o revólver que trazia no bolso, tranquilizando-o. Aos berros histéricos me fez entrar no carro". No dia seguinte, ele aceitava em troca de "[…] sete contos e quinhentos de letras" um recibo de cem mil réis, dando fim a breve rixa entre os dois. Oswald continua, ainda, relatando sobre *O Parafuso*:

> Editou depois, ele e o Rubens do Amaral, o semanário "O Parafuso", que foi o pior flagelo publicitário que a sociedade burguesa de São Paulo conheceu. Nesse momento, teve inúmeras cenas de polícia e sucessivas tropelias, entre as quais uma briga com os rapazes d'"O Estado", onde enfrentou um deputado conhecido pelo nome de Nhonhô Trovoada (ANDRADE, 1990, p. 83).

O episódio mencionado por Andrade, o enfrentamento do deputado Antonio de Moraes Barros, então conhecido como Nhônhô Torovada, é narrado por Baby já no segundo número do semanário. Segundo ele, o deputado o abordou quando achava-se na Rua da Bôa Vista á esquina da rua XV, "A principio pensei que o liquidatario da Sociedade Incorporadora, viesse fornecer-me dados, desmentir com provas, que eu havia elaborado n'um erro,

affirmando que s. s. embolsou ou vai embolsar 200 contos" (ANDRADE, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 8). Sabendo que se tratava do redator responsável por um artigo que o difamava, Nhônhô aplicou-lhe dois golpes de bengala no rosto, quebrando a do jornalista — que provavelmente usou a sua para se defender dos golpes. "[…] vendo que s. s. estava armado de estoque e chicote, corri — e o digo sem corar — corri em busca de uma outra bengala, para castigar o safado que não tendo coragem para responder ao artigo, alvitrara-se um desforço pessoal"(ANDRADE, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 8). Tendo falhado na busca por uma nova bengala, Baby passa a lutar com quatro agressores, aos socos, "[…] naquella confusão, balburdia sem nome, eu só via e ouvia que a opinião publica sentia-se revoltada contra a covardia dos canalhas" (ANDRADE, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 8). O povo, grafado em maiúscula pelo semanário que o tinha como força motriz, toma partido do semanário e de Baby, visto que

> "[…] o Povo vae despertando do somno lethargico porque vinha passando. O Povo que é o nosso amparo, a nossa alavanca, avaliando como vem o nosso desassombro em dizer as verdades que, expostas á luz clara dos factos e da publicidade, começaram a apodrecer, exhalando a fedentina dos cadaveres putrefactos, das conciencias deshonestas, dos caracteres mercenarios, da dignidade emporcalhada, não vacillou em approvar a minha attitude repellindo altivamentè os covardes (ANDRADE, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 8).

A conclusão do episódio no segundo número d'*O Parafuso*, é veemente: "foi mais uma manifestação de solidariedade e encorajamento para que eu prossiga no programa que tracei e que só deixarei de cumprir, si uma bala traiçoeira se encarregar de me fechar os olhos mandando-me para a Eternidade" (ANDRADE, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 8).

Quanto a*O Pirralho*, Oswald de Andrade deixaria de ser seu diretor em setembro de 1913. Segundo nota veiculada na publicação, os motivos eram puramente econômicos: "pois agora elle vae tratar da venda de seus terrenos e tendo esta grande preoccupação, não poderia continuar sendo o assiduo e meticuloso redactor que até hoje foi" (O PIRRALHO, 1913, n. 109, p. 8). Durante a pesquisa tornou-se evidente que uma das principais facetas d'*O Pirralho*, além de seu humor irreverente, foi sua heterogeneidade. No decorrer dos sete anos que circulou, notaram-se uma série de modificações na organização de sua pauta, na distribuição de matérias e mesmo nos estilos que utilizava. Postula-se que uma das razões para isso esteja nas muitas modificações ocorridas em seus quadros profissionais e administrativos, quando, por exemplo, da partida de Oswald para Europa pouco depois do lançamento e o consequente arrendamento da revista.

Oswald dá um fim a publicação em suas memórias, segundo ele, *O Pirralho* "[…] literarizou-se, continuando a publicar coisas mordentes de Emílio de Meneses. Nada produziu de sério a não ser um documentário da época, talvez curioso" (ANDRADE, 1990, p. 83).

1. 3. O Parafuso

> Aparecendo hoje não nos apresentaremos com retumbantes programas; não trazemos ilusões de vir preencher lacunas na imprensa; nem temos a pretensão estulta de vir moralizar um meio podre e a que unicamente uma reforma revolucionária de alto em baixo poderia trazer uma vida sã, um ar novo e sadio.
>
> Na nossa modéstia unicamente traçamos a nós mesmos uma rota, uma trajetória. Seremos a vergasta, o relho e o chicote que às faces lívidas e desvergonhadas dos crapulosos politiqueiros faça vir um pouco do sangue que o pudor já não tem força para ali chamar. É necessário que, arriscando mesmo a vida, a liberdade, tudo se tem a esperar de tal califa, a verdade venha a lume, o povo saiba quem são esses paspalhos e medalhões até agora invulneráveis.
>
> Esta é nossa Razão de Ser e de existir e parafusar-lhes na cara, com parafusos de fogo e de verdade a máscara verdadeira que eles devem trazer. Basta de Tartufos feitos gente de bem. As máscaras verdadeiras fizeram-nas eles mesmos, nós só lhe parafusaremos. E agora à luta dispostos a tudo (RAZÃO DE SER, 1915, n. 1, p. 1 apud GALLOTTA, 1997, p. 84 — o número primeiro não foi localizado para consulta).

Assim como sua conterrânea, *O Parafuso,* lançado em 27 de fevereiro de 1915, abre-se sem nada prometer, prevenindo que ele não seria responsável por preencher lacunas ou ter missão moralizadora, em sua modéstia, basta-lhe uma trajetória a que se ater. Em oposição *A Cigarra*, contudo, deixa claro sua utilidade: "Seremos a vergasta, o relho e o chicote que às faces lívidas e desvergonhadas dos crapulosos politiqueiros faça vir um pouco do sangue que o pudor já não tem força para ali chamar". O semanário propõe-se, portanto "[…] a arriscar tudo para que a verdade venha à luz, para que o povo saiba quem são esses políticos, que até então estavam invulneráveis" (GALLOTTA, 1997, p. 84), como colocado no trecho: "É necessário que, arriscando mesmo a vida, […] a verdade venha a lume, o povo saiba quem são esses paspalhos e medalhões até agora invulneráveis". Seu programa consiste, afirma-se em letra de forma adiante, em expor "[…] extorsões, negociatas e manigâncias de

dinheiro pouco lícitas de que afinal é vítima o povo, eterno explorado, sem garantias e sempre batido".

Interessante notar como a revista não faz uso do termo *desmascarar*, mas sim "[…] parafusar-lhes na cara, com parafusos de fogo e de verdade a máscara verdadeira que eles devem trazer". Quem aponta a questão é também Gallotta (1997): "Ora, isso pressupõe, então, que todo político é mascarado, tem algo a esconder. O PARAFUSO vem então apontar e combater os 'Tartufos feitos gente de bem', mostrando as máscaras que escondem da população" (GALLOTTA, 1997, p. 85). É este apontamento que nos leva a inferir a razão para escolha do nome: "As máscaras verdadeiras fizeram-nas eles mesmos, nós só lhe parafusaremos".

Os posicionamentos *d'O Parafuso,* são claros desde seu subtítulo"Semannario critico e illustrado", mantido até junho de 1917, quando muda para "Semannario de Combate", em apoio à Greve de 17. Entre o final de 1917 e todo o ano de 1918, o semanário passa a ser identificado como *A Rolha*, sob seu nome vem o subtítulo "Semanario em substituição a'O Parafuso', emquanto durar o estado de sitio" e "Semanario independente… enquanto puder"[13]. Decretado por Wenceslau Brás, o estado de sítio durou setenta e um dias, ficando estabelecido no artigo 11 do projeto número 330 de 1917. Em mensagem de 6 de junho de 1918, o então Presidente da República trouxe ao conhecimento do Congresso Nacional as medidas que, no intervalo das sessões parlamentares, foram julgadas necessárias e adotadas pelo Poder Executivo, tendo em vista "as condições excepcionais da vida nacional" e, especialmente, a declaração do estado de guerra[14]. Nesse interim, *O Parafuso* configura-se como a única das três publicações pesquisadas em que foi identificada censura, tendo suprimido parágrafos inteiros nos últimos números de 1917 (pelo menos entre os números 75 e 79, visto que não foram localizados os seguintes).

A publicação circulou semanalmente até meados de 1916, quando seu diretor, Baby de Andrade, se exila para evitar prisão[15], voltando a circular entre 1917 e 1922 — em 1948 a revista ressurge sob nova direção, permanecendo até 1951 (GALLOTTA, 1997, p. 23).

---

[13] Identificado no primeiro exemplar referente ao ano consultado n. 12 de 28 de maio de 1918.

[14] NAUD, Leda Maria Cardoso. Estado de sítio – 2ª parte. Revista de Informação Legislativa, v. 2, n. 6, pp. 61-88, jun. 1965. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/182495/000347360_2.pdf?sequence=5>. Acesso em 15 mai 2018.

[15] Baby exila-se em 1916 para evitar cumprir a pena de que fora condenado no processo-crime, por injúria e difamação movido pela Sociedade Monte-Pio e Família, empresa de pecúlios, ou, à época, "mutualismo". Ver Gallotta, 1997, p. 32.

Com tiragem anunciada já no primeiro volume, três mil exemplares, tendo, posteriormente, variado entre 10.000 e 30.000 exemplares (CRUZ, 1997, p. 190).

Conservados em diversos arquivos estão menos de quarenta exemplares dos mais de cem estimados para o período estudado (1915 - 1918). Na Hemeroteca da Biblioteca Mario de Andrade encontram-se, em microfilme, os anos 1915-1917, 1920-1921, também com diversas lacunas, bem como exemplares da segunda fase — uma cópia do mesmo rolo de microfilme encontra-se no Arquivo do Estado de São Paulo. Na seção de Obras Raras da Biblioteca Mario de Andrade estão exemplares físicos. Há dificuldade de localização da coleção completa. Acervos apontados em trabalhos anteriores dizem não possuir referência alguma às revistas, dentre eles a Biblioteca ECA-USP e o Instituo Histórico Geográfico de São Paulo. Durante nossa pesquisa quatro exemplares d'*A Rolha* foram adquiridos pela Hemeroteca da Biblioteca Mario de Andrade, não estando ainda disponíveis para consulta, outros onze foram localizados no Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Distinta de suas conterrâneas em diversas frentes, *O Parafuso* é a única que segue sua periodicidade à risca, viabilizando sua configuração como um legítimo semanário. O levantamento de seus números disponíveis (APÊNDICE F) permite, ainda, algumas outras designações.

A variação de páginas é mínima e, certamente, não ocorreu com frequência, tendo ido de doze páginas entre 1915 e 1916, para 20 em 1917. O mesmo vale para a quantidade de páginas dedicadas a fotografia e publicidade, nunca tendo excedido três. Assim como *O Pirralho,* muitos dos reclames d'*O Parafuso* vinham entre as seções, ou no cabeçalho e rodapé da revista. Pequenos quadros com dizeres como: "Hotel D'Oeste Refeições avulsas no seu grande Salão de Jantar 4$000" (n. 79) "Usae em vossas casas só LACTA chocolate e leite, delicioso ao paladar" (n. 79). Tanto sua segunda capa quanto sua contra capa, eram preenchidas com anúncio de página inteira — nota-se, contudo, que durante julho de 1917, a revista ficou com ambos esses espaços sem qualquer conteúdo, mesmo momento em que o semanário apoiava fervorosamente a Greve…

Diferentemente das outras duas revistas aqui enfocadas, *O Parafuso* assume posição de crítica ferrenha aos poderes dominantes, "Falando o tempo todo em nome do povo, […] 'O Parafuso' trazia a público temas e questões que as imagens da Belle Époque pareciam camuflar" (GALLOTTA, 1997, p. 11). Dirigido por Benedito de Andrade, conhecido por Baby, a revista manteve constantes alguns eixos temáticos: fez crítica ao jogo do bicho, à prostituição, ao trabalho dos curandeiros, ao mutualismo e, principalmente, ao poder político local, notadamente, à figura de Eloy Chaves, então Chefe da Polícia. As críticas do semanário

caracterizam-se, principalmente, pela fiscalização e moralização de comportamentos que considerava desviantes, geralmente com relação a excessos de poder, uso de recursos públicos em benefício próprio, etc. A Greve de 17 também marcou o semanário, que passou a dedicar-se quase exclusivamente ao assunto, defendendo ferrenhamente o povo, encorajando-o ao combate. Todos esses assuntos são enfocados com a escrita peculiar e particular do semanário, irônico, sarcástico, de humor irreverente que ultrapassa os limites do decoro de uma publicação bem composta, resvalando para o humor escatológico do grotesco popular. Ainda assim, seus textos são constituídos de forma heterogênea, não são totalmente sérios ou cômicos, na maioria das vezes, são modalidades que se misturam, havendo uma quebra de hierarquia entre o "elevado e o baixo, o sério e o vulgar", igualando-se, neste quesito, a*O Pirralho* (CHALMERS, 1976, p. 46).

Sua linguagem ousada, pode ser explicativa para o desconforto que representava no meio político e intelectual de então. Tido como periódico sensacionalista, *O Parafuso* era acusado de ser "'verrineiro', '*chantagista', 'jornal de extorsão', 'sórdido panfleto', 'imunda publicação*'" e seu diretor, Baby, era tachado de não literato e jornalista amador pela intelectualidade da época. Oswald de Andrade, ainda em seu livro de memórias, o identifica, junto a outros colaboradores, como "jornalista improvisado":

> Em torno do "Pirralho", juntou-se uma súcia de poetas, escritores e jornalistas improvisados, entre os quais apareceram Paulo Setúbal e um mulato, Benedito de Andrade, que se dava ao luxo de usar o apelido Baby, pronunciado em português: Babi. Esse mulato, espáduo, forte e cabotino, diziam ser um bastardo da família Sousa de Queirós, filho de cozinheira e patrão. Era um analfabeto absoluto, mas senhor também duma suficiência absoluta. Apareceu logo ele com originais de uma crônica esportiva que, corrigidos por mim, publiquei na revista (ANDRADE, 1990, p. 64).

É importante destacar os termos usados por Andrade ao se referir a Baby: "mulato, espáduo, forte e cabotino […] analfabeto absoluto […] crônica esportiva que, corrigidos por mim". Oswald faz questão de destacar aspectos físicos de seu companheiro de profissão, assim como o desmerece intelectualmente, quando expressa seu suposto analfabetismo e a necessidade de ter sua crônica, esportiva, corrigida por ele. Benedito de Andrade foi colaborador n'*O Pirralho* entre 1911 e 1914, passando por diferentes seções e "cargos". No primeiro ano da publicação, Baby parece colaborar nas seções de esporte. Há duas menções diretas ao seu nome que fundam essa colocação: no número dezesseis, a primeira das duas menções, ele faz parte de uma comissão responsável pela fiscalização do Velódromo em uma partida de futebol entre Athletic e Americano (PIRRALHO, 1911, n. 16,

p. 3); na segunda, Baby e outro redator são caracterizados como os "redactores mais ativos", enviados ao Rio para trazer as últimas notícias sobre um "arranca-rabo" (ULTIMA HORA, *O Pirralho*, 1911, n. 21, p. 16).

Talvez por isso as duas publicações se alinhem em diversos pontos, na crítica política — mesmo que mais ferrenha n'*O Parafuso* —, no uso da fala dialetal — o português "macarrônico" —, e colaboração de Voltolino. Ao porque da ferrenha crítica de Oswald à Baby, Gallotta oferece explicação:

> […] pode-se constatar que Baby não faz parte da "galeria de notáveis" de "grandes jornalistas" conhecidos, que quase sempre podemos encontrar em dicionários bibliográficos. Ele, de certa forma, é um dos tantos jornalistas marginais, amadores, que se multiplicam com a expansão do periodismo da cidade no final do século XIX e começo do XX (GALLOTTA, 1997, p. 29).

Baby defende-se das críticas a ele dirigidas em um editorial logo no primeiro ano do semanário. Em "Negro e Soldado", *chronica editorial* publicada no número quinto d'*O Parafuso,* Baby discute acusações racistas de Júlio de Mesquita, com quem havia tido desentendimento em praça pública, que o chamara justamente de "negro e soldado". Defendendo-se na *chronica*, Baby afirma: "Negro porque trago no meu sangue o sangue de minha tataravó. Soldado porque […] criançola, com pouca pratica de vida, uma coisa me fascinava, me seduzia: — a farda do Exercito. Ser militar era um dos meus grandes ideais" (ANDRADE, *O Parafuso,* 1915, n. 5, p. 3).

> Negro e soldado, são, por assim dizer, dois predicados que me envaidecem, que me honram e que… constituiram os insultos que o sr. Julio de Mesquita, me dirigiu, na convicção que me melindraria, me deprimiria, levando como levou o seu velho despeito para o terreno do ridiculo e nada tendo de offensivo que, com justiça, me pudesse lançar em cara. […] Como negro e não nego a raça, proclamo orgulhosamente que ella é a raça-mãe do povo brazileiro [sic].
>
> Como soldado que fui, só tinha-me em mente servir o meu querido Exercito, infelizmente enxovalhado por meia duzia de aventureiros deshonestos e safadamente fisgadaes da raça e do povo brasileiro" (ANDRADE, *O Parafuso,* 1915, n. 5, p. 3).

Desde o seu primeiro número, em 1915, o semanário tem como cerne a denúncia e a moralização da política e de seus personagens. As críticas utilizavam-se do humor e da caricatura, que, por vezes, tornavam-se veementes, sendo comum o uso de um tom violento e combativo. À oligarquia paulista, principal recipiente das críticas da publicação, "[…] eram redigidas em um palavreado considerado impróprio para a imprensa escrita, trazendo muitas vezes termos do 'baixo linguajar' popular" (GALLOTTA, 1997, p. 86). Por isso a

desqualificação do semanário como sensacionalista e de menor valor jornalístico. Durante a publicação do semanário, Baby e *O Parafuso* vão sofrer, pelo menos, quatro processos-crimes, por injúria e difamação, perdendo uns — notadamente os dois primeiros, um movido por Eloy Chaves, pelo qual foi condenado a prisão e serviu sentença, e outro pela Sociedade Monte-Pio e Família, empresa de pecúlios, ou, à época, "mutualismo", tendo se exilado para evitar de cumprir a condenação — vencendo outros — do curandeiro de São Vicente, por exemplo. São esses episódios, dentre outros, os usados para retratá-lo como figura controversa, "[…] alvo de muitos desafetos que, sem dúvida, estenderam-se para a revista" (GALLOTTA, 1997, p. 32).

Selecionado como contraponto às suas conterrâneas, *O Parafuso* coloca constantemente em pauta a dúvida sobre o progresso do país — feito por quem e para quem. Seus interesses, díspares, denotam preocupação para com o operariado e o povo, por eles entendido como os trabalhadores, seja das fábricas ou da economia urbana. Em prol destes, o semanário denunciava repetidamente as figuras que compunham a oligarquia paulista e aqueles a ela mancomunados. A cidade nele enfocada, vai muito além dos limites estabelecidos pelo Triângulo e bairros aristocráticos, Pari, Belènzinho, Barra Funda, Ipiranga, Bom Retiro, Sant'Anna, entre tantos outros, marcam presença nesta publicação.

N'O Parafuso, os cronistas nos levam para longe do moderno centro, nos apresentando a bairros periféricos que abrigam uma grande massa de trabalhadores. Em pleno período de imitação de hábitos e modas parisienses e londrinos, vemos uma São Paulo submetida a uma oligarquia política repleta de interesses próprios, advogando somente por si. Em 1915, por exemplo, *O Parafuso* lança palavra de ordem frente a questão das "Porteiras da Ingleza", chamando o povo do Brás, por elas prejudicados, a dinamitá-las: "Com tres ou quatro bombas de dynamites dá-se cabo daquillo tudo em um segundo" (O POVO DO BRAZ, *O Parafuso*, 1915, n. 23, p. 6). Segundo o próprio semanário, em texto no número quarenta e três, seu programa, sua agenda, é "[…] a destruição dos costumes corruptores e o combate franco ás mumias ambulantes e abjectas que escalam as posições publicas as custas do dinheiro do Thesouro, que é o dinheiro extorquido do Povo" (QUAL O TEU PROGRAMMA?, *O Parafuso,* 1917, n. 43, p. 3).

1. 4. São Paulo faz-se texto: as crônicas e os cronistas

> "[…] seus portadores informais em particular, os cronistas, se puseram a especular" (SEVCENKO, 2014, p. 24).

A imprensa firmava-se nesse momento mais e mais como instrumento-chave de produção e veiculação cultural. Segundo Crespo, esses espaços ofereciam, além da possibilidade de uma sobrevivência financeira, "[…] uma alternativa de criação factível diante da quase inacessível produção literária tradicional (poesia e ficção veiculada em livros)" (CRESPO, 1990, p. 12). Nenhuma das três revistas aqui selecionadas, contudo, apresenta projeto literário específico, como pudemos observar. Cada uma delas ofereceu uma possibilidade de leitura mediante seus "editoriais" de lançamento, nos ajudando a inferir, bem como deve ter sido aos leitores de seu tempo, as maneiras que se tratariam os conteúdos publicados. Os documentos, registros da época, foram analisados de maneira a apresentar a vida social — seus espaços, regimentos internos e externos, atividades etc. —, esteticamente representada.

Atentemos para o fato de que as revistas não oferecem mero reflexo do momento histórico, mas sim o contém engendrado em si, influenciando e sendo influenciadas, elas mesmas por esses registros. Assim, privilegiou-se, durante a leitura dos números das três revistas, textos tidos como crônicas "mundanas". Atenhamo-nos rapidamente aqui: no início do século XX, momento em que a crônica voltava-se para o efêmero e diário, o adjetivo "mundano" não tinha ainda a conotação depreciativa que hoje lhe é atribuída. Vida mundana dizia respeito a vida social, a rotina de festas, chás, teatros e bailes a que só tinham acesso parte diminuta da população paulistana. O que nos permite classificá-las como crônicas são a diversidade de assuntos, seu caráter efêmero e a maneira de retratar a época.

Diferente do que se pode esperar de uma crônica nos dias de hoje, aquelas não eram formadas pelo que é definido por Antonio Candido (1992) como gênero que "[…] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas", de composição aparentemente solta, com ar de coisa sem necessidade que se ajusta a sensibilidade de todo o dia. Também não se tratam das "crônicas editoriais" trabalhadas por Crespo. Essas, traziam junto aos temas leves — festas de fim de ano, carnaval, reminiscências amorosas, o clima — mais frequentes sobretudo n'*A Cigarra* e n'*O Pirralho*, comentários sobre questões conjunturais graves, como a guerra em curso na Europa ou as questões

políticas brasileiras. “Não havia uma hierarquia temática rígida (qualquer tema era tema de crônica) e os assuntos eram abordados de maneira parecida” (CRESPO, 1990, p. 19).

As primeiras décadas do século XX, foram, justamente, momento de construção das várias linguagens que hoje configuram os textos jornalísticos. Portanto, antes de tentar classificá-las, ou desclassificá-las, como crônicas ou editoriais, entende-se que era um momento de proposições, de tentativa e “erro” em que os colaboradores propunham uma mescla entre o literário e o informativo.

> A crônica […] havia encontrado seu lugar nas bem-cuidadas revistas da burguesia ilustrada. Gênero festejado pelo público leitor, tornara-se sobre vários aspectos, “um gênero brasileiro, pela naturalidade e originalidade com que aqui se desenvolveu”. Lograva, por força dos desejados e nítidos laços com o tempo presente, entabular uma espécie de conversa, na qual o tom informativo vestia o comentário dos acontecimentos sem detalhar notícias, sem interesse em permanecer, consciente da precariedade dos jornais e das revistas (LOPEZ, 2004, p. 22-23).

“Filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”, a crônica mundana, já neste início do século XX, não tinha pretensão de durar. Feita para publicação efêmera, “[…] que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (CANDIDO, 1992, p. 14), muitas se reduziam à comentários elegantes, começando com frases que bem delimitavam seu tempo: “no domingo último”, ou “foi a nota *chic* da semana”. “A crônica, a partir da própria etimologia da palavra, guarda a ideia de tempo em seu seio. Porém, de tempo filtrado pelo modo de ver, de sentir, do cronista de jornal. O fato se enriquece nas impressões de quem o observa e o comenta com o leitor” (LOPEZ, 1992, p. 167). Ainda assim, também lhes competia o uso da linguagem poética, metáforas e comparações são frequentes, assim como o humor, que também fazia algumas aparições.

O cronista, nos periódicos aqui trabalhados, “[…] é o senhor da vaidade que retrata e que frequenta, da vaidade que se expõe nas altas rodas e se quer muito bem notada e anotada” (BASTOS, 1992, p. 231). Vaidade essa que se revela na exibição da moda, no frequentar de teatros, concertos, bailes e bares, na ostentação de um gosto afetado e de um “afrancesamento” exagerado. Dentre os tratados, contudo, existem claras diferenciações, algumas os aproximam mais do gênero crônica que hoje conhecemos, outras por sua vez, se distanciam. Deste modo, torna-se importante estabelecer alguns entendimentos sobre quem eram esses cronistas ditos “mundanos” e o que compunham suas crônicas.

De modo geral, trabalhamos com seções específicas que vinham assinadas por seus colaboradores. N'*A Cigarra* as seções de vida mundana não se faziam tão evidentes quanto em suas conterrâneas, visto que ela toda prostrava-se a ser mundana. Ainda assim, alguns colaboradores fizeram-se mais presentes, e importantes, para a pesquisa, são eles Couto de Magalhães, Manuel Leiroz e Juliano Rey.

Couto de Magalhães assina seção de vida efémera: "Aspectos da Rua"[16], entre os números quatro e oito. Marcados pelo criticismo e opiniões fortes, seus textos chamam atenção para situações geradas pelo processo de modernização em trânsito, que precisavam ser retificados. Os próprios subtítulos da seção já são indicativos dos temas tratados: "os mendigos", "as crianças à solta", "de pés no chão", "as loterias e o jogo do bicho" e, por fim, "os autos". Mesmo tomando posição moralizadora frente as questões propostas, Magalhães estava trazendo-as a lume, criticando, de certa forma, um projeto de modernidade em que se escorava *A Cigarra* e seus leitores. Decerto isso influenciou a saída prematura de Magalhães da revista. Suas contribuições são enfocadas no segundo capítulo desta dissertação.

Manuel — ou Manoel — Leiroz fez-se mais longevo na publicação, tendo perdurado por pelo menos três anos, com alguns poucos intervalos e interrupções, colaborado com cerca de trinta e oito textos entre 1914 e 1917. Suas crônicas, de variados temas, aproximam-se mais do que se entende por crônica hoje, não estando absolutamente ligadas ao mundanismo. Algumas delas, por exemplo, são movidas por acontecimentos da quinzena, o ano novo que se aproximava (n. 15, p. 27), o Carnaval (n. 17, p. 18-19); outros estão ligados a pontos de partidas mais miúdos, um dia de sol no Jardim da Luz que o leva a admirar um belo condor (n. 8, p. 20), um dia feio que o faz lembrar da passagem do tempo (n. 22, p. 21), uma manhã de tédio que o leva a um bloqueio artístico (n. 16, p. 14-15); ou, ainda, textos em que reconta alguma história de seu passado (n. 23, p. 17-18), causo humorístico (n. 26, p. 14) ou conto de sua lavra (n. 43, p. 13).

Sobre esses tipos de produções, que opõe a obrigação jornalística de noticiar e criação literária, Brito Broca propõe que alguns escritores não se satisfaziam com o trabalho que tinham que realizar, considerando-o verdadeiro abastardamento da inteligência (BROCA, 1991, p. 218). Nessas revistas mundanas, que passavam a dividir-se em seções, colunas e afins, houve, também, divisão do trabalho, que começa a impor suas inexoráveis normas

---

[16] A seção "Aspectos da Rua", está presente em cinco números diferentes, são eles: 4, 5, 6, 7 e 8. Uma sexta colaboração de Magalhães está presente no décimo segundo número d'*A Cigarra*, porém este não encontra-se sob a seção "Aspectos da Rua" e será enfocado ainda neste capítulo.

(SODRÉ, 1966, p. 340), se tornando um fardo para os homens que se tinham por literatos e não jornalistas.

> As revistas e jornais dos anos 1910 e os materiais que veiculavam (não apenas as crônicas, poemas e contos, mas também os editoriais, artigos notícias) traduziam o espírito de transformação característico da época. O campo tido como literário era mais e mais pressionado pelo jornalismo e, de certa forma, perdia espaço para ele. O literário e ... o literato iam sendo acoplados pela imprensa e submetendo-se às suas leis. Adaptaram-se, é certo, mas conseguiram deixar algumas de suas marcas no discurso jornalístico (CRESPO, 1990, p. 9).

Para além das experimentações estilísticas propostas por Crespo, há de se lembrar que os redatores das revistas dispunham de mais tempo e recursos para a elaboração de suas contribuições que os dos jornais. Assim, os floreios de linguagem, a preocupação excessiva com as figuras de estilo, em busca de embelezamento do texto, ou mesmo a proliferação de sinônimos, são marcas desses colaboradores, aprendizes de escritor (CRESPO, 1990, p. 9 e 10). Nos anos 1910, momento em que os autores nacionais editados vendiam pouco, começava a se ensaiar uma valorização do escritor que, como alternativa profissional, ou forma de aprendizado e prática, acabava optando pelo trabalho na imprensa. "Se poucos livros eram publicados, seria principalmente por meio das páginas dos jornais e revistas que os escritores poderiam […] divulgar suas obras, tornar-se conhecidos do público e até mesmo conseguir chamar sobre si atenção de algum editor" (CRESPO, 1990, p. 4-5).

Apesar de largo volume de produção publicada *n'A Cigarra,* de Manuel Leiroz foram enfocados poucos textos e passagens, a maioria faz referência ao corso canavalesco, às batalhas de flores e outros momentos do mundanismo quotidiano de São Paulo. O grosso de sua produção n'*A Cigarra*, diz respeito a textos com características mais poéticas, ficções floreadas que não se encaixam no mundanismo aqui pesquisado. Não obstante, dessas produções transparecem suas visões de mundo, lidas e interpretadas com intento de decodificá-lo e caracteriza-lo. Alinhado com as proposições da publicação em que colabora, Leiroz demonstra-se nacionalista em diversas ocasiões:

> Nós sommos mesmo um povo moço, cujas qualidades a propria Natureza explica: somos o paiz por excellencia que estranhos procuram, ávidos de participar comnosco da felicidade que nos veste a vida como nenhuma outra terra do mundo: temos um solo que é um immenso thesouro de riqueza, uma paisagem de orgulhosa magestade, um mar que se dilata infinitamente sob a luz de um sol conruscante (LEIROZ, *A Cigarra*, 1914, n. 15, p. 27).

Em alusão ao ano novo que está próximo — virada de 1914 para 1915 —, Leiroz afirma não haver motivos para temer, visto que o Brasil é terra nova e próspera, que é benfazeja àqueles que, procurarem serem dignos da graça divina, dedicando a vida ao trabalho, hão de conquistar o velocino de ouro da felicidade[17]. Ainda segundo ele, "Só não têm direito aos favores da fortuna os fracos […] só não triumpha do mysterioso acaso quem se desvia da moral e da lei". Uma mentalidade que exprime um pensamento de salvação através do trabalho e do culto dos bons costumes consonantes com a moral.

Em colaboração no quadragésimo volume, publicado em 19 de abril de 1916, Leiroz exercita seu nacionalismo na exaltação à figura de José Joaquim da Silva Xavier, Tiradentes. Contribuindo para a produção do personagem heróico em prol da liberdade, Leiroz reconta uma versão dos acontecimentos, que culminam em: "[…] como um cordeiro, entregou-se sem um protesto ao braço do algoz, não sem primeiro erguer um grito á liberdade, grito que vinte annos depois se tornava a realisação do ideal desse admiravel pioneiro que, com o sacrificio de sua vida, conseguira preparar victoriosamente a independencia de seu paiz" (LEIROZ, *A Cigarra*, 1916, n. 40, p. 25).

Em outras colaborações, seu apreço pelo recato e bons costumes é outra faceta que transparece. Em texto no quadragésimo sexto número d'*A Cigarra*, Leiroz condena jovem moça que optara por uma vida no teatro à família. Tida como "tresloucada", ele festeja o fato de, após rapto conduzido pelo próprio pai e pelo marido às portas do teatro em que ia se apresentar, não tenha mais encontrado seu nome nos jornais, julgando que a vida no interior "conseguiu uma vitória" sobre as "perdições" do teatro (LEIROZ, *A Cigarra,* 1916, n. 46, p. 20). Este texto, bem como outros em que discorre sobre o feminino serão enfocados no terceiro capítulo do presente trabalho.

Leiroz assina pouco mais de trinta textos, entre 1914 e 1917 — uma tabela com todos eles pode ser conferida nos apêndices (APÊNDICE C). Assim como n'*O Pirralho*, à entrada e saída de colaboradores não é oferecida qualquer explicação, adicionalmente não há padrão de publicação, ou seja, seus textos não eram quinzenais, mensais ou bi-mensais, saindo de maneira errática, geralmente, em lugares diferentes da revista. Alinhada ao padrão d'*A Cigarra* de frequentes mudanças estéticas, mesmo na própria logomarca, os textos de Leiroz não pertenciam a uma seção específica, como n'*O Pirralho*. Mais parecido com as crônicas atuais, as colaborações de Leiroz vinham identificadas conforme o título do texto, com sua assinatura, acompanhada de data, apenas no final.

---

[17] Uma alusão a lã de ouro do carneiro alado Crisómalo.

Figura 1 - Manoel Leiroz, publicada n'*A Cigarra*, 1915, n. 23, p. 24

Por fim, Juliano Rey, colaborou n'*A Cigarra* entre 1915 e 1917, cerca de doze textos no total — uma relação com todas as suas colaborações também pode ser conferida nos Apêndices (APÊNDICE C). Nas crônicas de Rey predomina o universo feminino, comentários acerca do vestuário, aparência e índole pululam nos seus textos, algo que não deve soar incomum, visto que a revista é tida como majoritariamente de interesse feminino — apesar de ser uma revista de variedade. Contudo, suas percepções acerca deste tema constituem, entre outras asserções, as normas da sociedade burguesa paulistana, seja criticando ou propondo valores para conservar uma imagem do feminino. Seus textos apontam para a valorização dos papeis tradicionais de mãe, esposa e dona de casa, ao mesmo tempo em que a revista pregava modernização de diversos modos de vida. Cabe lembrar, contudo, que a liberdade apregoada pela modernização por que passava São Paulo, circunscrevia-se a liberdade de consumo, ao mundanismo, como passear pela cidade, frequentar bailes, festas e chás, fazer visitas, dirigir automóveis, praticar esportes e seguir as

novas modas, não implicando em lutas políticas ou sociais (PRADO, 2003, p. 117). As visões de Rey acerca deste universo serão enfocadas no terceiro capítulo do presente trabalho. Ademais, Rey também assemelha-se a Leiroz no que diz respeito a produção de pequenos contos de caráter poético ("Impressões da Manhan", *A Cigarra,* 1915, n. 27, p. 20), certamente um igual ensaio para a profissão de escritor.

O Parafuso, dentre tantos outros momentos, vai se mostrar distinta de suas conterrâneas também neste ponto. Pelo menos no que diz respeito ao período pesquisado, os colaboradores do semanário eram poucos, quando assinados, seus textos vinham quase sempre identificados com pseudônimos: "Gavroche", "B", "Baby", "Zé Tomas", "Pindoba", "Panfucio", "Sub-Rostris", "K", "Armand Fouquiéres", "Sabe Tudo", entre outros. Como já explicitado, alguns destes pertenciam ao próprio Baby, o fato é que a revista é fortemente marcada pela personalidade de seu diretor. O uso comum dos pseudônimos, particularmente pensando n'*O Parafuso,* pode dizer respeito a postura combativa e ousada do semanário, "[…] que gerava um clima de tensão permanente com os setores dominantes, atraindo inúmeros inimigos" (GALLOTTA, 1997, p. 27), pensando desta forma, o uso dos nomes falsos pelos autores os protegiam, mesmo que superficialmente, de suas colocações veementes.

A maioria das colaborações a'*O Parafuso* aqui enfocadas, não leva assinatura, nos habilitando a postular que elas poderiam ter sido produzidas pelo próprio Baby. Uma justificativa para tal postulação, dentre outras, pode ser a campanha contra o jogo do bicho, feita pel'*O Pirralho*, com mais veemência, entre os número 140 e 154 — parte do período em que Baby é identificado como diretor do semanário. Uma segunda campanha, muito similar a esta, é desenvolvida pel'*O Parafuso* durante longo período, veja nota do número 15 de junho de 1915:

> Foi ha tempos num outro semanario então sob a direcção do nosso actual director, que uma campanha séria, violenta e bem orientada poz em alvoroço o meio jogador de S. Paulo forçando a policia a tomar energicas providencias repressivas contra o nosso maior cancro, o insaciavel malheiro dos que confiam exclusivamente na sorte. Reencetamos hoje essa campanha, certos de que fazemos um bem, de que prestamos um relevante serviço a todo o S. Paulo (O PARAFUSO, 1915, n. 15, p. 5).

Campanhas como a do jogo do bicho, foram frequentes no semanário. No decorrer desta dissertação, serão enfocadas campanhas contra as "porteiras da Ingleza", contra os abusos no uso de automóveis públicos e contra às fitas pornográficas em certos cinemas da capital. Todas elas causas de cunho popular, em que *O Parafuso* vai se postar em defesa do

povo, ocupando grande parte de suas páginas com críticas aos políticos e governantes de plantão, principalmente aqueles associados a oligarquia paulista. Nessas campanhas, transparece o programa do semanário: denunciar as negociatas políticas, corrupção, favoritismo, clientelismo e o descaso com o dinheiro público.

Para além destas, que não levam assinatura alguma, no período pesquisado um cronista nos oferece alguns pontos para reflexão sobre a profissão e quem a desempenhava. No número segundo de 1915, um Armand Fouquiéres[18], chama atenção dos cronistas paulistanos:

> Vivem os chronistas elegantes de S. Paulo apregoando alacremente, pelas colunas de nossa 'independenterrima' imprensa que S. Paulo se civilisa e pode trocar as cristas com a 'haute gomme' de Paris ou Londres, sem receio de ficar collocado em posição inferior […] Estamos em pleno periodo de imitação em materia de habitos e modas e si não assimilamos bem ainda, é por culpa da inepcia arrogante e tola dos nossos directores mundanos (FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4).

Em sua coluna, intitulada "Elegancias Paulistas" — também de curta existência, tendo sido encontradas apenas duas, uma no número segundo e outra no quinto —, Armand Fouquiéres alerta para a inépcia da dita modernidade aqui praticada. A vida elegante de então foi caracterizada como "[…] apenas um plágio, um arremedo mal feito, uma cópia borrada, imitação grosseira do que se passa na alta sociedade dos países cultos…". As fotografias d'*A Cigarra* e as *chronicas* d'*O Pirralho,* não mostraram os"tropeços" e desalinhos produzidos pelas pessoas que buscavam ser elegantes, assim, o cronista d'*O Parafuso*se propõe a preencher esta lacuna. Armand Fouquiéres[19], deixa patente sua opinião quanta a "imitação em matéria de hábitos e modas", bem como sua origem, "a *haute gomme* de Paris e Londres", mas talvez mais interessante, ele responsabiliza os tais "directores mundanos" e, pela difusão desses hábitos, os *chronistas elegantes* da *independenterrima* imprensa paulistana. Trataremos de suas duas *chronicas* no decorrer do presente trabalho, mas faz-se interessante realçar, ainda, um outro ponto. Note que, apesar de evidenciar descontinuidades entre o que clama a imprensa e o que ele próprio observa, seu ideal de sociedade parece, ainda, ser algo a se

---

[18] O nome deste cronista pode ter referência ao autor André de Fouquières (1895-1959). Expoente do mundanismo francês, ele pode ser comparado a Anatole France, com títulos como "Mon Paris et ses Parisiens…" (diversos tomos), "Promenade au Bois" ou "Vers le Point du Jour"

[19] Um cronista com este mesmo sobrenome assina duas colunas em 1917 n'*O Pirralho*. Sob título "Thesoura Mundana", Fouquiéres adota um tom um tanto quanto mais moderado, se comparado com empregado n'*O Parafuso*, suas colunas naquela publicação também versam sobre assuntos mundanos, com tom de crítica e troça que realça incongruências. Ver números 237, p. 11, 238 p. 13 e, este sem qualquer assinatura, 239, p. 8.

aspirar, com os evidência, como base nos países cultos, os mencionados anteriormente, França e Reino Unido.

N'*O Pirralho*, seções de vida social, comportamentos e moda estiveram presentes desde o primeiro número, mesmo perpassando alguns hiatos, esses assuntos se mostraram constantes na publicação. Dentre os autores dessas colunas, os mais expressivos para a presente pesquisa são Jayme da Gama, Marcus Priscus e Ruy Blas.

Já no primeiro número da revista, de 1911, em seção sob o título: "O Pirralho Chic, A Vida Mundana", temos nosso primeiro colaborador, Jayme da Gama, que se manteve n'*O Pirralho* até o início de 1912, tendo sido responsável por dezesseis colunas. Em suas colaborações, Gama "[…] conversa com o leitor que não só gosta, mas precisa de quem converse com ele, dizendo-lhe os sentimentos experimentados no dia-a-dia, frente aos fatos que todos conhecem de algum modo, ou frente às ocorrências da vida pessoal de quem escreve" (LOPEZ, 1992, p. 166). O espaço de Gama, de não mais de uma coluna, é preenchido por contestações e reivindicações sobre a vida mundana, hora chamando atenção para sua suposta pacatez, hora elogiando os hábitos sociais que se faziam cada vez mais presentes. Comentários sobre moda — "Com a volta do bom tempo temos apreciado deliciosas *toileites* leves, claras e vaporosas" (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 4, p. 12) — espaços elegantes e perfis de moços e senhoritas também fizeram parte da seção. O assunto de maior ocorrência, e principal foco do segundo capítulo do presente trabalho, é a poeira enfrentada durante os passeios na Avenida Paulista, ou simplesmente Avenida, como mais frequentemente se referia Gama. Nesse assunto ele se faz cronista, frente ao fator poeira, uma ocorrência em sua vida pessoal que é experimentado, partilhado, pelos leitores.

Com a saída de Gama, sem satisfação alguma por parte d'*O Pirralho,* a revista fica todo o primeiro semestre de 1912 sem cronista mundano, fazendo rápidos comentários sociais, sobre um baile ou outro, alguns concertos e outras notas esparsas. Dentre os cinquenta números que compõem *O Pirralho* de 1912, foram encontradas duas tentativas de replicar, ou de continuar, a seção antes assinada por Gama. O número quarenta e cinco, de quinze de junho, marca o lançamento da seção "O Pirralho na Sociedade", em que seu autor, Bacharel Petronio, promete que "[…] o pirralho tem acompanhado de perto a evolução social, no seu progresso e aperfeiçoamento" e que dali em diante haverá "[…] um pirralho amiguinho, frequentador dos salões da nossa mais distincta sociedade, que aqui contará (guardando a discreção necessária) tudo o que nelles se passar digno de nota" (PETRONIO, *O Pirralho*, 1912, n. 45, p. 16). A seção, não passa do número seguinte, com seu autor nos oferecendo

possível motivo para sua derrocada: "S. Paulo resente-se na presente estação (o que, aliás acontece todos os annos) de reuniões sociais. O chronista, nestes tempos, vê-se em sérias difficuldades para narrar… o que não se dá, o que não occorre. É paradoxal, mas é verdade" (PETRONIO, *O Pirralho*, 1912, n. 47, p. 9). A, aparente, insuficiência de assunto leva a seção a não ter motivo de ser. Por fim, no número cinquenta e um, que precede seu primeiro aniversário, a publicação anuncia nova "revista":

> Resolvemos, dentro da nossa revista, fazer uma outra, e esta illustrada, trazendo collaboração escolhida. Uma revista *chic* é o que pretendemos fazer. No proximo numero começará pois intercalado no "Pirralho" *O Pirralho Chic*, ficando, entretanto, aquelle tal qual é: leve, troçando apenas ao de leve dos factos de actualidade e… fazendo, como fez sempre, apearem-se os Pachecos do altissimo poleiro da consagração da burguezia. Com *O Pirralho Chic, O Pirralho* será desmamado… completa *um anno* (O PIRRALHO, 1912, n. 51, p. 9).

A seção, em sua estreia no número seguinte[20], vai ocupar três páginas, um encarte em páginas brancas, diferentes do papel *couché* do restante do volume. Ricamente ilustrada, a seção traz poemas, sonetos, colunas de moda, conto assinado por Guy de Maupassant e ilustrado por Lobel-Riche e, por fim, uma nota sobre o enlace de Lacaz Machado e Papaterra Limongi. O encarte, contudo, não passa do número cinquenta e seis, tendo existido por apenas cinco números (52-56). Esses são marcados por rápidas notas sociais, como "Esteve magnífica a recepção de…" (n. 53) ou "Esplendidamente magnifico o baile promovido nos salões do Germania…" (n. 54). São esses rápidos comentários, que não preenchiam mais de uma coluna com texto — quando 2/3 delas não era composto pelos nomes dos convidados — que também caracterizam as notas mundanas do restante do ano de 1912 e primeiro semestre de 1913. Nestes anos, a seção social chama-se, adequadamente, "Notas Mundanas".

De natureza esparsa, a seção "Notas Mundanas" está presente nos números 63 e 72 de 1912 e 73, 80 e 88 de 1913. Para além destas, alguns poucos textos podem ser tidos como mundanos e sociais, estes tratam de assuntos como exposições de arte, moda, eventos — bailes principalmente — nenhum destes, no entanto, vem assinado, tendo mais característica de relato noticioso, visto que se prestava a dizer apenas o que havia se passado, geralmente de maneira elogiosa. Uma lista com essas colunas pode ser verificada nos Apêndices (APÊNDICE E).

---

[20] O quinquagésimo segundo volume marca o primeiro aniversário da publicação, o exemplar, com quarenta páginas, é ricamente ilustrado com fotografias, prática incomum para *O Pirralho*, que durante seu primeiro ano só publicara as fotografias de seus padrinhos no primeiro número.

Em maio de 1913, o nonagésimo número d'*O Pirralho* nos apresenta a Marcus Priscus, autor de seção intitulada "Coisas da Rua". Pseudônimo de Dolor de Brito[21], Priscus, faz-se cronista no seu saudosismo por São Paulo antiga: "A virtude ergueu e o vicio demoliu… Essa foi a reflexão que nos assaltou o espirito, ao ouvirmos o hymno que as picaretas entoavam ao trabalho e ao progresso, demolindo aquelle velho casarão da rua S. João" (PRISCUS, *O Pirralho,* 1913, n. 89, p. 15). Eterno apaixonado pela rua, Priscus a tinha como uma doce amiga, "[…] sempre, sempre, a eterna resurgidora do passado" (PRISCUS, *O Pirralho,* 1914, n. 127, p. 3), uma "[…] deuza de bondade e de horrores, que me dá sempre as mais variadas e desencontradas emoções" (PRISCUS, *O Pirralho,* n. 95, p. 17). Seu amor pela rua — sempre por ele escrita em maiúscula —, representativa das novas sociabilidades, provisora do inesperado e conectora dos novos espaços, é tanto que a endeusa, e tem dificuldade de deixá-la, mesmo para escrever suas crônicas:

> Que pena que as coisas da rua, não possam ser escriptas na Rua! É doloroso o cumprimento de um dever... Ainda ha pouco, eu estava na Rua, appreciando o que ella tem de vario, de bom, de ruim, de são, de pôdre, gosando a cada momento a delicia de um imprevisto, quando um monstrengosinho postou-se diante de mim e apontou-me para a redacção do jornal onde uma mêsa, umas tiras de papel e um tinteiro, jaziam abandonados completamente (PRISCUS, *O Pirralho,* 1914, n. 128, p. 3).

Chamo atenção para o nome de sua seção, de longa vida na publicação, estando presente entre 1913 e 1915 — mesmo com diversos hiatos e intervalos —, ela demonstra a importância do espaço "rua". A revista supria necessidade de um cronista urbano, que cantava as maravilhas e o sórdido proporcionados pelo espaço público. Chamo atenção, também, para a oscilação inicial de lugar na revista: durante seu primeiro ano, a seção poderia ser encontrada em qualquer uma das vinte páginas d'*O Pirralho*. A partir do número cento e dezoito, contudo, a coluna de Priscus fixava-se na terceira página[22]. Essa mudança indica

---

[21] Dolor de Brito Franco nasceu em Minas Gerais. Advogado, foi também redator e diretor d'*O Pirralho*. Em março de 1930 foi eleito deputado federal por Minas Gerais e tomou posse em junho. Teve o mandato interrompido em outubro seguinte em decorrência da vitória do movimento que levou Getúlio Vargas ao poder e extinguiu todos os órgãos legislativos do país. PINHEIRO, Luciana In: Dicionário histórico biográfico da Primeira República (1889-1930) [Recurso eletrônico]: Coordenadora geral Alzira Alves de Abreu - 2015 apud CAM. DEP. Deputados Brasileiros (p. 67); Monteiro N. Dicionário (v. 1, p. 271); SODRÉ, N. História. O pseudônimo foi identificado a partir da leitura de Capelas (2009, p. 16), contudo, Crespo (1990, p. 75), acreditava ser Priscus um "pseudônimo ônibus", visto que assinava textos com as mais variadas temáticas — desde cartas de amor, endereçadas a uma Violeta, a colunas com comentários políticos sobre diferentes personalidades, intitulava-se "Varões ilustres do Brasil", com subtítulo "em seguimento a obra de Plutarco".

[22] Com exceção apontada para os números 134, 171, 172, 189 e 195.

possível sucesso da coluna, visto que esta página era a que abria a revista, primeira em que havia textos, geralmente, os de caráter *chronica editorial*.

Priscus escrevia sobre tudo aquilo que a rua lhe proporcionava. Curioso e atento, como todo bom *flâneur*, sua atenção podia ser despertada por um agrupamento de pessoas, "Passei pelo largo da Liberdade nesse dia. Fardas e galões, metaes reluzentes do instrumental da banda policial, relucentes cartolas encimando cabeças […] tudo isso fêz-me saltar do bond e ir, curioso que sou, ver o que havia" (PRISCUS, *O Pirralho,* 1913, n. 93, p. 10); por uma cigana a quem oferece a palma da mão "Foi n'uma noite assim que eu vi, encostada n'uma arvore de praça, cheia de magoa no olhar, uma doce cigana, ciganinha formosa, que tirava sortes, contava historias, advinhava o futuro e arranjava casamentos…" (PRISCUS, *O Pirralho,* 1914, n. 126, p. 3); ou, ainda, pelas luzes feéricas e jovens moças que iluminavam uma *kermesse*: "No jardim da luz e das flores, da luz, por que a illuminação era feèrica; das flores, porque as graciosas creaturas femininas o enchiam todo, houve uma Kermesse, durante quatro dias desta semana que se finda. Houve uma Kermesse do Amôr…" (PRISCUS, *O Pirralho,* 1914, n. 140, p. 3).

Fundamentalmente mundano, poucas das suas colunas se afastam deste universo temático. Ainda assim, Priscus mostra-se enfadado com o novo, este que o proporcionou sua fetichizada rua:

> Alguma coisa me arrastava para a Rua, qualquer coisa me prendia em casa. Depois dessa lucta entre essas duas correntes que se degladiavam dentro de mim, venceu a primeira. Sahi. Nada de novo pela Urbs. As mesmas caras. Dandys exhibindo fracks, moças romanticas exhibindo olheiras e carmins. Entrei n'um cinema. Não havia encantos, sahi. Fui ao bar. Sentei-me e pedi ao garçon, velho amigo meu, que me désse uma bebida que eu ainda não tivesse bebido, na minha vida. Diante do meu bizarro pedido, o garçon attendeu-me. Começou então a desfiar-me todo aquelle rozario enorme de nomes os mais exquisitos das bebidas que haviam no bar. Nenhuma delas era nóva para mim. Bebi então um cointréau. Chegaram-me os primeiros amigos (PRISCUS, *O Pirralho*, 1913, n. 91, p. 16).

Mesmo com uma distância de dois anos entre Gama e Priscus, ambos cantam certa pacatez na *urbs*. Ambos a enxergam como projeto de cidade civilizada e moderna, mesmo que projeto bem encaminhado… O último número de 1913, contudo, dá voz ao nosso cronista mais expressivo, Ruy Blas.

A seção mundana de maior expressividade na publicação, *Pirralho Chic*, posteriormente rebatizado de *Pirralho Social*[23], tem como principal autor Ruy Blas. A seção está presente desde o número cento e vinte e três até o duzentos e dez, primeiro de 1916, com um único intervalo no número duzentos e dois, somando quarenta e cinco números. Nesta seção, Blas explora os diversos festejos modernos, comenta sobre as *soireés* no Municipal, sobre os bailes do Concórdia, os *pic-nics, thé tangos,* as *kermesses,* o corso carnavalesco e diferentes eventos esportivos, dedicando-se quase inteiramente ao mundanismo.

O dr. Irineu Machado visitando a nossa redacção. S. exc. "posa" em companhia dos redactores Marcus Priscus Jacintho Góes, Ruy Blas e Gavroche.

Figura 2 - Os *chronistas* d'*O Pirralho*o, publicada no n. 134, 1914, p. 3

A foto acima, publicada no número 134 d'*O Pirralho*, mostra Baby de Andrade (identificado como Gavroche na legenda), sentado ao lado do dr. Irineu Machado, que visitava a redação, Dolor de Brito, nosso Marcus Priscus, ao lado dele, com o rosto virado para a câmera, e Ruy Blas. O instantâneo confirma a identidade tanto de Gavroche, quanto de Marcus Priscus.

---

[23] Entre os número 124 e 139 a seção tem título *Pirralho Chic*. No número 140, ela é rebatizada para *Pirralho Social*, momento em que passa a ser assinada por um — ou outro — pseudônimo, Voltaire. Números depois, descobre-se tratar do próprio Blas: "É o nosso Ruy Blas, que de uns tempos para cá se apresenta sob o pseudônimo de Voltaire, prestando a nossa revista o valioso auxílio da sua colaboração aprimorada e inteligente" (O PIRRALHO, 1914, n. 147, p. 7). Blas torna a assinar a seção, que havia passado por "outras mãos", entre os números 158 e 201, quando há novo hiato — números em que a seção é "assinada" simplesmente por Interim — e posterior retorno até sua derrocada em 1916, sem satisfação.

As diversas mudanças de autor e diagramação das seções de vida mundana d'*O Pirralho*, contudo, em nada afetam o conteúdo, sempre trazendo comentários sobre bailes, festas, teatros, cinemas e sobre quem nestes lugares esteve. As observações, por vezes ácidas, diziam respeito as atitudes de algumas *mademoiselles* e cavalheiros, bem como às roupas e acessórios que portavam.

Nos textos explorados nesta pesquisa, principalmente n'*A Cigarra* e n'*O Pirralho* — com destaque maior para esta —, reina o uso de expressões em francês e, em menor grau, em inglês. Usados, sem dúvida, de maneira a realçar a origem do costume, dando-lhe característica ainda mais acentuada de algo moderno e novo, os estrangeirismos designavam itens da moda e da vida social. Comentavam-se sobre as *toilletes* das jovens moça nos *pic-nics,* verdadeiros *rendez-vous,* de que participavam *jeunesse dorée,* sempre com *glamour* eram tratados os *five o'clock teas,* os *meetings* e as *garden parties,* onde o *flirt* era atividade com que as *jeunes filles* estavam preocupadas. Já foi estabelecido neste início, que existia uma fixação pela vida e costumes europeus que aqui se queriam replicados, mesmo assim, não surpreendendo a ninguém, *A Cigarra*, vai se fazer oposta a este costume, caindo em contradição consigo mesma.

Em crônica no número doze de 1914, Magalhães parabeniza iniciativa da Prefeitura de São Paulo que optou por taxar as casas de comércio cujas tabuletas, e outros meios de publicidade, contivessem dizeres estrangeiros: "Nada de *Palais Royal,* de *Au Paradis des Dames*, de *Hals Store* e quejandos nomes que, através de gestos simiescos, copiamos de grandes bazares francezes e inglezes" (MAGALHÃES, *A Cigarra,* 1914, n. 12, p. 20). Magalhães reconhece, no decorrer do texto, que o "português sofreu muito em São Paulo, mais talvez que em qualquer outro estado", adulterada pela colaboração de alguns elementos estrangeiros, ele defende, nossa língua foi dando lugar a criação de uma espécie de dialeto bárbaro, conforme podia-se atestar pelas tabuletas comerciais. "Ainda agora leio, numa dessas revistas, que no ultimo baile do Concordia as *toilettes* eram *revissantes* e que a fina ceia foi servida *en petites tables*. A isto se chama escrever em estylo chic!" (MAGALHÃES, *A Cigarra,* 1914, n. 12, p. 20)[24].

---

[24] Os nomes franceses, em especial no ramo da moda, povoavam o comércio das ruas paulistanas do Triângulo: *Louvre, Au Printemps, À Pygmalion, Au Paradis des Enfants, Au Bon Diable, À la Ville de Paris, Au Bon Marché, À la Belle Jardinière, Grand Bazar Parisien, Au Figaro de Paris, Palais Royal, L'Ópera, La Saison, Petit Bazar, Notre Dame de Paris*. Os nomes de tecidos, e de tantos outros artigos eram mantidos na língua francesa. Não havia a menor preocupação em traduzi-los porque […] era assim que os anunciantes pretendiam que chegassem ao consumidor: sempre relacionados a uma bela e nítida imagem da Torre Eiffel, do Arco do Triunfo, dos *grand magasins* de Paris, da Ópera Garnier, do Louvre (OLIVEIRA, 2014, p. 132).

A contradição está no fato de que, apesar das críticas de seu cronista, *A Cigarra* jamais deixou de utilizar expressões estrangeiras, ou de exaltar as novidades por ele trazidas. Como revista feita pela e para a elite, exaltar o português e veicular estrangeirismos, pode ser considerada uma maneira de impor e manter uma diferenciação entre povo e elite, visto que o francês, como veremos um pouco adiante em posicionamento de um segundo cronista d'*A Cigarra*, poderia "permanecer interesse de uma minoria de indivíduos".Para mais, tanto *O Pirralho,* quanto *A Cigarra* tinham por hábito veicular textos inteiramente escritos em francês. *O Pirralho* chegou a publicar uma entrevista com Eloy Chaves, então secretário da justiça, cujas respostas eram todas em francês (com uma série de erros gramaticais e incorporação de traduções, por assim dizer, literais)[25]. *A Cigarra*, por sua vez, publicou o primeiro ato de *Mon Couer Balance*, peça teatral de autoria de Oswald de Andrade eGuilherme de Almeida — além de promover, na sua redação, a leitura integral da peça (CRESPO, 1990, p. 175).

Referenciais externos, marcavam desde as ideias veiculadas nas revistas, até seu vocabulário. Por influência do estrangeiro, houve grande interesse, em termos literários, pelo regionalismo — apesar de não enfocado nesta pesquisa, foi comum à imprensa da época produções que satirizavam as diversas comunidades de imigrantes que aqui se estabeleceram — tendo n'*O Pirralho*, um dos principais expoentes desta corrente literária, através de suas seções italiana e alemã. Estes textos têm características profundamente nacionais: as vicissitudes da sociabilidade de imigrantes e estrangeiros, as representações de ambientes e personagens populares — o tão famoso Juó Bananére, que classificava-se como "Barbieri i Giurnaliste" — e o "português macarrônico" — com encartes presididos por imigrantes alemães, por exemplo, "O Birralho, Xornal Allemong". Foi essa produção paulistana, que deu "[…] guarida à representação plástica de experiências sociais até então inéditas na tradição do academicismo nativo […], arejadas em chaves estilisticas que buscavam ajustar o material novo a ser representado às lentes moldadas pelo ecletismo das variadas fontes e influências externas" (MICELI, 2003, p. 20).

O Parafuso, por sua vez, manteve seção integralmente escrita em italiano, a "Sezione Italiana". Identificada em pelo menos quatorze números, do sessenta e sete ao

---

[25] À título de ilustração, sobre a maneira em que se escrevia em francês: publicado n'*O Pirralho* de 16 de dezembro de 1911, na seção "Lettres Politiques", assinado por um Victor Hugo, lê-se: *Monsieur Redator, Monsieur Rodolpho Miranda ne cave pas mais nada ici en S. Paul. Il pense que isto ici c'est la maison de Maria Joanna? Il s'engane rendondement, parce qu'él est un coió très grande. Talvez il acredit que les paulistas ne conhecent pas le jogo de lui?* (HUGO, Victor, *O Pirralho,* 1911, n. 19, p. 7).

oitenta, um Netarcus tratava de assuntos de interesse específico à colônia italiana. Não foi identificado uso de "italiano macarrônico" nesta seção.

Para mais, havia representação do caipira, do sujeito interiorano, em todas as três revistas. *A Cigarra* publicava, sistematicamente, algumas seções de cunho caipira e folclórico, pequenos causos narrados por personagens caricatos — algumas falas, inclusive, com uso do português macarrônico, com sotaque interiorano —, além de fábulas e folclore oriundos do interior do país. Um dos principais colaboradores desta tema é Leven Vampré, cujos textos poderiam se alongar por até três páginas, sempre intercalados por imagens, ver, por exemplo, os números 29 (p. 45-48); 30 (p. 46), este assinado por um Faustino Cavalcanti; ou 32 (p. 35). *O Parafuso*, também incorporando as práticas de linguagem do caipira, veicula em 1917 seção intitulada "Cartas de um Roceiro" — ou "Cartas de Roceiro" — assinadas por um Zé Thomaz. Escritas em versos, Zé Thomaz constrói diálogo com o leitor, que dele depreende diversos assuntos correntes: "Eu tenho muito, comadre,/Que lhe contar da cidade:/ Mexerico é o que não falta,/Não falta aqui novidade,/Pois houve aqui no governo/Uma bruta tempestade" (THOMAZ, *O Parafuso,* 1917, n. 47, p. 13) ou "Istrodia na Avenida/(Que caso repugnante!)/Uma creada abordou/Em plena rua o armirante,/Porque o cujo, seu comadre,/ Não quiz pagar o ordenado/Que devia ao supricante" (THOMAZ, *O Parafuso,* 1917, n. 48, p. 9).

O Pirralho veiculava crônicas caipiras que traziam sua marca típica, a irreverência. Intitulada "Cartas de um Caipira", a seção de maior expressividade é assinada por um Fidencio José da Costa — às vezes simplesmente Fidencio da Costa —, pseudônimo de Cornelio Pires[26]. Por vezes escrita em versos, com jeito de cartas ao redator d'*O Pirralho*, as colunas de Fidencio contavam seus causos pela cidade, como quando entrou numa briga num "treato de luxo", visto que um "ter sojeito, no seu cachimbo pitano, na cara da minha fia, as fumaça ia sortano" (COSTA, *O Pirralho,* 1912, n. 49, p. 17). Ou, quando saiu "cum allamão destrocido, lembrá o tempo de perarta", para "as coìza bôa aperciá. Ota inferno! O buniteza! Fui vê as muié cantadera… tavam fazeno proeza, mostrano aquellas pernera aquellas diaba franceza" (COSTA, *O Pirralho,* 1912, n. 51, p. 18). Pires, ademais, assina com seu próprio nome versos também escritos em "português caipira", identificados pel'*O*

---

[26] Identificado pela própria revista em algumas ocasiões. Logo em sua primeira aparição, no número dois d'*O Pirralho,* Fidencio inicia sua nova seção com: "Seô Redatô do Pirraio, cumo eu ando leno no sjorná úas bobiciada de nho Cornélo, que strodia teve aqui in casa, tamem se arresorvi a escrevê úas cois pr'a ponha no seu jorná que é brincadô mas num é bandáio (COSTA, *O Pirralho*, 1911, No 2, p. 7). No número cento e dois de 1913, em nota na página de *chronica editorial* anuncia-se que: "O notavel poeta caipira Cornelio Pires continuará a sua bella collaboração no *Pirralho*" (O PIRRALHO, 1913, No 102, p. 5).

Pirralho como "versos dialetais" (O PIRRALHO, 1911, n. 9, p. 9) — ver, por exemplo, número 48, 88, 93, 96 entre outros.

O "regionalismo local", produzido e veiculado n'*O Parafuso* e n'*O Pirralho,* está ligado com a literatura popular pelo lado da sátira e da paródia, que, como coloca Chalmers (1976), são modos de representação cômica — junto ao pastiche e ao português macarrônico — que se associam aos gêneros franceses praticados pela boêmia. Estes, ainda, parecem constituir crítica ao parnasianismo, preparando "[…] terreno para os debates que se abrirão com as manifestações da Semana" (CHALMERS, 1976, p. 38). De qualquer forma, as palavras estrangeiras não deixarão de frequentar as páginas impressas, ao menos no que diz respeito a duas das três revistas consultadas.

Pudemos atestar, por fim, que as publicações aqui apresentadas são um tanto quanto complexas. Tendo em vista as *chronicas* que vamos enfocar adiante e o restante do conteúdo a que se teve contato, impedi-nos de taxá-las, puramente como "moralistas", "cômicas" ou "verrineiras". O mesmo pode ser dito sobre os cronistas, mesmo daqueles de quem só restaram alguns textos. Suas opiniões e visões de mundo são repletas de nuances que não podem ser ignoradas ou suprimidas em favor de uma classificação simplista. O que podemos reconhecer, de fato, é que a produção literária por eles legada, nos permite remontar a uma São Paulo do início do século XX, um material que admite um estudo do imaginário urbano que permeava aquela sociedade.

Cena armada, ao primeiro ato.

2. O VER E O SER VISTO: A RUA, O CORSO E SEUS PERSONAGENS

Estamos em pleno periodo de imitação em materia de habitos e modas e si não assimilamos bem ainda, é por culpa da inepcia arrogante e tola dos nossos directores mundanos.

FOUQUIÉRES, Armand, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 4

Colunista de vida mundana n'*A Cigarra*, Couto de Magalhães traz, no sexto volume, seção intitulada "Aspectos da Rua". Com o subtítulo "de pés no chão", o colaborador apresenta resolução do Conselho Municipal do Rio que pretende proibir o trânsito de pessoas descalças, ou "em mangas de camisa", nas ruas centrais. Medida que, para Magalhães, "[…] só merece applausos e que […] será bem recebida com prazer tambem pela nossa população".

> S. Paulo modernisa-se, vai deixando aos poucos a carcassa da cidade colonial de Piratininga. Pode mesmo dizer-se que da antiga terra de Tibiriçá só possue, quasi no mesmo estado primitivo a varzea do Carmo, que o ilustre prefeito pretende embellezar. A picareta civilisadora tenciona rasgar-lhe novas avenidas e o progresso já substituiu em toda parte os pesados casarões antigos por predios elegantes (MAGALHÃES, *A Cigarra,* 1914, n. 6, p. 22).

A substituição do velho pelo novo é justamente aquilo que está posto em pauta. Da rejeição à São Paulo antiga, com a várzea em seu estado "primitivo", ao "embelezamento" promovido pelo ilustre prefeito. Embelezamento, palavra de ordem, era termo típico da época, seguido por sanear, usado na ausência de um neologismo que se consagraria mais tarde: urbanizar (SEGAWA, 2004, p. 16). A escolha das palavras que seguem é também significativa: "a picareta civilizadora tenciona rasgar-lhe novas avenidas", a necessidade de se estabelecer caminhos lineares, largos, para a entrada de luz solar, margeados por passeios arborizados, expressa no "rasgar", remete a uma laceração, abertura de uma fenda, aqui com duplo sentido. As ruas de maior trânsito, dedicadas ao flanar dos elegantes e *chics,* também desempenhavam papel de discernir e isolar os grupos que nela pertenciam e que nela poderiam circular.Chama a atenção que a resolução proposta no Rio, pede que o trânsito das tais pessoas descalças seja só coibido nas ruas centrais, para que não haja o "[…] flagrante contraste entre os elegantes que fazem o corso de Hygienopolis e flanam […] na rua Quinze".

O texto, contudo, continua. Segundo Magalhães, não basta São Paulo modernizar-se, como está em trânsito de fazer, somente embelezando suas ruas e renovando a arquitetura, é necessário "educar o povo":

> Faz-se preciso agora civilisar tambem o povo, educal-o de accôrdo com o meio, erguendo-o á altura desse adeantamento. É necessario habitual-o, em primeiro logar, a calçar-se e a vestir-se, para que não haja o flagrante contraste entre os elegantes […] [e] os *pés rapados* que a cada passo se encontram nos pontos de maior trânsito (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914 n. 6, p. 22).

Afora perguntas que o texto levante sobre a educação proposta,"civilizar o povo e educá-lo", dá a entender, nosso colunista, seria explicitar quais os locais são adequados para "os pés rapados" e de que maneira eles poderiam transitar, se é que poderiam, nos que não são[27]. Magalhães dá continuidade ao texto com a sempre perene comparação com Paris e Londres: "Nos paizes cultos do Velho Mundo, onde é maior do que no Brasil a crise economica […] não ha individuo pobre ou miseravel que não disponha, pelo menos, de um calçado qualquer para sahir á rua […] É assim pelo menos em Paris, Londres e Berlim". Se tal acontece naquelas cidades, porque não instituir o mesmo no Brasil? Além de só ser necessário instituir a medida nas ruas centrais, também só o é para São Paulo e Rio de Janeiro:"[…] sinão em todas as capitaes, pelo menos nas que mais frequentemente são visitadas pelos extrangeiros". A Europa e sua população eram perseguidas como sinônimo de civilização, desenvolvimento e progresso, portanto, se a cidade de São Paulo era vista como a que mais se civilizava e se desenvolvia, nada mais justo pensar que era a que supostamente mais se europeizava (SANTOS, 1998, p. 42). O texto ele fecha magistralmente: "Não se deve, aliás, andar *de pés no chão,* quando a tendencia hoje em dia, com a Victoria dos aeroplanos, é andar de *pés… no ar"* (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 6, p. 22).

Apesar da movimentação em torno da modernização paulistana, ou justamente por causa dela, a busca pelo moderno e próspero ao estilo europeu, seriam conservados, ao que tudo indica, as antigas desigualdades sociais e o *status quo* (SANTOS, 1998, p. 74). A presença dos "pé-rapados", que não pertenciam ao *status,* e nem possuíam características europeias, confundidas com a modernidade, não teriam porque permanecer nesses espaços centrais, representando, na verdade, um obstáculo a ser removido. As novas largas e arejadas ruas, permitiam aos transeuntes verem e serem vistos, sendo utilizadas como passarelas de

---

[27] Há uma célebre passagem de Bilac, excerto de uma *chronica* da revista *Kósmos* do Rio, n. 11, nov. de 1904: "[…] não sei bem para que servirá dar avenidas, árvores, jardins, palácio a esta cidade se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilização".

exibição, possibilitando desfilar elegância e "bom gosto", valorizando regras dos comportamentos e do "bem viver" (BRAGLIA, 2011, p. 23).Além de serem construções que negavam a arquitetura portuguesa tradicional, que determinava ruas estreitas para que os sobrados fornecessem sombra, o novo empreendimento pensava a cidade com grandes e largas avenidas, em que o sol poderia penetrar e higienizar. A exibição não terminava ao findar do passeio, *A Cigarra* incitava essa dinâmica ao publicar instantâneos desses personagens. Salvo equívoco, todos os exemplares possuem colagens fotográficas, sempre identificando, sob as imagens, os espaços: "No Prado da Moóca" (n. 2); "No Club Internacional" (n. 5); "Na Estação da Luz" (n. 9), etc.

O *chronista* d'*A Cigarra*, Couto de Magalhães volta a nos ofertar discussão com texto similar aquele dos "pé rapados". Desta vez sua seção "Aspectos da Rua", vem subintitulada "Os mendigos":

> Voltam as nossas ruas a ser invadidas por mendigos de toda especie, que extendem a mão á caridade publica nos logares mais frequentados, chegando mesmo a entrar nas casas de commercio do triangulo, desde as primeiras horas da manhã, e dando assim á população e sobretudo aos forasteiros um triste espetaculo da nossa miseria. […] a pedirem esmolas aos transeuntes, aos quaes importunam em lamurientas toadas (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 4, p. 41).

O primeiro aspecto que chama atenção no excerto é sua primeira frase: "voltam as nossas ruas a ser invadidas". Como veremos adiante, os cronistas d'*O Pirralho,* Blas e Gama, clamavam pela tomada da rua, mas, detalhe, pelos elegantes, pela *jeunesse dorée* e não por esses "inválidos", que "[…] criam voluntariamente essa situação, para mais facilmente fazer a vida, preferindo ao trabalho honesto a exploração da alma compassiva do povo" (MAGALHÃES, *A Cigarra,* 1914, n. 4, p. 41).Os pobres invadem, os elegantes se exibem. Santos (1998), faz interessante estudo sobre os papéis dos nacionais e dos imigrantes:

> Aparentemente, caboclos, caipiras, negros, índios e mestiços, na virada do século, além de serem frequentemente ignorados ou inferiorizados em ralação à sua participação na composição social e cultural da população paulistana, eram ainda desconsiderados e, em muitos casos, excluídos por um discurso representativo de uma visão que, ao mesmo tempo, apontava quais deveriam ser os trabalhadores idealizados como necessários aos interesses produtivos e às expectativas sociais e culturais dominantes (SANTOS, 1998, p. 43).

Para uma cidade que procurava se desenvolver seguindo os moldes europeus, nada melhor do que imigrantes nativos de uma sociedade já industrializada. Conhecedores dos meandros da economia industrial, o imigrante europeu vinha como exemplo de

trabalhador que virtualmente poderia atender, com maior eficiência, às necessidades produtivas e os interesses socioculturais dos grupos no poder (SANTOS, 1998, p. 43). Santos defende, ainda, que havia uma percepção, um intuito, de caracterizar os sujeitos sociais do segmento nacional pobre como tendenciosos a vícios, bebida e jogo, bem como desqualificar o seu modo de viver, frequentemente associado a indolência e a não submissão a um serviço regrado. A passagem d'*A Cigarra*, bem traduz essa percepção, foi-se acentuando a configuração de uma imagem depreciativa em relação aos pobres nacionais, justificando as péssimas condições de vida em que se encontravam.

O que parece deixar o colunista mais desconfortável, contudo, é a alegação de que aqueles indivíduos estavam "[…] chegando mesmo a entrar nas casas de commercio do triangulo". Já em 1914, o Triângulo era local de maior circulação das classes mais abastadas, onde estavam instaladas as principais confeitarias, cafés, lojas de departamentos e farmácias, todas oferecendo os novos itens que compunham o mercado de bens de consumo, frequentemente, importados. Ali iniciava a vida noturna e boêmia, não mais restrita aos estudantes da Faculdade Direito do Largo São Francisco. Às suas ruas mais importantes, e aqueles que lá circulam, *A Cigarra,* em crônica de Juliano Rey intitulada "A Physionomia das Ruas", tece longos e hiperbólicos elogios:

> Hoje a rua de maior transito é a rua Direita — rua que as senhoras palmilham com vivo interesse, direi com alvoroço, porque é nela que estão as casas de modas e dos artigos que mais seduzem o seu espirito.
>
> Poder-se-ia chamar á rua Direita a rua das senhoras, porque, com effeito, de uma determinada hora em deante quem nela predomina e brilha é o elemento feminino. […] O que alli passa, enchendo o ambiente de perfumes é a graça, a belleza, a mocidade, é a expressão da vida victoriosa. E este espetaculo, que lembra um penetrante e luminoso certamen de joias, tem a particularidade de ser indefectível, não soffre como o dos theatros, qualquer transferencia, a não ser que o tempo mude, porque já se sabe, com chuva não há nas ruas a sombra siquer da mais formosa metade de Adão.[…] A rua Direita, ao menos por agora, é o organismo maior e mais perfeito do triangulo. Atravesse-a leitor entre as 4 e 6 da tarde e verá como na physionomias das moças se póde ler como num livro aberto. O pensamento que della vem dar-lhe-á immediatamente uma idea muito nitida da vida de escol da gente seleccionada, dos brocados e setins (REY, *A Cigarra*, 1915,n. 26, p. 43

Por isso o desconforto do jornalista. Como "mendigos" poderiam se intrometer em locais de maior trânsito em que "senhoras palmilham com vivo interesse"e seu "brilho feminino […] que alli passa, enchendo o ambiente de perfumes" que dão uma "idea nitida da vida escol da gente seleccionada". E aqui tem-se ponto importante. Assim como defende Braglia em seu estudo sobre a linguagem publicitária das revistas ilustradas, esse tipo de

texto, junto às ilustrações, colagens fotográficas e instantâneos, cria desejos e necessidades "[…] num público que começava a se deixar seduzir pelo consumo das novidades", principalmente daquelas trazidas à vapor da Europa (BRAGLIA, 2011, p. 14). As revistas, ilustradas ainda por meio dessas linguagens, ofereciam às elites um referencial, pois ali elas eram vistas e viam tudo que deveriam emular. Às classes pobres, "[…] a revista indica os comportamentos desejáveis […] As mulheres, nas páginas da revista, são os exemplos máximos de uma elite vitoriosa, que deve ser respeitada e imitada por outros sujeitos que tomam contato com o periódico" (PRADO, 2003, p. 45).

Três anos antes das proposições "civilizadoras" de Magalhães, Jayme da Gama, colunista mundano d'*O Pirralho,* destacando a necessidade da exibição pública da boa sociedade, escrevia:

> É o periodo mais alegre do anno, a deliciosa demi-saison dos amores, das delicias, dos encantos. É a epocha dos passeios, dos divertimentos ao ar livre. É quando as elegancias se exhibem. […] Em toda a parte é assim menos em S. Paulo. É justamente nesta deliciosa estação que não podemos sahir de casa sem os incommodos e os perigos das terriveis duchas de pó. Alem de não termos ainda um parque não podemos frequentar a nossa bella Avenida Paulista nem o nosso jardim da Antarctica, que são os dois unicos passeios elegantes desta muito artistica cidade.
>
> O pó das estradas envolve carros e automoveis, cega suja, incommoda, irrita. Eis porque fui á Avenida e ao Parque e nada vi. […] quando nos lembramos de sahir de casa, por um bello dia de sol radiante, encontramos logo pela frente as ondas terriveis da poeira… e não se precisa dizer mais. […] Talvez seja por isso que a Prefeitura de S. Paulo cultiva com tanto amor o pó das ruas… Nada pudemos ver nas ruas (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 3, p. 7).

No primeiro momento da leitura, imagina-se que o cronista vá elogiar uma São Paulo completamente renovada, longe de seu passado caipira, um local utópico só preenchido por mulheres e homens elegantes. O texto, contudo, logo tem uma virada: "em toda parte é assim, menos em São Paulo", o tom do cronista passa, então, ao de destaque da ausência. Quando saiu à rua, no período mais alegre do ano, esperando ver *smarts* fazendo o corso[28] na Avenida nada viu. A carência de corpos flanando foi atribuída à poeira. Assumindo tom

---

[28] Novidade naquele ano de 1911, o corso carnavalesco já era praticado em *landaus*, *voiturettes*, *coupés*, automóveis, bicicletas, por amazonas e cavaleiros ou mesmo a pé. "Só o corso da bela Avenida Paulista seria o bastante para que o carnaval deste ano fosse considerado o mais brilhante de todos que a nossa população tem assistido […] todas as cidades do mundo adotaram-no com entusiasmo. Paris pratica o seu corso no Bois de Bologne, Londres no Hyde Park, Berlin, no Tiergarten, Viena no Prater, Buenos Aires, em Palermo, Rio, no Botafogo e Nápoles, no Caraccioli (O Comércio de 2 de março de 1911 apud Araújo, 1981, p. 195). A São Paulo que vivenciava sua "mania cinematográfica" logo exibiu "a fita mais completa que se tirou" d'O Grande Corso de Automóveis e Carruagens na Avenida Paulista, exibida no Bijou (ARAÚJO, 1981, p. 195).

cômico d'*O Pirralho*, Gama faz troça, sugerindo que talvez a Prefeitura mantivesse a cidade empoeirada justamente para que os transeuntes não a vissem. A coluna de Gama demonstra o processo turbulento pelo qual passava São Paulo. De um lado apregoavam-se as maravilhas modernas que a "picareta civilizadora" já havia tencionado, por outro torna-se clara a inquietação no plano público, havia vontade e bom tempo para exibição das elegâncias, mas não havia como fazê-la sem serem banhados pelas "duchas de pó". Gama, reclamava das condições oferecidas pela cidade para os passeios e divertimentos ao ar livre, fazendo da poeira item de recorrente denúncia e protesto, tornando a figurar nos quatro números adiante:

> Pode-se lá ser elegante n'uma cidade empoeirada como a nossa? Está visto que não. Vive-se sujo. Sahe-se de casa bem vestido, penteado, escovado e mal se caminha uma quadra, eis que a terrivel poeira das ruas tudo estraga e suja. Em S. Paulo ninguem usa roupa clara por causa da poeira. Vive-se com a cara, cabellos, bigodes cor de terra. E as senhoras então? Ainda si a poeira só fizesse mal aos elegantes… mas não; Ella invade os bronchios, leva os microbios da tuberculose e de outras molestias, provoca ophtalmias, etc. […] Gastamos rios de dinheiro e não calçamos as ruas, não mandamos irrigal-as. Já gastamos uma fortuna com o Theatro Municipal, vamos gastando muitas fortunas com o embellezamento da cidade e, no emtanto, não temos coragem de utilisar tres ou quatro miseraveis dezenas de contos com a irrigação da cidade! E uma cidade atravessada pelo Tieté, um caudaloso rio!! (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 8, p. 9).

Tida como um problema de ordem da elegância e higiene, a poeira é apontada como verdadeiro empecilho para o corso na avenida mais *chic* da cidade, bem como uma invasora de brônquios, portadora de micróbios da tuberculose e prejudicial aos olhos. Interessante como tal incômodo encontra-se na seção de coisas mundanas. Definitivamente a poeira não é a fuligem escura, decorrente da poluição que conhecemos hoje, ali ela aparece como "cor de terra", levando-nos a fazer uma associação com cidades interioranas, em que as ruas ainda não tinham recebido paralelepípedo, tão pouco asfalto.

Naquele primeiro decênio do século XX, São Paulo gozava, ainda, de muitos terrenos de terra batida ou descampados, nem a Várzea do Carmo nem o Rio Tietê tinham sofrido seus aterramentos e "melhoramentos". As ruas da cidade, que já vinham passando por esforços de pavimentação no final do século XIX, eram feitas de diferentes maneiras: algumas tinham calçamento de paralelepípedos, material caro e, em determinados momentos, de difícil aquisição; pisos de madeira, bastante incomuns estando presente somente nas regiões centrais da cidade, principalmente nas ruas do Triângulo; por fim havia o processo mais comum, o de

macadamização[29]. Assim, supõe-se que a poeira decorria desses descampados de terra batida e das ruas macadamizadas, sendo levada pelo vento para todos os lados. Daí a associação com cidades interioranas, onde se espera e se vive com a terra, trajando-se de botas e sobrecasacas, o incômodo gerado por essa poeira era, portanto, constante lembrança de que São Paulo ainda resguardava sinais de sua formação.

A indignação com a poeira é tida, ainda, como incompreensível frente aos importantes "investimentos" feitos por toda a cidade: "Já gastamos uma fortuna com o Theatro Municipal, vamos gastando muitas fortunas com o embellezamento da cidade" e, no entanto, não se reservava uma quantia para manutenções diárias, como a irrigação de passeios. Há lembrança, para mais, ao fato de São Paulo ser entrecortada pelo Rio Tietê — a cidade é, de fato, o centro natural do sistema hidrográfico da região (SANT'ANNA, 2007, p. 24) — assim o cronista não via como absurdo seu pedido. Ele conclui o texto de maneira tenaz:

> E apesar de tudo isso, queremos ser adiantados, cultos, progressistas, elegantes, etc. […] Fazemos o corso na Avenida Paulista, vamos á cidade, vamos ao theatro e voltamos para casa sujos de pó e com os bronchios inflamados. […] Pode-se lá ser elegante n'uma cidade empoeirada?… (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 8, p. 9).

Desde 1910 a municipalidade procurava minimizar o problema da poeira por meio da irrigação, como sugere Gama: "[…] não se reserva uma quantia para manutenções diárias, como a irrigação de passeios". Esse serviço consistia em algumas turmas de homens com carroças que levavam, cada qual, quinhentos litros de água em tanques, de maneira a irrigar as ruas de maior movimento. Esse serviço, contudo, não se mostrou eficiente, jamais tendo atingido a extensão e a qualidade necessárias para manter o pó sob controle (SÁVIO, 2003, p. 206). A campanha de Gama, ainda ignorante quanto aos resultados da irrigação, continua: "Sobre a poeira das ruas já temos dito tantas cousas. Para que mais? Seria malhar em ferro frio. É verdade que agua mole em pedra dura…" (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 9, p. 6), ele se abastece de água e continua a jogá-la:

> Voltou o bom tempo. Dias encantadores de sol brilhante, de um azul sem nuvens, e de calor temos tido, isto é uma raridade neste S. Paulo humido e frio, muito frio e humido. Infelizmente a nossa população não pode aproveitar este presente de ceu. O

---

[29] Técnica inventada por John MacAdam, de onde tira-se o nome "macadame", foi uma das maneiras mais disseminadas de calçamento nos subúrbios da cidade de São Paulo ao longo dos trinta primeiros anos do século. Esse sistema de pavimentação, consiste uma terraplanagem, seguida de uma cobertura do piso com pedras grandes, para então entrar uma camada de pedras finas e areia. O piso é, então, assentado por um rolo compressor que, à época, era puxado por tração animal (SÁVIO, 2010, p. 203).

> bom tempo convida ao passeio ás excursões… Mas quem poderá passear em S. Paulo? Em toda parte ha poeira! Até nas ruas calçadas á paralellepipedos! Sim porque a nossa adiantada Prefeitura manda espalhar areia por cima das pedras e a menor bycicleta que passa levanta suffocantes ondas de pó.
>
> Mas que querem? A nossa Prefeitura é peior que pedra dura. Resiste impavida ás justissimas reclamações do povo e da imprensa. […] Arrosta-se tudo e vai-se a Avenida Paulista ou ao Parque Antarctica e fingir que se diverte não na realidade nada mais vai fazer que engolir pó, sujar-se, aborrecer-se e…, rogar pragas. Si pragas matassem… Felizmente não matam. O que mata é o pó das ruas, o melhor vehiculo dos microbios" (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 13, p. 10).

Novamente ele chama a atenção para o bom tempo, "Dias encantadores de sol brilhante, de um azul sem nuvens, e de calor", ideal para um passeio despreocupado, mas a poeira continua, impávida. Ainda assim, arrosta-se, encara-se tudo e vai-se à rua. Mesmo com uma municipalidade inoperante, ou que toma decisões equivocadas, como espalhar areia por cima das pedras, Gama demonstra que a poeira não é empecilho suficiente para o flanar. Apesar dos efeitos negativos à saúde, por ele tão alardeados, que podem culminar em morte, não há nada mais o que fazer se não "engolir pó" e "fingir que se diverte". As medidas drásticas ali tomadas demonstram a necessidade que urge, reivindicando o uso da rua, lazer inescusável, afinal enfrenta-se até o fatal. Dessa maneira a coluna, e seu colunista, não dão-se por vencidos, e continuam reivindicando uma solução ao problema:

> Continúa a Capital artistica envolta n'um denso véo de poeira. Mas a poeira é fortificante, já o disse Tancredo do Amaral, e a nossa patriotica Prefeitura é inimiga da anemia. Espalha poeira para acabar com a anemia do povo. É uma obra grandiosa. Uns medicos atrazadões vivem gritando contra o pó das ruas, inventando uma theoria de contagio e mil outros absurdos. Bem haja pois a nossa Prefeitura que não ouve a opinião de taes médicos e beneficia a população paulista distribuindo-lhe gratuitamente e egualitariamente o fortificante pó das ruas. […] que importa que os elegantes gritem? Em primeiro logar a saúde e depois a tradicção (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 11, p. 7).

Desta vez Gama faz uso da ironia. São médicos "atrazadões" que falam dos efeitos negativos da poeira, enquanto a Prefeitura tenta mantê-la por questões de saúde pública, em combate a anemia já que, aparentemente, a poeira é agora capaz de combatê-la. Mais interessante, talvez, é a maneira com que ele fecha o texto, "Em primeiro logar a saúde e *depois a tradicção*" (grifo meu). Gama já confere ao flanar condição de uma tradição, em uma cidade que até pouco era um burgo de estudantes de vida pacata. Talvez aí esteja a grande preocupação do colunista, estando tão próximos de um passado provinciano, pau a pique, de terra batida, não pode-se deixar titubear os avanços "civilizatórios". No número primeiro,

Gama já nos dava pistas de que esta poderia ser sua motivação, no mesmo texto em que alega que "A nossa capital jà é um centro onde as manifestações da vida mundana se fazem sentir fortemente", ele alerta para o isolamento, apostando suas fichas no futuro parque da Avenida Paulista:

> Ninguem se conhece, poucos se visitam. Formamos pequenas tribos distinctas e quasi inimigas reunidas n'uma granda taba. Em S. Paulo não ha recepções, as familias não têm dias marcados para receber visitas, ainda não ha passeios chics etc. Vamos em breve ter um grande parque, na bellissima avenida Paulista, que està talhado a ser o logar de rendez-vous da alta roda paulista. Serà o nosso Bois de Boulogne, o nosso Prater, a nossa via Caracciole, o nosso Palérmo, o nosso Botafogo. Quando virà porem isso? (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 1, p. 10).

Aqui o exemplo de cantar a modernização com exclamação retumbante. O parque, que deve brevemente ser adicionado a belíssima Avenida Paulista, atestará a civilização de São Paulo, que finalmente terá um *Bois de Boulogne*, de Paris, um *Prater*, de Viena, a *Via Caracciolo*, de Napoli, o *Bosque de Palermo* em Buenos Aires ou mesmo o *Botafogo*, do Rio. Este novo espaço vem suprir uma lacuna, em benefício de uma vida mais social, em que as "diferentes tribos" possam se encontrar em um espaço adequado, conveniente, talhado para este fim. A comparação da sociedade paulistana com uma forma de organização indígena, também não deixa de ser ilustrativa. Assim, ele mantém-se forte, repetindo queixas e ironias quanto à poeira nos dois volumes à frente. Na semana entre os números catorze e quinze o colunista canta vitória:

> Pois bem a avenida Paulista já começou a ser alcatroada. No próximo domingo já se poderia fazer o carro si aquella encantadora via sem os inconvenientes e os berigos [sic] da poeira. Sabemos que a mesma coisa irá ser feita em outras ruas macadamisadas e que o sr. Prefeito fará, muito em breve, entrar para depósito às carroças espalha poeira, impedirá que os vassoureiros varram a cidade á tarde e em compensação a cidade será intelligentemente irrigada. Bravo! mil bravos pois ao sr. Prefeito (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 15, p. 12).

O desfecho, enfim, da enérgica campanha contra a poeira empreendida pel'*O Pirralho*. A via será inteligentemente irrigada e, muito em breve, asfaltada[30], o que deve acabar de vez com o problema do pó, a publicação regozija-se. Interessantemente, contudo, *O Parafuso* nos oferece novas fontes quatro anos depois, em números de 1915. Sob a ótica da publicação de Baby de Andrade, a poeira continuava a incomodar em certos bairros da cidade,

[30] A Avenida Paulista foi asfaltada dois anos depois, em 1913 (SÁVIO, 2010, p. 204).

assim, a revista urge que o Sr. Prefeito faça uma excursão a cada um deles, afim de verificar a necessidade de novas medidas:

> Domingo passado o sr. Washington Luiz fez uma excursão de automovel a Juquery. Passou pela rua voluntários da Patria e estamos certos que s. excia. ao ver-se envolvido n'aquella nuvem permanente de poeira, disse com os seus botões: O Parafuso tem razão. Tinhamos razão e continuamos a pedir providencias contra o descaso da Prefeitura. O systema até agora empregado de se espalhar pedrinhas aqui, ali, e acola, nada mais é que uma negociata vantajosa para os cavadores. Urge que s excia. o sr. Prefeito faça uma excursão a cada um dos bairros da cidade (O PARAFUSO, 1915, n. 2, p. 6).

A matéria parece fazer referência a uma campanha já iniciada, provavelmente, no número anterior, não localizado para pesquisa. Contudo, torna-se claro que as medidas adotadas quatro anos antes não retificaram o problema, talvez porque a porção da cidade mencionada pela revista, não fizesse parte das preocupações da municipalidade. Ao compararmos as falas de ambas as revistas, notamos questão importante: *O Pirralho* chamava atenção para o empecilho da poeira durante corso elegante e domingueiro, realizado em avenida aristocrática da cidade, construída com tal intenção. Já a Rua Voluntários da Pátria, rota entre o Bom Retiro e Sant'Anna, ambos bairros periféricos, nem sequer havia figurado nas preocupações do cronista d'*O Pirralho*. Para além dos diferentes espaços com que cada uma das publicações se preocupava, note o apontamento de agentes na matéria d'*O Parafuso*, o Prefeito é claramente mencionado e sua medida de alcatroar as ruas, "espalhando algumas pedrinhas aqui e ali", é indicada como negociata vantajosa. N'*O Pirralho*, as matérias de Gama mantinham tom diplomático, fazendo menção a municipalidade e não a seus agentes, o Prefeito figurou somente em nota de felicitação às medidas tomadas.

No quarto número, *O Parafuso* chama atenção do Sr. Prefeito, Washington Luís, quanto a limpeza de bairros centrais frente aos mais afastados, onde o asseio parece relaxado:

> Não ha dinheiro, não ha verba — deveria ser a resposta do sr. Prefeito para desilludir todos os reclamantes que assoberbados pelos impostos, pedem providencias, ora contra a poeira, contra a immundice das ruas, contra o relaxamento da limpeza nos bairros, etc. etc., etc.
>
> Mas s. exc. prefere fazer promessas a dizer pela orgam official, que a administração Duprat lhe deixou os cofres vazios e uma divida de 50 mil contos. Nós, no entretanto, entendemos que a sua justiça o seu zelo e as suas visitas devem ser medidas, repartidas em geral, para que se não diga amanhã que s. exc. conspira contra a opinião publica, protegendo os poderosos (NÃO HA DINHEIRO, *O Parafuso*, 1915, n. 4, p. 6).

A crítica é incialmente dirigida a resposta dada por Washington Luís, sobre as providências que devem ser tomadas contra a "[…] poeira, a immundice das ruas, o relaxamento da limpeza nos bairros, etc., etc., etc". Segundo o cronista, o Prefeito prefere fazer promessas infundadas a dizer que a administração anterior deixou seu caixa desfalcado, protegendo, assim, a administração chefiada por Raimundo da Silva Duprat, Prefeito entre 1911 e 1914. Porém ela segue, nos mostrando, novamente, o foco de preocupação d'*O Parafuso*: "[…] sua justiça o seu zelo e as suas visitas devem ser medidas, repartidas em geral". Ou seja, ele deve visitar toda a cidade, deixando de focar somente nas áreas centrais de tráfego elegante, verificando a necessidade de maiores providências também nos bairros periféricos. Este ponto é explicitado na continuação da matéria:

> Nos ultimos tempos temos observado que nos bairros aristocraticos a limpeza é tão bem feita que se poderia transitar com sapatinhos de cetim branco, sem receio de suja-los, ao passo que nos bairros dos remediados, só seria viavel uma estrada aerea, tal a poeira, o descaso, a sujeira, vehiculos contaminadores da saude publica.
>
> S. exc. que tem luxuoso automovel experimente ir até Sant'anna, Braz, Belemzinho, Pary já não se falando nos bairros que ficam distantes da cidade, para averiguar a procedencia desta reclamação (NÃO HA DINHEIRO, *O Parafuso*, 1915, n. 4, p. 6).

Ao que se pode observar, o asseio nos chamados bairros aristocráticos é feito com tal préstimo "[…] que se poderia transitar com sapatos de cetim branco, sem receio de sujá-los". O exagero irônico do cronista, pretende transmitir como os bairros que ficam mais distantes do centro não recebem devida atenção, visto que "[…] só seria viável uma estrada aérea, tal a poeira, o descaso e a sujeira". O tom sarcástico faz lembrar crítica de Magalhães n'*A Cigarra*, esta, porém, centrava-se nos indivíduos que frequentavam as ruas centrais descalços, algo que o cronista acreditava necessitar exterminação. Nestas notas encontramos a linha combativa seguida pelo semanário, bem como seu tom irônico. Investindo contra o que denominava "injustiças praticadas contra o povo"[31], *O Parafuso* coloca-se como seu defensor diante das mais variadas situações.

Dois anos depois, nota similar torna a figurar no semanário. Em 1917, findo hiato em que Baby se exila no exterior, a revista assume tom ainda mais combativo, se fortalecendo e se aproximando dos anseios da população. Sob título e subtítulo chamativos: "O desleixo da Prefeitura. Vereadores que só prestam para pedir melhoramentos aos bairros aristocráticos.

---

[31] Durante a trajetória do semanário, podemos observar as diversas representações de povo, identificados ora como leitor, como eleitor, como trabalhador e ora como o personagem Zé-Povo, através de quem a revista vai construir uma figura que remete aos problemas de carestia e condições precárias de vida enfrentadas pelos trabalhadores e operários naquele momento.

Moradores do Cambucy na imminencia de uma epidemia", *O Parafuso* adverte, novamente, para as discrepâncias entre os bairros centrais e os periféricos:

> Não fosse a Camara Municipal composta de uma maioria de *manequins,* cuja missão além de obediência aos caprichos do Prefeito, é pedir calçamentos de ruas, collocação de boeiros e combustores de illuminação nos bairros aristocraticos e onde são proprietarios, e certamente que não teriamos bairros como os da Moóca, Bom Retiro, Barra Funda, Lapa, Sant'anna, Cambucy, Moóca [sic] e Belémzinho, completamente abandonados…
>
> Desgraçado de quem por falta de recursos se vê obrigado a morar distante do centro e suas adjacencias. É uma lastima. Contribue com todos os impostos, como si morasse numa Villa Buarque, já não se falando na perseguição que soffrem por parte dessa negregada corporação de pseudos fiscaes da Municipalidade (DESLEIXO, *O Parafuso*, 1917, n. 53, p. 10).

Mais uma vez o semanário faz-se defensor: mesmo contribuindo com todos os impostos, os moradores de bairros afastados do centro, que ele nomeia, são vítimas do olhar relapso de seus, supostos, representantes. Quem dera toda a cidade recebesse a atenção da Vila Buarque, bairro adjacente ao de Higienópolis, centrais e habitados pelas classes abastadas, ou seja, onde vereadores, manequins preocupados com os caprichos do Prefeito, são proprietários.

Fez-se nítido o suficiente que a poeira foi empecilho que perpassou a década de 1910. Havia urgência de fazer da rua um espaço proveitoso, passível de ocupação e funcionalidade para os novos empreendimentos e atividades quotidianas. Simultaneamente, pudemos nos atentar às diferentes preocupações de cada uma das revistas, *A Cigarra* fez-se elogiosa e promotora dos costumes desempenhados nas avenidas elegantes e centrais, apelando para que esses espaços condissessem com as pretensões que se tinham como modernas. *O Pirralho* trouxe a lume empecilho que dificultava a prosperidade dessas pretensões, denunciando, portanto, circunstâncias que não harmonizavam com a imagem de sinônimo de suas contrapartes europeias. Por fim, *O Parafuso* que, desde o primeiro texto localizado sobre a campanha, sai em defesa dos bairros distantes, nem sequer menciona hábitos elegantes, mas sim asseio e limpeza das áreas públicas.

2. 1. Um barulho corrosivo

Além da poeira, assunto de tal relevância que parece ser o único incômodo gerado pelas ruas, e a presença de personagens indesejados, os *autos* também causaram certo

transtorno no decênio de 1910. Apesar de só se tornar problema de maior proeminência a partir da segunda década do século XX[32], os automóveis, recém chegados a capital paulista[33], já causavam algum frisson entre os transeuntes. N'*A Cigarra* de número oito, em seção assinada por Couto de Magalhães, "Aspectos da Rua", podemos observar tom crítico incomum a revista, como o foi em texto anterior "de pés no chão". Desta vez, contudo, as críticas do efêmero cronista são dirigidas aos automóveis e seus indisciplinados *chauffeurs*:

> Os automoveis ou, para usarmos expressão mais breve, mais elegante e mais…. judiciaria, embora os modernos vehiculos nada tenham se semelhança com papeis forenses: os *autos* continuam em fôco, dando assumpto, todos os dias, aos reporters policiaes encarregados da chronica dos desastres. Porque não resta a menor duvida de que são elles, actualmente, os mais assiduos collaboradores do obituario, em concorrencia com as febres de mau caracter. Temos um regulamento policial sobre a sua marcha no centro da cidade e nos arrebaldes. Mas, numa terra onde a propria Constituição é violada, seria ingenuidade suppor que um simples regulamento fosse feito para se impor ao respeito… (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 8, p. 58).

Há que se explicar, só chamava-sede "carro" os veículos movidos por tração animal, os poucos veículos a motor, estes sim, eram os automóveis; ninguém diria "carros" para se referir a eles(WALKER, 2017, p. 12 e 13). O tom do cronista ao dizer "[…] numa terra onde a própria Constituição é violada, seria ingenuidade supor que um simples regulamento fosse feito para se impor ao respeito…" é atípico para *A Cigarra*, que em nenhuma outra ocasião tornou clara a incapacidade da força policial na imposição de um regulamento. Como já foi posto, a displicência do autor pode ser um indicativo de sua rápida passagem pela publicação, tendo Magalhães publicado apenas cinco textos sob a seção "Aspectos da Rua", entre os números quatro e oito.

A regulamentação sobre o automóvel data de 1903. O ato 146 de 19 de julho versa sobre problemas relativos a segurança, registro e habilitação do condutor e determina velocidade máxima de 12km/h nas regiões centrais da cidade e 30km/h nos subúrbios. A regulamentação, também estipula multas para quaisquer infrações cometidas pelos proprietários, variando entre 20$000 e 50$000 (vinte e cinquenta mil réis), sem imposição de

---

[32] Os automóveis vão ter seu *boom* ao longo da década de 1920, bloqueando com seu volume os estreitos espaços de circulação da área central e transformando a cidade num autêntico inferno. Neste momento, independente da circunstância e lugar, o imperativo que reinava era o da máxima velocidade e uso incessante da buzina. Entre 1919 e 1920, os atropelamentos de crianças e anciões eram constantes (SEVCENKO, 2014, p. 74).

[33] Apesar de haver alguma controvérsia em torno do primeiro veículo à circular na cidade de São Paulo, a data oficial é o ano de 1900, quando o primeiro veículo automotor, de propriedade de Henrique Santos-Dumont, é registrado junto à Prefeitura do município (SÁVIO, 2010, p. 197).

nenhum outro tipo de sanção legal. Neste ano, São Paulo possuía dezesseis automóveis em circulação (SÁVIO, 2010, p. 198). A continuação da crítica de Magalhães, retira, contudo, do corpo policial e da municipalidade qualquer responsabilidade pelas ações dos *chauffeurs:*

> Os *chauffeurs* desobedecem-no no coração da urbs, deante da policia, que só intervém em caso de accidente, não para prevenir, mas para punir, sendo certo, entretanto, que melhor andaria si, em vez de prender o motorista imprudente accusando de atropelamento, lhe cassasse a licença quando em desabalada carrerira pelas ruas… Mas não a censuremos. Si mais não faz, é porque não póde. Para tanto, seria preciso dispôr de numerosos agentes especialmente investidos das funcções de fiscaes de vehiculos, dado o numero colossal de automoveis que trafegam em S. Paulo (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 8, p. 58).

Apesar de não termos encontrado números para 1914, quatro anos antes a cidade de São Paulo tinha duzentos e dez automóveis particulares registrados[34] (SÁVIO, 2010, p. 199). Com certo limite para os lugares em que poderiam trafegar, e tendo em mente que a parte da população que poderia adquirir tais automóveis residia numa pequena parcela da cidade, parece exagero supor que "[…] seria preciso dispôr de numerosos agentes especialmente investidos das funcções de fiscaes de vehiculos". Mesmo porque o aumento do número de automóveis entre 1910 e 1914 não pode ter sido tanto, a ponto de justificar um adjetivo como "colossal". De qualquer forma, está dado que os *autos* produziam desconforto no espaço público, tido como empecilho no desempenho do flanar pela cidade. Por fim nosso cronista associa os automóveis à elegância e conforto, argumentando que eles devem assumir plenamente seus objetivo de elemento *chic,* fazer o corso na avenida:

> Ora, o progresso que inventou o auto não o fez para instrumento de extermínio, salvo quando o arma de canhões e metralhadoras, mas para, no capítulo de locomoção, conseguir a ultima palavra da rapidez, associada á elegancia e ao conforto. Que nas ruas fiquem, com a funebre fama, apenas os caminhões, as carroças e os bondes electricos. Quanto aos autos, deverão reivindicar em toda a plenitude, a nomeada de vehiculos chics, taes como os que fazem o corso na avenida Hygienopolis (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 8, p. 58).

Alguns números adiante, no décimo segundo, a visão d'*A Cigarra* sobre os automóveis é reiterada. Em nova seção, assinada por um Orlando, a publicação discorre sobre os "protocolos" no automóvel, um texto que se prostra a oferecer regras de etiqueta e

---

[34] À saber: As estatísticas não são exatas em relação ao número de automóveis nos primeiros anos. Presentes desde antes de 1906 nos relatórios do Prefeito à Câmara de São Paulo, neste ano passam a ser divididos entre particulares e de praça. O número de automóveis registrados em anos anteriores eram os seguintes: em 1907, 110; 1908, 100 e 1909, 154. Ainda segundo Sávio, a discrepância nos números deve-se, provavelmente, à sonegação de impostos, já que o registro era feito mediante pagamento de taxa anual no valor de 100$000 (cem mil réis) (SÁVIO, 2010, p. 199).

formalidade, “Mais uma secção para ‘A Cigarra’, que, sendo uma revista elegante, não deve deixar de verberar alguns erros intoleraveis”. A seção promete tratar de “[…] certas miudezas que constituem indicios para bem se distinguir o elegante do *rastaquère,* o rico do bem educado” (ORLANDO, *A Cigarra*, 1914, n. 12, p. 38). Apesar de não tornar a figurar na revista, faz-se interessante destacar a *raison d’être* da seção: de distinção entre “o rico e o bem educado, o elegante do *rastaquère*”. Palavra de origem francesa, deriva do espanhol *rastacuero*, começou a ser usada para designar os novos ricos sul americanos que iam “arrastrar sus cueros” nos salões burgueses de Paris. Palavra de matriz xenófoba que até hoje significa “indivíduo, habitualmente de origem sul americana ou mediterrânea, que esbanja luxo exagerado, de mal gosto, com meios de sobrevivência incertos, ou mesmo suspeitos”[35]. A seção, portanto, queria distanciar aquele que se tinha por um “elegante autêntico” dos novos ricos, diminuindo estes.

Quanto às regras de etiqueta oferecidas, os protocolos, estas dizem respeito ao assento direito ao fundo em automóveis e carros. Segundo a publicação, o lugar é o de maior respeito e deve ser legado a pessoa mais importante do grupo, “Havendo uma senhora, é claro que deverá ella occupar o referido logar”, havendo mais de uma, é a proprietária quem deve tomá-lo, o mesmo vale para um grupo de homens (ORLANDO, *A Cigarra*, 1914, n. 12, p. 38). Mesmo que não tenha voltado a figurar na publicação, e tendo em mente que provavelmente era intenção divulgar apenas algumas regras de etiqueta por número, não deixa de ser ilustrativo o fato de o protocolo dizer respeito a “senhoras”, “damas”, “cavalheiros” e representantes de estado, “chefe de uma nação” ou “embaixador”, realçando a associação feita pela revista entre o automóvel e aqueles que dele gozam.

Apesar do intento *chic* proposto pel’*A Cigarra*, os automóveis já carregavam fama funesta desde os primeiros anos do século (SINGER, 2004, p. 107). A nova tecnologia já representava tensão típica da cidade moderna, da maneira como Magalhães coloca, “[...] dando assumpto, todos os dias, aos reporters policiaes encarregados da chronica dos desastres. […] são elles, actualmente, os mais assiduos collaboradores do obituario”, ao sair a rua era necessário constante atenção ao perigo causado pelos *autos* — e bondes —, experiência que envolve constante acionamento “[…] dos atos, reflexos e impulsos nervosos que fluíam pelo corpo ‘como a energia de uma bateria’, tal como descreveu Benjamin (SINGER, 2004, p. 106). No septuagésimo quinto número d’*O Pirralho*, curta piada reitera a experiência do *auto*

---

35 RASTAQUOUÈRE. CNRTL, Ortolang. Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/definition/rastaquou%C3%A8re>. Acesso em 16 out. 2018; ETIMOLOGIA de Rastacuero. Disponível em: <http://etimologias.dechile.net/?rastacuero>. Acesso em 16 out. 2018.

naqueles primeiros anos da Pauliceia moderna: “O Armando litterato, conversa e literaja na rua 15. Passa um automovel fazendo *chunk, chunk, chunk*. — Que barulho corrosivo, diz o Armando. — Como? — Sim, o barulho dos automoveis quando correm” (PIRRALHO, 1913, n. 75, p. 7).

O número quinto d'*A Cigarra*, por sua vez, traz em sua trigésima terceira página caricatura que ironiza as diversas emoções expressas pelo ciclista que se aventura no trânsito paulistano:

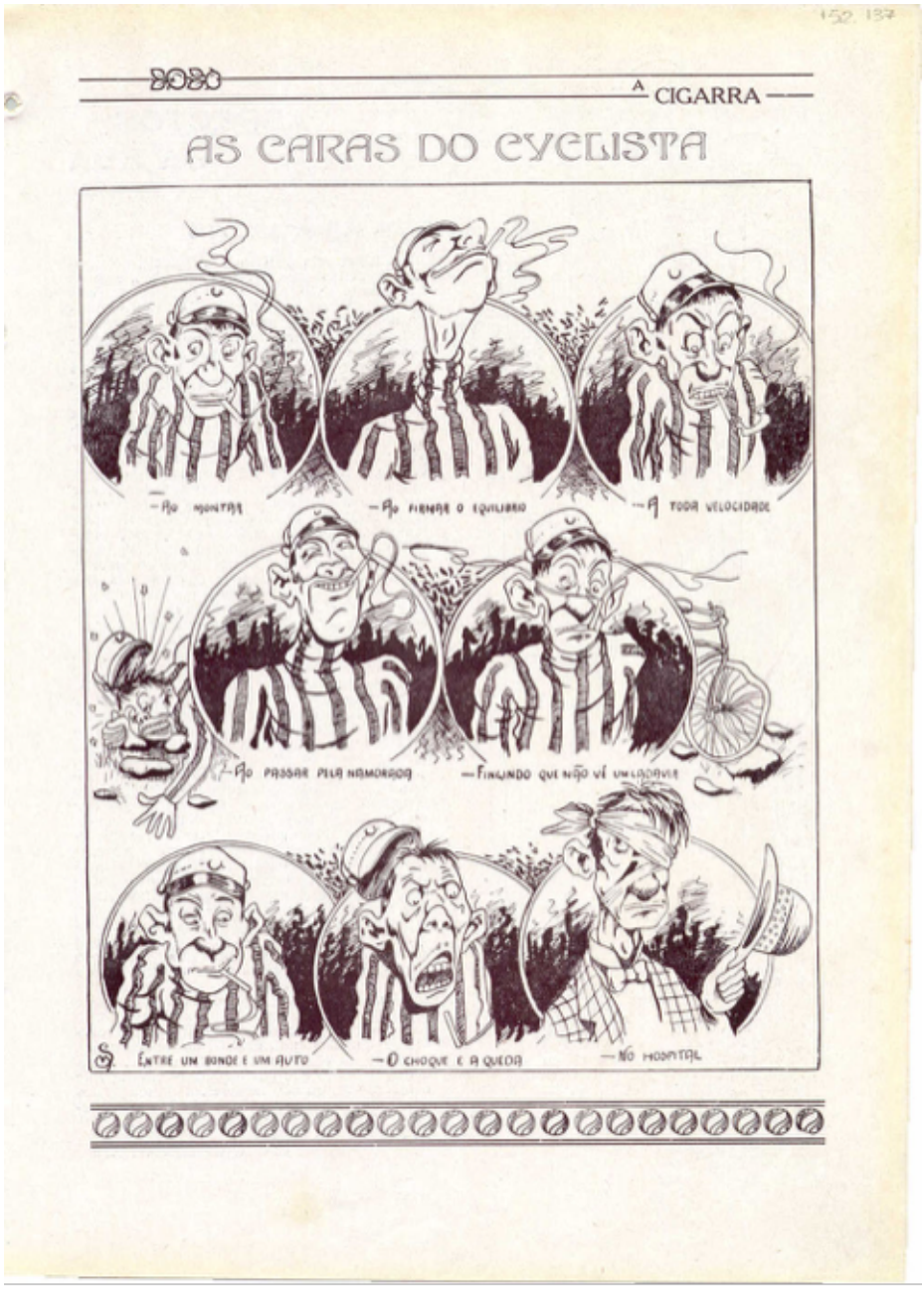


Figura 3 - “As Caras do Cyclista” *A Cigarra*, 1914, n. 5, p. 33

As faces expressas vão desde o contentamento com o equilíbrio, até uma mais desavergonhada, quando avista a namorada, a conclusão, contudo, não poderia ser diferente. Ao ver-se entre um bonde e um automóvel, o acidente é certeiro, terminando com o ciclista no hospital. Não tão comum à publicação, a caricatura expressa ironia crítica, mas não há texto acompanhando que ofereça contextualização para a situação. Pode-se postular, que houve acidente durante o espaço de tempo em que publicação estava sendo redigida, ou, simplesmente, que essa ocorrência era comum, permitindo identificação do leitor e promovendo riso independente das circunstâncias. Assim como os automóveis, as bicicletas possuíam regulamentação junto ao governo municipal. Em 1899, durante o governo de Antonio Prado, o "Acto 29", de 18 de abril, já previa algumas regras básicas como: a proibição do trânsito de bicicletas nos passeios e outras áreas destinadas a pedestres, salvo se conduzidas a mão; proibição de formar grupos nas ruas; manter-se à direita e moderação da velocidade em locais de grande circulação, como cruzamentos e esquinas (SOUZA, 2016, p. 50). Caso regulamento fosse infringido, o artigo sétimo previa multa de 10$000 (dez mil réis) e o dobro caso houvesse reincidência (CAMARA MUNICIPAL, Correio Paulistano, 1899, n. 12798, p. 2).

Além de sua característica mortífera, os automóveis causavam incômodo durante os divertimentos domingueiros na Avenida, dentre as notas sobre a poeira n'*O Pirralho,* podemos notar menções aos automóveis. No número quinze, Gama canta vitória sobre a questão da poeira, noticiando que o Sr. Prefeito — então Duprat — deu ouvidos aos seus pedidos e passará a alcatroar e irrigar a avenida Paulista, terminando a nota com: "Resta agora saber como conseguiremos acabar com as vertiginosas corridas de automóveis pelas ruas da cidade?". Na semana seguinte, número décimo sexto, Gama retorna para reiterar os pontos da semana anterior — vitória contra poeira, alcatroar as ruas, irrigação, futuro asfaltamento da avenida, etc. — e anunciar que haverá de recomeçar o corso na Avenida Paulista:

> A grande novidade da semana foi o annunciado corso na avenida Paulista que ia recomeçar com o animador bafejo da policia e da prefeitura. Esta mandaria alcatroar e irrigar a bella via emquanto aquella fiscalisaria energicamente o transito de vehiculos impedindo as perigosas corridas de automoveis. Bastam estas providencias para que o domingueiro corso, já bastante animado apezar dos horrores da poeira e da velocidade exagerada dos automoveis, tome um grande incremento. […] Sabemos mais que a bella avenida será muito em breve asphaltada afim de se preparar dignamente para o futuro corso do carnaval (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 16, p. 8).

O pedido que fechou o texto na semana anterior parece ter sido, também, acatado pela municipalidade, a polícia deve fiscalizar o corso para assegurar a velocidade dos veículos. Assim, nota-se que, apesar dos intentos de Magalhães, já havia uma associação entre rapidez, perigo e o automóvel. Esse "brinquedo", de acesso limitado aos mais ricos e fama funesta, não deixa de ser tratado imprudentemente como esporte, Gama não previu as consequências do almejado asfaltamento da avenida Paulista que, uma vez concluído, e tendo em mente que no restante da cidade as ruas eram calçadas com macadame, madeira, pedrisco ou terra batida, a via foi instantaneamente recebida pelos proprietários de carro como a dádiva ansiada de uma pista de corridas (SEVCENKO, 2014, p. 75). Magalhães, com sua já elogiada maestria para conclusões, é quem nos oferece introspecção no "carro como grande esporte dos ricos":

> Ha motoristas que esmagam um corpo humano, com a mesma indiferença com que passam sobre um pedaço de pau atravessado na estrada. E fazem ainda pilheria com o caso: — Não foi você quem matou um homem na varzea do Carmo? — Eu? Não, senhor; não matei ninguem; só si foi o meu automovel… (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 8, p. 58).

A troça na piada dos dois motoristas demonstra a imposição da máquina, prestigiada como parte da mais moderna tecnologia europeia e do mais vistoso objeto de consumo. O automóvel passou a ser usado de maneira a acentuar a imposição de poder, justamente daqueles que mais o detinham (SEVCENKO, 2014, p. 74). Em número de 1912, d'*O Pirralho,* uma curta piada ilustra a estreita ligação entre o artefato moderno como de grande almejo consumista, restrito aos mais ricos: "Morre um millionarete. F. vae dar pezames e diz commovido á familia do fallecido: — Eu era muito amigo d'elle! Eu queria uma lembrança d'elle… — Mas que lembrança, diga… — O automovel!" (PIRRALHO, 1912, n. 25, p. 15). Na seção de Priscus, "Coisas da Rua", há um diálogo em que se vê, já, uma predileção pelo automóvel, em detrimento do bonde:

> Porque não se amar o bonde? Ainda outro dia ouvi de um sujeito cheio de indignação, esta phrase: — Detesto o bond! Como é horroroso! Aquelle ranger das móllas faz-me um mal horrivel… Depois, é anti hygienico. — Gostas então do automovel, disse-lhe eu. — Sim, o auto é uma coisa chic, moderna e… não è para o povo" (PRISCUS, *O Pirralho,* 1914, n. 137, p. 3).

Embora a infraestrutura urbana reproduzisse a desigualdade social, o bonde em si, como também o foi com os primeiros cafés, constituía-se como um dos poucos espaços democráticos criados pela metrópole (OLIVEIRA, 2014, p. 65). Qualquer um poderia viajar

de bonde, bastando que dispusesse do dinheiro da passagem. Amaral, em seu livro Memorial de um Passageiro de Bonde, coloca que "No bonde, o Sr. Joaquim já não é um negociante, é um passageiro. […] A este não lhe incumbem senão três coisas: pagar a passagem, não fumar nos três primeiros bancos e só ocupar o lugar de uma pessoa" (AMARAL, 1976, p. 26). Não demoraria muito, contudo, para que os bondes se tornassem espaços também segregados, fosse pelo preço da passagem que, como veremos logo adiante, já não cabia no bolso do trabalhador ou pela imposição de normas de conduta e porte, ditos, adequados. Os funcionários da companhia tinham ordens para seguir à risca a lei de 1898, que versava sobre o bom trajar dos passageiros. "Isso fazia com que, na prática, a crescente população operária fosse excluída do sistema, já que o julgamento do bem trajar ia muito além da moda ou do decoro" (SÁVIO, 2010, p. 76).

Sobre as periculosidades do meio de transporte, decorrentes de seu manuseio em desmedida velocidade e da displicência para com os transeuntes, em 1915, ainda durante seu primeiro ano de publicação, *O Parafuso* relata acidente envolvendo uma criança:

> O automóvel em que o s. a. o principe Kaká ia para os Campos Elyseos, atropellou na Alameda Barão do Rio Branco o menino Dewght, filho do sr. dr. A. B. Deter, residente no n. 7. O facto em si pode nada ter de grave, pois o que succedeu ao sr. Kaká poderia ter succedido a qualquer outra pessôa. O escândalo está em que a policia e imprensa se conluia para encobrir o caso (PARAFUSO, 1915, n. 25, p. 5).

Chama atenção que o atropelamento já não espanta, talvez porque o acidente pode não ter sido grave. Ainda assim, tal fato pode nos levar a postular uma precoce aceitação da característica fatal do automóvel, já que "nada tem de grave, pois poderia ter sucedido a qualquer um…". Graças a constância, os atropelamentos só chamavam atenção quando a situação envolvia alguma figura ilustre, geralmente, como vítima (SÁVIO, 2010, p. 230), neste caso, contudo, como perpetrador: "Assim é que foi noticiado, que o auto era da policia e occultou-se o nome do passageiro. Isso faz crêr que effectivamente o principe tem culpa no desastre, pois doutro modo não se explica o mysterio que se quiz fazer" (PARAFUSO, 1915, n. 25, p. 5). A imprensa e a polícia, em conluio, buscaram fazer passar o veículo por um oficial, ocultando o nome do passageiro, o príncipe Kaká. Trata-se do apelido de Oscar Rodrigues Alves, um dos filhos de Rodrigues Alves, presidente da província de São Paulo entre 1900 e 1902, quando renuncia para concorrer a presidência da República (GALLOTTA, 1997, p. 87). Ainda no texto: "Fôsse um pobre diabo qualquer e os jornaes teriam dado grandes noticias, com epigraphes escandalosas: 'A furia dos automoveis', 'Imprudencia de um chaffeur', 'Onde está a policia?' e outros'" (O PARAFUSO, 1915, n. 25, p. 5). Alinhado

com o semanário, o autor achou mais válido chamar atenção para a tentativa de ocultamento, visto que se tratava de uma figura importante, em detrimento do próprio acidente. Assim, em defesa dos *chauffeurs*, *O Parafuso* parabeniza outra publicação local, o jornal *O Combate*, por ser o primeiro a noticiar o nome do verdadeiro perpetrador, expondo a real situação.

Em um primeiro momento, os automóveis aparecem n'*O Parafuso* como parte dos empecilhos no espaço público. Junto da poeira, os automóveis se tornaram perigosos para transeuntes despreocupados que flanam pelo centro, para os obstinados, que se deslocam com pressa ou para os que se demoram em meio aos passeios. Em nota, já no segundo número da publicação, lamenta-se a decisão de transformar a rua XV de Novembro em via de mão-dupla:

> Decididamente a ideia do Sr. Washington Luiz consentir que os veiculos transitem pela rua 15 em qualquer direcção, foi uma ideia infelicissima. S. exc. não deveria revogar uma lei que existia nesse sentido, principalmente depois que o elegeram Presidente da Sociedade dos Chauffeurs.
>
> Demais, considerando que o número de bonds já constitui um trambolho, não se comprehende qual a razão de s. exc. permittir essa irregularidade, causa directa de desagradaveis sustos para aquelles que não tem a felicidade de possuir um automovel ou um carro e que são obrigados a transitar apressadamente pela rua, devido aos agrupamentos que os desoccupados fazem nos passeios (PARAFUSO, 1915, n. 2, p. 3).

O autor demonstra como a decisão de alterar a legislação quanto ao trânsito de veículos prejudica "[…] aqueles que não tem a felicidade de possuir um automóvel", ou seja, a grande maioria da população, visto os preços exorbitantes da tecnologia. A ideia de exposição ao perigo também está posta nesta fala, "[…] causa directa de desagradaveis sustos", esses sustos instilam um flanco nervoso, que mantém o transeunte em constante estado de alerta. A nota permite vislumbrar, ainda, como só os passeios não eram suficientes para abarcar todos aqueles que transitavam pela rua XV, visto que os que tem compromissos e, portanto, "[…] são obrigados a transitar apressadamente pela rua" não o fazem com facilidade, "[…] devido aos agrupamentos que os desocupados fazem nos passeios", certamente se demorando nas vitrines.

No número sexto, em que nota similar torna a aparecer — inclusive com repetição *fac-símile* do número dois — encontramos o posicionamento do semanário em nova defesa do povo:

> Até agora o Sr. Washington Luiz, não tomou providencia nenhuma contra o mal feito e desabusado serviço de vehiculos na Rua 15. Não tomou nenhuma

> providencia, porque s. exa. é um homem occupadissimo. É que a Prefeitura pobre, arebentada, falida, como a deixou o Duprat, tem lhe tirado as horas de alegria. Mas como s. exa. não é myope e nem surdo, hoje fazemos-lhe de novo o pedido em corpo 12. […] Attenda bem Sr. Prefeito. Si a providencia a dár prejudica v. exa. que tem automoveis, lembre-se que a vida do Publico corre mais perigo porque é obrigado a transitar a pé… e depois o Povo, ao nosso vêr, merece mais attenção, d'aquella que o Poder Municipal, tão dignamente representado por v. exa., lhe vem dispensando (PARAFUSO, 1915, n. 6, p. 6).

Grafado em maiúscula, o povo é a maior preocupação d'*O Parafuso*, que faz papel de seu porta-voz frente a municipalidade. Usando do humor irônico, o novo pedido sobre o tráfego da Rua XV vem publicado em corpo doze, dando maior destaque ao texto, que na edição anterior vinha mais acanhado. O autor pede que o Prefeito, Washington Luís, deixe de pensar em benefício próprio, lembrando de usar seu poder em favor do povo, visto que a vida do público corre mais perigo no seu trânsito a pé. O semanário alerta, ainda, para certo descaso que o poder municipal tem dispensado para com o público, mesmo que representado pela figura digna de Washington Luiz. Torna a figurar, ainda, uma crítica a situação financeira deixada pela gestão anterior, chefiada por Raimundo da Silva Duprat.

As reivindicações, contudo, que vão se tornar mais características e veementes n'*O Parafuso,* são aquelas que colocam os *autos*, muito claramente, nas mãos das classes mais abastadas, notadamente nas do próprio governo municipal[36]. Já a partir do quarto número, publicam-se críticas quanto ao uso indevido dos automóveis oficiais, invariavelmente no tom bem humorado e repleto de ironia distintivo da publicação. Uma reclamação dirigida ao Sr. Alfredo Braga, então diretor de obras públicas de São Paulo, discorre sobre os afazeres a que se presta o automóvel adquirido pelo dr. Paulo de Moraes Barros para a municipalidade:

> O automovel […] não pára um momento; das 7 ás 11 h da manhã: vas ás comprar ao mercado [sic], leva as creanças ao collegio e o chefe á repartição. 12 ás 3 h. — passeios, visitas e compras nas lojas, com a familia do "usufructuario". 3 ás 5: vae buscar as creanças ao collegio, traz o chefe da repartição. 7 ás 8: leva a familia ao cinema. 10 horas: recolhe a dita familia a casa. Domingos: Pic-nics de manhã, corso de tarde (PARAFUSO, 1915, n. 4, p. 11).

Segundo a publicação o automóvel oficial, adquirido com dinheiro público, servia em demasia as senhoras e crianças, que iam e vinham de seus compromissos que nada tinham com os afazeres da municipalidade. *O Parafuso* ironiza, contudo, uma defesa em favor do diretor de Obras Públicas:

---

[36] Foram identificadas matérias sobre o assunto desde o número quarto até o septuagésimo sétimo, uma lista completa pode ser conferida nos Apêndices (APÊNDICE G).

> Desta vez tenha o povo paciencia. Esta despeza com o automovel do director de Obras Públicas é absolutamente necessaria e o erario tem, *muito justamente*, de aguentar ella. Não se trata de ostentação, mas sim, como viram, de impreteriveis necessidades de serviço (O PARAFUSO, 1915, n. 4, p. 11).

Nos números seguintes, as "impreteríveis necessidades" continuam as ser denunciadas pelo semanário. Longe da municipalidade deixar o automóvel ocioso enquanto seu donatário trabalha:

> Os automoveis officiaes foram creados para conducção das meninas bonitas, não ha duvida nenhuma. Si Mlle. Tem o habito de tomar chá na Casa Allemã ou no Mappin, o automovel official tem sua utilidade.
>
> Si Mlle. Precisa fazer compras, visitar as suas amiguinhas, ir ao Velodromo, ás Corridas o automovel official presta os seus serviços.
>
> Ora, esse estado de cousas, num epocha de fallidas economias é revoltante.
>
> Diariamente, na Rua Direita, se notam os automoveis da Presidencia (2, 3 e ás vezes 4) estacionados em frente á Casa Allemã e tambem os automoveis dos illustres secretarios. Gazolina haja, para tanto desperdicio em satisfazer os desejos femininos.
>
> Tanto o Presidente, como os Secretarios, deveriam ter apenas o vehiculo para o seu transporte em horas de serviço (O PARAFUSO, 1915, n. 15, p. 2).

A Cigarra também estabelece estreita relação entre os automóveis e as classes dominantes, todavia de maneira diametralmente oposta a*O Parafuso*. N'*A Cigarra*, o automóvel, máquina elegante, serve ao corso carnavalesco, como veremos mais adiante, e ao automobilismo. Entre os números quadragésimo terceiro e quadragésimo sexto, a revista acompanha e repercute em nova seção um *raid*[37] entre São Paulo e Ribeirão Preto, realizado por Antônio Prado Jr., Washington Luís, Martinho Prado e Alvaro de Queiroz. Em um momento em que não existiam estradas de rodagem, os *raids* eram grandes acontecimentos, festejados pela grande imprensa, sendo largamente disseminados como exemplo da conquista máxima da civilização ocidental (SÁVIO, 2010, p. 295). A prática do automobilismo naquele início de século, era esporte que distinguia a classe dominante, sendo que as figuras citadas

[37] Prova automobilística realizada em estradas recém inauguradas ou de travessia entre cidades, geralmente do interior de São Paulo.

pel'*A Cigarra*, têm em sua biografia estreita ligação com a história do automóvel e automobilismo no país[38], eram todos membros do Automóvel Club de São Paulo.

Estes homens, distintos moços, realizaram o *raid* de quinhentos e vinte e seis quilómetros em vinte e oito horas, desafiando todos que pudessem a fazer o mesmo, com a promessa de uma taça para o menor tempo:

> O distinto moço e conhecido sportsman sr. dr. Antonio Prado Junior […] em companhia do srs. dr. Washington Luis, prefeito da capital, drs. Alvaro de Queiroz e Martinho Prado, em uma magnifica "Fiat" 45 H. P., partiu de S. Paulo, na madrugada do dia 18 de Maio, com destino a Ribeirão Preto, onde chegou no dia seguinte, ás 20 e meia horas, fazendo o percurso de 526 kilometros. […] Com intuito de animar o automobilismo, o dr. Antonio Prado Junior instituiu a "Taça Ribeirão Preto" que será conferida a quem fôr de S. Paulo áquella cidade em tempo egual ou inferior a 28 horas. […] São dignos de louveres o arrojado emprehendimento sportivo do dr. Antonio Prado Junior que, praticamente, se esforça pelo desenvolvimento do automobilismo em S. Paulo, e seu acto […] é mais uma prova do seu grande enthusiasmo em pról desse util e apreciado sport (A CIGARRA, 1916, n. 43, p. 24).

O arrojado empreendimento esportivo, como caracterizado *pel'A Cigarra,* merece louvores, visto que o esforço só fazia contribuir positivamente para o desenvolvimento do automobilismo em São Paulo, esse tão apreciado *sport*. Como se vê, a máquina que conduz os distintos moços e *sportmans* é caracterizada como "magnífica". Ainda segundo a revista, os *raids* automobilísticos, além de seus efeitos esportivos, produziam resultados práticos e de grande proveito para o Estado, visto que atrairia a atenção de homens públicos para a construção de excelentes estradas de comunicação entre os municípios de São Paulo. Comunicação, esta, que era "[…] problema de maxima importancia para nosso comercio e nossa lavoura" (CIGARRA, 1916, n. 43, p. 24). As fotos que acompanham o artigo, destacam o automóvel, retratado em toda sua glória, sem os homens que o conduziam:

---

[38] Antônio Prado Jr. havia realizado, em 1908, a travessia São Paulo - Santos, uma viagem de 36 horas"[…] façanha que lhe custou dois jogos completos de pneus, além de problemas com a suspensão de seu veículo" (SÁVIO, 2010, p. 294). No mesmo ano, inaugura-se o Automóvel Club de São Paulo, dentre seus fundadores estão Antônio Prado Jr., Paulo Prado, Sílvio Alvares Penteado entre outros (SÁVIO, 2010, p. 199). Washington Luís dedicou, durante sua administração como Prefeito de São Paulo entre 1917 e 1919 e Presidente do Brasil entre 1920 e 1924, grande esforço á expansão do automóvel e à construção e conservação de ruas e estradas de rodagem, chegando a ficar conhecido como "o melhor amigo das boas estradas" (SÁVIO, 2010, p. 40 e 301) ou "estradeiro", por seus opositores.

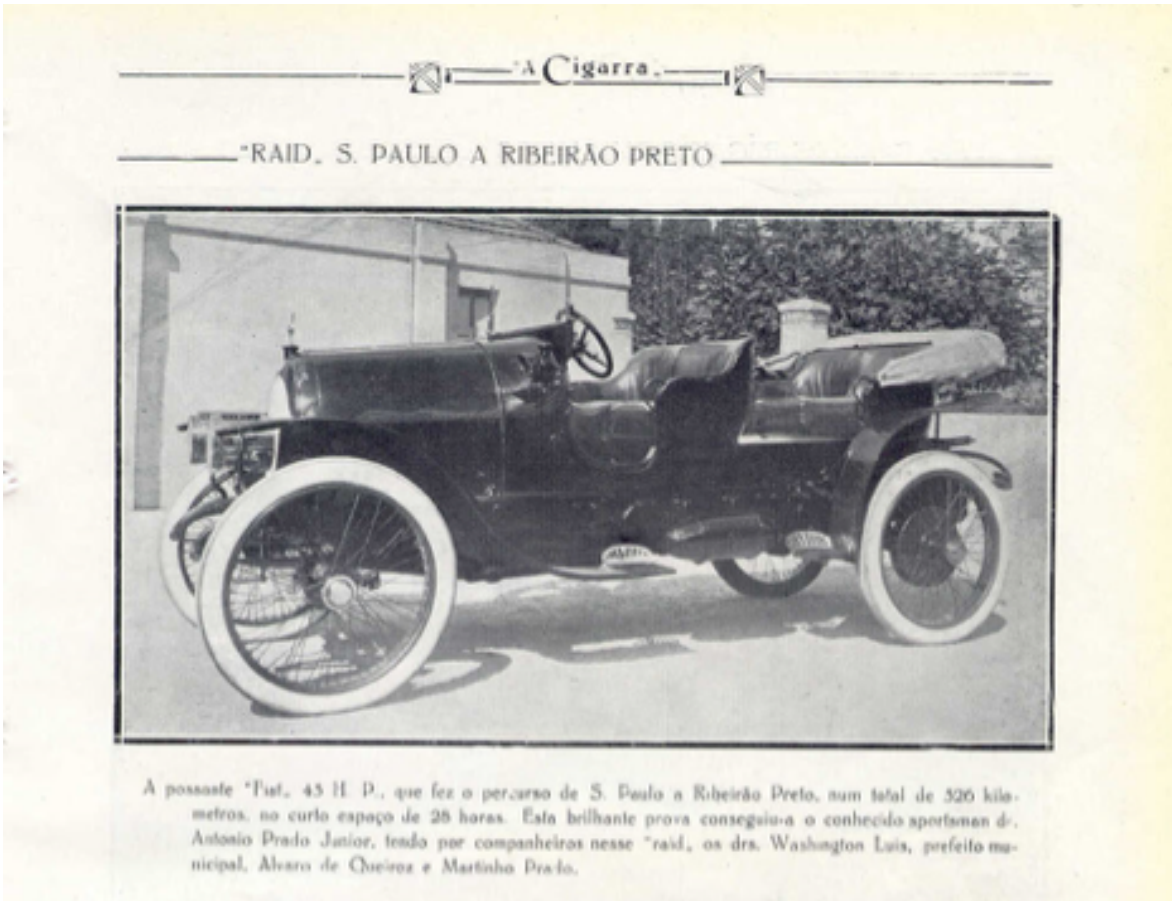


Figura 4 - "A possante Fiat 45 H. P.", *A Cigarra*, 1916, n. 43, p. 25

Nos volumes seguintes, entre o quadragésimo quarto e sexto, novos artigos são publicados a respeito dos participantes que buscavam a taça instituída: "Automovel FORD., que fez o percurso folgadamente e sem soffrer incidente algum, em 17 horas e 20 minutos Gastou de gazolina somente seis latas e de oleo cinco litros. […] com a velocidade média de 31 kilometros por hora". Dirigido por um *chauffeur,* o sr. J. Wilson fez o percurso com larga vantagem de 11 horas entre os dias 11 e 12 de junho de 1916, o artigo, contudo, aparenta ser matéria paga pela própria FORD, visto que não poupa elogios a máquina: "[…] depois de seis annos de experiencias — e é que o automovel 'FORD' o carro ideal para o trafego pelos nossos caminhos do interior […] diferença de preço de 60 a 100% sobre o de seus concorrentes" (CIGARRA, 1916, n. 44, p. 38).

No quadragésimo sexto número, o vencedor é declarado, a "Humpmobile" do dr. Fernando Chaves, conduzida pelo sr. Ernesto Siegmund, *gerente-technico* da *Garage-Geral*. O automóvel de Chaves completou o *raid* em 10 horas e 52 minutos, com uma média de 40km/h.

> Todos os concorrentes fizeram o *raid* em dois dias: o dr. Fernando Chaves fel-o num só, de manhan ao principio da noite, tendo a machina chegado perfeita áquella cidade. Nem o motor, nem os *chassis* soffreram o menor desarranjo. […] As pessoas da localidade mal podiam acreditar que esse apparelho fosse mais veloz que os trem da Mogyana [sic], pois este não faz o percurso em menos de 11 horas e 13 minutos (CIGARRA, 1916, n. 46, p. 52).

A taça foi entregue em cerimônia nos salões do Automóvel Club, vista sobre a mesa, ela está rodeada pelos membros do clube, todos homens trajando smokings. *Raids*, taças e funções como essas propaladas pel'*A Cigarra*, são parte integrante do processo que Sávio chama de "domesticação" do automóvel, "[…] ou seja, ás diferentes formas pelas quais o artefato técnico automotivo foi sendo compreendido e dotado de significações pela sociedade paulistana". Segundo ele, a cultura relativa aos *autos* começou a se desenvolver na década de 1910, com a construção de uma rede de serviços em torno do artefato (garagens, técnicos, *chauffeurs*, distribuição de peças etc.), que viu seu prestígio crescer dentre as classes mais privilegiadas da população. Aos automóveis foram atribuídos significados, também ligados a mobilidade e conforto, mas que refletem opções dos seus consumidores "[…] que os vêem como algo que vai muito além do uso prático, cujas significações estão ligadas ao status e ao prestígio que o automóvel pode representar para o seu proprietário" (SÁVIO, 2010, p. 247).

Aspecto da entrega da taça "Ribeirão Preto", nos salões do Automovel Club, ao dr. Fernando Chaves, detentor do extraordinario record automobilistico, com o "Hupmobile". Vêem-se tambem no grupo os srs. Ernesto Siegmund, gerente technico da Garage Geral, e Attila Pessatore, motorista da Garage Moderna, que conduziram o "Hupmobile" a Ribeirão Preto.

Figura 5 - Aspecto no Automóvel Club, *A Cigarra*, 1916, n. 46, p. 39

2. 2. A Poderosa

Os bondes se encaixavam igualmente na preocupação do citadino, as notas acima nos deram um fugidio vislumbre: "Demais, considerando que o número de bonds já constitui um trambolho" (O PARAFUSO, 1915, n. 2, p. 3); "Que nas ruas fiquem, com a funebre fama, apenas os caminhões, as carroças e os bondes electricos" (MAGALHÃES, *A Cigarra*, 1914, n. 8, p. 58). São poucas as menções aos perigos do bonde nas três revistas aqui trabalhadas, elas não deixam, contudo, de falar em algum momento sobre esta importante parte da vida moderna. As rápidas passagens destacadas acima, demonstram o empecilho dos bondes nas ruas, além de sua alta capacidade mortífera. Para além dessas, *O Pirralho* publica, em diferentes ocasiões, caricaturas de autoria de Voltolino, que expressam as ansiedades provocadas pela empresa responsável por esses trambolhos elétricos.

A *Light Power & Co*. inaugura seus serviços na cidade de São Paulo no dia 7 de maio de 1900. Com a usina de Parnaíba ainda em construção, o primeiro bonde a circular nas ruas centrais da cidade tirava sua eletricidade de uma pequena casa na rua São Caetano[39], em que guardava usina provisória. No dia da inauguração, lá se reuniram os nomes mais ilustres da política paulista do período: Rodrigues Alves, então presidente do Estado, seu vice, Domingos de Moraes, Antônio Prado, prefeito de São Paulo, e uma série de vereadores paulistanos. "Foi pelas mãos de Rodrigues Alves que os dínamos da usina da rua São Caetano foram acionados. Poucos minutos depois saía dos barracões da empresa, […] o primeiro bonde a trafegar por força elétrica na cidade" (SÁVIO, 2005, p. 192). Assim como foi com os *autos* e o Automóvel Club de São Paulo, o papel da Light foi também o de criar uma cultura técnica voltada à eletricidade, incentivando, em larga escala, a adoção de novos produtos e serviços relacionados a essa forma de energia (SÁVIO, 2005, p. 188).

Já no número segundo d'*O Pirralho*, Voltolino assina duas caricaturas que bem expressam os anos iniciais da empresa na cidade. Na primeira delas, intitulada "Segurança pública", vemos um típico automóvel disponível para aluguel particular correndo desenfreadamente, deixando um rastro de pessoas atropeladas, o *auto* se dirige a outros tantos transeuntes. Sob a imagem, lê-se: "Por falta de freguez". Supostamente, o automóvel de aluguel, incomodado com o número de clientes cada vez mais escassos, que agora poderiam optar por tomar o bonde elétrico, sai em vingança pelas ruas. Já no quadro seguinte, vemos

---

[39] A dissertação de Raquel Nascimento (2002), apoiada em matéria do jornal "O Estado de S. Paulo" de 07 de maio de 1900, dita ser a usina na rua Monsenhor Andrade (NASCIMENTO, 2002, p. 20).

uma grande besta felina, olhando com desdém do alto para aquele pequeno veículo do primeiro quadro. A besta, identificada como um dos carros da *Light*, e caracterizada na legenda como "A poderosa", dirige a palavra ao automóvel: Então, sua baratinha, fazendo-me concorrência!".

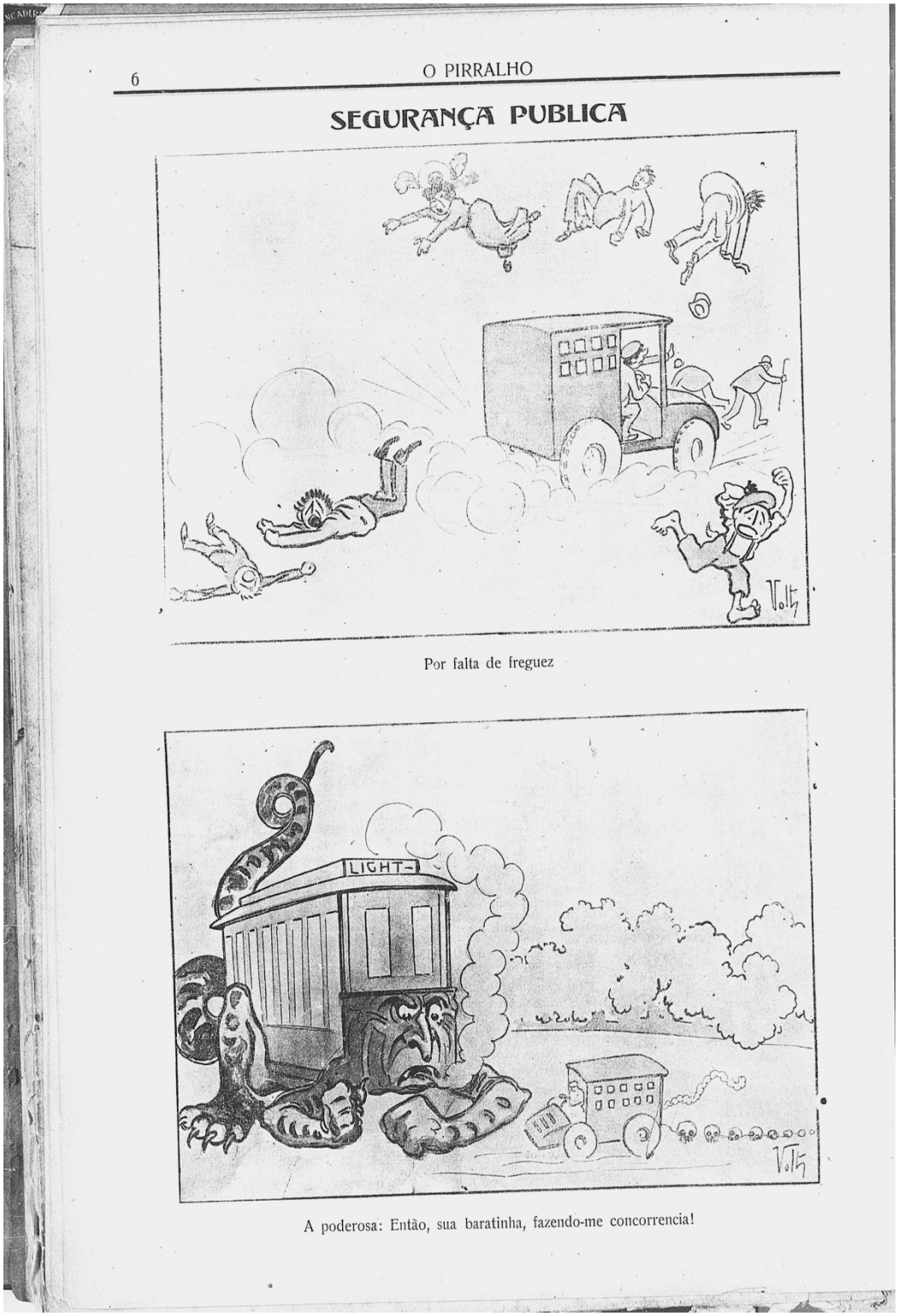


Figura 6 - "Segurança Publica", *O Pirralho,* 1911, n. 2, p. 6

O exagero do cenário é próprio da modernidade. O alarmismo distópico representado, seja no frenesi do automóvel em direção aos transeuntes, seja através da representação da *Light*, claramente identificada, como uma grande besta de características felinas, caracterizou o discurso imagético do período (SINGER, 2004, p. 99-100). A investida violenta e frenética do choque produzido pela imagem, tem por intuito a crítica sobre a capacidade mortífera de ambos os meios de transporte. Há, ainda, tom sarcástico cômico, sem dúvida de um humor escatológico, no que diz respeito a concorrência enfrentada pela companhia de bondes: o número de mortos e acidentados, e não o de passageiros. O tema distópico sobre os terrores do trânsito da cidade grande, em especial os riscos em relação ao bonde elétrico, era dominante na virada do século. "Uma pletora de imagens representando torrentes de pedestres feridos, pilhas de inocentes massacrados e figuras de esqueletos regozijados personificando a morte enfocaram os novos perigos do ambiente urbano tecnologizado" (SINGER, 2004, p. 103).

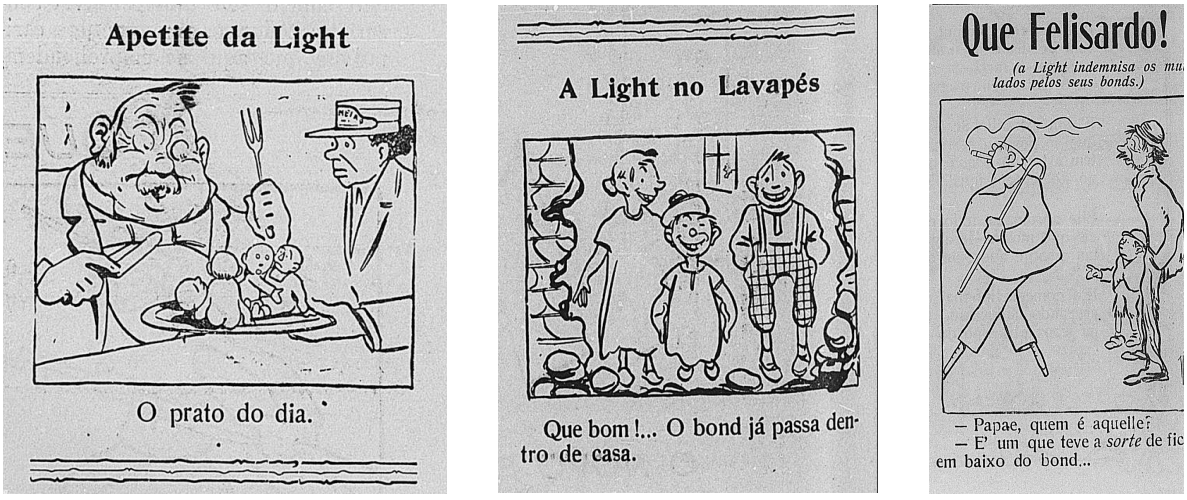
Como parece ser praxe das três publicações, o volume *d'O Pirralho* que recebe estas caricaturas de Voltolino, não discorre sobre o caso específico nem sobre a mortandade dos novos meios de transporte. As ilustrações são voz única sobre o assunto, isto é, não há artigos, textos ou crônicas sobre o episódio. Ressalta-se, contudo, que não cabia a estas revistas faceta noticiosa, assim, a crítica é legada unicamente as ilustrações e Voltolino.

Ainda no primeiro ano da publicação, no número dezessete, Voltolino retorna com uma série de caricaturas às custas da *Light*. Na primeira, e maior delas, ele propõe o futuro de São Paulo, a depender da companhia canadense:

Figura 7 - "Do Futuro de São Paulo", *O Pirralho,* 1911, n. 17, p. 11

A começar pela frase que identifica a caricatura, sobre a empresa que tanto prometia levar São Paulo para a modernidade, trazendo a tão almejada energia elétrica e o novo meio de transporte, só atinge resultados quase fatais, literalmente. A fixação por representações imagéticas como essa, reforça, ou apresenta, a ideia de uma esfera pública radicalmente alterada, definida pelo acaso, repentino e aleatório, pelo perigo e por impressões chocantes (SINGER, 2004, p. 103-106). Todo indivíduo na imagem tem um membro faltando, supostamente por algum acidente envolvendo os trilhos e as rodas afiadas dos veículos da *Light* em velocidade desmedida. Para além dos membros faltantes, ao fundo observamos construções destruídas e inacabadas, ilustrando as intermináveis obras da companhia, que causaram significativas alterações na paisagem da cidade. A instalação, não apenas de trilhos, mas de postes e de uma rede aérea foi processo que originou o maior número de conflitos entre a empresa, representada por seus funcionários, e a população (SÁVIO, 2005, p. 201). De caráter democrático, não era incomum encontrar reclamações nos jornais e revistas sobre os trabalhos da companhia em frente a residências particulares ou casas importantes de comércio, que poderiam pertencer às classes médias, baixas ou mesmo mais abastadas.

Ainda no mesmo volume d'*O Pirralho*, Voltolino salpica algumas pequenas ilustrações, todas gozando de alguma faceta da empresa canadense:



Figuras 8, 9 e 10 - Caricaturas de Voltolino, *O Pirralho,* 1911, n. 17, p. 7, 8 e 10.

Na primeira das imagens, Voltolino, além de referenciar o gigantismo da empresa na obesidade de quem a personifica, chama atenção para um dos grupos mais afetados pelos

acidentes nos trilhos dos bondes: as crianças[40]. Quem lhe serve o prato, repleto de pequeninos, é um homem com uniforme de condutor. Na segunda, uma das famílias afetadas pelas obras desconcertadas da empresa e na terceira, um "felizardo", que recebeu uma polposa indenização da empresa devido a acidente, que lhe rendeu duas pernas de pau. Neste último quadro, o acidentado deve ter entrado com ação na justiça, visto que havia uma prática da empresa de pagar um "auxílio e esmola", pequenas quantias, indenizações para viúvas de operários falecidos em estragos ocasionados pelos bondes — auxílio este, pago pela companhia por "pura generosidade", como explicitado em relatório do Departamento Jurídico da *Light* de 1911 (NASCIMENTO, 2002, p. 96).

Por fim, uma caricatura do número trigésimo oitavo da publicação:

Figura 11 - "Protestos da Light", *O Pirralho*, 1912, n. 38, p. 7.

[40] Os acidentes envolvendo bondes eram uma constante na capital paulista. Embora as crianças fossem as grandes vítimas, o número de ocorrências demonstrava que esses episódios não se restringiam a nenhuma faixa etária, atingindo também adultos e idosos (SÁVIO, 2010, p. 112). Parte do grande número de acidentes envolvendo crianças, pode derivar do seu ávido interesse pelas peripécias aplicadas nos trilhos dos bondes e outros imprudentes divertimentos, dos quais tomavam parte as centenas de crianças, geralmente menores de doze anos, que passavam a maior parte de seu dia a vagar nas ruas de seus bairros ou na região central — "[…] local onde era possível conviver com outro mundo" (SÁVIO, 2010, p. 109).

Apesar de não acompanharem matérias jornalísticas sobre os acontecimentos representados, as caricaturas de Voltolino são desencadeadas por elas, são desenho-resposta, os acontecimentos agem como provocação para o artista. A intencionalidade do caricaturista é sempre destruir a imagem cristalizada do ocorrido, a imagem fixada nas convenções sociais, nas de linguagem, tudo em nome de uma nova percepção da realidade. Seu produto imediato é o efeito cômico comunicado (BELLUZZO, 1991, p. 52-53). Os acidentes envolvendo bondes e pedestres passaram a fazer parte da rotina quotidiana da cidade. Não se passava sequer uma semana sem que ao menos um acidente grave fosse registrado. "O Perigo das ruas", "Horrível desastre", "Queda desastrosa", "Queda fatal", eram algumas das manchetes estampadas nos jornais ao se referirem a acidentes, mortes e outras tragédias que envolviam os bondes elétricos, passageiros e pedestres. Quando eram fatais, as matérias jornalísticas descreviam e estampavam as cenas, comentando os ferimentos e detalhes da autópsia optando por uma narrativa marcada fortemente pela dramaticidade, o assunto rendia por dias (NASCIMENTO, 2002, p. 88). De motivos e causas diversos, os mais comuns diziam respeito a medidas que a própria *Light* poderia tomar para retifica-los: os de origem mecânica ou os motivados pela velocidade imprimida pelos motorneiros, ansiosos por cumprir os apertados horários impostos pela companhia (SÁVIO, 2010, p. 113). As manifestações d'*O Pirralho*, encontradas somente na voz de seu caricaturista, seguiam a linha de humor da publicação, mesmo que em tom mais mórbido do que o comum. Chamando atenção para o absurdo das situações, Voltolino ora pinta a *Light* como grande besta, ora como um parrudo capitalista cheio de apetite, em ambos os casos ávida por vidas inocentes.

A questão dos automóveis e bondes como promotores de diversas situações incômodas, e numerosos acidentes, indica, também, que a população passava a usar a rua de outras maneiras. Os novos meios de transporte encurtaram distâncias, chegar a Ribeirão, com velocidade média de 30km/h, ou seja, em menos de um dia, era um novo feito para os paulistanos. Há de se colocar, contudo, que na São Paulo daquele início de século, o automóvel estava sujeito a diversas intempéries fora de seu controle:

> Porque é que a senhorita passeia de automovel? Por vaidade, não é? Não póde ser por outra coisa. Não vejo, por exemplo, que commodidade ha nisso. Quantas vezes, por exemplo, um automovel não te que ficar esperando uma carroça? Tambem não vejo que segurança apresenta o automovel. Todos os dias dão-se desastres medonhos com esse vehiculo. Portanto, é unicamente por vahidade que a senhorita se utiliza delle (JÃNJÃO, *O Pirralho,* 1912, n. 44, p. 5).

Ainda que de acesso limitado a elite, os automóveis passam a tomar a rua. Os adeptos dessa modernidade deveriam, então, deslocar seus corpos e suas práticas de maneira a acomodar os novos transportes, o que, como vimos, gerou uma série de ocorrências típicas de um processo como esse. Os principais problemas estavam relacionados ao uso do novo meio de transporte por parte dos paulistanos, acostumados com a maior maleabilidade da Viação Paulista, com seus carros à tração animal. Tentando entender os novos ritmos, os paulistanos se impressionavam com a impessoalidade que marcava os novos serviços, além, é claro, dos novos preços, mais altos — o dobro dos praticados pela Cia. Viação. Os passageiros estavam sujeitos, ainda, a exigência de um comportamento mais ágil, tendo em mente as arrancadas e freadas bruscas dos condutores, como também uma maior maleabilidade nos padrões morais, requisito fundamental para se dividir um banco com outros passageiros (SÁVIO, 2010, p. 76-79). Em número já de 1917, por exemplo, *O Pirralho* publica nota intitulada "Para não se cahir dos bondes" em que faz troça com a nova frase adotada pela Light, "Espere até o carro parar":

> A formula adoptada pela Light em seus bondes, com o fim de evitar a quéda dos passageiros não é pratica, nem segura. Acontece geralmente que o passageiro não tem paciencia para esperar que o bonde pare, e, não é raro, tambem, acontecer que o cidadão, aproveitando-se do momento em que o bonde está parado, para desembarcar, leva assim mesmo o trambolhão, porque o conductor, com a pressa de chegar no horario, dá partida ao bonde, justamente no instante em que o pé da victima ia tocar o chão firme. Por isso está-se adoptando nas grandes cidades européas e americanas um meio para evitar essas quédas, o qual tem provado ser o unico seguro e infalivel, além de muito simples. Consiste esse meio no seguinte: as pessoas que quizerem evitar as quédas dos bondes devem andar unicamente de automovel (PIRRALHO, 1917, n. 246, p. 19).

N'*O Parafuso*, por exemplo, a *Light* aparece, muito claramente, como grande inimiga do povo e mancomunada com a classe política. Já foi estabelecido que a consolidação da *Light & Power* na cidade de São Paulo foi um processo que passou, não apenas pela ocupação das ruas, forçando uma reeducação por parte dos transeuntes, mas também transfigurando a paisagem da cidade com a popularização de serviços que usassem da energia elétrica. O que *O Parafuso* vai apontar, é que essas mesma consolidação da empresa canadense, também passou pelo aliciamento político. Quando da sua chegada a São Paulo, os homens por trás da empresa tiveram extrema preocupação e cuidado para costurar alianças que lhes valessem algumas facilidade nos meios políticos locais (SÁVIO, 2005, p. 204-205).

A primeira menção encontrada a respeito da empresa n'*O Parafuso*, número quinze, já estabelece correlação entre a *Light* e a Câmara Muncipal. Segundo a nota, a empresa, bandalha, sempre teve nos freios, os honestíssimos vereadores:

> Que a Light está a pedir um correctivo por parte do Povo, não resta a menor duvida. Empreza bandalha entre as bandalhas, gananciosa, deposta porque sempre teve no freio os honestissimos vereadores da Camara Municipal, nestes ultimos tempos tem se tornada implicante e ladra.
>
> Melhor seria que se lembrasse de sumprir o contracto e exigir do seu pessoal subalterno, compostura, educação, criterio e hygiene.
>
> Mas… aconselhar a Light é uma grande tolice.
>
> Para a Light entrar nos eixos só uma greve.
>
> Só o machado e o kerozene terão imperio para fazel-a cumpridora do contracto.
>
> Nesse dia então, o povo terá conforto, delicadeza, promptidão e viagens por secções, e não vehiculos immundos e cara-duras relapsos e indignos do operariado (PARAFUSO, 1915, n. 15, p. 2).

Em diferentes e diversos momentos entre 1915 e 1917, a publicação faz campanha em favor da obtenção de passagens a $100 (cem réis). A primeira providência tomada pela *Light,* após sua chegada em São Paulo, foi substituir os bondes de tração animal, então oferecidos pela Viação Paulista, pelos elétricos, mais condizentes com a modernidade então pregada. "A empresa iniciou suas atividades implantando somente o bonde elétrico de primeira classe, com tarifa a $200 (duzentos réis), e foi tirando de circulação os bondes movidos por tração animal, que ofereciam o serviço ao preço de $100 (cem réis) a passagem" (NASCIMENTO, 2002, p. 31)[41]. Contudo, alinhada ao momento favorável, a *Light* tinha o capital e um projeto para a cidade identificado com o modelo urbanístico que estava se configurando naquele início de século, assim, a empresa floresceu. Ela soube captar os desejos de elite paulistana, interessada em transformar a cidade em uma metrópole moderna, limpa, espaçosa e dinâmica. Através de uma extensa teia de conexões políticas e influentes, a empresa se manteve sem maiores dificuldades, encontrando com facilidade maneiras de contornar as situações escabrosas que ela própria causava (SÁVIO, 2005, p. 205).

---

[41] O posicionamento da empresa promoveu uma série de debates acalorados na imprensa da época, com manifestação da população, através de reclamações enviadas aos jornais e argumentação jurídica de jornalistas, questionando se a substituição da Viação Paulista teria sido realmente favorável, visto que o preço da passagem dobrara (NASCIMENTO, 2002, p. 31-32)

Os gastos com transportes se elevaram repentinamente, visto que o único serviço disponível era o de primeira classe, com tarifa a $200 (duzentos réis) por seção. Já em 1917, *O Parafuso* vai demonstrar como os preços da companhia são muito elevados para o trabalhador urbano e operário:

> Supponhamos, por outro lado, um empregado no commercio que resida, por exemplo, na Lapa, com familia numerosa, como é commum. Para vir, gasta $200; para almoçar, gasta mais $400; se tem de jantar e trabalhar á noite, gasta mais $400 ainda; e, para regressar, gasta outros $200. Total, $800 [sic] diarios, ou sejam: 24$000 por mez. Se tem de trazer pessôas da familia a cidade, é um despesão. Em summa, não desembolsa menos de 40$ mensaes com o bonde. Uma differença de 50% seria sensivel, pois (PARAFUSO, 1917, n. 60, p. 8).

Raquel Nascimento, em sua dissertação de 2002, traz similar queixa. Um trabalhador do comércio, em 1914, diz que seu salário mensal é de 200$000 (duzentos mil réis), considerado de boa medida, e, mesmo assim, gastava cerca de 30% dele só com transporte para ir e vir do próprio serviço (NASCIMENTO, 2002, p. 71). No caso proposto pel'*O Parafuso*, em que o operário recebia cerca de 30$00 a 100$000, o preço do bonde era inviável, obrigando a outro meio de locomoção. Além da tarifa, fator excludente, havia ainda restrições internas para uso dos bondes, previstos na regulamentação para o funcionamento da frota. As normas definiam, por exemplo, a proibição do embarque de pessoas "embriagadas, sujas e maltrapilhas" ou "que tragam consigo algum objecto que, por sua natureza ou volume possa incomodar os demais passageiros". Os únicos objetos permitidos, mediante pagamento de uma segunda passagem, eram "volumes pequenos de apparencia limpa, taes como caixas de chapéos, etc.", ou seja, sacolas e pacotes comprados nas lojas e magazines *chics* do centro (NASCIMENTO, 2002, p. 73).

Assim, *O Parafuso* promove campanha contra os preços das passagens que perpassou diversos números. No décimo oitavo, o semanário solidariza-se com uma grande movimentação — um *meeting* — nas ruas do Triângulo contra os preços praticados pela *Light*. Sob título chamativo, "Se o povo paulistano tivesse sangue na guelra… a Light não deixaria sem resposta a representação que lhe foi dirigida", lê-se:

> Vae para 6 mezes, um grande movimento popular pela obtenção do bonde a $100, por secções, duas no maximo. Fez-se uma intensa campanha de imprensa, alimentada com um esforço e um vigor extraordinarios. O povo apoiou-a acorrendo a lançar sua assignatura, cerca de 5.000, na representação que se fez. A classe academica emprestou o seu prestigio e enthusiasmos ao movimento. Fizeram-se meetings, encheu-se o Triangulo e a multidão ululou contra a 'Ladra and Polvo', em manifestações ribombantes.

> Entrou em scena a policia, alliada natural da Light. Como os manifestantes se mantivessem dentro da ordem, foi preciso aggredi-los, provocando-os á luta. Assim foi possivel espaldeirar o povo, brutalmente atacado pelo chanfalho policial sem a menor causa. Depois, para justificativa, a imprensa officiosa transformou academicos e operarios em terriveis desordeiros cuja acção subversiva estava requerendo a decretação do estado de sitio… (PARAFUSO, 1915, n. 18, p. 6).

Neste último parágrafo identificamos mais claramente a voz característica da publicação. Dando nome aos bois, acusa-se a força policial de ser aliada dos interesses predominantes — bela surpresa — tomando o lado da empresa para suprimir as manifestações a ela contrárias. Em defesa do povo, *O Parafuso* relata o ataque por parte da força policial, caracterizando-o como brutal, um avanço que provocou os manifestantes a luta. Esta, quando relatada pela *imprensa officiosa,* foi caracterizada como uma de desordeiros de ação subversiva — nova grande surpresa aqui, qualquer semelhança é mera coincidência. O ano é 1915, e *O Parafuso* já incita o povo, dotando-o de força capaz de fazer pesar a balança:

> Entretanto, se o povo quizesse… Elle não sabe a força que tem, mas o dia em que viesse para a rua, disposto a castigar a insolencia dos civicos ao mando de covardes autoridades sanguinarias, disposto a assaltar a bastilha da força, luz e bondes, disposto a fazer valer os seus direitos, que são sagrados porque são os direitos da fome, — nesse dia, por Deus! os oligarchas e os plutocratas tremeriam em seus palacios e fariam todas as concessões que lhe fossem exigidas (PARAFUSO, 1915, n. 18, p. 6).

Em defesa do povo, o semanário lhe toma por força passível de inversão do poder, "se o povo paulistano tivesse sangue na guelra…" e o aplicasse, certamente seria vitorioso em suas empresas. A fortaleza da *Light*, cairia, os oligarcas endinheirados tremeriam, incapazes de conter tamanha força. Assim como seu colega n'*A Cigarra,* o autor deste texto conclui com inspiração: "O domador domina uma duzia de leões com uma vara pintada de vermelho sò até o momento em que uma féra exasperada se resolva a estraçalhar-lhe as carnes" (PARAFUSO, 1915, n. 18, p. 6).

Dois anos depois, no número sexagésimo, o preço da passagem é ainda criticado pela publicação. Sob o título "Duas questões que não podem morrer. BONDES A 100 REIS, AS PORTEIRAS DA INGLEZA", *O Parafuso* defende a tomada das ruas como maneira mais eficiente para que os governantes se mexam e atendam as demandas do povo:

> O povo de S. Paulo verificou, ainda agora, como é que deve zelar pelo seus interesses. Não pós confiar nos governos. Estes, que deviam tutelar as conveniencias collectivas, cuidam é da conveniencias particulares dos seus membros. O remedio é appellar para a violencia. Pondo-se a procissão na rua, os governantes tremem,

> apavoram-se em face do perigo de perder a mamata. E mexem-se. […] As ameaças da revolução é o unico incentivo que nelles faz effeito.
>
> Isto posto, está traçado o caminho para outras reivindicações. É pegar num cacete e vir para a rua, disposto a trocar bordoadas com os *secretas*. Apanha-se muita pancada, tem-se de andar correndo da cavallaria, arrisca-se a passar tres dias no quartel da Guarda Civica, ao relento e com fome. Mas, em compensação, conseguem-se providencias que d'outro modo não seriam postas em pratica… (PARAFUSO, 1917, n. 60, p. 8).

Antes de entrar nas reivindicações sobre o preço dos bondes e as porteiras, o autor, não identificado, atiça o povo de São Paulo a manifestar suas demandas da única maneira que vai fazer com que o governo, mais interessado em cuidar de suas próprias conveniências, o ouça: "As ameaças da revolução é o único incentivo que nele faz efeito". A seguir, o autor propõe as duas questões que não podem ser esquecidas:

> A questão dos bondes a $100 [cem réis], por exemplo, precisa ser agitada de novo. Ella é importantíssima para as classes proletarias. O bonde, para o operario, é um artigo de primeira necessidade. Premido pela vida cara, o povo é obrigado a procurar os arrabaldes distantes, além da Lapa, da Penha, de Pinheiros, do Ipiranga e da Villa Marianna. Isso distancia-o das fabricas, do seu emprego, nos bairros industriais e no centro da cidade. As caminhadas a pé, além de cansativas, são impraticaveis em face do horario do serviço. A que horas se levantaria e a que horas se deitaria um trabalhador que devesse caminhar duas horas e mais para ir e vir á casa? (PARAFUSO, 1917, n. 60, p. 8).

A reportagem vem acrescida de uma segunda reivindicação, o fim das "Porteiras da Ingleza". Caso notório em São Paulo — mais um em que os governantes não atendem os anseios da população, preferindo privilegiar uma empresa privada — as porteiras, pertencentes a empresa de origem inglesa São Paulo Railway, impediam o trânsito de carros e automóveis, quando fechadas, aos bairros da Mooca, Penha, Brás e São Miguel Paulista. Com a inauguração da estação ferroviária no Brás em 1867, começaram os acidentes e atropelamentos na via férrea. A solução encontrada para diminuir os desastres, foi instalar uma imensa porteira. O tráfego intenso na região atrasava os trabalhadores que vinham dos bairros mais afastados para o centro, ou vice-versa. O problema foi só resolvido em 1968, quando foi inaugurado o viaduto Alberto Marinho, as porteiras, contudo, funcionaram até 1977[42].

---

[42] ENTINI, Carlos Eduardo. São Paulo das Porteiras. Estado de S. Paulo, Acervo Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,sao-paulo-das-porteiras,11702,0.htm>. Acesso em: 05 out. 2018.

> Outro assumpto, que de vez em quando agita o povo e depois cáe no esquecimento, é o das porteiras da Ingleza. Quando o ruido é maior, nomeam-se comissões de estudos, dispendem-se dezenas de contos de réis com engenheiros, conferenciam o Governo, a Prefeitura, a Light e a Inlgeza. Depois, o sr. Carlos Garcia faz um discurso na Camara Federal. Em seguida, inacção absoluta, completo silencio.
>
> O povo do Pary, do Braz, da Moóca, do Belémzinho, da Quarta Parada e da Penha soffre com as taes porteiras. Os bondes não têm horario. Quem tem que fazer, não sabe a que horas chega á cidade. O commercio perturba-se com a interrupção do trafego na avenida Rangel Pestana, na rua da Moóca e na rua Monsenhor Andrade. Tudo, na parte na [sic] cidade que fica além do Tamanduatehy vive *encrencado* com os taes trambolhos (PARAFUSO, 1917, n. 60, p. 8).

Nesses bairros concentravam-se as fábricas nascentes, indústrias de bens de consumo, quase na sua totalidade: tecidos, bebidas, principalmente cerveja, chapéus, móveis, artigos de vidro, produtos de metalurgia leve e certos produtos alimentares, como os moinhos de trigo. Fábricas e oficinas se multiplicavam, fazendo despontar a indústria como elemento fundamental de integração desses bairros à cidade. Como bairros operários, reafirma-se o conteúdo segregador da urbanização, presente desde antes da indústria — visto a que a várzea deste rio estava sujeita a inundações anuais na época das chuvas[43]. O assunto, de certo, seria de interesse único aos habitantes "daquela cidade", a São Paulo além-Tamanduateí. Nesse momento, já pós Greve de 1917, a revista assume, com veemência, a bandeira de defesa das camadas excluídas, temas relativos ao trabalho e aos trabalhadores, que antes apareciam ocasionalmente, em notas esparsas, se fazem cada vez mais presentes. Dessa maneira, a revista passa a incitar ação afirmativa por parte dos trabalhadores, que já havia se feito ouvir em julho daquele ano:

> Entretanto, a nossa convicção é esta: se o povo daquelles bairros um dia puzer fogo nas taes porteiras ou as fizer saltar a dynamite, não haverá a coragem necessaria para reconstruir. Tornar-se-ão urgentemente as medidas necessarias. Ou a Ingleza rebaixa ou eleva o leito das suas linhas, ou se fazem viaductos para pedestres e vehiculos, ou, emfim, se faz qualquer coisa. Mas é assim é que as coisa não ficarão (PARAFUSO, 1917, n. 60, p. 8).

Junto ao Rio Tamanduateí, a ferrovia e suas porteiras passaram a constituir obstáculo, mais um elemento de separação entre a cidade e os novos bairros imigrantes (ANDRADE, 2011, p. 98). Já tendo assimilado essa faceta, *O Parafuso* urge os trabalhadores,

---

[43] Segundo Margarida Maria de Andrade (1991, p. 97): "O rio e sua várzea eram verdadeiros obstáculos entre a 'cidade' o núcleo mais antigo e os bairros de imigrantes que se formavam para além do rio. Com o tempo, o rio foi canalizado (obra iniciada em 1893 e que se estendeu por longos anos) e a várzea, drenada, deu lugar a um grande parque (Parque D. Pedro II, inaugurado no início da década de 20)".

em maior número, a fazer sentir sua força política e social, tomando posição obstinada contra aquele obstáculo. Eles devem "[…] fazer saltar a dinamite", ateando fogo para dar fim as porteiras. Uma vez tendo apoiado os trabalhadores na Greve de 17[44], o semanário não se arrefece frente às forças políticas da municipalidade, dando visibilidade crescente ao operariado e aos bairros afastados do centro. Interessante notar, como *O Pirralho* e *A Cigarra* falam em "ocupação", "tomada", "enchente" das ruas, dos cinemas e cafés, pela população elegante do centro, enquanto *O Parafuso* estimula a "revolta" da população além-Tamanduateí. Partes de uma São Paulo nitidamente dividida, segregada. Duas cidades, que dividiam o mesmo imaginário.

2. 3. O corso cresce em figuras, entusiasmo e equipagens

De volta a 1911, e antes do mal uso apontado *pel'O Parafuso,* os automóveis e outros carros passaram a adotar o corso domingueiro como momento ideal para sua exibição, acatando a sugestão de Magalhães para o seu propósito *chic*. Em nota que termina o ano de 1911, Gama descreve alegremente como esteve "agitada a vida mundana paulista", com grande sucesso apontado ao corso domingueiro, que recebe "uns a pé, outros a cavalo, estes de automóvel, aqueles de carros, charretes…":

> Tivemos o domingueiro corso de carruagens na Avenida Paulista que é um habito do qual não mais largará a nossa roda elegante. […] S. Paulo apezar de retrahido gostou da cousa. As principais familias d'aqui tem tomado parte no corso. E a Avenida Paulista presta-se enormemente a tal genero de passeio. Ainda ha alguma poeira mas, com o proximo calçamento a asphalto, esse inconveniente desapparecerá, de mais a mais o nosso bois de Boulogne vai ser lá, já tendo a Prefeitura comprado terreno para installar o parque municipal. Tudo isso concorrerá para que dia a dia mais augmente o enthusiasmo pelo corso (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 21, p. 18).

Na impossibilidade de flanar a pé, visto os incômodos gerados pela poeira, promove-se o corso a bordo de carruagens e automóveis. Apesar da modernização da cidade, seus novos espaços de lazer e construções, a reclamação do cronista vem da impossibilidade de seus habitantes se portarem como mulheres e homens elegantes. Assim, é interessante pensar que o corso — realizado em carros e outros veículos — protege os transeuntes do

---

[44] Sobre o comportamento e visões d'*O Parafuso* acerca do tema, consultar GALLOTTA, 1997, p. 61-78. Ou ir direto ao semanário, ver *O Parafuso* n. 56, p. 9; n. 57, p. 5-6; n. 58, p. 4 e n. 61, p. 13. N'*A Cigarra*, ver número 71, tanto a crônica que abre o volume, quanto as fotos que o ilustram. Uma segunda *chronica,* publicada em abril de 1918, também trata um pouco da questão, motivada pelo 1o de maio, ver n. 90.

contato direto com a poeira, com que teriam de lidar no passeio a pé. Se na altura da rua eles não podem desempenhar o corso adequadamente, que o façam sob automóveis.

> O grande sucesso da semana foi incontestavelmente o corso de carruagens na bella avenida Paulista que apresentava encantador aspecto. Os jardins e saccadas dos palacetes que ladeiam a fidalga via e seus largos *trotoirs* estiveram recheiados de graciosas senhoritas, elegantes senhoras, guapas meninas e garbosos cavalheiros. Pela avenida passavam numerosos automoveis, charettes, landaus, victorias e alguns cavalheiros e amazonas, cyclistas etc. Pena foi que a Prefeitura não se tivesse lembrado de mandar irrigar a Avenida. Andam tão occupados… Além disso a irrigação é uma cousa tão onerosa aos cofres municipaes que mais vale a pena occupar-se com os negocios menos dispendisos como o theatro municipal, as demolições, a construcção de palacios etc. (GAMA, *O Pirralho*, 1912, n. 22, p. 15).

Aos elogios e queixas da poeira, segue uma longa lista de placas de automóveis que foram vistos circulando — copiada do jornal Commercio de S. Paulo. A nota, de janeiro de 1912, demonstra como a elegante avenida foi tomada pelos carros, os "largos *trottoirs*", passeios, calçada, estavam recheados daqueles que também queriam tomar parte no grande lazer, mas não podiam fazê-lo dos automóveis. O corso domingueiro já era tido como atividade de orgulho do paulistano, "[…] realizado aos domingos, [o corso] que passou a ser o divertimento mais alegre e mais elegante em que tomavam parte as famílias dos ricos industriais, comerciantes e fazendeiros do café". Entre 1911 e 1913, foram projetadas fitas nos cinemas,com imagens do público se exibindo. Em 1912, no Bijou, o próprio *Pirralho,* em seção sobre cinema, comenta: "Com extraordinaria concorrencia têm sido exhibidas n'este elegante cinema lindissimos films das mais creditas marcas. Convem entretanto, destacar os filmes 'Bohemia' [...] 'O Corso do Carnaval na Avenida' que agradaram immensamente" (PIRRALHO, 1912, n. 30, p. 8). Em 1913, no Radium, sob o título "O Corso de 1913 na Avenida Paulista", foi projetada uma "[…] filmagem nítida de Antônio Campos, vendo-se mais de 800 veículos entre carruagens e automóveis" (ARAÚJO, 1981, p. 218).

No primeiro número d'*A Cigarra*, de seis de março de 1914, o cronista mundano Manuel Leiroz aponta para a acepção da atividade social nos hábitos *chics* da população: "O corso vingou gloriosamente o seu prestigio de festa *chic* e já agora não haverá dynamica de argumentos que possa arrancal-o de nossos habitos" (LEIROZ, *A Cigarra*, 1914, n. 1, p. 16). Em seguida, ele nos oferece um pouco da história do costume, suas origens e os motivos pelo sucesso na capital do Estado:

> Veio-nos da velha Europa, um dia, com uns bocados de arte, aclimando-se ao ambiente social de São Paulo, com grande espanto da nossa *jaunesse dorée*, que só consagrava o *foot-ball*, os festins de cabaret e a dissolvencia do namoro. Ninguem

> esperava o vicejar dessa flor de novidade, dada a atmosphera da nossa vida retrahida […] Com effeito, no primeiro Corso, havia as indecisões de um ensaio. A *allure* das carruagens era molle e incerta; as *jeunes filles* estavam preocupadas com o *flirt*; os rapazes sentiam-se desconsolados. E a respeito de justas, um desastre.
>
> Mas veiu o segundo anno e a coisa mudou. O Corso crescera em figuras, crescera em equipagens, crescera em enthusiasmo. Ja ninguem ousava affirmava ser aquillo um pretexto para a sociedade se aborrecer (LEIROZ, *A Cigarra*, 1914, n. 1, p. 16).

Mais comumente assistido e fotografado pel'*A Cigarra*, o corso, contudo, não é aquele domingueiro d'*O Pirralho* e sim o carnavalesco, como vê-se na frase que segue o texto: "E o que a capital testemunhou nos tres ultimos dias de Carnaval pode dizer-se uma Victoria da civilização sobre o ronceirismo da nossa vida provinciana". Apesar disso, a atividade está, aparentemente, estabelecida, já faz parte dos hábitos sociais do paulistano, agora com as marcas de uma festa: máscaras, fantasias, serpentina e lança perfumes. O corso carnavalesco, importado da Europa, vicejou na cidade dos trópicos, ajudando a dissolver a atmosfera retraída, configurando uma vitória da civilização sobre a vida provinciana, categorizada no texto como ronceira — mesmo que indolente, preguiçosa, lenta, uma clara oposição ao desenvolvimento e progresso, que tanto caracterizam "civilização". Já em 1897 os festejos de carnaval aglomeravam os paulistas nas ruas, existiam grandes batalhas de confetes e serpentina nas ruas Direita, Quinze, São Bento, Largo do Rosário e Largo da Sé, era, também, momento de bailes e festas no Polytheama e no São José (ARAÚJO, 1981, p. 18). Havia mesmo desfile de carros alegóricos, fazendo do carnaval uma grande força motriz que incitava festejos no espaço público.

Em sua "chronica editorial" de 1917, *A Cigarra* comemora o corso como responsável por alavancar as sociabilidades de São Paulo. O corso carnavalesco, "[…] naquele admirável passeio asfaltado", em que se formam quatro longos desfiles de carruagens, é que veio "[…] derrogar os costumes desamáveis" a que a população estava lograda, "[…] estabelecendo os folguedos hyper-civilisados que acabaram, afinal, por seduzir os próprios amigos da rotina":

> O corso pode e deve ser encarado como synthese perfeita da consequente transformação que elle proprio conseguiu operar, pouco e pouco, no espirito da nossa terra.
>
> A presença da elegancia e do espirito naquelle admiravel passeio asphaltado; os quatro longos cordões de carruagens conduzindo os mais finos elementos sociais, extendendo-se da Avenida Angelica ao Largo do Paraiso; as luctas de confetti, de serpentina, do lança-perfume, de carro para carro, dando aos olhos um espetaculo estranho de fina galanteria, tudo isso serviu de factor para despertar na multidão o

> prurido do prazer, levando-a de subito a civilizar uma arte nova de folia que não tinha nem os inconvenientes do velho entrudo, nem os grosseiros resultados que derivam de todos os abusos, antes se impunha como uma delicia inédita, imprimindo aos folguedos populares uma delicada feição.
>
> […] A Cigarra, ao receber a principio a innovação do Corso, lhe offereceu as palmas mais vibrantes e hoje sente-se mais feliz que nunca por vêr triumphante uma formula que, fazendo parte da nossa civilisação, concorreu soberanamente para tirar ao aspecto carnavalesco de S. Paulo tudo o que elle tinha de incondizente com a nossa cultura e o nosso progresso (CHRONICA, *A Cigarra*, 1917, n. 61, p. 13).

O corso realizado na avenida Paulista, seduziu os próprios amigos da rotina, dissuadindo-os, enfim, da letargia que atrasava o progresso paulista. Celebrado como atividade saudável e civilizada, em substituição ao entrudo e aos abusos de festas carnavalescas das camadas populares, realizadas nos bairros mais afastados, geralmente festas organizadas por blocos e cordões, os automóveis e o corso se tornaram perfeito binômio para as elites paulistanas (SÁVIO, 2010, p. 259). Sob as carruagens e automóveis, ricamente ornamentados, estavam os indivíduos capazes de despender com os altos custos do veículo. Gozando de suas benesses, as elites desfilavam vendo e sendo vistas pelo povo que inundava a Avenida Paulista, muitas vezes se arriscando para ver os modernos desfilando.

Mais higiênico que o *footing*, o corso sob veículos, mesmo durante o carnaval, representava risco para os pedestres. "Eram comuns cenas de atropelamento de crianças que se aventuravam a pegar as serpentinas atiradas pelos carros e que, normalmente, ficavam sem qualquer tipo de punição" (SÁVIO, 2010, p. 264). Mesmo regulamentado[45], naquele ano de 1917, pedia-se que os pedestres não dirigissem insultos aos motoristas dos veículos, sob pena de prisão, de maneira a não acirrar as animosidades, principalmente daqueles conduzindo as máquinas mortíferas (SEVCENKO, 2014, p. 77). Esses momentos de clara tensão, absurdos para os padrões de hoje, não aparecem sob forma nenhuma nas revistas aqui enfocadas. Tanto n'*O Pirralho*, quanto n'*A Cigarra*, o corso carnavalesco, para além da ostentação e diversão, é momento de demonstração da civilidade para aquela "população embrutecida", que assistia deslumbrada os desfiles. No primeiro número d'*O Pirralho*, Jayme da Gama já havia nos delineado, muito claramente, a estratificação da sociedade paulista:

> A sociedade paulistana, como a de quase todas as partes, bifurca-se em tres ramos distinctos: o povo, a burguezia, e a alta roda. Nas outras cidades cada casta tem seus pontos de *rendez-vous*, seus logares de diversão, seus clubs, seus theatros etc. Aqui é

---

[45] Dentre as regulamentações que ordenavam o corso carnavalesco, destacam-se as seguintes: proibição de recolher confete na rua e proibição de ambulantes nas calçadas, sob pena de prisão; proibição de parada de veículos; proibição aos praças que apitem por socorro (SÁVIO, 2010, p. 264).

> a burguezia que mais se diverte. O povo, coitado contenta-se com o trabalho (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 1, p. 10).

Em nota sobre os festejos de carnaval de 1915, a mesma divisão: "E aquelles a quem a crise não permitte adquirir siquer um tubo de perfume, esses se contentam com o vêr a multidão que se diverte; e graças a esse interessante phenomeno da synergia se divertem tambem sem despender um magro nickel" (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 171, p. 7). Aos que não poderiam desembolsar "um magro níquel", cabia aproveitar a festa pela sinergia que o cronista acreditava gerada, ele assume, assim, o contentamento de uma larga parcela.

Um ano antes, em 1914, a seção mundana d'*O Pirralho* é assumida por um Ruy Blas sendo rebatizada para "Pirralho chic", o corso é comentado: "Esteve deslumbrante 'corso' realizado domingo ultimo na Avenida Hygienopolis". O volume é de três de janeiro, mas os automóveis que passeiam pela luxuosa avenida já vinham ornamentados, nos dando margem a supor que este já fosse, também, o corso carnavalesco: "Viam-se elegantes senhoritas em automoveis lindamente ornamentados, carruagens luxuosas fazendo o circuito da avenida e ruas Maranhão e Veridiana Prado. Ao que sabemos, as familias da avenida Paulista promoverão tambem elegantes corsos, á semelhança da avenida Hygienopolis" (BLAS, *O Pirralho*, 1914, n. 124, p. 12). Nota quase idêntica se repete dois números adiante:

> Basta dizer que as ruas Maranhão, Martinho e a Avenida [Hygienopolis] apresentavam lindissimo aspecto, vendo as mais distinctas familias em elegante "landau" bellamente ornamentados, alem de grande numero de curiosos, gozando as delicias de uma tarde, gloriosa, na avenida mais aristocrata da Paulicèa (BLAS, *O Pirralho*, 1914, n. 126, p. 9).

Observa-se aqui um espaço que não havia sido mencionado antes: a avenida Higienópolis. As reclamações de Gama, dos poucos locais capazes de abarcar os elegantes, estavam sendo contestadas apenas três anos depois, há, portanto, expansão dos espaços públicos elegantes e aburguesados de São Paulo. A tomada das ruas já ia além da Paulista, o circuito abarcava as ruas Maranhão, Veridiana Prado, Martinho e a "avenida mais aristocrática da Pauliceia", a Higienópolis. Para além disso, nota-se quem estava abordo dos carros ricamente ornamentos: "elegantes senhoritas", "distintas famílias", enquanto outros, "os curiosos", teriam de gozar a deliciosa tarde somente assistindo. A exposição dos corpos em praça pública, para além de uma vaidade e de uma necessidade de tomada da cidade, replicando costumes europeus, demonstra uma divisão de classes, em que havia valorização das "distintas famílias", um patamar a se atingir. Outra faceta que a nota demonstra, é o

imperativo da participação nesses acontecimentos *chics*. Se a exposição está acontecendo, há quem deseje vê-la — e se não havia, a imprensa ilustrada ajudou a fabricar essa necessidade —, participar dela de alguma maneira e, por consequência, sair na "nota *chic*" da semana.

Mesmo com as *chronicas* otimistas das semanas anteriores, Blas parece desacreditado nos festejos de carnaval daquele ano:

> A Praça da República, outr'ora tão animada nestes tempos de folia, dorme tranquila, na soturna paz das cousas mortas, com seus lagos azues e as suas alamedas ensombradas… Vamos, mocidade! Abandone os asphyxiantes cinemas, abandone o anti-hygienico Sport do Palace-Skating nestes dias de calor, e vinde as praças promover batalhas e repellir "aggressões" de perfumadas mãos.
>
> Si a vida è curta, a mocidade ainda è o mais. Vamos, Mocidade! Atirae para bem longe de vós, o pessimismo das cousas e o scepticismo da época! (BLAS, *O Pirralho*, 1914, n. 127, p. 10).

O cronista apela para que as famílias deixem de frequentar as "estafantes salas de cinema", em favor das ruas, dos parques e alamedas, que aproveitem as noites calorosas e o bom tempo — os cinemas, como veremos no próximo capítulo, eram importante parte da vida social paulistana, nesses tempos de carnaval, contudo, o que impera é a tomada das ruas. A valorização do novo é refletida até nas pessoas, o cronista incita os jovens, pedindo que a mocidade tome o espaço público, faça-se notar. Seus corpos, na crista da boa forma, precisam ser desfilados, que eles saiam das quatro paredes das salas de cinema e festejem nas ruas. Blas aposta na mocidade, pedindo que deixem para trás a crise e o "pessimismo das coisas céticas da época" [46]. Esse público, os "jovens", começam a adquirir conotação especial, com carga de prestígio, é neles que repousa essa responsabilidade, a de manter em moção esses hábitos, Blas percebe isso e não pode deixar com que eles fraquejem. A mocidade parece ter cedido aos seus pedidos, visto que as notas sobre os festejos de carnaval dos seis números seguintes repetiram-se praticamente idênticas a replicada aqui:

> Passou o carnaval de 1914… E passou envolto numa onda de imensa alegria e enthusiasmo. A crise não conseguiu vencer a Momo. Foi um constante divertimento durante o triduo carnavalesco. […] A nota genuinamente, carnavalesca, deu-a, sem duvida o corso da Avenida Paulista. Este elle animadissimo nos tres dias,

---

[46] Sevcenko vai chamar atenção para um similar pedido de um cronista do O Estado de S. Paulo anos depois. Já finda a Primeira Guerra, em 1919, "[…] o antigo hábito de repousar nos finais de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolecência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, exercitando o espírito" (SEVCENKO, 2014, p. 33).

> principalmente no domingo e na terça-feira. Os carros e os automoveis estavam ornamentados com fino gosto (BLAS, *O Pirralho,* 1914, n. 132, p. 5).

Findo o carnaval, mudam-se as notas mundanas de Blas no "Pirralho Chic", o corso, porém, continua lá: "O corso de Hygienopolis esteve encantador domingo ultimo. Pena que nossas familias não queiram mesmo passar pela rua Maranhão…" (BLAS, *O Pirralho,* 1914, n. 133, p. 13) e no número seguinte o mesmo: "O corso do Hygienopolis continua animadissimo. Domingo ultimo assumiu as proporções de um verdadeiro acontecimento. Isto é chapa, dirá alguem, mas só ella mesmo poderá dar a impressão perfeita do que foi o corso de domingo" (BLAS, *O Pirralho*, 1914, n. 134, p. 9). No número seguinte o cronista repreende o que naquele domingo achou "desfilar monotono e pesado […] caras amarradas […] attitudes fingidas […] é preciso reagir contra esta apathia enterrar-se, solenemente, o acanhamento deste povo" (PIRRALHO CHIC, 1914, n. 135, p. 15). E, por um tempo finda-se o falar no corso. Para além deste, a seção assinada por Blas propõe comentários sobre bailes e outros acontecimentos em associações recreativas, no Velódromo e no Municipal, sobre os quais trataremos no capítulo seguinte. Além desses, há uma sorte de comentários sobre moda, chapéus, vestidos, produtos, perfumes, bem como alguns diálogos travados entre o cronista e os leitores(as) que enviam cartas ou são alvos de observações *à vol d'oiseau*, sem entrar em detalhes, em minúcias.

No ano seguinte, 1915, tudo recomeça, a seção de Blas, agora rebatizada para "Pirralho Social", repete os ensejos carnavalescos:

> Mômo já ahi está, soberbo e victorioso, com todo o seu séquito triumphal dos eternos admiradores da Folia e da Loucura… O carnaval bate á porta. […] Todos já se preparam para os tres dias magnos. E nós desta Paulicéa outr'ora "acaipirada" parece que comprehendemos tambem que é necessario divertir-se a gente nos dias consagrados a alegria; e é com esse intuito que todas as noites um bando alacre de moças e rapazes se reunem no jardim da Praça da Republica, e alli travam renhidas batalhas de confetti e lança perfumes, pondo uma nota festiva naquellas alamedas ensombradas (BLAS, *O Pirralho,* 1915, n. 171, p. 7).

> O corso da avenida Hygienopolis tem sido bastante concorrido nestes ultimos tempos. Domingo passado esteve esplendido. Em todo o percurso da avenida se estendiam duas longas filas de automoveis e pelas calçadas uma multidão se acotovelava, alegre e enthusiasta (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 172, p. 7).

Novamente nota-se a expansão dos espaços suscetíveis a receber os elegantes. A Praça da República recebe "renhidas batalhas de confete" e na avenida Higienópolis um corso "bastante concorrido". A Pauliceia já é "outrora acaipirada", tendo compreendido a importância do divertimento, compareceram, portanto, "todas as noites" um bando de alegres

moças e rapazes a uma praça pública, "pondo uma nota festiva nas alamedas ensombradas". O corso permanecia, "esplendido", "concorrido", com uma multidão a ver duas longas filas de automóveis. *A Cigarra*, que comenta o carnaval só em número de 25 de janeiro, apregoava ser "a instituição mais sólida do Brasil", resistente às crises e às más línguas, que alegavam que ele tomaria segundo plano:

> Passou o Carnaval, na tumultuosa folia dos seus tres dias ardentes. Julgou-se que a penuria geral destes tempos de crise e de prudencia seria suspectivel a diminuir o enthusiasmo dos foliões, debilitando as energias pra as batalhas do Corso e do Triangulo. Ilusão dos pessimistas que fazem paradoxos tristes ás mesas de café! A loucura carnavalesca não se mostrou menos intensa que nos annos anteriores: e até a riqueza das phantasias pôz uma nota suggestiva neste Entrudo de 1915.
>
> O Carnaval, em que pese aos seus detractores e gratuitos inimigos, é a instituição mais solida do Brasil, a unica que resiste ás calamidades nacionaes e internacionaes que nos affligem (CHRONICA, *A Cigarra*, 1915, n. 18, p. 11).

Para a publicação, como se vê, não passaram de "ilusões de pessimistas" à magra expectativa para o carnaval de 1915. Apesar da crise, constante, e das "calamidades internacionais", uma referência à Primeira Grande Guerra já em curso na Europa, a "penúria geral" não diminui a riqueza de fantasias nem o entusiasmo dos foliões nas batalhas de confetes e lança perfumes no Triângulo e no corso: "ilusões dos pessimistas que fazem paradoxos tristes ás mesas de café!". A "chronica editorial" continua, "mesmo fóra do periodo consagrado a Momo, todos nós temos alguma coisa de carnavalesco no corpo […] diz o brasileiro que — *fez fita*". Essa expressão faz lembrar uma crônica de Vinicius de Moraes, publicada no jornal A Manhã em outubro de 1942, segundo ele, "fazer fita" é o "[…] fato de se mostrar pública ou particularmente uma pessoa, por vaidade mais que por negócio, aos olhos de milhares de outras […] A fita é hoje a espécie brasileira do show off". Uma expressão tão alinhada com o corso, com seus desfiles, carros ricamente ornamentados, com senhoritas e rapazes lindamente fantasiados. A "chronica", ainda continua, nos oferecendo mais algumas indagações:

> De resto, o Carnaval paulista é um Carnaval civilisado, que veste *smoking*, usa luva branca, agita uma *bandine* de castão de ouro e fixa na imperturbavel orbita o monoculo elegante. Só se desmanda pela madrugada, em certos bailes baratos, quando os nervos se rompem e quebrantam a linha da correcção. […] São Paulo, já vantajosamente conhecido como Athenas brasileira, de Nice sul-americana… (CHRONICA, *A Cigarra,* 1915, n. 18, p. 11).

Observe o carnaval que interessa à *Cigarra*: "o que veste smoking, usa luva branca, agita uma *bandine* de castão de ouro e fixa na imperturbavel orbita o monoculo

elegante". Ainda nele vemos os locais escolhidos para os festejos, o Triângulo, bem como a caracterização do que seria essa festa de rua no momento: com "riqueza de phantasias". Ou seja, sempre sóbrio e elegante, festejando nos lugares mais "agraciados pela modernidade" tão almejada, os desmandes, abusos e transgressões, foram legados à madrugada, fruto do rompimento de nervos em bailes baratos… E, claro, a sempre perene comparação à Europa. As páginas seguintes vêm preenchidas por completo com fotografias, famílias elegantes, com seus automóveis festivos, transbordando serpentinas, flores e outras decorações. Sob as fotos, lê-se os números das placas dos carros e, em seguida, os nomes dos que os conduzem.

Uma nota similar também arremata o período carnavalesco n'*O Pirralho*:

> O Carnaval, este anno, como em 1914 — dizia-se — tinha grande adversario a combater — a crise. Era ella, segundo a opinião insuspeita dos foliões, a hydra famelica que, de fauces escancaradas, esperava a melhor opportunidade para devorar, consumir de vez o lendário Mômo, o impagaval, o excentrico, o divertidissimo rei da folia.
>
> Mas o facto é que *le roi s'amuse*. Mômo se ri até da propria Crise e a Crise, que para muita gente é como a hydra de Lerna, impossível de se abater com um só golpe, encontrou no deus eterno da Loucura, O Hercules possante e façanhudo que a prostrou, vencida e enxague, a seus pés […] Estamos, pois, em pleno reinado da Loucura. Somos todos subditos fieis da S. Magestade o rei Mômo. A elle obedeçamos, a elle prestemos homenagens […] Olhae um pouco para essas ruas coalhadas de gente, e dizei-me é ou não verdade o que vos affirmo […] não é de extranhar que, daqui a algumas horas o corso da Avenida seja uma verdadeira apotheose ai grande rei. O corso da Avenida, como sabem, é o *clou* dos nossos carnavaes. Alli se concentra tudo quanto ha de chic, de distincto, de enthusiasta, na Paulicéa […]
>
> Moços! Ahi está o Carnaval! Preparei-vos para a peleja, com todo o vosso ardor, com todas as energias que tiverdes armazenado!
>
> "Alons! enfants de la Patrie
>
> Arrivé déja le jour de la Folie…" (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 174, p. 7).

A crise, com letra maiúscula de entidade que sempre acompanha o país, não foi incapaz de impedir os festejos do rei Mômo, nem os de São Paulo, sob o efeito da, igualmente grafada em maiúscula, "Loucura" carnavalesca. As ruas estão "coalhadas de gente" e o corso, a apoteose do carnaval paulistano, o *clou*, o prego, a cola que une os "chics, distinctos e elegantes". Mais uma vez o carnaval é visto como entidade quase fantástica, irrefreável, que nem a crise, uma "hidra famélica", criatura com corpo de dragão e cabeças de serpente, sempre faminta, com sua fauce, sua boca, escancarada, prestes a devorar "o impagável, excêntrico, divertidíssimo, rei da folia", é capaz de fazê-lo. E os foliões são "moços" —

sempre chiques, distintos e elegantes — que devem se preparar para a peleja, afinal, filhos da pátria, chegou o dia da folia. Blas termina nessa nota otimista, uma referência ao hino francês, *La Marseillaise,* cujas estrofes iniciais são: *Allons enfants de la Patrie/Le jour de gloire est arrivé*— ao invés de *folie*.

No número seguinte, *O Pirralho* vem ainda repleto de fotografias dos dias de folia, e um texto, sem autoria explícita, traz os mesmos adjetivos, já explorados exaustivamente, mas, dessa vez, apresentando um personagem que conhecemos:

> O corso esteve alegre, vistoso e festivo. Toda S. Paulo fina deu-se rendez-vous na Avenida durante as tres tardes de Carnaval. E viram-se desfilar em ricas carruagens, em autos chics, em carroções ornamentados, familais, grupos particulares — todo um cordão multicolor de foliões desassombrados. Foi sem duvida esta a parte principal da nossa festa de Momo […] Em meio da chuva de confetti, entrelaçados pelos fios tremulos das serpentinas, vimos na Avenida: Num carroção d'onde brotava um ninho verde de cigarras vivas e cantantes, Gelasio Pimenta, o nosso simpathico collega da *Cigarra* (OS CORSOS, *O Pirralho*, 1915, n. 175, p. 9).

Como vê-se, o corso era em definitivo uma das atividades mais importantes nas celebrações de carnaval. Para além, nota-se a menção ao diretor da publicação *A Cigarra,* Gelásio Pimenta, reforçando ainda mais a noção de que a revista era, de fato, de importância no meio social. Na semana seguinte, *A Cigarra* lança seu número dezoito, em que traz imagem do referido carroção:

Figura 12 - Carro d'*A Cigarra* durante o corso de carnaval em 1915

Na legenda, lê-se: “O nosso bellissimo carro, entrando triumphante na Avenida Paulista ao canto de *olhe as asas della inderé!* Por distinctas senhoritas de nossa sociedade, phantasiadas de cigarra. O carro foi lindamente enfeitado com folhagens e flores naturaes pela creditada Loja Flora, que se esmerou no seu trabalho, apresentando um resultado que mereceu muitos elogios da imprensa e do publico. Na frente foi collocada uma artistica cigarra” (CARRO, *A Cigarra*, 1915, n. 18, p. 15). O restante do volume é repleto de imagens e colagens fotográficas, tanto do corso na Avenida quanto de bailes e outras comemorações carnavalescas.

Figura 13 e 14 - Páginas d’*A Cigarra* de 25 de fevereiro de 1915, n. 18

Nas legendas: “O automovel n. 667, que conduziu as gentis senhoras…”; “Um automovel enfeitado com flores naturais”; “O carro das Borboletas” e “Um outro carro cheio de alegres e lindas… Bébés”. Nas fotografias, impressas aos montes nas páginas d’*A Cigarra,* identificamos o requinte e a pujança das pessoas que participavam do préstito quanto dos automóveis. Seus ornamentos são notáveis e valorosos, “o carro das borboletas” — terceira fotografia — leva um gazebo, ou coreto, inteiro sobre si. A importância dada à esses elementos, o modo como o carro era decorado e as vestimentas, principalmente das mulheres, demonstram a magnitude e a consideração que se a alta sociedade despendia para com corso.

Para mais, as imagens demonstram como os automóveis são parte importante da prática. Cada um deles é enfocado em uma única fotografia, difícil legar destaque para um único elemento, pessoas ou automóveis, ambos dividem o respeito, e os limites, do retrato. Diferente dos bailes carnavalescos, em que *A Cigarra* buscava retratar a magnitude do evento, com fotos à distância que nos oferecem a dimensão dos festejos, no corso, não há fotografias que ofertem tal magnitude. As páginas da revista não estampam toda avenida, preenchida pelo préstito carnavalesco — talvez porque a tecnologia ainda não o permitisse — sua dimensão só pode ser certificada pela enormidade de páginas com fotografias.

São praticamente inexistentes n'*O Parafuso* menções ao carnaval e ao corso, salvo em seus primeiros números. Em 1915, *O Parafuso,* recém lançado, faz ferrenha crítica aos "cronistas elegantes", mundanos, que até aqui temos exposto:

> Comparam o escanifrado corso da Avenida Paulista com os do Bois de Boulogne ou Hyde Park! Já é topete! Sim, porque a verdade manda que se affirme ser a nossa vida elegante apenas um plagio, um arremedo mal feito uma copia borrada, uma imitação grosseira do que se passa na alta sociedade dos paizes cultos que realmente attingiram os pinaculos da civilisação hodierna (FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4).

A vida elegante de então foi caracterizada como "[...] apenas um plágio, um arremedo mal feito, uma cópia borrada, imitação grosseira do que se passa na alta sociedade dos países cultos". Mesmo com o sucesso do corso, os alertas de Gama, Blas, Magalhães e outros, mesmo com os novos costumes e espaços elegantes, verdade seja dita, não passa essa civilização toda de uma cópia, borrada. O corso, tão elogiado pel'*O Pirralho* e fotografado pel'*A Cigarra*, é taxado de escanifrado, algo descarnado, magrelo, ou seja, menor do que aquelesde Paris ou Londres. Apesar de as fotografias d'*A Cigarra* não mostrarem certos *tropeços* cometidos por essas pessoas que buscavam ser *elegantes,* é o colunista d'*O Parafuso*, Armand Fouquiéres, que evidência, ao seu ver, alguns absurdos:

> Chega da Europa um conhecido aviador e passeia S. Paulo vestido de caçador, roupa com a qual não se atreveria a planear um segundo siquer pelos boulevards de Paris e meses depois a "jeunesse dorée" toda usa para passeio e visitas o mesmo traje que na Europa só é adoptado para caçar ou fazer excursões em automovel! (FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4).

Com o fim do carnaval daquele 1915, Blas torna a lamentar a suposta pacatez social de São Paulo: "Passou a quadra da Loucura. E com ella se foram todas as alegrias e todos os prazeres accumulados, porque eles se esgottaram nesses três dias em que o Diabo sahiu á rua" (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 175, p. 7). Com a entrada de março, "A Paulicéa,

passado o bom tempo da Folia, entrou novamente nos seus habitos pacatos. Vê-se, em cada physionomia, uma morbidez, um tedium vitae imcomparavel". Para o cronista, a apatia era um claro indício da época que se atravessava, um momento "[…] em que todas as actividades se absorvem na eterna conquista, na lucta tremenda pela vida". Por fim, a Hidra de Lerna parece ter vencido os espíritos: "Festas muito poucas. Afóra as reuniões familiares, motivadas por comemorações de datas natalinas e dias festivos, nada mais tem medrado, no terreno sáfaro do mundanismo dessa terra" (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 176, p. 8). São de criatividade infindável as comparações entre a vida social paulistana e coisas inférteis, ignóbeis, provincianas, retrógradas, aqui Blas compara a cidade a um terreno sáfaro, improdutivo, quando o assunto são as sociabilidades. Não é só a falta de encontros e festas que prejudica São Paulo, mas também a de assunto, no número seguinte ele critica o lugar comum de "quebra do gelo": falar sobre o tempo:

> Dizem os observadores e com elles concordam os criticos, principalmente os das cousas sociaes, que falar-se em calor é prova de que não tem na cachola outro assumpto a desenvolver. Em geral, nos bailes e reuniões o calor é predilecto assumpto dos imbecis doirados que, pela pratica que têm da materia discorrem, diga-se a verdade, com a mais absoluta autoridade sobre o calor, chegando até a discutir a fórmula [….] do coeficiente de dilatação (BLAS, *O Pirralho*, n. 177, 1915, p. 7).

Assim, insatisfeito com o panorama social da cidade, Blas propõe novo hábito: o *footing* no Triângulo.

> Assim, ás quartas e sabbados, o nosso pessoal da *haute* virá á cidade fazer o *footing*, tirando assim o aspecto elegante do centro da nossa *urbs*, nos dias da semana. O *Pirralho* publicará os nomes das senhoritas que nesses dias *triangularem* […] Que as nossas familias acoroçoem essa iniciativa, para que S. Paulo perca, de vez para sempre, esse ar acaipirado de aldeia de terceira ordem (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 180, p. 9).

Apesar da "novidade" no tipo de socialização que Blas deseja promover, a maneira que ele a coloca já é por nós conhecida. Apesar da constante inovação dos adjetivos que caracterizam a São Paulo do momento, Blas clama pelo mesmo público, a tal *haute gomme*[47], para passeios no centro renovado da cidade, oferecendo como incentivo à publicação dos nomes das senhoritas que o fizerem. Essa tática pode também ser

---

[47] *La haute gomme* é uma antiga expressão francesa usada para designar a "alta sociedade". Vide dicionário *ABC de la langue française*. Disponível em <http://www.languefrancaise.net/Bob/10756>. Acessado em 27 de jul de 2018. Encontrada n'*O Pirralho* diversas vezes, por vezes grafada como *hante-gomme* (n. 49, p. 15), por outras *aute gomme* (n. 53, p. 24).

conjecturada. Durante os anos de publicação, percebemos que tanto *A Cigarra* quanto *O Pirralho* fazem uso desse recurso, publicando nomes, placas de veículos e fotografias dos indivíduos que tomavam parte nas atividades por eles promovidas. Essa estratégia, ao que parece, buscava fidelizar leitores, envaidecidos com a publicação, ou mesmo angariar novos consumidores, que ansiavam por fazer parte daquele contexto. Pode, também, ser tida como forma de demonstrar que aqueles comportamentos e espaços eram estimados e, portanto, validados pelas revistas da alta sociedade, legitimando os comportamentos — ou, por vezes, os condenando. Por fim, ser citado em uma dessas publicações bem-quistas por esse público leitor, era sinal de prestígio.

Inclemente, *A Cigarra* repete os ensejos carnavalescos no ano seguinte. Desta vez, em texto intitulado "O Corso", sem assinatura, temos uma semana de festejos com céus "[…], despejando continuamente sobro [sic] a cidade os mais formidaveis aguaceiros", chegando-se a crer que não haveria possibilidade de vê-las levadas à cabo, "[…] ante o desanimo popular".

> O Corso, porém, veiu a evitar esse desastre, affrontando as injurias do tempo e dando ao espirito publico a inilludivel demonstração de que suas festas ganharam um inabalavel prestigio, contra o qual a propria Natureza não ousou oppôr os enormes recursos da sua força […] emquanto os promotores dos festejos a Mômo succumbiam, enbrandecendo de energia e de actividade, as vanguardas do Corso mantiveram as suas forças cohesas e o proposito firme de render homenagem ao deus pagão, fosse qual fosse, o tempo dos tres dias maiores (CIGARRA, 1916, n. 38, p. 17).

A nota apresenta, mais uma vez, o início mambembe da prática naquele carnaval. O tempo, como em tantas outras ocasiões anteriores, não foi capaz de abalar as energias do público, desejos de desfilar, de verem e serem vistos, de festejarem a tão almejada modernidade. Assim, eles mantiveram suas forças coesas e focadas na homenagem ao deus pagão. A *chronica* continua, contente em relatar os "avanços" da prática que se aperfeiçoava aos olho d'*A Cigarra:*

> Todos se devem recordar que no primeiro anno dos festejos e concurso de viaturas não passou de cento e meio, entre landaus e automoveis, não desprezando uns vehiculos improprios que ali se apresentaram, despidos de ornamentação e obedecendo a interesses commerciaes que estavam em manifesta incondicencia com o caracter requintado e fino da mais elegante festa que S. Paulo até hoje realisou.
>
> Mas no segundo anno treplicou e nos annos seguintes o movimento crescente foi-se accentuando até chegar à magestade e esplendor de que o orso de revestiu no Carnaval de 1915.

> O que elle foi este anno não precisamos relembra-lo. Mil e tantos carros desfilaram ao longo do aristocratico passeio. Alguns disputaram á multidão applausos frementes" (CIGARRA, 1916, n. 38, p. 17).

Mais uma vez, o corso e a necessidade de se tomar a rua são cumpridos mesmo frente a intempéries — desta vez não tão mortais quanto os perigos da poeira. O corso atingiu prestígio elevado, uma conquista social que passa a figurar, definitivamente, entre os costumes da elite paulistana.

Cidade de ruas estreitas e pouco pavimentadas, como vimos, São Paulo naquele início do século, foi ambiente propício aos contratempos do espaço público. Algumas ruas do centro mantém até hoje sua estreiteza, em que o espaço dos pedestres e o dos automóveis se confunde, a chegada dos bondes elétricos só fez agravar a questão. Não obstante, o ímpeto da modernização colocava São Paulo em moção, em sua ânsia por se igualar ao Rio de Janeiro ou Buenos Aires. Dentre os impactos que podem ser enumerados, a necessidade de um novo comportamento por parte dos munícipes está entre os principais: havia necessidade de dividir as ruas com as novas formas de transporte, além das tradicionais carroças e carros diversos, os bondes elétricos e modernos automóveis, traziam para o espaço público um novo ritmo, exigindo velocidade de resposta e reflexos aquém dos de até então.

3. ORÓPA DA FAZENDEIRADA: SOCIABILIDADES E SEUS ESPAÇOS

Não desmente porisso a fama deste São Paulo que alguém já baptizou de "Itália d'aquem-mar…"

KODAK, *O Pirralho,* 1912, n. 40, p. 9

"O progresso, é um dos maiores factores da saudade", assim entoa um de nossos cronistas mundanos, Marcus Priscus, ao ver um prédio ser demolido em abril de 1914, chamando o progresso de "mau":

> Do rolar dessas pedras que cáem, demolidas pelas picaretas do progresso nesse hymno glorioso que entoam ao trabalho, me vem para dentro d'alma, a mesma magua que essas pedras, coitadas, devem ter. É uma magestade velha que tomba para dar lugar a uma magestade moça […] Depois, ergue-se aqui um magestoso edificio; […] o progresso aqui estaca e, ao envez dos saudosos balcões onde os Romeus amavam, surgem por aqui as '"terrasses" para os "five ó clock…" (PRISCUS, *O Pirralho*, 1914, n. 139, p. 3-4).

Capela (2009, p. 15) nota, em passagem, o intuito de lamentação quanto à destruição ou apagamento daquela cidade do passado. Assim como a majestade que tomba, magoando o cronista e suas pedras que perdiam utilidade, a "picareta civilizadora" que tencionava rasgar largas avenidas e caminhos, vibra numa marcha fúnebre, ambas afinadas pelo mesmo diapasão. A imagem figurativa, longe do meu poder de fruição musical, é, também, de Priscus, que em número de 1913, lamenta a demolição do Polytheama, cinema e, posteriormente, café-concerto. A passagem d'*O Pirralho* aqui reproduzida, ilustra com presteza a remodelação dos espaços públicos, locais de passeio e lazer, que passam a ganhar novos hábitos e práticas de recreação. Em fins do século XIX e início do XX, os antigos hábitos, procissões e festas religiosas tradicionais, se tornavam menos frequentes, desafiados pelos modos de viver de feição mais cosmopolita, alinhados aos novos desejos urbanos que a cidade e seus citadinos começavam a adquirir (BRAGLIA, 2011, p. 99).

Se no capítulo anterior discutimos o espaço público e as "diferentes cidades" constituídas por cada uma das três revistas, neste exploramos os símbolos do "progresso estacado", que tomam a forma de *terasses* para os *five ó clock teas*. Isto é, os novos espaços construídos pela elite para o desempenho das novas sociabilidades: o espaço do cinema e o ato de atendê-lo; os clubes, com suas *soirées* dançantes; os parques e jardins públicos onde se

organizavam *kermesses* e *pic-nics*; os cafés e a vida intelectual boêmia. Todos esse hábitos e espaços estão sujeitos ao escrutínio dos nossos já conhecidos cronistas urbanos, cada qual oferece sua visão de mundo, nos dando margem para discutir as dimensões do que, por um lado era considerado "modernizante", equiparado com os costumes e condutas europeus, e os que, por outro lado, precisavam de um chamado à ordem, moralizado, geralmente, de forma conservadora. Junto desses espaços, notadamente os parques e cafés, vemos manifestar as atitudes esperadas dos homens e mulheres que os ocupavam, abrindo uma discussão sobre os papéis femininos e masculinos impostos. Articulados, também, a partir de seção comum às três revistas mundanas aqui estudadas: os perfis.

São as revistas e as crônicas mundanas, aqui exploradas, que dão visibilidade tanto aos locais em que a vida social se desenvolvia quanto suas práticas culturais, promovendo, assim, os signos e valores de novos hábitos e comportamentos. Blas coloca, em número de 1915, de maneira direta e clara, os locais *chics* da capital, facilitando a vida dos retraídos: "Chás do Mappin - as 4as e sabbados; Parque Antarctica - ás 6as; High-Life - aos domingos; Brasil-Cinema - ás 5as e Sab.dos; Royal - ás 3as; Belvedere da Avenida - aos domingos á hora do corso" (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 177, p. 9). Em cada um desses espaços, podíamos encontrar os indivíduos mais *up-to-date* da época, desempenhando os últimos rituais sociais importados da Europa. Alguns destes novos espaços de lazer e sociabilidade pública, como o Jardim da Luz e o Jardim da Aclimação estão situados nas proximidades do centro, mas vários deles localizavam-se em regiões distintas e afastadas deste mesmo centro. Era o caso do Velódromo Paulistano na Rua da Consolação, o Parque Antarctica, na Água Branca (BRAGLIA, 2011, p. 99).

O High-Life e o Brasil eram dois cinemas da capital, a eles somavam-se outros tantos que tinham espaço dedicado n'*O Pirralho,* uma seção presente em diversos números: "O Pirralho nos Cinemas". Diferente, contudo, de relatar o que há para ser visto em matéria da sétima arte, a seção opta por explanar quem lá esteve, além de comentários *à vol d'oiseau*. Por exemplo: O Radium "É o salão chic e predilecto do belo sexo. Nas ultimas soirées, notamos lá e registramos isso aqui com prazer as senhoritas seguintes: R. P., tristonha e com *toillete* roxa. E. C. como sempre muito espirituosa…" (PIRRALHO, 1911, n. 6, p. 7) — o Radium, foi notado em mais de uma ocasião, era caracterizado como preferido do belo sexo, um ponto *chic* por excelência (PIRRALHO, 1911, n. 14, p. 8). Os cinemas da capital eram pontos elegantes que reuniam "promptos smarts" (PIRRALHO, 1911, n. 11, p. 11), enchendo, todas as noites "[…] de moças bonitas e dandies, que querem passar por

bonito" (PIRRALHO, 1912, n. 53, p. 24), certas fitas atraíam, inclusive, concorrência "elegante e chic" (PIRRALHO, 1911, n. 12, p. 9). O jornalista d'*O Pirralho* que colaborava na seção, possuía um "permanente", ingresso a que tinha direito a imprensa para frequentar quantas sessões lhes conviessem (PIRRALHO, 1911, n. 15, p. 13).

Ao High-Life, por exemplo, foi dotada, mais de uma vez, características de cinema mais *chic* de São Paulo — *O Pirralho*, contudo, empregava o superlativo com frequência. Em uma *soirée* particularmente *chic*, *O Pirralho* estava certo ao afirmar que dali "[...] a algumas dezenas de annos [...] [os cinemas figurariam como] pontos de encontros patheticos amorosos":

> Não havia no salão todo, lugar sequer para uma cabecinha de alfinete. Alem disso, na platéa e nos camarotes, sómente um ou outro homem, destaca-se como pequenos pontos negros no meio de uma chusma compacta de rostinhos encantadores. Á volta então, em pé os homens se acotovelavam.
>
> Á vista da enchente, em lugar de dar o nome de todas as moças que lá estiveram, limita-se somente a dizer que estava lá tudo quanto ha de mais chic em São Paulo. Não faltou uma moça sequer da Av. Angelica, de Hygienopolis, dos Campos Elyseos etc. (PIRRALHO, 1912, n. 31, p. 8).

O High-Life era, como o próprio nome sugere, um dos pontos mais *chics* em matéria de cinema, o preferido da *haute gomme* paulistana (PIRRALHO, 1912, n. 49, p. 15): "Os automoveis que se enfileiravam pelas suas visinhanças, bem mostravam quão selecta era a sociedade que lá se reunia" (PIRRALHO, 1912, n. 30, p. 8). Com uma "orchestra sempre digna de elogios", a casa de cinema era muito criteriosa na escolha de suas fitas, todas "boas e moraes" (PIRRALHO, 1912, n. 46, p. 7). Através das comparações feitas pelo cronista da seção, podemos notar a quem dizia respeito às *soirées* nesse cinema. Se já foram estabelecidos certos bairros e os automóveis como distintivos de uma elite paulistana, *O Pirralho* estreita, ainda mais, as conexões entre eles e uma sociedade *chic*, endinheirada, fomentadora dos novos hábitos burgueses. O High-Life Cinema, foi inaugurado em dezembro de 1910 (ARAÚJO, 1981, p. 188), o Brasil Cinema, por sua vez, surgiria só em 1915, á Rua Barão do Itapetininga, classificado como "um dos melhores cinemas que a Paulicéa possúe".

> […] a magnifica e luxuosa casa de diversões que, não ha contestar, é o mais confortavel cinema da nossa urbs. Fomos um destes dias ao Brasil-Cinema, mas com a mesma calma e indifferença de quem já conhece de sobejo os cinemas paulistas e o modo por que estão installados. De maneira que foi para nós verdadeira surpresa, e das mais agradaveis, encontrarmo-nos numa sala de espera, magnificamente illuminada, e ante uma selectissima sociedade, que outra não era a que lá estava a ouvir […] O salão de exhibições tambem nada deixa a desejar. O

> luxo e a magnificencia de uma, são eguaes ao do outros. As fitas, muito nitidas, e as projecções bem firmes na tela. Por tudo isso parece-nos que as nossas meninas chics devem fazer alli o seu ponto predilecto (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 171, p. 9).

Estamos vendo o começo do estabelecimento dos cinemas como ambientes majoritariamente femininos. Daí a ênfase na beleza e segurança desses ambientes, com suas salas de espera resguardadas e propícias aos encontros e mexericos femininos. Os anos de 1920 assistem a consagração do formato "palco e tela", em que um número artístico introduzia o filme principal, uma grande "*ouverture*", como na Ópera. Com o tempo, essa introdução teria "[…] o cinejornal, os seriados, o filme de animação, a comédia e o filme principal, mas antes de tudo isso, ainda, cantores, mágicos, músicos e, no caso do Brasil, até cães amestrados" (SCHVARZMAN, 2010, p. 49). Assim, a campanha moralista que veremos adiante procura conservar esses ambientes para que o sexo frágil não fosse exposto a fitas inescrupulosas. "As mulheres da elite tinham como atributo a educação, a distinção, a delicadeza, a sensibilidade para a arte, mas acima de tudo a fragilidade. Fragilidade que cabia aos homens resguardar" (SCHVARZMAN, 2010, p. 52). Os filmes que atentavam contra a pureza das mulheres respeitáveis eram considerados "impróprios para moças e senhoritas":

> Repletos estiveram os cinemas. O cinematographo é por certo um divertimento de mão cheia, como habitualmente se diz, alegra, instrue mas tambem profana e corrompe. Ha fitas que não podem nem devem ser vistas por uma senhora e muito menos por uma senhorita. E em S. Paulo nem todos os cinemas têm o escrupulo necessario para fazer uma escolha intelligente. Temos visto fitas de arrepiar os cabellos. Ha algumas immoralissimas, indecorosas. É neecessario pois que os pais de familia lancem suas vistas sobre este ponto. Não é a qualquer cinema que se pode ir com a familia (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 5, p. 11).

O alerta de Gama se repete em ocasiões diversas, geralmente pedindo atenção dos homens de família para as fitas e cinemas que suas esposas e filhas frequentavam. Nessas casas, as fitas classificadas como indecorosas, "provocavam impudor, convidando a devassidão" que, para Gama, eram namoricos escandalosos em que se metiam casadas senhoras, preparando o caminho da desonra (GAMA, *O Pirralho,* 1911,n. 16, p. 8). Sem cometer maiores indiscrições, *O Pirralho*, por meio de Gama, mantinha certo decoro, não violando a privacidade da dita senhora: "Ainda ha dias a esposa de um conhecido.... não, não sejamos indiscretos. Que a desgraçada cave a sua propria ruina nas sombras nos cinemas" (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 16, p. 8-9). Segundo ele, "o namoro é mais forte que o *flirt*, traz consequencias, acabam em casamento, ou na policia em tragedia. O *flirt* já é mais fino, menos perigoso, mais inocuo" (GAMA, *O Pirralho,* 1911,n. 16, p. 9). Gama se diz

encorajado por várias missivas, algumas assinadas por distintos cavalheiros, a continuar com campanha contra os tais cinemas imorais. O cronista entende por isso que se reconhece, então, os perigos dos cinemas, estes que se encontram "Na pouca escrupulosa escolha de fitas", visto que são"[…] verdadeiras escolas de crimes, furtos, assassinatos, vinganças, adulterios etc. O cinema explorado por gente sem escrupulo exerce uma influencia deleteria sobre os bons costumes". Ele encerra a seção da semana com promessa vaga: "Ainda havemos de contar alguns casos interessantes, assim como qualquer dia citaremos os nomes dos cinemas que se intitullam familiares e exhibem verdadeiras mazellas moraes" (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 19, p. 11).

Em pequena nota que fecha o vigésimo segundo número d'*O Pirralho*, desta vez sem assinatura de Gama, torna-se a aventar preocupação para com as fitas imorais, taxadas claramente como pornográficas:

> Fomos ha dias a um dos cinemas tido e havido como dos mais familiares. Estava completamente cheio o salão de senhoritas e até meninas. Estava annunciado para aquelle dia um programma d'arromba. Entramos. Assistimos duas fitas e sahimos enojados que horror! Diziam propriamente fitas familiares e fazem exhibir verdadeiras immoralidades, scenas de alvice!! E temos leis, pouco severas é verdade, mas leis que processa a pornographia. Onde está a policia que não vê taes coisas?
>
> Qualquer destes dias iremos assistir nos cinemas, que se dizem familiares, certas scenas que só os animaes se permittem fazer diante de todos! A que ponto chegamos em materia de moralidade! (PIRRALHO, 1912, n. 22, p. 16).

Faz-se interessante notar que, apesar de diversos avisos de Gama, a seção "O Pirralho nos Cinemas", permanece sem alteração alguma, jamais indicando que tais fitas ou casas de cinema possam ser prejudiciais a moral das senhoras e suas filhas. Pelo contrário, os salões são caracterizados por suas luxuosas salas, com confortáveis cadeiras e sempre repletos de *habitués*, uma dessas casas, ironicamente, é identificada como "pequenino Éden" (PIRRALHO, 1911, n. 16, p. 13). Há, contudo, menções a fiscalizações, que "vedam, sensatamente, elementos inconvenientes" (PIRRALHO, 1911, n. 17, p. 10), se esforçando para que seja observada a maior ordem possível (PIRRALHO, 1912, n. 43, p. 11). Bem como comentários, em estilo passageiro, *à vol d'oiseau,* que explicitavam coisas como: "[no Bijou] Concurrencia numerosa. Muitos namoros e muitas contrariedades" (PIRRALHO, 1911, n. 18, p. 13). O Bijou, aliás, tinha certa fama, tradição por assim dizer, era conhecido como "Cinematographo de arranja casamentos" (PIRRALHO, 1911, n. 19, p. 13). Em 1912, o Bijou

também é descrito como cinema dos fazendeiros, em que "muitas fazendeiras levadas pela mão dos seus papás que o café fez este anno milionarios" (PIRRALHO, 1912, n. 22, p. 14).

Mais interessante, talvez, é o fato de que o próprio *Pirralho* incitava os *flirts* e namoricos nas salas de cinema. Posto que lhes parecia mais importante expor quem esteve em cada casa, ao invés de uma crítica ou informações sobre as fitas em cartaz. Veja, por exemplo, nota sobre o Cinema Liberdade: "Notamos, entre as graciosas senhoritas que abrilhantaram com sua presença as soireés deste cinema, as seguintes…", e uma longa lista de iniciais, cada qual descrita em poucas palavras: "interessante";"com um olhar vago e pensativa"; "indifferente á tudo"; "sympathica e elegante" (PIRRALHO, 1911, n. 21, p. 14). A seção dedicava-se quase exclusivamente a conhecer as salas de cinema, não para comentar sobre os filmes exibidos, mas sim para "[…] descrever aspectos da nova sociabilidade que se desenvolvia nesses espaços lúdicos e culturais da cidade" (RAGO, 2004, p. 398-399). Em 1912, o colaborador da seção, que se identifica como o Pirralho personagem, coloca que, após ver os filmes oferecidos pelo cinema, encostou-se na parede para observar as verdadeiras fitas que lá estavam: "*O Pirralho* depois de vêr os films artificiaes, todos elles bellisimos, encostou-se a um canto para apreciar prazeirosamente a encantadora fita natural. Viu desfilar um bando enorme de moças garridas e bellas" (PIRRALHO, 1912, n. 44, p. 14), ora ele próprio incitava um passatempo de *voyeur* um tanto pernicioso. Voltolino bem ilustra a proposição dos cinemas como ambiente de flerte e namoricos em caricatura de página inteira.

Na imagem seguinte, os homens portam varas de pesca, cada qual identificada com o que eles buscavam na mulher, "lançando o anzol", ele poderia fisgar aquela que possuísse o traço desejado. Acima da imagem, o Radium, cinema da cidade, é nomeado como o local da atividade:

Figura 15 - "Á sahida do Radium", *O Pirralho,* 1912, n. 49, p. 14.

A prática de "fisgar mulheres" a saída dos cinemas também fez sua aparição n'*O Parafuso*. Mantendo-se em conluio com sua linha editorial, o semanário nos relata ser comum a aglomeração desenhada por Voltolino n'*O Pirralho:*

> Sabbado, 5.
>
> 8 e meia da noite mais ou menos. Nas proximidades do Cinema Central, notava-se agglomeração de *moços bonitos* e feios também. Uns aguardavam a sessão que não tardava; outros *habitués*, manequins permanentes daquelle ponto, contentavam-se em ver quem entrava, quem sahia e quem passava…
>
> A hora não podia ser mais propicia. A sessão dessa hora é regularmente concorrida e é justamente a hora em que passam as alumnas do Conservatorio Dramatico. Todos sabem, menos a Policia, que naquella visinhança, estaciona diariamente um grupo de *galanteadores* para interceptar a passagem das alumnas do Conservatorio. Ha galanteadores do todo quilate, mas todos dignos de uma sova de pau. Os mais pintados, os que tem *papai* presidente, secretario, senador ou deputado, são os mais atrevidos, isso porque todos contam com a impunidade (PARAFUSO, 1915, n. 47, p. 14).

O excerto, recheado de ironia, explicita a condenação da prática pela publicação. Esta, vê as moças desamparadas, sem que a força policial se faça presente, alheia a

acontecimento iterado e por todos conhecido. Seu feitio de combate incisivo aos poderes estabelecidos, também pode ser lido aqui, visto que os galanteadores cujos pais ocupavam posição de poder mais proeminente — presidente, secretario, senador ou deputado —, tinham mais audácia, atrevimento, nos seus cortejos, visto que as consequências de seus atos seriam mínimas, dado sua retaguarda. *O Parafuso* não se limita a este rápido comentário, ele prossegue, narrando que, no processo de "flertar" com uma jovem, o filho do arquiteto Ramos de Azevedo acabou passando, violentamente, dos limites:

> Sabbado ultimo — iamos dizendo — a proeza coube a um filho do Dr. Ramos de Azevedo, Director da Escola Polytechnica.
>
> Desciam a Ladeira de São João, com destino á Praça Antonio Prado, duas senhoritas. Depois de atravessarem a rua Formosa já próximo do Cinema, um moço bem vestido e de colarinho, foi ao encontro de ambas, dando propositalmente uma violenta *cotovellada* no hombro de uma dellas. O facto foi tão revoltante, que um agente da Policia immediatamente effectou a prisão do malcriado sujeito. Preso, o *dandy*, protestou e de um alarme dos diabos.
>
> Subito, appareceu o dr. Ramos de Azevedo e com voz autoritaria, investiu para o *agente* furioso de raiva:
>
> — Você é que está preso! O agente, naturalmente porque não reconheceu o illustre dr. Ramos Azevedo, riu-se da *pilheria* e pachorrentamente replicou.
>
> — Pois então o sr. tambem está preso.
>
> Minutos depois o estribilho da *sereia* fez-se ouvir… […] Na Policia, não sabemos como foram recebidos. Entretanto, dada a fidalguia do ilustre engenheiro, é de prevêr que o dr. Eloy o recebesse no seu gabinete e com o seu sorriso tentador, pedisse ao dr. Ramos Azevedo um milhão de desculpas, por ter um seu subordinado cumprido o seu dever (PARAFUSO, 1915, n. 47, p. 14).

É justamente o caráter desrespeitoso e escrachado que fazia d'*O Parafuso* uma voz dissidente. Neste episódio, ele não se desalenta frente a figura ilustre do engenheiro, pintando-o como lhe parecia adequado: um homem soberba que se tinha por inatingível, seja por sua qualidade de homem branco com educação superior, ou como participante ativo na remodelação da cidade, então, elogiada. *O Parafuso,* levava a público o que outras publicações preferiam calar, fossem corrupções, clientelismos, apadrinhamentos ou má administração, o semanário oferece outra ótica sobre a sociedade ordeira, então em larga oferta de outras fontes. Mais uma vez, os cronistas não desapontam no desfecho de um texto, o autor, aqui oculto, nos deixa esperançoso: "Assim todas as auctoridades cumprissem os seus deveres!…".

Certamente, o que melhor pode definir os textos sobre o cinema, tal como escritos então, seria encaixá-los nas crônicas sociais e mundanas. O que estava posto em pauta não era a apreciação estética do filme, mas do espetáculo como um todo[48]: o filme principal, os números artísticos que o precediam, assim como a sala, sua "atmosfera" e, não menos importante, seus espectadores. Já nas primeiras décadas do século XX, a sala de cinema era lugar de significativa frequentação social, suas *matinées* e *soirées*, com programação e público determinado, ponto onde se ia para ver e ser visto (SCHVARZMAN, 2010, p. 49). As conversas, os flertes e outras socializações, eram, de certa forma, admitidas nesses espaços visto seu múltiplo uso.

No vigésimo segundo número d'*O Parafuso*, notamos início de nova campanha, sem dúvida menos enérgica que as referentes aos automóveis oficiais e o preço dos bondes. Sob título "Desaforos", o autor, que não se identifica, abomina fitas que retratam "nossos infelizes irmãos do Mato Grosso em completa nudez":

> A Companhia Cinematographica, por exemplo, durante as ultimas semanas, bateu o record dos films de 'genero livre', attrahindo ao Iris e ao Pathé uma multidão avida de gosar as delicias da espetaculosidade do homem e da mulher em trajes de Adão.
>
> Para que existe a fiscalisação da Policia?
>
> Será que o sr. Rudge Ramos e o sr. Hormisdas da Silva, acharam naturalissima a exhibição dos 'Nhambiquaras', homens, mulheres, crianças, velhos e moços, todos ostentando a *toilette* da natureza?
>
> Nós não somos dos que só querem moral na casa dos outros.
>
> Protestamos porque ainda ha bem pouco tempo a Policia prohibiu a exhibição de films *só para homens* e agora, com um descaramento revoltante, consente e permite que a exploradora companhia dê espetaculos com programas espalhafatosos para que?… para assistirmos a scenas em que os nossos infelizes irmãos do Matto Grosso apparecem em completa nudez. […] Porque a mocidade academica não se reuniu para apedrejar as telas cinematrographicas da poderosa companhia que, alem de tudo, ainda explora na entrada, cobrando por cabeça 2$000 de cada um, servindo-se do chamariz que é a nudez dos caboclos? (PARAFUSO, 1915, n. 22, p. 8).

A imoralidade das fitas indecorosas, é assunto que incomoda ambos *O Parafuso* e *O Pirralho*. Cenas, "espalhafatosas", em que aparecem homens e mulheres em completa nudez, outras que retratam "verdadeiras imoralidades", provocando nojo e horror, estando a poucos passos de mostrar "certas scenas que só os animaes se permittem fazer diante de

---

[48] "Nos textos dos críticos americanos do período é comum um início imaginativo, em que a fabulação começava pela descrição do público, entrava na tela explorando o enredo, voltava-se aos atores para enredar por fim o público" (SCHVARZMAN, 2010, p. 50).

todos" são alvo de campanhas de moralização. A apresentação de outros referenciais, histórias, pontos de vista, ferem e questionam a crônica comportada. A nudez dos "caboclos" serviam de chamariz, também justificando o preço das entradas, e pareciam, também, extrapolar a vida mundana paulista. A possibilidade de viajar para outros mundos, visitando modos de vida e lugares distintos, ilustra uma circulação entre "cidadãos do mundo", algo que parece não cair bem na com a alta sociedade paulistana.As fitas que aplacavam os ânimos, e eram largamente divulgadas na imprensa, eram as produzidas em São Paulo. Essas retratavam o quotidiano, acontecimentos locais, o corso, o carnaval e procissões. Nesse momento, em que São Paulo já se vê cosmopolita, podemos ver despontar um cinema representativo do modo de vida metropolitano, escolhido como representante dos hábitos citadinos, adquirindo um papel fundamental como símbolo de lazer urbano (SANTORO, 2004, p. 17).

As campanhas de moralização, contudo, vão se fazer presentes em todos as três revistas, em maior ou menor grau. Apesar de um tanto díspares, outras que se encaixam no mesmo viés moralista são as contra o jogo do bicho e, mais especificamente em relação a'*O Parafuso*, contra os curandeiros. No que diz respeito às fitas indecorosas, contudo, há que se apontar, ainda, algo sobre a tal Companhia Cinematographica.

Com gerência de Francisco Serrador, a Cia. Cinematográfica Brasileira dispunha, em 1913, de "importantíssimos estabelecimentos": duas casas de cinema na capital — então Rio de Janeiro —, dez em São Paulo e outras tantas em Santos, Belo Horizonte e Juiz de Fora. A companhia de Serrador era, também, importante distribuidora de fitas, seja por aluguel ou venda (ARAÚJO, 1981, p. 222-223)[49]. Assim, nada mais justo do que a classificação da empresa como "poderosa e exploradora companhia", que, com seu domínio, não é páreo para a fiscalização da polícia de Rudge Ramos — delegado responsável pela fiscalização das diversões públicas da capital. Outra vez *O Parafuso* estabelece vínculo entre o capital privado e uma força policial apaziguada, conciliada e conchavada: "Porque existe a fiscalização policial, que recentemente proibiu a exibição de "films só para homens" e não proíbe as fitas de "gênero livre" que surgem nos cinemas da poderosa companhia?

O Pirralho, por sua vez, vê no monopólio da empresa algo de positivo. Ainda na seção "O Pirralho nos Cinemas", sob título: "Um appello a Cia. Cinematographica",

---

[49] No ano anterior, 1912, um reclame de página inteira — que se repetiu diversas vezes — conta nove cinemas nas mãos da companhia só em São Paulo, e outros dois em sociedade com a Empreza Theatral Brasileira. Nota-se, ainda, que a seção d'*O Pirralho* comentava com maior frequência os cinemas da Companhia, dentre eles: o Polytheama (em sociedade), Bijou, Smart, Iris, Radium e Colombo (PIRRALHO, 1912, n. 56, p. 25). Um reclame muito parecido repete-se várias vezes no ano de 1914, já contando dez casas de cinema para a Companhia.

endereça-se uma crítica, confiada e incumbida a*O Pirralho* pelo "bello sexo", pelo fim das fitas pornográficas:

> Um protesto de amigo em beneficio de todos. Depois que se instituiu o *Trust* Cinematographico, tudo melhorou. Infelizmente a reforma não abrangeu a espectativa popular, pois os films pornographicos apparecem como que por encanto e as sessões continuam com os tres films da tabella. Ora, acontece que na maioria dos casos dos tres films, um sómente se salva. […] Ora, a poderoza Cia. Cinematographica bem pode remediar e sanar esses inconvenientes. […] Acreditamos que uma providencia vira satisfazer o *desideratum* geral, augmentando assim as sympathias pela poderoza empreza (PIRRALHO, 1911, n. 19, p. 13).

Apesar de aqui também caracterizada como "poderoza empresa", e não se negar que há um "*trust* cinematographico", a matéria d'*O Pirralho* é muito mais simpática a Cia. e, novamente, não menciona diretamente personagem algum, endereçando o pedido a entidade como um todo. Amável, a publicação afirma, ainda, que após a instalação do monopólio, "tudo melhorou", faltando apenas ir de encontro com as expectativas no que diz respeito a distribuição e projeção de filmes, ditos, pornográficos. Só então, as demandas e esperanças estariam apaziguadas. O deslumbramento com a luxuosidade das salas de cinema, e o fascínio provocado pelos *films,* janelas para paisagens exóticas e destinos longínquos, podiam causar medo e apreensão. As cenas podiam retratar, também, casos de violência e sedução, fazendo despontar uma preocupação "sobre os possíveis efeitos que sua crescente interferência poderia causar na vida dos jovens e das mulheres, disseminando, nesse mundo em gestação, condutas desviantes, fantasias lúbricas e desejos irrealizáveis" (RAGO, 2004, p. 398). Nosso cronista Fouquiéres já havia comentado, no segundo número d'*O Parafuso*, sobre as incoerências da modernidade paulistana, dentre elas, a existência de cinemas do "gênero livre" não compatíveis, ao seu ver, com o que se almejava para São Paulo:

> Cinemas quazi livres annunciam "soirées familiares" e paes, criminosamente ingenus, levam as filhas solteiras para apreciar dramas d'adulterio, raptos e outras cousas do mesmo estalão gritantemente offensivas dos mais comesinhos principios de moral!
>
> Jornaes que esmiuçam detalhes de scenas d'alcova são francamente lidos por senhoritas! E é a tudo isto que se chama civilisação?? Então civilisar-se quer dizer "espontapetear" a moral, aviltar-se, despudorar-se, espancar o recato do sanctuario que deve ser o lar? (FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4).

Nesta crônica, Fouquiéres procura entender o que é se modernizar, expondo diversos pontos conflitantes presentes na São Paulo da época — veremos mais excertos dessa crônica ainda neste capítulo. Assim, o tom do cronista condiz com o do semanário, irônico e

sarcástico ele demonstra como as práticas dos paulistanos são mera cópia, um simulacro mal feito ou, mais provavelmente, sem se dar ao trabalho de verificar se a prática condizia com o real, se era adequado. Se as salas de cinema eram ambientes mais comumente frequentados pelas senhoras e senhoritas acompanhadas de seus pais e maridos, a atmosfera de certas salas, que deveriam sugerir bem-estar, num sentido familiar, como extensão das próprias casas — desenho que convinha bem às famílias patriarcais numa São Paulo que se urbanizava e modernizava vertiginosamente, mesmo que muito apegada à sua moral tradicional — definitivamente não deveriam anunciar *soirées familiares* com narrativas de adultério. As frágeis moças, seriam, certamente, influenciadas por elas.

A campanha d'*O Pirralho*, precede em quatro anos as colocações de Fouquiéres, mas lá ela parece ter surtido algum efeito. No quadragésimo segundo número, também em nota não assinada, *O Pirralho* "aplaude com ambas as mãos", o sr. Secretario de Segurança Pública de vedar a exibição de filmes imorais: "[…] porque de moralizar o cinema por completo s. exa. não é capaz, visto como são immoraes as patifarias correlativas a essa instituição. Um programa inteiriço de repressão á pouca vergonha iria irritar a epiderme de muita gente bonita…" (PIRRALHO, 1912, n. 42, p. 11). Mesmo que, como vimos em matéria d'*O Parafuso* de 1915, o delegado feche os olhos para importantes empresas de capital privado[50]. Com esta nota, *O Pirralho* finda no falar das fitas pornográficas, apesar de publicar, em algumas ocasiões, reclamações de espectadores, que recomendavam mais cuidado na escolha dos seus "dignos *films*". Um "pae de família", por exemplo, escreveu a'*O Pirralho* dizendo "[…] ter se retirado para não vêr a *Escrava Branca*, fita exhibida terça-feira, e na qual apparecem scenas de um realismo crú" (PIRRALHO, 1912, n. 60, p. 11). Em outra ocasião, escreveram a*O Pirralho* relantando que o problema do cinema Élite "[…] não é a pulga nem o pó de mico de que anda infestado este encaipoirado cinema: é *perce-beijos*. Ora essa! Então ninguem se entende! Aquillo até parece a *casa da sogra!"* (PIRRALHO, 1912, n.

---

[50] Paula Freire Santoro, em sua dissertação de Mestrado de 2004, explora, rapidamente, alguns dos motivos que levaram a repressão quanto as fitas pornográficas e as que buscavam explorar formas populares da cultura brasileira:

> "[…] não teriam espaço na cultura urbana que se formava, calcada nos ideais capitalistas, cultura que não era popular, devendo ter cuidados éticos e estéticos. Essa cultura acontecerá então em outros lugares, habitados por uma população marginal, como é o caso das várzeas, do operariado da primeira indústria, no Pari e Brás. Não há ainda uma diferença entre as salas, há uma segregação nos temas das fitas" (SANTORO, 2004, p. 79-83).

Ver também: Maria Rita Elieser Galvão, Crônica do Cinema Paulistano e Arlindo Machado Pré Cinemas & Pós Cinemas.

67, p. 16). O jogo de palavras, que troca percevejos por *perce-beijos,* indica como o cinema parecia estar trilhando caminho delicado em uma sociedade de altos padrões moralistas, os *flirts*, antes inofensivos, parecem ter avançado para namoros mais sérios, para a época…

Assim, três números adiantes, *O Pirralho* torna a explanar o cinema: "Qual! Este cinema está mesmo com a *caipora*. Vão ver que, daqui a algum tempo, só irá a elle gente pobre e feia!" (PIRRALHO, 1912, n. 70, p. 21). No número seguinte: "Este cinema vae de mal a peor. As moças que se prezam não frequentam mais e fazem muito bem" (PIRRALHO, 1912, n. 71, p. 18). Mais uma vez podemos observar a tentativa de relacionar um ambiente que não era mais tido como moderno e civilizado, com uma parcela específica da população: os pobres. A São Paulo imigrante foi, como vimos, por muito tempo elogiada e enaltecida como possível dirigente de um trabalhador "civilizado", em confluência com o "progresso" pregado. São falas como a d'*O Pirralho,* que contribuem para a construção de mecanismos de controle e disciplinarização do mercado de trabalho em constituição, processo que exclui e estigmatiza populações nacionais pobres.

As crônicas d'*O Pirralho* permitiram vislumbrar a que parcela da população os cinemas pertenciam. Tidos como modernos, parte dos novos divertimentos disponíveis na Pauliceia em formação, eram ambientes segregados que atendiam ao público bom, *chic* e seleto. Dessa forma, as populações pobres são dispensáveis e devem ser escusados de entrar nas salas de cinema que constituiriam o país adiantado com que sonhavam (SCHVARZMAN, 2010, p. 64). Vai ser só na década de 1920, momento de uma nova ambiência metropolitana, que um mesmo espaço passa a permitir a coexistência de diferentes, em uma multidão de indivíduos que, ao mesmo tempo que são estranhos entre si, atuam de forma coletiva (SANTORO, 2004, p. 107). Neste momento, o cinema será representante da elite e, simultaneamente, entretenimento para as massas.

3. 1. O *esthetico* Trianon

Se às quintas e sábados eram reservados para o Brasil Cinema, aos domingos pertencia o corso na Avenida Paulista que, em 1916, recebia importante adição: o Belvedere Trianon. Antes do Museu de Arte de São Paulo ser um dos grandes pontos turísticos da Avenida Paulista, o número 1578 abrigava outra atração: um mirante, com terraços panorâmicos que proporcionavam vista de todo o vale. A obra, assinada pelo escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo, além dos terraços, era composta por salões de festas e

convenções com serviços de restaurante e confeitaria[51]. A inauguração, realizada com toda pompa que tinha direito, ocorreu em 12 de junho de 1916, ocasião em que "[…] o dr. Washington Luiz, prefeito municipal, pronunciava discurso official inaugurando aquelle excellente ponto de divertimento publico, de onde se descortina um belissimo panorama da cidade" (CIGARRA, 1916, n. 44, p. 16-17). Na ocasião, *A Cigarra* veiculou diversas fotografias, que retratavam as "[…] distinctas familias e cavalheiros da nossa sociedade chic", dispostas pelo salão, "[…] luxuosamente montado […] onde as excmas. familias encontram as mais agradaveis e confortaveis installações" (CIGARRA, 1916, n. 44, p. 16-17).

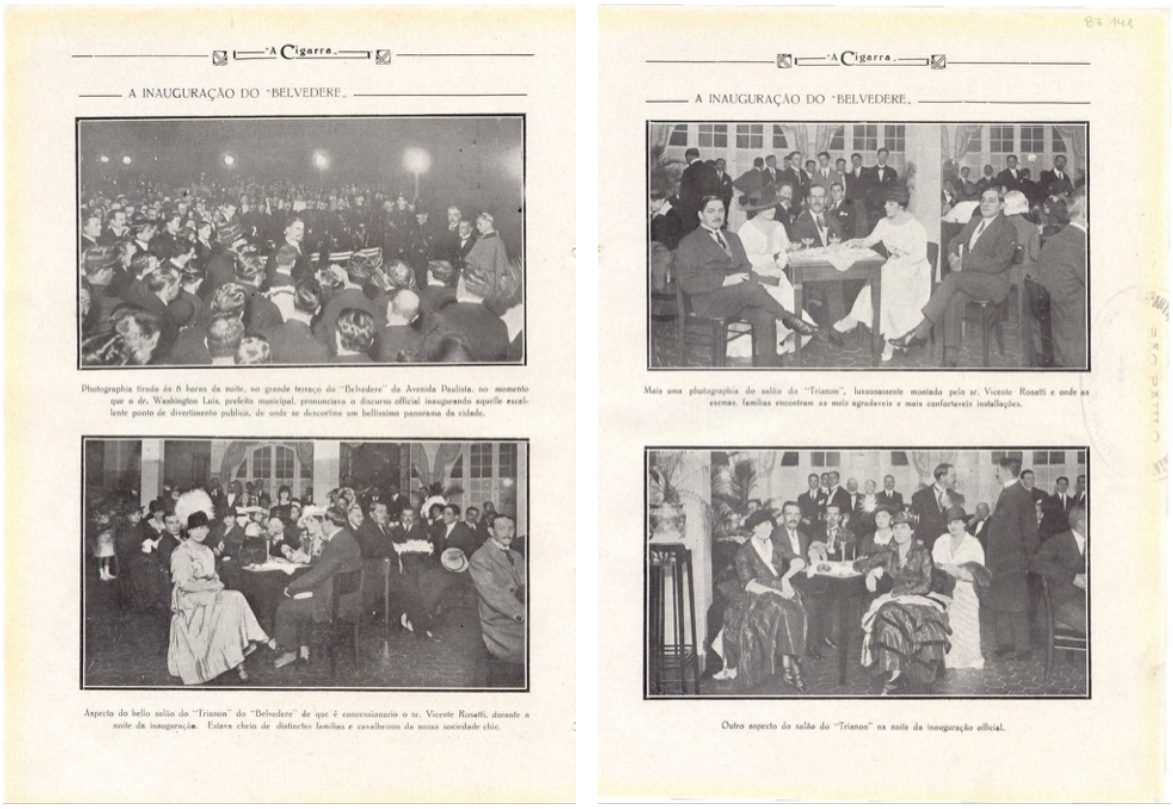


Figura 16 e 17 - "A inauguração do Belvedere", *A Cigarra*, 1916, n. 44, p. 15 e 16

O discurso condiz com aquilo que temos observado na revista, nada nos saltando aos olhos. Dois números adiante, contudo, em uma de suas colaborações à revista, Voltolino assina três caricaturas de crítica aos usos e intentos do novo espaço, feitas para comentar o fato. Na primeira delas, vemos uma família pobre sob o telhado de uma casa repleta de

[51] Batista, Liz. Era uma vez em SP… Belvedere Trianon. *Acervo Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-belvedere-trianon,11165,0.htm>. Acesso em 07 nov. 2018.

rachaduras, de pés descalços, a observar, com certo pesar, o panorama do bairro em que estão, sob a imagem lê-se: "'Belvedere' do Braz". As feições da família não permitem atestar seu divertimento através daquele "[…] interessante phenomeno da synergia", que distraia os que não podiam despender "[…] um magro nickel" nos tubos de lança perfume do carnaval de 1915. O novo "espaço público de divertimentos" não era tão público assim, excluindo larga parcela da população que não seria bem vinda, visto o já posto sobre os "pé rapados". Os tais salões com serviços de restaurante e confeitaria, certamente não poderiam ser comissionados pelos moradores do Brás ilustrados por Voltolino. Enquanto a elite se serve de um ponto de encontro em um espaço fechado, considerado chique, para ela dimensionado e reservado, "[…] a única alternativa de lazer para os pobres seria admirar a paisagem de cima do telhado de suas casas" (PRADO, 2003, p. 90-91).

A Cigarra

a graça dos seus encantos naturaes, dalli abalou de novo, ante as acaloradas discussões provocadas pelo carissimo custeio de um soberbo fogão a gaz, voltando agora, como vimos, conduzido por um vehiculo de de nova especie. Mme. não deve se aborrecer com essa substituição. Com a economia dahi resultante, Mme. poderá *continuar* a ostentar as suas lindas toilettes, e quem a vir aristocraticamente recostada no sua luxuosa *limousine*, nunca poderá suppor que Mme. passou a cosinhar á lenha. Que a nova lareira, na sua missão economica, possa fornecer ainda o calor necessario para reaquecer de vez as tão frias relações conjugaes do aquinhoado casal, são os nossos melhores votos.

* * *

Mlle. festejou ha dias o seu centesimo pedido de casamento. Mlle., intelligente como é, ha de se rir gostosamente dessa vassallagem edificante ao seu pedestal de ouro, sem desfazer, *cela va sans dire*, nos seus demais dotes. Nessa centena de escravos do vil metal, deve sobrar á larga assumpto para um novo estudo a Gustavo Le Bon. Eram, em sua maioria, ineditos aos olhos de Mlle., mas por isso mesmo se revelaram melhor do que talvez o podessem fazer em largos annos de convivencia. Ainda bem que Mlle., são lhes podendo dar uma gorgeta, deu-lhes uma magnifica lição de moral.

Que ao menos tirem dahi algum proveito.

* * *

Na rua 15:

— Olha o X... casado ha tão pouco, lá vae na frente, todo trombudo, deixando a cara metade tão distanciada, apezar dos 700 pacotes que recebeu...

— Os pacotes estavam vasios, meu caro. Foi buscar lã...

— E com um frio deste...

CRYPTON.

O Patrimonio do Povo

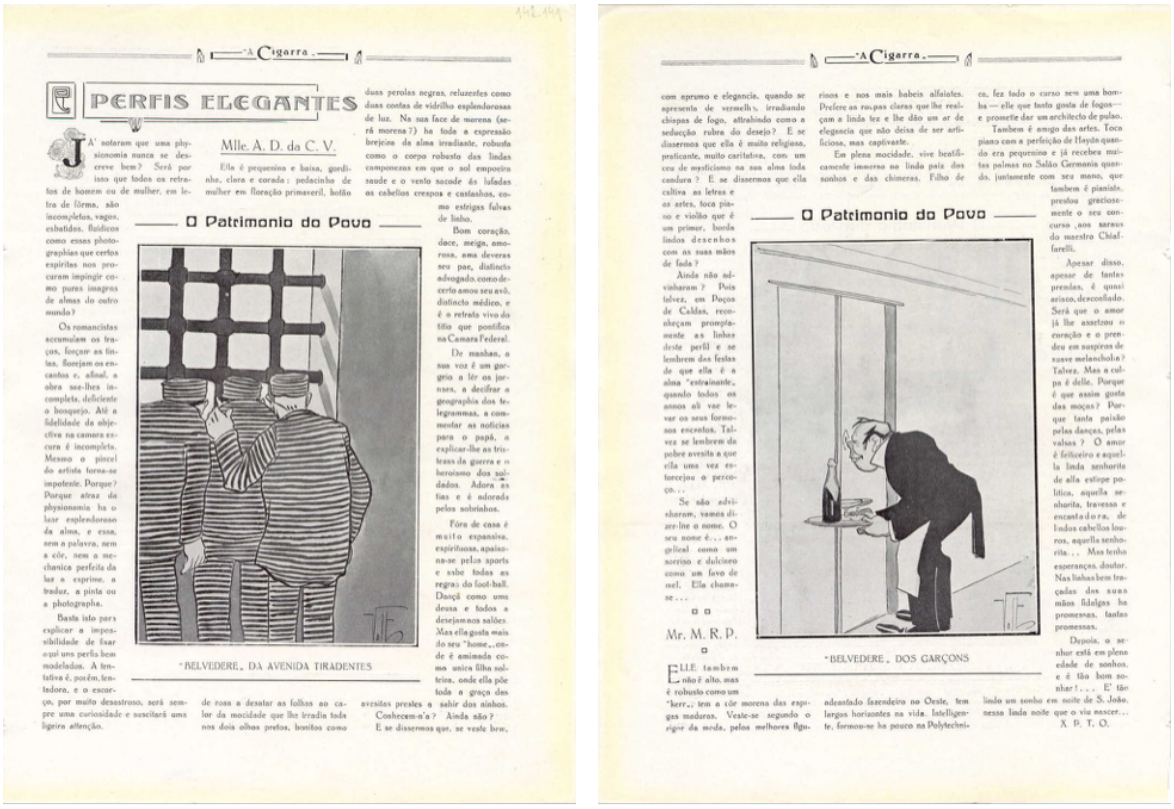
"BELVEDERE" DO BRAZ

O *Journal des Débats* narra um singular exemplo do sentimento de devoção que os japonezes ligam ás tradicções. Durante terrivel erupção do Sakurashima, um vapor foi levar soccorro aos habitantes de uma aldeia visinha. Logo que elles ouviram o apito do navio salvador, apressaram-se em tomar logar nos seus barcos e a recolherem-se a bordo. Assim foram salvos. Mas apenas chegaram a bordo constaram que o mestre escola da aldeia os não havia querido seguir. Alguns marinheiros desceram á terra e arriscando a vida, foram buscar o professor á escola; mas tiveram de empregar a força para tiral-o de lá e subtrail-o a uma morte certa.

O mestre, heroe e martyr do dever, não queria abandonar a escola porque havia lá um retrato do Imperador. Guarda dessa imagem official, o professor considerava-se como um sacerdote a quem tivesse sido confiada uma reliquia sagrada e preferia morrer a abandonar o seu posto. E não se teria salvo nem mesmo com violencia se os marinheiros juntamente com elle, não tivessem trazido a salvamento a ephygie do imperador.

Figura 18 - "O Patrimonio do Povo", *A Cigarra,* 1916, n. 46, p. 19

A segunda ilustração, algumas páginas adiante, retrata três presos que parecem ansiar por uma participação nas festas do Belvedere. Sob a imagem, legenda que referencia a primeira: "'Belvedere' da avenida Tiradentes". Por fim, já na página seguinte, a ilustração que termina esta pequena série de Voltolino. Nela vemos um garçom também querendo uma parte nos festejos burgueses. Ele, que estava lá para servir a festa, busca espiá-la por uma fechadura, almejando uma participação sobre outros pretextos. Na legenda: "'Belvedere' dos garçons".



A Cigarra

PERFIS ELEGANTES

Mlle. A. D. da C. V.

O Patrimonio do Povo

"BELVEDERE" DA AVENIDA TIRADENTES

A Cigarra

O Patrimonio do Povo

"BELVEDERE" DOS GARÇONS

Figura 19 e 20 - "O Patrimônio do Povo", *A Cigarra*, n. 46, 1916, p. 21 e 22

Todas as três imagens vem identificadas com o título "Patrimônio do Povo", uma referência, talvez, ao fato de o empreendimento de Washington Luís ser em prol do divertimento público, certamente mais um deboche sarcástico de nosso cronista da cidade. Faz-se interessante, também, apontar para o posicionamento arbitrário das ilustrações. Optamos por reproduzir nesta pesquisa a página inteira em que se encontram, visto que ao seu redor — bem como anteriormente e posteriormente — nada tenha sido mencionado quanto ao assunto. A segunda e terceira encontram-se, inclusive, ironicamente em página da seção

"Perfis Elegantes". Foi Hivana Mara Zaina de Matos (2003), quem primeiro percebeu que as charges e caricaturas dispostas n'*A Cigarra,* "pareciam apenas ocupar os espaços vagos" e que, "muitos dos acontecimentos de São Paulo ou de outros lugares que eram satirizados através das charges, não correspondiam aos demais conteúdos das revistas" (MATOS, 2003, p. 119).

Tal fato pode apontar algumas hipóteses, uma delas de que Voltolino tinha certa liberdade de expressão, podendo manter sua pena afiada de costume, vista em diversas ocasiões n'*O Pirralho* e n'*O Parafuso*, neste caso a revista também poderia alegar não ser responsável, se escusando de possíveis reclamações. Prado (2003), por sua vez, propõe uma relação distinta entre as fotografias e as ilustrações de Voltolino. Para ela há uma tentativa de apartação, feita por intermédio d'*A Cigarra*, entre as práticas de lazer das elites e do restante da população. Aqueles são vistos no cenário faustoso e iluminado do recém inagurado Belvedere — com o próprio fato de ser uma fotografia, e não uma gravura, favorecendo sua importância —, enquanto a utilização do humor marginalizaria a representação de povo. "Fica clara a divisão de espaços da cidade, onde devem circular os ricos e pobres. É a revista, através de imagens e do humor, demonstrando sua intenção de 'disciplinar' as classes populares" (PRADO, 2003, p. 90).

Ana Maria de Moraes Belluzzo, em seu estudo sobre o caricaturista (1991), coloca que o delineamento de grupos em classes sociais, as "sociedades profissionais", as de hábitos comuns, de comportamento, de temperamento, é justamente o âmbito particular de sua caricatura. Voltolino esboçou as particularidades de sua gente, a morfologia social de São Paulo. Assim, como já foi posto, a cidade é seu patamar, "sua caricatura é aproximação direta à vida urbana. A imagem da cidade aparece em sua obra, marcada pelo uso" (BELLUZZO, 1991, p. 176). A série de caricaturas de Voltolino, foram motivadas pelo "quotidiano", diário, de inauguração do Trianon. Ainda assim, ele não reproduz a festa pomposa das fotografias d'*A Cigarra*, ou do restante da grande imprensa[52], nem a descreve, pelo contrário, ele "pulveriza-os para re-ordená-los e comentá-los. Dissolvendo os fatos, para re-articulá-los e re-apresentá-los. Justamente nesse momento distancia-se dos acontecimentos, guardando sua autonomia com relação à realidade percebida" (BELLUZZO, 1991, p. 52). No pouco tempo em que o espaço tornou-se um local de encontro da alta sociedade paulistana, com agitada agenda social, o Trianon passou a representar algo como um clube restrito à elite. Espaço suscetível a

---

[52] As mesmas fotografias impressas na edição de 18 de junho de 1916 d'*A Cigarra,* figuram no jornal *O Estado de S. Paulo* de 13 de junho de 1916, por exemplo.

locação pelas organizações dançantes que nasciam, responsáveis por *soirées,* bailes, *five o'clock teas* e *garden-parties* — "como em Londres"[53]. Essas organizações também promoviam concertos, como o do célebre pianista Francis de Borguignon nos dias 6 e 11 de julho de 1916, como anuncia *O Pirralho:* "O local escolhido para a apresentação do distincto artista foi o 'Trianon' do Belvedere. [...] já tem sido grande a procura dos bilhetes, o que faz crêr que Borguignon terá a applaudil-o um numero enorme de admiradores" (PIRRALHO, 1916, n. 220, p. 12). No número seguinte, a seção "Pirralho Social", já sem assinatura, relata ser a "[…] estação de banho nas apraziveis praias de Santos", estando, por isso, a capital ausente de numerosas famílias que preenchiam "[…] as modernas e *chics* reuniões do Trianon, na Avenida Paulista". Apesar disso, *O Pirralho* celebra o "esthetico Belvedere", incentivando um maestro Leval, "[…] a quem cabe a organisação dos programmas", a continuar com o sucesso: "O cha-concerto inaugurado, ha poucas semanas, no esthetico belvedere, tende a ser o entretenimento preferido pela familia paulistana" (PIRRALHO, 1916, n. 221, p. 12).

O Pirralho, como de praxe, não poupa elogios ao novo espaço e seus responsáveis. Ele torna a gabar a frequência do local e a seleção musical: "As elegantes reuniões do Trianon, no belvedere da Avenida Paulista, começam a ter maior frequencia. Os variados programmas da excellente orchestra, que ali se faz ouvir, agradam bem e são cumpridos com proficiencia e caprichosamente" (PIRRALHO, 1916, n. 222, p. 7). O Trianon no Belvedere, soma-se aos teatros, cafés e salões que, já em 1911, eram espaços suscetíveis a locações de associações recreativas, clubes e grêmios elegantes[54]:

> A nossa vida mundana agitou-se um tanto durante a semana finda. Fundou-se um club, o Paulicéa, que já deu sua partida inicial. Foi um sucesso. É assim que se

[53] Segundo Americano:

> Fôsse no clube 'Floresta', na Ponte Grande, no Jardim da Aclimação, no 'Jardim da Luz' ou no Velódromo, os organizadores não tinham objetivo filantrópico, nem fito de lucro. Era gente de boa sociedade, que organizava uma dança ao ar livre. Fincavam-se estacas sôbre um espaço aberto, estendia-se um tablado de madeira, cobria-se de lona, contratava-se orquestra, armava-se um quiosque ao lado para vender refrescos e sanduíches, colocavam-se bancos em redor, rodeava-se tudo de um cercado, punha-se guichê na entrada, cobrava-se 10 mil réis por pessoa, e estava pronto. Mas não se entrava qualquer. Só os convidados (AMERICANO, 1957, p. 322).

[54] Associação recreativa é termo empregado para definir um grupo de pessoas que tem um propósito ou interesse comum, como por exemplo, uma sociedade ou um clube. O associativismo representa uma organização voluntária como qualquer organização pública, formalmente constituída, cuja filiação é opcional, com o propósito de vivenciar as práticas desportivas e atividades físicas no âmbito da saúde e do lazer (MAZZO, 2006, p. 6.13).

> começa. Haja o que houver precisamos deixar de lado nosso retrahimento. Que os rapazes do Paulicéa não se limitem aos bailes e organisem pic-nics, "five o'clock teas" (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 5, p. 11).

Gama, que tanto alardeia a vida mundana do período, aplaude e encoraja a fundação de novos *clubs*, é a vida social preenchida pelos novos citadinos que tanto o agrada. Ao contrário dos locais onde ocorriam as festas e *kermesses*, parques e jardins públicos, os cafés-cantantes ou cafés-concerto eram espaços intermediários entre o público e o privado, reconhecidos como locais de conchavo e negociações políticas e cuja entrada só seria permitida a quem fizesse parte das pequenas sociedades organizada em torno deles (SANTORO, 2004, p. 67). Gama sente falta dessas organizações, reclamando, logo no primeiro número d'*O Pirralho*, a falta de um *club* como o Paulicéa: "A alta roda aborrece-se no isolamento. De vez em quando vão dançar no Concordia […] o que é preciso é que a alta roda organise um club como o dos Diarios do Rio e ponha à testa de sua direcção gente de peso e medida" (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 1, p. 10). O Concordia é tido como "[…] club da '*haute gomme'* paulistana", merecendo notas como: "O salão estava ornamentado de modo sobrio e distincto, o que dava realce ao seu estilo '*empire*'" (PIRRALHO, 1911, n. 12, p. 6). A nota, sem assinatura, imprime ainda o nome de diversas *madames* e *mademoiselles* lá presentes, acompanhados de uma observação sobre suas *toilettes*: "Mme. Antonietta Penteado, linda *toilette couleur abricot*, bordada a seda em tom mais escuro; Mlle. Schorcht, chic vestido *couleur champagne…"* (PIRRALHO, 1916, n. 12, p. 6). Os frequentadores dos bailes do Concórdia, do Pauliceia e outras associações recreativas, bem como as tais *garden-parties* eram restritos a convidados capazes de pagar os valores propostos, ou que pudessem contribuir com alguma soma em dinheiro para as causas defendidas — visto que muitos desses eventos, junto às *kermesses*, eram beneficentes[55]. Eventos deste tipo, aliás, também podiam ser realizados nos salões e teatros disponíveis para locação, o próprio Municipal foi locado em 1915 para a realização de um baile em prol das crianças belgas:

> Realiza-se hoje, e vae por certo marcar uma epoca, o pomposo baile promovido pela alma generosa de uma distincta comissão de cavalheiros em beneficio das creanças belgas. Dizem bem o que vae ser a festa de hoje, os nomes das senhoras que adheriram a esse bello movimento de caridade […] A festa vae-se realizar no pomposo Theatro Municipal e para isso, a comissão directora prepraou

[55] Em 1912, por exemplo, nota também d'*O Pirralho* chamava atenção de seus leitores para a *kermesse* em benefício da nova matriz da Consolação, que deveria ocorrer em 9, 10 e 11, daquele fevereiro. "A Kermesse offerecerá excellentes diversões, recreações familiares, brinquedos, emfim passatempos para todas as edades. E isso tudo no querido Velodromo, gloriosos de tradicções elegantes" (PIRRALHO, 1912, n. 25, p. 3).

> convenientemente um tablado na platea do sumptuoso edificio (PIRRALHO, 1915, n. 169, p. 7).

Nas lembranças de Americano, os bailes dançantes eram frequentados por rapazes trajando claques e luvas de seda, e as moças, com seus tecidos importados, portavam "decotes razoáveis, silhuetas moldadas sem exagêro, saias longas e estreitas, às vezes chanfradas, deixando ver um palmo de perna acima do tornozelo" (AMERICANO, 1957, p. 299). O intuito desses bailes parecia ser casamenteiro, com cortejo dos rapazes sob olhar vigilante dos pais. *O Pirralho,* em texto dedicado ao Club Concordia, corrobora, em parte, as rememorações de Americano: em 1913, a revista aplaudia o início de uma nova série de partidas dançantes programadas para o ano seguinte — o número é data de 23 de dezembro de 1913:

> A 3 de Janeiro de 1914, o Club Concordia iniciarà a serie de bailes do proximo anno, com um "soirèe" em commmemoração á passagem do seu anniversario. É sabido de todos que conhecem o esforço e dedicação da Directoria da Concordia, que o baile do dia 3 marcará época em S. Paulo. Ás festas do Concordia afflue sempre tudo quanto a nossa sociedade tem de mais elegante e distincto, e é dahi que vem o brilhantismo sem par de suas reuniões (BLAS, *O Pirralho,* 1913, n. 123, p. 12).

Aos elogios hiperbólicos de Blas, somam-se as numerosas fotografias d'*A Cigarra*. Na primeira das quatro imagens, página vinte um d'A Cigarra de 1915, as duas fotografias foram tiradas "[…] por occasião do ultimo baile realisado no Theatro Municipal" pelo Club Concordia, como lê-se na legenda da segunda foto. Nelas são só identificados os homens: dr. Francisco de Paula Alves Rodrigues Filho, então deputado federal por São Paulo, e o dr. Luiz Pereira. Às mulheres, apenas notas de meras acompanhantes, mesmo numa revista que as tinha como principal público leitor. São simplesmente identificadas como esposas e filhas: "dr. Luiz Pereira e sua excma. esposa, ceiando em companhia das filhas do…". Os homens portam casacas e as mulheres vestidos soltos acinturados, muito característicos ao período. Na página vinte e oito, ainda de 1915, vemos Washington Luís e Casper Líbero na primeira imagem, a segunda, mais genérica, não identifica quem nelas está representado. Nas fotografias de 1916, por sua vez, a revista não identifica nenhum dos retratados, a excessão do grupo de homens na primeira foto da página vinte e três, na legenda lê-se: "Grupo de socios do Club Concordia, posando para 'A Cigarra' por occasião do ultimo baile realisado no Theatro Municipal".

Club Concordia

O dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho, deputado federal por S. Paulo, e o dr. Luiz Pereira e sua excma. esposa, ceiando em companhia das filhas do sr. Conselheiro Rodrigues Alves, durante o ultimo baile.

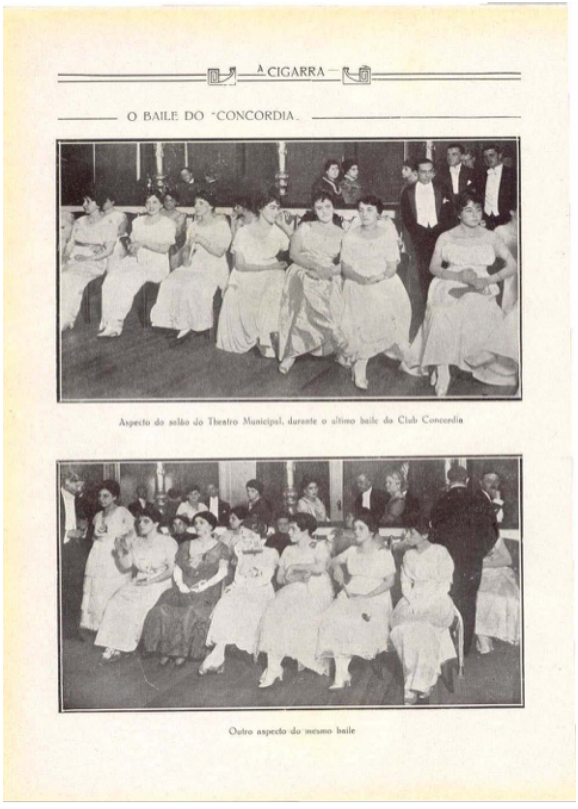
O dr. Armando Ferreira da Rosa, ceiando em companhia do dr. Abilio Monteiro Vianna e sua excma. familia, por occasião do ultimo baile realisado no Theatro Municipal.

O Baile do Club Concordia

Da esquerda para a direita: os drs. Arnaldo Villares, Washington Luis, Armando Ferreira da Rosa e Casper Libero posando para *A Cigarra* no saguão do Theatro Municipal

Grupo de senhoritas e cavalheiros sorprehendidos pelo reporter photographico d' *A Cigarra*, por occasião do ultimo baile do "Concordia".

Figuras 21 e 22 - A Cigarra, n. 19, p. 21 e 28

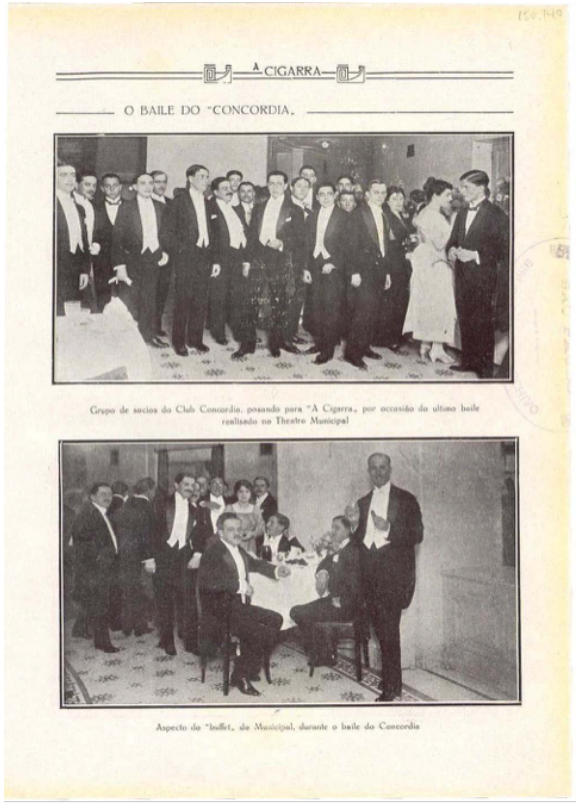


A CIGARRA

O BAILE DO "CONCORDIA"

Aspecto do salão do Theatro Municipal, durante o ultimo baile do Club Concordia

Outro aspecto do mesmo baile



A CIGARRA

O BAILE DO "CONCORDIA"

Grupo de socios do Club Concordia, posando para "A Cigarra", por occasião do ultimo baile realisado no Theatro Municipal

Aspecto do "buffet" do Municipal, durante o baile do Concordia

Figuras 23 e 24 - *A Cigarra*, 1916, n. 35, p. 22 e 23

As notas sociais *d'A Cigarra* e d'*O Pirralho,* parecem só relar a alta gente da sociedade, que ocupavam as mesas do bar e frequentavam o Municipal, "No foyer […] temos apreciado lindas toilettes […] um lindo vestido branco de crepe da China com ligeiras ramagens côr de perola e enfeitado com rendas de Bruxellas. Estava penteada á grega" (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 8, p. 9). *A Cigarra* trazia suas notas sociais atreladas a imagens, na maior parte das vezes com pouquíssimo ou nenhum texto, além do título que as identificavam. São essas fotografias, como que publicadas ao léu, as responsáveis por uma mensagem quase mais eficaz que a letra. A fotografia, com seu poder multiplicador, potencializava a informação, trazendo, por vezes de maneira não explícita ou expressa, uma mensagem poderosa, que poderia ser rapidamente absorvida por diferentes e novos públicos. Sua mensagem atingia indistintamente o letrado, o semi-alfabetizado e até o analfabeto, de imenso alcance, se levarmos em consideração a força das imagens, sempre procedentes de uma esfera simbólica (MARTINS, 2001, p. 193). Apesar da proposta deste trabalho não abarcar o aprofundamento das diversas possibilidades de leitura das fotografias nas três revistas, faz-se importante destacar, especificamente para *A Cigarra,* que elas são um documento, não só por aquilo que mostra a "imagem congelada", mas também nos intentos de seu autor e no que tange a tecnologia que permitiu a elaboração destes registros. As numerosas fotografias presentes na trajetória da revista aqui enfocada, permite atestar, junto a seu discurso escrito, sua proposta como moderna e cosmopolita — além de serem elementos-chave para sua consolidação e grande vendagem no mercado editorial de então (MATOS, 2003, p. 127).

Santos (1998) chama atenção para a finalidade das fotografias produzidas no momento: assimilar quais as áreas e acontecimentos que se queriam centrais. Em seu trabalho, ele explora o conflituoso entre o textual e o imagético, expondo pontos não intencionais que o fotográfico acabou registrando. Nas fotomontagens — essas, aliás, responsáveis por romper com os limites tradicionais da fotografia, deixando de registrar apenas um acontecimento, as fotomontagens combinam e sobrepõem diferentes momentos e lugares — e instantâneos d'*A Cigarra*, podemos atestar uma tentativa de veiculação do progresso paulistano, difundido através do novo na arquitetura urbana e de lugares selecionados: a Avenida Paulista, as ruas centrais, São Bento, XV de Novembro, Direita; as Praças principais, da República, a Antônio Prado; os bosques, jardins e pradarias, além, é claro, dos diversos estabelecimentos particulares.

3. 2. O pomposo Municipal

Assim como o Belvedere podia ser locado pelos *clubs* e interessados no espaço, o mesmo ocorria com o Theatro Municipal, parte vital do cenário social da época, com suas *soirées* que reuniam o escol da sociedade paulistana. Em agosto de 1911, *O Pirralho,* na seção "De Camarote", em que o periódico normalmente comentava perfomances e noticiava quais os próximos espetáculos a serem representados, reivindica furo jornalístico: "Sobre o Theatro Municipal temos communicação official de que elle será inaugurado com um impagavael poema tragi-comico de collaboração diversa e escolhida, intitulado La Figlia del Caramurú. […] Notem bem: isto é FURO do Pirralho" (PIRRALHO, 1911, n. 3, p. 11). Trata-se de notícia sobre a inauguração do Teatro Municipal de São Paulo, que ocorreu em 12 de setembro de 1911, pouco mais de quinze dias após o lançamento do terceiro volume da revista.

A inauguração incluiu a presença de Americano. Ele conta que a família havia encomendado um *landau*, típico veículo disponível para locação de particulares, nele o cocheiro ia exposto ao tempo, trajado de "sobrecasaca, cartola lustrosa e luvas e tinha um ajudante que saltava ao parar o carro e abria a porta para o embarque ou desembarque". Segundo Americano,

> […] o cocheiro veio mais cedo e disse que 'a coisa estava ruim para ir até la', nós nos apressamos para chegar antes da hora marcada, 8 3/4. Atingimos a Praça da República às 8,30 e o municipal às 10,15, no começô do segundo ato. Mas ninguém teve a iniciativa de descer e seguir a pé. Seria escandaloso. […] Na saída foi o mesmo entulho. Era feio sair a rua e procurar o carro. Êle tinha que chegar, sem êrro de um metro, ao ponto onde estávamos (AMERICANO, 1957, p. 330).

Ele brinca: "foi o primeiro problema de trânsito que São Paulo teve". Em caricatura de Voltolino, do número sexto d'*O Pirralho*, a brincadeira de Americano parece se confirmar, num excerto de conversa entre três espectadores daquela primeira noite no Teatro dita: "Que diabo de estréa, já são onze e meia e ainda não entramos…" (PIRRALHO, 1911, n. 6, p. 7).

Figura 25 - "A inauguração do Municipal", *O Pirralho*, 1911, n. 6, p. 7

Última adição a cena social e mundana da Pauliceia, o Municipal pedia mais pompa do que os bailes com os quais a sociedade já estava acostumada: "No Municipal temos visto *toilettes* encantadoras. Os marmanjos é que nem todos têm apparecido ao rigor do bom gosto. Ha alguns que pensam ser o Municipal uma sala de baile e apparecem de claque e sapatinhos de entrada baixa. Emfim como não somos a palmatoria da elegancia…" (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 7, p. 4). Dois anos depois, em nota sem assinatura, continua-se elogiando as festas por lá: "Foi extraorddinariamente concorrida a festa de terça-feira no Theatro Municipal. Viam-se là numerosissimas familias da *élite*. O luxo e a elegancia das *toilettes* deu muito realce á encantadora reunião, tornada mais encantadora ainda pela conferencia de Coelho Netto, a qual foi o que era licito esperar do brilhante academico" (PIRRALHO, 1913, n. 84, p. 15).

N'*O Parafuso*, é Armand Fouquiéres quem comenta sobre os bailes, em seu tom sarcástico, ele bem traduz o descontentamento com o momento:

> Estamos em pleno periodo de imitação em materia de habitos e modas e si não assimilamos bem ainda, é por culpa da inepcia arrogante e tola dos nossos directores mundanos. […] Um sr. Rocio de Oliveira qualquer ouviu dizer que a Opera de Paris dava bailes por occasião do carnaval e scismou de fazer o mesmo por aqui. E, felizmente, para o nosso brio de povo moralisado, apenas meia duzia de maridos salafrarios não se pelejaram de levar suas esposas para se misturarem com as cocottes, muitas das quaes elles conheceram intimamente em despudoradas noitadas de orgias vitellianas (FOUQUIÉRES, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 4).

O tom e as opiniões quanto ao corso — "arremedo mal feito", "plágio", "cópia borrada" — voltam a figurar na caracterização dos bailes. A inspiração de um senhor qualquer veio do Opéra de Paris, nada mais justo que instaurar prática comum também ao Teatro Municipal de São Paulo, visto que o nosso tem estilo baseado naquele. A prática caracteriza "plena imitação", como todo o restante do período, graças a "inépcia arrogante e tola dos diretores mundanos". Nossa versão dos bailes carnavalescos é "borrada e mal feita", visto que, "Em Paris, por occasião dos bailes carnavalescos na Opera, não ha familia de alta e apezar disso os bailes são fiscalisados severamente, não se permittindo maxixes e tangos muito requebrados, não se permittindo isso… por motivo de moralidade!". O moralismo não escapou da pauta d'*O Parafuso*. Em outras ocasiões, suas campanhas se mostravam atenciosas para com o trabalhador, tomando cuidado para colocá-lo em caminhos que não levassem à qualquer tipo de vício. A campanha contra o jogo do bicho, que marcou época no semanário, foi enfática no que diz respeito à relação entre jogo, vício, e a perda de escrúpulos ou princípios. A revista fazia-se protetora do trabalhador, buscando mostrar-lhe que o jogo,

por exemplo, não era caminho para suas reivindicações como classe proletária. A mesma lógica guiou sua campanha contra os curandeiros. Nos diversos textos dedicados ao assunto, a publicação era enfática quanto à prática fraudulenta, buscando instruir seus leitores quanto sua dispensabilidade. Lembremos, celeremente, que já em seu primeiro número *O Parafuso* deixava patente seu papel de parafusar a verdadeira máscara dos "Tartufos feitos gente de bem". Desta maneira se articula seu posicionamento político, por meio da crítica do comportamento individual, atuando de maneira fiscalizadora e moralizadora sobre o que considerava desvios de comportamento, também dos trabalhadores, mas principalmente das elites dirigentes. "Sua crítica é personalizada. A vida privada e os traços de personalidade dos políticos são os principais alvos de seus destaques" (GALLOTTA, 1997, p. 84).

A lógica aplicada a Magalhães, para seu pouco tempo de contribuição n'*A Cigarra*, pode ser pensada para Fouquiéres. Sua fala e posicionamentos não condizem com as visões do semanário, apesar de acertar em cheio quanto ao tom irônico e sarcástico, ele ainda tem em Paris exemplo máximo de modernidade, moralidade, do ser e do viver. Na visão perniciosa, sarcástica, do cronista, o povo paulistano, com seu brio, sua honra, sua moral, felizmente compareceu em peso, ficando de fora "apenas meia dúzia de maridos salafrários". Esses, justamente os "sem valor, canalhas desonestos". Os demais, "se pelejaram de levar suas esposas para se misturar com as cocotes", as prostitutas: "muitas das quaes elles conheceram intimamente em despudoradas noitadas de orgias vitellianas"[56]. Não satisfeito, ele continua, explicitando, se é que é possível, a inépcia da elite brasileira:

> E Paris não é S. Paulo onde todo mundo se conhece. E até ha escrupuloso cuidado na venda de bilhetes da entrada para a Opera. E as "pierreuses" de lá, que aqui se arvoram em gente de alto cothurno, recebendo homenagens de magnatas, fazendo se pagar "champagne" (fabricado na Piratininga) a 30$000 a garrafa, nunca se atreveu a penetrar na Opera e "pour cause" [não sem razão, sem motivo].
>
> Enquanto isso se passa na Opera as familias da "elite" parisiense, de sangue ou de dinheiro, estão em Nice gosando a amenidade do clima e tomando parte nas festas carnavalescas puramente mundanas e familiares (FOUQUIÉRES, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 4).

Mesmo que a elite parisiense quisesse frequentar o ambiente, supostamente, imoral e pernicioso, lá havia possibilidade de se misturar com a multidão, passando despercebido. Inversamente, na São Paulo do início do século XX, com seu contingente

---

[56] O "Bar do Municipal", um dos mais concorridos da sociedade paulistana, era conhecidamente frequentado por membros da elite paulistana, acompanhados de suas senhoras, e prostitutas de luxo, que atraíam olhares curiosos das damas elegantíssimas após os espetáculos teatrais (RAGO, 2004, p. 393).

populacional grandemente inferior ao da capital francesa, "todo mundo se conhece", dificultando a realização de atos indecorosos. Para mais, as meretrizes parisienses aqui instaladas, "que se aboletam e se empoleiram em homens de alto coturno", de alta classe, não se atreveriam a ir nos bailes do Opéra, *et pour cause,* ou seja, com razão, não sem motivo, visto que "sabiam qual era seu lugar".

O excerto suprimido da citação primeira, que abriu nossa discussão sobre os bailes n'*O Parafuso,* pode ser lido como uma segunda razão para a rápida passagem de Fouquiéres pelo semanário. Ali, nosso autor ameaça comparação entre os paulistanos e o povo de Tombuctu:

> Conta um escriptor francez que, em Tomboctus appareceram alguns pretos que tinham passado algumas semanas em Paris e estavam intimamente convencidos que podiam lançar a moda no seu paiz; d'ahi alguns mezes Tomboctu em peso andava n'um trinque que elles julgavam ultra parisiense: negras anafadas de saia de azulão com chapeu enfeitado com laranjas, garotos de calção de banho e cartola e assim por diante. E era de ver o garbo com que se exhibiam e o interesse em se mostrar "elegantes" especialmente diante dos europeus. Mais ou menos assim estamos fazendo nós (FOUQUIÉRES, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 4).

Importante centro do império Mali na África medieval, Tombuctu servia como ponto de parada de caravanas comerciais que atravessavam o deserto com sal e ouro das minas malinesas. Ao longo do século XIV, a cidade também se tornou importante eixo intelectual, reunindo numerosos centros de estudo do Corão, bem como a universidade de Sankoré. Agora segundo o cronista d'*O Parafuso,* em Tombuctu, como em São Paulo, procurava-se importar qualquer novidade europeia, material ou imaterial, buscando atingir o mesmo grau de modernização. Até aí, paulistanos, cariocas, manauaras, portenhos, etc. estavam todos almejando a modernidade exportada por Paris e Londres, o que incomoda é a frase que arremata o assunto: "Não commeterei a injuria de comparar os nossos elegantes aos de Tomboctu. Não. Apenas quero dizer que, *mutatis mutanai*, adoptamos o mesmo processo". A expressão em latim, pode ser, grosso modo, entendida como: "com as devidas modificações", "com os devidos descontos". Assim, nosso autor utiliza a importante cidade como um exemplo que inferioriza a população de Tombuctu, comparando-os a já rebaixada burguesia paulistana. O cronista, deixa ainda mais claro seu menosprezo ao colocar que "não cometerá a injúria" da comparação entre um continente que, há tantos anos, é inferiorizado e ao qual devemos muito.

3. 3. As *cabecitas de pássaro* e os *marmanjos*

As casas de cinema faziam parte da rotina "[…] não só de *marmanjos*, mas de moças chics da nossa melhor sociedade" (PIRRALHO, 1912, n. 61, p. 8). Nesse início de século, as mulheres da classe média e elite, passavam a compor mais incisivamente o novo cenário urbano, seja prestigiando artistas que vinham aos teatros da capital, aplaudindo e torcendo pelos esportistas nos *matches* futebolísticos do Velódromo ou organizando *kermesses* beneficentes e *garden-parties* nos parques municipais[57]. O momento de desenvolvimento industrial e comercial, de expansão do consumo, que também se tornava uma forma de lazer, em especial para o público feminino, promovia uma profusão de diferentes mulheres das classes médias e altas a ocupar o espaço público. A urbanização e o crescimento socioeconômico embaralhavam as tradicionais demarcações entre atividades femininas e masculinas. Marcus Priscus, n'*O Pirralho* de fevereiro de 1914, designava papéis às mulheres das camadas médias, sobre quem pesava um controle social e moral mais rígido (RAGO, 2004, p. 396):

> Quem não ama a juventude? É a mocidade, é a juventude dessas formosas criaturinhas femininas que vem enchendo de alegria, de graça e de encanto as ruas de S. Paulo. […] essas primaverinhas de carne que nos falla Bilac, sahindo da Escola de manhã e as tardes, alegre, contentes, flirtando, azogadas, vivendo todas ellas o futuro, portanto, todas ellas sorrindo com a esperança.
>
> Ellas vem da aula, são futuras esposas, mães e mestres. E nessa trilogia gloriosa e sagrada, està talvez, a mais edificante de todas as missões que uma creatura póde cumprir na terra. Ser esposa è fazer do coração a custodia que viverá guardando eternamente a hostia immaculada do Amor. Ser mãe, é ter um mundo e não ter nada; é viver chorando n'um sorriso, é desdobrar fibra por fibra o coração […] ser mestre […] é viver repartindo pedaços do cerebro e do coração com a infancia sedenta de luzes (PRISCUS, *O Pirralho*, 1914, n. 129, p. 3).

Para além da valorização da juventude, as mulheres são idealizadas, no diminutivo, nas comparações à natureza. Romântico, Priscus deixa claro que aquelas são mulheres que desempenharão a "trilogia gloriosa e sagrada" de papéis à elas reservados, o de ser mãe, esposa e mestra. Diferente do homem, que no espaço público era visto de forma positiva — através da imagem do trabalhador e do político —, a mulher, fora do lar, precisou

---

[57] Apesar da participação das mulheres em algumas modalidades, os esportes eram atividades masculinas. Elas só eram fotografadas e notadas em arquibancadas, sempre na torcida e nunca junto a ação, Rago (2004, p. 406), propõe que havia medo da masculinização da mulher, decorrente "[…] de que se considerava ser inevitável o abandono de suas supostas funções naturais, como a maternidade e os cuidados da família e da casa".

prestar muita atenção à maneira de se mostrar e portar, tomando todo cuidado para não ser confundida com a figura dissoluta da "mulher pública" (RAGO, 1991, p. 39-40). Em número d'*A Cigarra* de 1916, pode-se atestar o que ocorria caso uma mulher da elite desejasse algo diferente ao que lhe reservava "a trilogia sagrada".

Em crônica no quadragésimo sexto número d'*A Cigarra,* Manuel Leiroz reconta o episódio de rapto da jovem Lina Fúlvia, então com vinte e dois anos. Às portas do Theatro Pequeno, no Rio, onde deveria apresentar um espetáculo teatral, a jovem foi levada, contra a sua vontade, por ambos, o pai e o marido. Para justificar a ação dos dois homens, o cronista conta que ela esquecera da obediência que lhes devia e do amor que tinha para com os filhos, visto que se deixara seduzir por uma vida de "[…] falsas miragens […] da arte de representar, tão falaz, tão enganadora, tão cheia de precipícios para uma mulher honesta". "[…] no mais agudo momento de crise, Lina Fulvia esqueceu a obediencia que devia ao pae e ao marido, o amor que devia aos filhos, o respeito que devia á sociedade e deu o salto perigoso do lar para o proscenio" (LEIROZ, *A Cigarra*, 1916, n. 46, p. 20).Em sua "cabecita de pássaro", trocar "[…] as claras horas de um ambiente puro onde os mais deliciosos dos prazeres é o amor da familia, pela vida do theatro, onde os leões da elegancia e da fortuna nunca faltam para estontear, envaidece a cabeça de uma artista…" (LEIROZ, *A Cigarra,* 1916, n. 46, p. 20).

Para além da contradição em que se envolvia Leiroz, visto que a *chronica* foi publicada em uma revista que elogiava a vida teatral paulistana, buscando sempre falar das peças em cartaz, dos primeiros autores brasileiros encenados, além das numerosas fotos das atrizes[58], o autor estimula o recato e a submissão feminina. Em uma São Paulo em transformação, largamente anunciada e apoiada pela revista, o cronista assume posição de "guardião do passado", não admitindo, significativamente, mudanças no comportamento da população feminina (CRESPO, 1990, p. 93). Materializado na necessidade de uma reserva moral, sua crônica distinguia mulheres virtuosas e perdidas.

---

[58] No período pesquisado, a revista publica, por exemplo, textos sobre Guiomar Novaes (*A Cigarra,* 1915, n. 20 e 21, p. 14 e 20 respectivamente), pianista de renome e sucesso de então. Além da grande quantidade de fotografias que enaltecem seus recitais e encontros de que participa, textos escritos por ela própria e remetidos em cartas à imprensa (*A Cigarra*, 1915, n. 31, p. 19 e 1916, n. 53, p. 13) recontam suas impressões sobre o público e o país em que viajava em turnê, os Estados Unidos. Tida como grande virtuose, Novaes era, sem dúvida, mulher ligada ao ramo do entretenimento, não recebendo nada além de longos elogios da revista.

A Escola a que Priscus faz referência é, provavelmente, a Escola Normal. Instalada em edifício da lavra do escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo[59], na Praça da República, tinha por fim formar professoras do primário. Nas memórias que narra Americano, a Escola "[…] foi, durante longos anos, o meio de que se serviam as moças para adquirirem cultura; eram poucas as que se matriculavam com intuito de fazer carreira no professorado" (AMERICANO, 1957, 438). A Escola Normal e as normalistas tiveram relativo impacto no imaginário da época, considerada de primeira linha, era frequentada por moças das "boas famílias". Antes da década de 1870, um estabelecimento na rua das Casinhas — cujas pequenas moradias existentes foram demolidas para dar lugar a um prédio de dois andares que abrigou a Escola Normal — era residência de uma mulher conhecida por Nhá Maria. Popular entre os vendedores de pescados da cidade, Nhá Maria vendia, pela manhã, empadas de farinha de milho com piqueira ou lambari por vinte réis cada, além do famoso café (SANT'ANNA, 2007, p. 87). Outras mulheres também faziam do espaço público seu sustento, não estando presas as regras de conduta e moral das classes médias. As "marisqueiras", por exemplo, eram conhecidas pelo seu ofício no bairro da Penha: "Era comum verem-se negras, quase nuas, saias sungadas, com uma bolsa de pano a tiracolo e peneira na mão, mariscando pela vegetação ribeirinha, apanhando peixes e toda sorte por esse meio primitivo" (SANT'ANNA, 2007, p. 86).

A presença dessas mulheres no espaço público, demonstra como elas estavam envoltas numa invisibilidade. Muito se fala nos novos locais e costumes que trouxeram as mulheres da elite para o espaço público aquém da ida a igreja, as marisqueiras, ambulantes e lavadeiras, contudo, já o pululavam há tempos:

> Sobretudo desde o surgimento das fábricas, em São Paulo, aumentava a circulação feminina pelas ruas da cidade: as operárias dirigiam-se às fábricas de tecidos, fósforos, velas, onde trabalhavam, ao lado de crianças, entre doze e treze horas por dia, ou participavam com seus companheiros das agitações sociais e políticas; outras distribuíam-se em trabalhos informais, como empregadas domésticas, lavadeiras, doceiras, floristas, vendedoras de charutos, artistas ou meretrizes (RAGO, 2004, p. 396).

Sob todas essas mulheres, contudo, pesava um novo modelo de feminilidade, "a esposa, dona-de-casa-mãe-de-família" (RAGO, 2014, p. 87). Inicialmente voltadas às moças das famílias mais abastadas, esse modelo foi sendo paulatinamente aplicado às das classes

---

[59] Sobre o edifício, instalações internas e usos, nos provém informações Alfredo Moreira Pinto, em seu livro A Cidade de São Paulo em 1900 (1979), livro em que o professor e jornalista narra suas impressões durante quinze dias em que esteve na capital.

trabalhadoras, "exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual". É a partir do século XX que começa a generalizar essa forma de organização da vida em dois domínios diferentes: o público e o privado — anteriormente, ter uma vida privada, em um certo sentido, era um privilégio de classe de uma burguesia folgada que, em muitos casos, vivia de rendas (PROST, 1994, p. 19). Às mulheres ricas, aqui vistas pela ótica das três revistas, duas das quais de caráter burguês, cabia as exigências de uma boa educação, preocupações estéticas, pessoais ou da casa, em preparo para o casamento. Às mulheres pobres e miseráveis deviam participar da renda da família, fosse trabalhando em fábricas, escritórios, lojas comerciais ou na casa de um particular. Ainda assim, o trabalho na esfera pública[60] não as libertava das exigências do lar. O movimento operário também reproduziu "[…] a exigência burguesa de que a mulher operária corresponde ao novo ideal feminino da mãe, 'vigilante do lar', criando obstáculos para sua participação nas entidades de classe" (RAGO, 2014, p. 88-89).

Como já pudemos atestar, segundo as revistas, às mulheres estavam reservados os adjetivos "sensível", "ingênua", sempre associadas a uma flor ou ave, frágil e desamparada. Faz-se interessante, também, destacar outro aspecto da invasão do cenário urbano pelas mulheres. Ao contrário do que se pode postular, a presença feminina na urbe, não se traduz em abrandamento das exigências morais, pelo contrário "[…] quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho" (RAGO, 2014, p. 88-89), como tão bem ilustra a crônica de Leiroz sobre Lina Fúlvia[61].

Foi, em parte, a urbanização da cidade de São Paulo que permitiu definir, moldar, os espaços públicos e privados, e as atividades neles desempenhadas. No que tangencia a esfera feminina das elites, na redefinição do espaço público imperou a respeitabilidade

---

[60] A primeira grande evolução do século XX, segundo Antoine Prost em texto de 1994, diz respeito ao trabalho, que emigra, globalmente, da esfera privada e ingressa na pública. "[…] um movimento de separação e especialização dos espaços: os locais de trabalho já não são mais os da vida doméstica. […] o universo doméstico se liberta de regras anteriormente ligadas ao trabalho que ali se realizava, ao passo que o mundo do trabalho passa a ser redigido […] por contratos coletivos" (PROST, 1994, p. 21).

[61] É significativo notar, como chama atenção Ana Luiza Martins em seu "Revistas em Revista", que, se vistas sob espectro do setor publicitário, que surgia e se espalhava com rapidez então, "[…] coube ao periodismo a prefiguração de modelos femininos, reiterando a tradicional postura de *rainha do lar*, mas abrindo um leque de condutas alternativas, em que se projetou a mulher emancipada, educadora, esportista, saudável, moderna e, por que não, a sufragista e feminista" (2001, p. 379). De qualquer forma, sob a visão publicitária, prefiguravam-se tipos de mulheres de interesse ao mercado, clientes em potencial, capazes de influenciar nas decisões da família.

burguesa, com seus padrões "civilizados" de comportamento e sociabilidade, previamente importados da Europa e posteriormente exportados para toda a cidade — não sem tensões, conflitos, tumultos e resistências (RAGO, 2004, p. 427). Os parques municipais, por exemplo, foram importantes espaços da sociabilidade feminina da época, neles as mulheres podiam organizar seus *pic-nics, kermesses* beneficentes, *partie de campagnes* ou, simplesmente, atender e torcer nas *matches* de *foot-ball* entre os clubes paulistanos.

O Parque Antarctica[62], já figurava em 1911 junto a Avenida Paulista nas notas sociais de Gama. Caracterizado como elegante passeio (GAMA, *O Pirralho,* 1911, n. 3, p. 7) que, somado ao corso, estava cada vez mais concorrido (GAMA, *O Pirralho*, 1911, n. 5, p. 11). Nas lembranças de Zélia Gattai, o Parque era um grande programa, "[…] o melhor de todos […] subir na roda-gigante! E o carrossel? […] os trenzinhos puxados a burro […] carrocinhas arrastadas por bode […] pirulitos de todos os formatos e cores". Era programa, porém, restrito: "Não adiantava pedir que nos levasse, chorar, espernear. — Parque Antártica? Outra vez? Com essa criançada toda, querendo tudo o que vê? Não, não sou nenhum Matarazzo nem Crespi! — desculpava-se papai" (GATTAI, 2016, p. 47). Como consolo, a mãe propunha um piquenique no Jardim da Luz:

> Magro consolo, ela nos levava ao Jardim da Luz, menos divertido, porém muito mais econômico. Pra dizer a verdade, pouca coisa havia a fazer nesse bendito Jardim da Luz: correr atrás dos bichinhos soltos no parque — qual a graça? —, comer lanche trazido de casa numa cesta, laranjada ou limonada acondicionada em garrafas, também trazidas de casa. Para que nossos pais tivessem lembranças de crescimento dos filhos, de vez em quando tirávamos retrato num dos lambe-lambes estacionados em frente a uma gruta — de alvenaria — no meio do Jardim (GATTAI, 2016, p. 48).

Além das atividades lembradas por Zélia, que já devem ser referentes a anos posteriores aos aqui trabalhados, o Parque era cenário de *matches* de *foot-ball* entre os clubes paulistanos — Germania, Ypiranga, Paulistano, Palmeiras e Americano. Em 1913, "[…] a *premiére* do Americano no campeonato, e a sua *debút* no domingo ultimo contra o Germania" deram-se nas "vastas accomodações do Parque Antarctica", que estava abarrotada com o público esportivo (PIRRALHO, 1913, n. 89, p. 17).

---

[62] Inaugurado em 1902, o parque era um espaço de 300 mil metros quadrados com uma vasta área verde, lago, parque infantil, restaurantes, choperia, local para bailes, reuniões e áreas para a prática esportiva, incluindo pistas de atletismo, quadra de tênis e um dos primeiros campos de futebol da cidade (SACONI, Rose. Como era São Paulo sem o Parque Antártica. *Estado de S. Paulo,* 25 out. 2013. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-parque-antartica,9339,0.htm>. Acesso em 27 abr. 2018.

Nas rememorações de Americano, o Jardim da Luz, primeiro jardim público da cidade, oferecia uma vez por semana uma apresentação da Banda Força Pública, frequentada por "apreciadores de música, de tôdas as classes sociais" (AMERICANO, 1957, p. 220)[63]. Repleto de animais, o jardim também havia funcionado como zoológico, "marrecos, cisnes, macacos, veados, um pavão, uma siriema, socós, um casal de capivaras e alguns pássaros engaiolados", faziam parte da comunidade.

Outros jardins públicos faziam parte dos hábitos *chics*, o da Aclimação, hospedava com frequência os novos *pic-nics* que andavam na moda,

> Finda as estações sportivas, só resta a distração do campo, n'um convivio chic e alegre. E os bosques são tantos que breve teremos uma nota encantadora em cada Parque. Domingo ultimo o Jardim da Acclimação apresentava um aspecto bello e ameno, Graças ao seus dedicados esforços, Rozendo Meza, conseguiu a despeito do tempo chuvoso uma reunião fina e distincta (PIRRALHO, 1911, n. 18, p. 9).

Em nota de 1912, *O Pirralho* relata "[…] encantadora festa realizada no Jardim da Acclimação pela família Duprat, a que compareceu toda a élite da Vila Buarque […] Durante aquellas quatro ou cinco horas todos se divertiram extraordinariamente — passeou-se de bote no bello lago que ha no Jardim, dansou-se muito" (PIRRALHO, 1912, n. 55, p. 11). O encarte "Chic…", ainda presente na publicação, vem repleto de fotografias do encontro promovido pelos Duprat.

Os festejos de carnaval de 1914, anteriormente mencionados, trouxeram outras informações relevantes acerca dos novos espaços de lazer da Pauliceia em formação. Nas notas mundanas de Blas, n'*O Pirralho* de 1914, batalhas de confete e lança perfumes aconteciam por toda a cidade:

> Já começaram as batalhas de lança-perfume na Praça da República. domingo, á noite, era grande a animação que là se notava, havendo mesmo renhidos combates, entre gentis senhoritas do elegante "faubourg" da Vila Buarque e a alegre rapaziada. No proximo domingo lá estaremos de esguicho em punho, na certeza de que havemos de encontrar um punhado de meninas "chics" rendendo homenagens prèvias ao Deus da Loucura (BLAS, *O Pirralho,* 1914,n. 126, p. 9).

---

[63] Ao cair da tarde vinham chegando os apreciadores de música, de tôdas as classes sociais. Todos os homens, mesmo operários, usavam colarinho, gravata e chapéu, tôdas as mulheres usavam chapéu. À proporção que chegavam os "funcionários", os operários, embora de colarinho, cediam-lhes os bancos, e ficavam passeando em redor do repuxo e do lago […] Os "abastados" chegavam mais tarde, às seis e vinte, encontravam vazias as mesas ao ar livre […] os operários não compravam nada. Os funcionários compravam por um tostão cartuchos de pipocas, amendoins e balas dos vendedores ambulantes. Os "abastados" pediam "gasosas" (um tostão), chopes (200 réis), "sandwiches" (200 réis) e sorvetes (300 réis), sentados às mesas a que atendiam os garçons do bar (AMERICANO, 1957, p. 220).

Na nota de Blas, para além das ruas que estavam sendo tomadas, os festejos também aconteciam na Praça da República e no "elegante *faubourg*" da Vila Buarque, então tido como um subúrbio. Esses novos espaços, pelo simples fato de aparecerem na coluna mundana de uma revista de sucesso, estavam sendo legitimados como espaços suscetíveis a receber festejo moderno, frequentado por "meninas chics". No ano seguinte, a Praça continua como local apto a receber esses festejos:

> Os folguedos carnavalescos continuam na Praça da Republica, ainda com a mesma intensidade. Domingo ultimo chegaram então no auge. A praça regorgitava de distinctas familias, e era belo vêr-se o espetaculo que nos offerecia o amplo jardim, onde moças enthusiastas e alegres rapazes se divertiam, emprestando ao local aquella tonalidade de intenso jubilo, que fortalece e vivifica as almas (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 172, p. 7).

A Praça "regurgita distintas famílias", tendo atingido o auge dos ensejos carnavalescos. A Praça, ampla, está tomada pela mocidade. As moças enchiam o local o de beleza e graça, dotando ao local de uma vivacidade que, naquele momento, caracterizava a cidade: "[…] a Cidade é a 'vida', a exposição das pessoas faz da rua um 'espetáculo', que exibe o luxo e ostenta riqueza. Estar na rua é 'rejuvenescer'" (PRADO, 2004, p. 53). A revista tenta, assim, excluir desse espaço tensões e conflitos que, como vimos, estavam presentes nessa sociedade, procurando dar visibilidade apenas ao "intenso júbilo", "espetáculo" que "regurgitava distintas famílias".

Os parques paulistanos continuaram programa agradável, com danças, jogos, passeios nos lagos e uma infinidade de outros divertimentos, que muitas vezes podiam se prolongar até à noite (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 179, p. 7).Os *pic-nics,* em alta, agora referidos como *partie de campagnes*, tomavam uma "feição epidêmica". "Raro é o domingo em que um grupo de pessoas não se reune num dos parques paulistanos, em agradaveis *partie de campagnes*. E o local preferido é sempre o jardim da Acclimação" (BLAS, *O Pirralho,* 1915, n. 178, p. 9). Tido como "o mais aprazível", o Jardim da Aclimação parecia oferecer as melhores condições para o "ser moderno" que tanto lhes interessava. A ele, somavam-se os jardins da Saúde e o Jabaquara, que regurgitavam "[…] familias, que em alegre convivencia vão esquecer as maguas nos recantos remansosos, nas tranquilas solidões" (BLAS, *O Pirralho*, 1915, n. 179, p. 7). Blas, contudo, sempre desgostoso, agora clamava por uma "[…] festa veneziana, que encantadora seria, por sem duvida, no jardim da Acclimação" (BLAS, *O Pirralho,* 1915, n. 178, p. 9).

Os jardins e parques, assim como o corso e o velódromo, eram livres de ingressos e irrestritos no quesito convite. Não deixavam, contudo, de serem ambientes segregados, seja pelo vestuário ou pelas práticas sociais, que sugeriam e delimitavam atividades. Essa segregação pode ser observada em diferentes, e numerosas, frentes: seja pelas fotografias e aspectos dos eventos realizados ou nos comentários das seções de "perfil".

Comum as três revistas, e específica a cada uma delas, a seção buscava traçar um perfil de jovens moças e moços, geralmente, solteiros. De maneira intermitente, a seção selecionava uma figura e discorria sobre seus aspectos mais marcantes. N'*A Cigarra,* a seção leva o nome "Na Berlinda…", mantendo-se até o vigésimo sexto número, com algumas exceções, assinada, também com exceções, por um J. da Silva Manoel[64]. O espaço de Manoel, geralmente de uma página inteira, é dividido em duas colunas, uma para a moça da semana e a outra para o rapaz, sempre identificados por suas iniciais e precedidos por Mlle. Mr., de maneira a indicar estado civil. O uso dos pronomes de tratamento apontam para um possível intuito casamenteiro da seção, para mais, Manoel ou elogia as diferentes figuras ou lhes oferece conselho para melhorarem suas personalidades. No número oitavo, por exemplo, a Mlle. B. M. é "alta, esbelta, elegante […] veste-se com simplicidade, mas sabe dar ás suas *toilettes* um chic encantador. […] Pertence a distincta familia de Tietê e móra no aristocratico bairro do Hygienopolis. […] Está talhada para uma excellente dona de casa: faz magnifico quitutes e tem sido carinhosa titia" (MANOEL, *A Cigarra,* 1914, n. 8, p. 31). Já o Mr. com quem divide página: "É uma bella alma artista. Mas, para ser um optimo rapaz, deve deixar a detestavel mania de assobiar as symphonias e os quartetos de Beethoven" (MANOEL, *A Cigarra,* 1914, n. 8, p. 31). O conselho, dado ao rapaz, significativo notar, tem dupla função, visto que também se faz elogioso, afinal o *mister* é versado e conhecedor da obra de Beethoven.

Faz-se importante chamar atenção, rapidamente, para o pronome de tratamento que precede as iniciais de cada um dos nomes. No caso dos homens, a forma de tratamento indica, simplesmente, sua posição social. No caso das mulheres, contudo, o tratamento indicava sua situação matrimonial. No francês, o *mademoiselle* é utilizado para tratar as mulheres solteiras, não tendo o seu correspondente masculino, já que para os senhores, tanto casados como solteiros, utiliza-se o *monsieur*. A prática não permite vislumbrar uma mulher

---

[64] A seção figura na revista entre o número 1 e o 26, com exceção apontada nos números 2, 6, 21 e 22. É assinado por J. da Silva Manoel apenas nos número 1, 3-5, 7-9 e 11, nos números 18-21 Manoel é grafado com "u", nos outros não leva assinatura. Em 1916, vemos seções similares, talvez numa tentativa de reavivar o "Na Berlinda": entre os números 36-38 têm-se a seção "Galeria dos Elegantes" e entre o 46-48 "Perfis Elegantes".

destacada da figura masculina, vendo-a sempre a partir desta ótica, a mulher passaria da guarda do pai para a do marido. A tratativa transmite a impressão de que uma mulher só alcança sua plenitude depois de casada, quando, então, "madame" se igualaria a "monsieur" ou "mister".

N'*O Pirralho*, seção similar pode ser verificada nos diversos momentos da revista. No primeiro deles, um Leonan assina seção de nome "Instantaneos"[65], no espaço alternavam-se o rapaz e a moça, sempre identificados por suas iniciais, aqueles acompanhava o título, snr. dr. e s/ título, já as mulheres eram sempre *Mlle*. Antes de ser uma seção com certa inclinação casamenteira, Leonan procurava imprimir tom recreativo, dando dicas para que os leitores descobrissem quem era o enfocado de cada semana. Valorizava-se o nível de escolaridade, instituições a que atendiam, número de línguas que falavam, se liam ou iam ao teatro, bem como outras atividades sociais: se participavam de bailes, frequentavam lojas, ou outros espaços tidos como *chics;* hobbies, dança de salão, patinação, esqui, piano; indicava-se, por vezes, onde moravam, bairros ou ruas — quase sempre caracterizados por aristocráticos ou *chics* —; se havia feito viagens a Europa; se possuía um automóvel, ele também era citado, acompanhado de sua placa, para que não houvesse erro (LEONAN, *O Pirralho,* n. 12, p. 10). No número sétimo, o dr. M. N. é: "Alto, moreno, barba negra e bem cuidada, quem é que não o conhece? É sem duvida, uma das figuras finas da nossa sociedade. Traja-se a rigor, mas sem smartismo escandaloso" (LEONAN, *O Pirralho*, 1911, n. 7, p. 4) ou o Snr. J. A. L. que "É intelligente, espirituoso. Sempre elegante, traja-se pelos ultimos figurinos parizienses. Quando anda, está sempre muito serio e muito tezo […] Nos domingos á tarde, envergando o seu terno cinzento e chapéu de igual côr vai 'smatizar' o Parque Antartica" (LEONAN, *O Pirralho*, 1911, n. 3, p. 6). Já a Mlle. I. N. é: "Alta e elegante. Cobre-lhe o rosto uma cutis clara e levemente corada. [...] Mlle. mora em uma optima chacara, com grandes alamedas de magnolias. [...] gosta muito de viajar, razão pela qual, já fez em companhia de sua familia, duas viagens á Europa" (LEONAN, *O Pirralho,* 1911, n. 6, p. 4) ou Mlle. A. J. N. que "Móra na aristocratica Avenida. É clara, alta, elegante. Ultimamente tem engordado, bem contra a

---

[65] A seção "Instantaneos" tem pelo menos, três distintas fases. Na primeira delas, números 2 a 13, vêm assinada por um Leonan. A segunda, números 18 e 20, é assinada por um Mr. de La Palisse. A terceira, mais longa e última delas, números 37 a 49, 51 a 57, 59, 61 a 65, 67 a 69, 71, 75 e 76, 78, 85 e 88 diversos números, entre o 2-13, ela vêm assinada por um Kodak — o nome deste é uma clara referência às máquinas fotográficas Kodak, então já populares. Ressalta-se, contudo, que os perfis estavam também presentes na seção de Jayme da Gama, bem como estavam, posteriormente, na seção de Ruy Blas, se há uma diferença que justifique a existência concomitante da seção "Instantaneos" e os perfis nas mundanas, não soubemos identificá-la, visto que o assunto, a maneira de abordá-lo e tratá-lo, é muito similar. Os perfis acadêmicos, que veremos um pouco mais adiante, também foram engolfados pela seção de Blas.

sua vontade[…] seu grande desejo é parecer uma inglesinha. Por isso, *miss* A. estuda com perseverança o inglez que já fala correctamente" (LEONAN, *O Pirralho*, 1911, n. 13, p. 4).

No rápido período que um Mr. de La Palisse[66] assume a seção, vemos em sua segunda colaboração, no vigésimo número ainda de 1911, a valorização de uma figura feminina, L. S., que não recebe título algum, vindo grafada somente suas iniciais.

> É uma graciosa *backfish*. Reune a pureza e precisão germanica dos traços á graça subtil da raça latina. […] Mademoiselle abomina a *maquillage*. Sobre seu rosto não se vê o menor traço de *rouge*, o mais insignificante vestígio de carmin. […] Adepta fervorosa de todo o sport, pratica qualquer delles com maestria. Com a mesma destreza com que empunha um par de remos, ou uma raquette n'uma quadra de *tennis,* lança mão do francez ou allemão para falar de qualquer assumpto de bellas-lettras ou arte, alliando, assim, á gymnastica salutar do corpo, um cultivo finamente intellectual (PALISSE, *O Pirralho,* 1911, n. 20, p. 9)

Apesar de uma primeira impressão de que ele poderia estar fugindo do sexismo da época, vemos logo que não é o caso. A valorização da prática de esportes pela jovem moça, bem como sua capacidade intelectual, são reflexos de sua jovialidade visto tratar-se de uma graciosa *backfish*. Expressão de origem alemã, *backfisch,* significa somente que a jovem é adolescente, já não mais menina. Ao menos no alemão, a palavra não tem conotação negativa. Ela não deixa, contudo, de ser categorizada como *mademoiselle* mais adiante.

Por fim, durante o período de Kodak, a seção é reduzida, passando a enfocar somente mulheres, desta vez sem os títulos precedendo as iniciais. A valorização de suas características, contudo, centram-se em suas semelhanças aos trejeitos estrangeiros: fossem eles ingleses, "friamente ingleza nos seus habitos de apaixonada *sports-woman",* americanos, "é *yankee* na sua elegancia despreoccupada", ou franceses, "na sua seductora *beauté du diable"* (KODAK, *O Pirralho,* 1912, n. 41, p. 10). "Na Berlinda" d'*A Cigarra,* a predileção pelos costumes europeus, também se fez presente: "Uma revista abriu um concurso para saber qual éra a paulista mais 'parisiense'. *Mlle*. I. G. seria a victoriosa si tão sómente votassem as pessôas que, conhecendo Paris, nada ignorassem da 'parisiense' (MANOEL, *A Cigarra*, 1914,

---

[66] O nome deste cronista pode ser uma referência ao guerreiro francês Jacques de Chabannes, senhor de La Palice (1470-1525), célebre por vitórias em diversas campanhas, até que foi morto em combate na batalha de Pavia (parte da Guerra Italiana, ou Guerra dos Quatro Anos), para homenagear sua valentia, seus soldados escreveram uma canção: "*Hélas, La Palice est mort/Est mort devant Pavie./Hélas, s'il/n'était pas mort,/Il ferait encore envie"*. No francês antigo, o "s" possuía duas grafias, uma das quais era "ſ", razão pela qual a última frase da estrofe - *Il ferait encore en vie* - acabou sendo lida, erradamente, como *Il serait encore en vie* ("ele ainda estaria vivo"). O autor queria dizer que Jacques de Chabannes pelejara até ao fim, isto é, "momentos antes da sua morte", ainda lutava. Mas saiu-lhe um truísmo, uma evidência, dando origem a expressão "uma verdade de La Palice", ou seja, uma evidência tão óbvia que se torna ridícula.

n. 4, p. 45). Os lugares que frequentavam na Pauliceia também parecia ditar seu caráter, sua índole, visto que não deixavam de figurar nessas seções: "exhibe no 'Radium' nas principaes festas do 'grand monde' paulistano e no Velodromo, onde, nos *matchs* da 'Liga', acompanha, julga e applaude com innocente partidarismo…" (KODAK, *O Pirralho,* 1912, n. 37, p. 11) ou "[…] é o proprio *riso* das nossa [sic] *kermesse,* dos nossos *corsos* na Avenida, dos nossos *garden-parties"* (KODAK, *O Pirralho*, n. 39, p. 14).

Interessadas e presentes, as mulheres nas notas de Kodak somente aplaudiam ou se exibiam durante o corso, o *footing* ou no Triângulo. Em uma delas, Kodak observa que o talento e a fina cultura literária da enfocada da semana é traço de se estranhar, visto que "[…] neste seculo em que ELLAS, com raras excepções, são apenas as hystero-neurasthenicas, as escravas da moda despotica e do snobismo extravagente, as amantes ardorosas do *sport* e dedicadas devotas do tourismo" (KODAK, *O Pirralho,* 1912, n. 47, p. 13).

N'*O Parafuso*, as seções nesse estilo fizeram-se fugazes e sujeitas a demanda do momento. A mulher aparecia com mais frequência na seção "Desparafusando…". Assinada por Gavroche, a seção fazia uma série de comentários curtos que, no número nono, giraram em torno de *mademoiselles* e *madames* da sociedade paulistana:

> Foi muito notado o flirt de Mr… com aquella trefega e endiabrada normalista, domingo ultimo, no Jardim da Acclimação por occasião do magnífico pic-nic promovido pele Ecletico Club. Como se vê, o Ecletico não desmete os fóros conquistados do "Club Casamenteiro".
>
> Mlle… si persistir em parafusar como e de que maneira Mr. conseguiu advinhar seu namoro de Guaratinguetá, acabará morrendo tuberculosa. Imagene Mlle. que si Mr. fosse dizer todas as verdades… adeus bailes do Internacional.
>
> […] Depois de um flirt sempre vem a duvida. Desse mal muita Mlle. se queixa e portanto Mlle. A. não deve pensar em cocaina, em morphina, nem em cousa nenhuma acabada em Ina, como cerolina. […] Mlle que goza das reclames de futurosa herdeira, como sempre terá um candidato a herdeiro.
>
> […] Madame não tem juizo e não sei porque teve a infeliz ideia de mandar-nos aquelle cartão. Então está convencida de que com duas palavras, o seu marido nos despachará para outro mundo? Não temos medo. Quem é myope dentro de casa, certamente será um mau atirador (GAVROCHE, *O Parafuso*, 1915, n. 2, p. 9).

Mesmo com sonho de grandeza, São Paulo parecia ser ainda cidade pequena, em que as intimidades de diversos sujeitos eram conhecidas por uns e outros. Ao menos essa é uma das alternativas de leitura para os comentários de Gavroche. Nos números finais de 1915, vigésimo quinto e vigésimo oitavo, a seção "Cortando…", parece substituir a de Gavroche,

desta vez, sem assinatura. Em ambos os volumes, o cronista oculto segue com seus comentários de má fé:

> Madame X. anda loquinha para adquirir um *bebè*. Estamos informados de que o desespero de madame levou a uma tentativa de rapto de uma encantadora italianinha, moradora no bairro da Liberdade.
>
> Mlle. tem um cacoete que a deixa feia e muito feia, sendo como è, tão encantadora. Nem bem Mlle. deixa o leito apparece invariavelmente todas as manhãs de palito na bocca. Se soubesse como fica feia?
>
> Mlle. depois que papari ficou sem automovel por conta do governo, já faz o seu passeio a pé pelo Triangulo. Faz com tanta tristeza, que até causa dó. Conforme-se , Mlle. (PARAFUSO, 1915, n. 25, p. 11).
>
> Mlle. tem como bem pouca gente uma excellente dentadura. No entretanto, raro é o que dia que não a avistamos no consultorio do conhecido ddentista, na Rua Direita. Que será que dóe em Mme?
>
> […]
>
> Que fazia Mlle. domingo ultimo, sósinha pela Avenida Hygienopolis? Aquella mesma hora o seu Adonis valsava na *crèche* Baroneza de Limeira. Será que o noivado foi por agua abaixo… (PARAFUSO, 1915, n. 27, p. 11).

Assinada por diferentes autores, ou não, o fato é que essas seções nos permitem estabelecer uma ideia da mulher n'*O Parafuso*. Sempre articulada junto a um homem, seja pelos *flirts*, namoricos, possibilidade de início de um casamento e, igualmente, do fim de outro, ou, como vimos no capítulo anterior, junto a suas posses — automóveis oficiais à serviço de seus maridos — e comportamentos fora dos padrões morais esperados — ida aos bailes imorais promovidos no Municipal. Aquela São Paulo, que tanto havia crescido, ainda era pequena o suficiente para que todos se conhecessem, principalmente no que diz respeito ao exíguo e restritivo círculo da elite. Em outros momentos da revista, novas seções nesse estilo, de pequenas notas, mexericos, apareceram: "Bem dizia eu…", "Diz-se…" e "Vimos…", por exemplo. Seus autores variavam, mas o conteúdo e o estilo mantinham-se semelhantes. Ressalto, contudo, que muitas das notas veiculadas não se limitavam ao diz-que-me-diz, optando pelo caminho, mais comum ao semanário, de críticas incisivas. No mais, *O Parafuso* não se furtava a incursionar pelos meandros de notícias que misturavam, transpunham, os limites então estabelecidos entre o público e o privado. Chamo atenção, para a exploração do caso de Oswald de Andrade com a jovem Carmen Lydia[67], ou do "Escandalo

---

[67] Debatido pel'*O Parafuso* entre os números quarenta e três e quarenta e seis, ver páginas no APÊNDICE G.

do Hygienopolis", investidas como essas, tidas por muitos como sensacionalistas, renderam a*O Parafuso* rótulos como "chantagista", "jornal de extorsão" e "publicação marrom".

Se a mulher se fazia mais numerosa nos comentários da seção "O Pirralho nos Cinemas", os homens eram o foco da seção "O Pirralho na Academia". Como vimos, um importante marco nas transformações pelas quais passaria a cidade de São Paulo no final do século XIX e início do XX, foi a fundação da Faculdade Direito do Largo São Francisco, em 1828. Foi a vinda de diversos estudantes de todo o país que começou a mudar a estrutura não só física, mas cultural e social da cidade — apesar de, importante ressaltar, não ser um marco fundante da cultura letrada paulistana[68]. A imprensa do século XIX têm como protagonistas os acadêmicos da Faculdade de Direito. Havia, assim, uma valorização pela vida acadêmica, a maioria dos homens que compunham essas revistas, *O Parafuso* incluso, era expoente deste ambiente, mesmo que grande parte deles a tenha frequentado unicamente por vontade da família — como é o caso de Oswald de Andrade. A seção, portanto, foi comum a todas as três revistas, tendo encontrado n'*O Pirralho* seu maior difusor.

Assim como em sua contraparte feminina, "O Pirralho na Academia" apresentava-se com intuito de jogo, "tente adivinhar quem é o enfocado da semana". Para além deste rápido primeiro perfil, porém, a seção estende-se por toda uma página, com diversos subtítulos que apresentam diferentes conteúdos, há sucintas piadas, "— Então qual das directorias do *Centro* ficará mandando e agindo?—Julgo que ambas estão querendo. — Mas é inconcebível! Duas directorias! Nunca se resignarão a viver juntar. — Qual! Por isso não: a do Irineu está quasi toda *resignada*" (PIRRALHO, 1912, n. 42, p. 7), comentários maldosos, explanadores, "Quem nos dirá o motivo por que o Josias de Barros escóva os dentes com whisky? Dá-se um dôce a quem disser"(PIRRALHO, 1912, n. 42, p. 7), recados da redação aos membros da academia e rápidos anúncios, tudo muito curto, direto ao ponto. Só o perfil acadêmico, contudo, é que vem assinado, por um Diabrete. Este assemelha-se mais do que difere dos "Instantaneos" de enfoque feminino, a diferença maior parece residir no fato que os

---

[68] Cruz (2000, p. 50) propõe que a vida coletiva e a invenção de tradições que redefiniram o viver urbano, tiveram, também, papel importante de articulação:

> A análise de memórias, histórias de vida e a visão mais geral da imprensa periódica da época sugerem novas dimensões desse processo, dando visibilidade a outras práticas associativas, revelando vivências de grupos sociais intermediários e surpreendendo novas dimensões da vida cultural dos grupos sociais fundamentais. […] Nessa conjuntura, a cultura letrada paulistana, moldada nas Arcadas do Largo São Francisco, é questionada pelas novas situações e desafios sociais colocados pela cidade. Envolvida pelos novos modos de viver a cidade, a cultura letrada transforma-se (CRUZ, 2000, p. 50).

moços já estão, por vezes, comprometidos. Sobre A. L. C., por exemplo, podemos verificar, mais uma vez, as qualificações estrangeiras: "É alto, bem alto e gordo, espáduo, de um vigor visível. Tem o *aplomb* imperturbavel de um *gentleman*. [...] Ama a Academia com profundo affecto; [...] É noivo, está vivendo na respectiva risonha e muito proximo das alegrias do lar" (DIABRETE, *O Pirralho*, 1912, n. 42, p. 7). Ou, já no número seguinte, sobre G. de A. — provavelmente Guilherme de Almeida —, "É quint'annista. Pouca altura, bigodes muito aparados […] Veste bem, um tanto á americana, um tanto á parisiense […] É enorme o seu ascendente sobre as mulheres; pouquissimas o resistem" (DIABRETE, *O Pirralho*, 1912, n. 43, p. 7).

Voltolino também participava da seção, seja ilustrando personagens distintos daquele universo, seja fazendo caricaturas como a seguinte:

Figura 26- "Vida Academica", *O Pirralho*, 1912, n. 37, p. 14

Assim como a maioria da revista, a seção não parece se levar muito à sério, não perdendo oportunidade de ridicularizar e fazer piada, por vezes de seus próprios membros.

N'*A Cigarra,* encontrado em alguns poucos volumes, os perfis acadêmicos não têm o intuito de jogo de adivinhações, visto que não são as iniciais dos enfocados que são

oferecidas, mas sim seus nomes completos[69]. Em sua primeira aparição, por exemplo, assinado por Bento de Alascar, somos apresentados a Alexandre, "[…] um espirito emprehendedor e positivo. Já se atirou sem medo á vida pratica e tem um escriptorio bem montado. Que rica mobilia!… É uma delicia sentar-se naquellas cadeirinhas!… E que bons charutos!… Vale a pena ser cliente do Alexandre" (ALASCAR, *A Cigarra,* 1914, n. 12, p. 40). Já no número seguinte, José Pedro tem uma "envergadura de homem predestinado" aliada a uma rija moral que sacudirá o país: "Daí a escassez de traços academicos no jovem bacharelando, que, desde o 2o anno, vive essa mysteriosa e empoeirada vida de deitar sciencia nos autos e cochichar aos escrivães" (D'AMIRAL, *A Cigarra,* 1914, n. 13, p. 36).

N'*O Parafuso,* a primeira vez em que uma seção similar pode ser notada é já no nono volume. Uma colagem fotográfica, ou montagem fotográfica, de página toda, com quatro fotografias, sob o título "Vida Academica", identificada, ainda, pela frase "moços de hoje, homens de amanha". Sob as fotos, na legenda, lê-se: "A 'Festa do Trote', na abertura das aulas da Faculdade de Direito — um aspecto do sumptuoso salão do Café Guarany, durante o tradicional *chocolate* offerecido pelos proprietarios daquelle acreditado estabelecimento" (PARAFUSO, 1915, n. 9, p. 7). Na página seguinte, outra fotografia, essa retrata um grupo de sete jovens, identificados pelo nome e sob igual título da colagem, todos "amigos d'*O Parafuso"*. A publicação das fotos é um tanto quanto incomum para a revista, nenhum texto explicativo segue as imagens ou faz menção à elas.

Alguns desses perfis acadêmicos nos permitem um vislumbre nos locais frequentados pelos jovens moços de então. "[…] si o quizerem ver, á noitinha, elle lá está no Guarany ou no Café Paulista, falando com calor entre um grupo de rapazes, diante de umas chicaras vasias" (DIABRETE, *O Pirralho*, 1912, n. 59, p. 21); "Assiduo, […] nas ródas *chics*, a cujos bailes não falta, em cujas recepções é figura obrigada e querida, sabe, *malgré lui-même*, captivar os coraçõesinhos novos das senhoritas" (DIABRETE, *O Pirralho*, 1912, n. 62, p. 15); "[…] nas noites festivas da bohemia paulista. […] Só de raro em raro se lhe vê a silhueta dos bigodes, á noite, pelo triangulo, projectar sua sombra sobre uma mesa de bar ou nas paredes de um *cinema*" (DIABRETE, *O Pirralho*, 1912, n. 63, p. 10). Repare nas ambientações, sempre noturnas. Apesar de todos esses espaços também serem frequentados por mulheres dessa mesma elite, não pegava bem que elas fossem vistas nos cafés e

---

[69] No primeiro volume em que a seção foi localizada, contudo, eram sim as inicias de um Alexandre que nomeava o texto, seu primeiro nome, contudo, bem como o de seu empregador e outras informações óbvias aparecem no corpo do artigo. Foi só neste volume, também, que a seção foi assinada por um Bento de Alascar (CIGARRA, 1914, n. 12, p. 40).

confeitarias depois de determinadas horas. As moças de família, ou senhoras bem casadas, enfocadas pelas revistas ilustradas aqui tratadas, podiam ir sem maiores adversidades a alguns lugares em determinados horários, "[…] enquanto outros eram proibidos ou vistos com maus olhos. Os códigos eram conhecidos por todos na cidade, ainda que não fossem escritos ou mesmo ditos para as moças" (MONTELEONE, 2015, p. 119). Qualquer moça elegante de São Paulo, por exemplo, sabia que não deveria ir ao Castelões, com suas três portas abertas até as dez da noite, e cujo sorvete era servido às 14h30 e às 16h, após às dez da noite:

> As moças de família, por mais que fossem fãs dos doces e sorvetes do lugar, tinham de sair às cinco da tarde impreterivelmente — senão corriam o risco de serem confundidas com as "borboletas cosmopolitas que em abundante partidas vindas do Rio da Prata e de outros pontos longínquos da cidade" tomavam conta do lugar (MONTELEONE, 2015, p. 119).

A presença das jovens moças em bailes e recepções era aceita, visto que eram previamente organizados e vetados, os bailes dançantes tinham intuito casamenteiro, em que os pais estavam presentes supervisionando as danças dos pares — como aponta, também, um dos comentários de Gavroche expostos acima, quanto aos *flirts* no Ecletico Club. As recepções eram feitas nas casas, ambientes privados também frequentados por toda família. Os cafés e confeitarias, por sua vez, apesar de importante parte da sociabilidade de então, eram ambientes majoritariamente masculinos, muito frequentados pelos novos tipos urbanos:

> Muita gente vivia nos cafés. Quando se falava em determinadas pessoas, geralmente figuras populares da cidade, dizia-se que eram encontradiças em tal café, de tantas em tantas horas, na quarta mesa à direita… O café era escritório, endereço, ponto de palestra, ponto de reunião de amigos e de gente da mesma profissão (SCHIMDT, 2003, p. 135).

Presença constante nesses lugares, os jornalistas os frequentavam em busca de histórias, checando rumores e boatos, fazendo reportagens, vasculhando a vida de políticos e a alheia[70]. O café aquecia o mercado mundial, abrindo novos horizontes para a economia brasileira, acabando por se desdobrar em múltiplos negócios. Foi a bebida que estimulou a criação de locais de livre discussão, fossem elas políticas ou urbanas, cada vez mais presentes, debatia-se ao redor de mesas com xícaras fumegantes. Na segunda década do século XX, aqui tratada, os cafés já não eram mais como aquele de Maria Punga, que, entre 1850 e 1860,

---

[70] Quanto a cena humorística e noticiosa da cidade, alguns dos periódicos e folhas faziam dos cafés e restaurantes suas "redações" — outras variavam sua identidade e localização, remetendo os leitores a endereços provisórios, circunstanciais ou ficcionais. *O Garoto* (1900), por exemplo, declarava ter seu "escritório na mesa do canto do café Guarany ou no olho da rua", *A Penna* (1882), tinha "redação anônima", já a d'*O Gaiato* (1905), era "em toda parte" (CRUZ, 2000, p. 88-89).

estava situado numa velha casa, com portas bangue bangue, pelas quais o freguês entrava no salão, logo notando as vias e ripas aparentes, no meio do recinto, uma longa mesa encardida era constantemente servida pela proprietária do local, Maria Punga (MONTELEONE, 2015, p. 83)[71]. Os estabelecimentos do século XX já traziam novidades mais próximas ao moderno e cosmopolita, repleta de numerosos símbolos de uma modernidade incipiente — os charutos, licores e cervejas. Havia cafés de vários gêneros, de diversos feitios, como lembra Afonso Schimdt (2003, p. 133), "[…] dos mais humildes nas travessas e ruas de má nota, aos grandes estabelecimentos rodeados de espelhos, com dezenas de mesas e uma frequência geralmente escolhida". São, por óbvio, os dessa última categoria a figurar nas revistas ilustradas em foco, com suas promessas de novos alimentos, diversão e sofisticação, todos inspirados nas tradições europeias.

No número quinto d'*A Cigarra*, somos apresentados ao novo empreendimento dos "negociantes desta praça", os srs. Caldeira & Silva: "um excellente café, installado com luxo e provido de todos os requisitos exigidos pela hygiene moderna", o Café Brasil, á rua XV de Novembro n. 37. Para a revista, os negociantes dotavam São Paulo "[…] de um estabelecimento digno de seu estado de progresso, hão de contar com as sympathias e o apoio do publico" (CIGARRA, 1914, n. 5, p. 30). O artigo ressalta as provisões higiênicas e de asseio tomadas pelo estabelecimento, "[…] sendo o salão principal e todos os demais compartimentos ladrilhados e dotados de paredes impermeaveis. As chicaras de café são resguardadas por um apparelho especial de vidro, de modo a não ficarem expostas ás impurezas do ar", tudo é feito e disposto de acordo com as últimas prescrições da Diretoria do Serviço Sanitário. Sendo assim, "o Café Brasil é um ambiente modelar" (CIGARRA, 1914, n. 5, p. 30). No número seguinte, *A Cigarra* dedica-lhe três páginas, repletas de aspectos fotográficos e a mesma introdução do número anterior, acrescido de algumas informações sobre suas primeiras semanas de funcionamento: "O Café Brazil tem tido uma freguezia extraordinaria, o que é muito natural, dado o luxo e conforto com que o montaram os seus proprietarios" (CIGARRA, 1915, n. 6, p. 51). Os aspectos publicados, nos revelam o público extraordinário e seleto:

---

[71] A descrição do café de Maria Punga nos serve como comparação física, seu estabelecimento, porém, era famoso, agregando diversos homens poderosos que a tinham como amiga. Seu senso excepcional de negócio, revela-se na localização escolhida para seu café, bem no centro da cidade, na rua Imperatriz. "Nas xícaras brancas, vendido a 40 réis o caneco, o café estimulava as discussões entre estudantes, políticos, empresários, artistas, negociantes e empregados do comércio" (MONTELEONE, 2015, p. 84).

Figura 27 e 28- "Café Brasil", *A Cigarra,* 1914, n. 6, p. 52 e 53

Matérias como essa marcaram época n'*A Cigarra*, sendo bastante frequentes. Os diversos elogios e descrição dos pormenores do ambiente, bem como o farto material iconográfico que os acompanham, nos dão margem para supor tratarem-se de matérias pagas. Esta maneira de veicular propagandas, hoje não tão sutil, poderia passar despercebida pelo leitor de então, visto que as tradicionais, como ainda são, eram de uma única página, com ilustração chamativa e algumas frases ou jargões diretos. Estas matérias, contudo, eram apresentadas como tais, trazendo textos descritivos dos ambientes e dos festejos de inauguração — visto que eram os que apareciam com maior frequência[72].

É na diagramação de publicações como as d'*A Cigarra,* que podemos perceber esse progressivo movimento de articulação da propaganda. A rígida separação a que obedeciam, com espaços distintos e bem demarcados para os diferentes conteúdos, passam a incorporar os anúncios de forma ambígua, não declarada. *A Cigarra,* começa a perder o "pudor" frente à propaganda, passando a inseri-la nas entrelinhas. Anúncios são dispostos entre uma e outra matéria, cada vez mais "confundidos" aos demais conteúdos da publicação.

---

[72] Sobre o assunto ver Cruz, 1996 e Matos, 2003, p. 149-154.

Com as distinções entre o reclame e a notícia tornando-se cada vez mais sutis, a linguagem do reclame renova-se (CRUZ, 1996, p. 89).

Os homens frequentadores desses cafés foram, muitas vezes, caracterizados como *smarts*. Termo dúbio, poderia ser tanto um elogio, quanto uma provocação: caracterizar alguém — por vezes foi usado, também, para referenciar jovens moças — como *smart*, poderia dizer, que este era moderno, em voga, antenado para as novidades, bem trajado e de porte elegante, ou poderia fazer referência a alguém protegido, fosse pelo poder aquisitivo, social ou pelos pais. Em dois números d'*O Pirralho*, podemos ler em seção intitulada "Os Ratos, publicação d'inquerito á vida brasileira":

> O smart é o mamífero que anda á moda. Já sabiam disso, pois não? Não sabiam, porém, que esse individuo do reino animal se caracteriza entre os seus similares da immensa legião dos quadrupedes por andar de quatro rodas, já que não póde perambular a quatro patas, attenta a intolerancia dos fiscaes do transito. Quero dizer que o smart e um vehiculo de quatro rodas são coisas que se attraem. Ora, o vehiculo da moda […] é o automovel. Dahi, a predileção do smart pelo automovel, que reune os dois requisitos essenciaes para completar a personalidade do nosso mamifero: tem quatro rodas e está na moda. […] Sempre lhes direi, entretanto que o velho e archi-indecente barracão do Polytheama — trambolho cuja destruição eu muito agradeceria ás picaretas — foi um dos pontos iniciaes da pavorosa fusão de poucas-vergonhas que deu em resultado o monstrengo tropego, cara de fuinha ou cara de porco, cretino, erotomaniaco, alcoolatra, condemnado ao analphabetismo, por mais dinheiro que os srs. seus pais atirem á rua para lhe metter na cabeça um pouco de primeiras letras, e que á noite exhibe as suas côres suspeitas á luz branca do gaz, pelos cafés e outros lugares. […] Vejo-os passar todos os dias, os smarts: o desageitado, que por mais que copie os figurinos tem sempre um ar de orango, inconfundivel; o macambuzio, que vae só, ruminando se jantará ou irá ao cinema; o arreganhado, que cumprimenta os "chauffeurs" e atira beijócas aos cavallos dos tilburys (PIRRALHO, 1912, n. 44, p. 9-11).

Mais uma vez se estreita o laço entre o "ser moderno", estar na moda e ser, por conseguinte, *smart*, e o automóvel. Para mais, observamos a qualificação do *smart* como a de um ser fundamentalmente social. Assíduo frequentador de cafés e cinemas, onde mostra suas verdadeiras cores, sempre a luz torpe de lampiões, ou seja, durante a noite.

O texto da seção, angariou reação negativa, apresentada pela própria publicação na seção "O Pirralho na Academia". Sem sacrificar seu tom cômico, o autor retoma o assunto da seção "Os Ratos" do último número: "[…] um protesto dos *smarts* da Academia […] que está bem fundamentado […] foi redigido pelo sr. Christovam de Camargo, nomeado para este fim *smart ad hoc*. Deixemos de publical-o por falta de espaço" (PIRRALHO, 1912, n. 45, p. 11).

A crítica tenaz ao grupo, faz lembrar o tom d'*O Parafuso*, com o qual, a propósito, há possibilidade de paralelo. Em sua primeira contribuição localizada, já três anos posterior a publicação sobre os *smarts*, Fouquiéres desqualifica o discurso moralizador d'*A Cigarra*, ao mesmo tempo em que desfaz as hipérboles d'*O Pirralho*. Para ele, São Paulo permanece repleta de hábitos acanhados e provincianos, de caipiras desejosos:

> Fallam com orgulho na civilisação dos moradores de S. Paulo apezar dos nossos habitos de provincianos acanhados ou de caipiras desejosos de demonstrar adeantamento, praticando "gaffes" de todos os tamanhos.
>
> Ha tanta ostentação de pudicicia nas ruas, tanta severidade nas saudações, tanto receio de se fallar em publico, tanta rispidez em julgar as faltas alheias e no entanto é permittido o maxixe em certos "*theés-tangos*". Censura-se acremente nos outros justamente as acções que os catões d'esquina praticam com mais prazer e desenvoltura.
>
> Orgulhamos-os de acompanhar a moda parisiense, e em pleno passeio, encontramos senhores e senhoritas com vestidos de "soirèe" e rapazes, da já celebre "*jeunesse dorée*", trajados á caçadora com o indispensavel lacinho nas costas!
>
> Rapazolas, mocinhos que nuca viram o mundo civilisado, pontificam faltamente nas chamadas chronicas elegantes das revistas, ensinando a moda, o bom gosto, o "mantien" (FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4).

Fouquiéres nos permite ponderar sobre essa amálgama complexa que se forma e forma São Paulo. "Acompanhar a moda parisiense será vestir-se grotescamente?" ele questiona mais à frente, refletindo sobre uma moda que aqui não faz sentido. "Será tudo isto civilisação ou insentivo ao parasitismo, á pouca vergonha?", em referência a possibilidade de uma rápida "escalada social", bastando tirar vantagem de casamentos bem pensados, com objetivo: "Fulano é pobre e não tem cotação mas se amanhã ficar noivo da filha dum sujeito rico gosará immediatamente de alta consideração e merecerá todas as honrarias". Para o cronista mundano d'*O Parafuso,* toda essa, dita, elegância, os hábitos *chics*, as modas estrangeiras, que promovem o, falso, moralismo, estão em curso de desmantelar a cidade, aniquilando qualquer cultura genuinamente nossa, ou melhor, mais reconhecível e autêntica aos paulistanos.

Seu arremate, contudo, nos deixa esperançosos: "Felizmente ainda ha familias em S. Paulo, familias em toda a extensão da palavra e serão estas que salvarão o nosso nome de povo moralisado, emquanto as outras se perderão com o seu chiquismo, elegancia, modas parisienses, etc. etc." (FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4).

CONCLUSÃO

> Segue “il tuo curso” e esperemos o fim da comedia pois que “rira bien qui rira le dernier”
>
> FOUQUIÉRES, *O Parafuso,* 1915, n. 2, p. 4

Cada uma das três publicações que encontramos aqui representou São Paulo à sua maneira.

N’*A Cigarra*, uma cidade repleta de novidades, orgulhosa, intensa, pronta para se juntar as outras capitais e aceitar o título de moderna. Ali o progresso não tardou, cada avanço era comemorado e feito finito: “Civilizamo-nos!”. Não sem faltas e percalços no andar do automóvel. Nessas ocasiões, ela buscava fazer com que sua estridente voz fosse ouvida, moralizando, educando, procurando encaixar cada peça em seu correspondente lugar. Em seu primeiro aniversário, Manuel Leiroz a elogia: “Com tua apparição no scenario social, o nível literario elevou-se de repente […] e, coisa curiosa, entras no inverno provida e sem frio, desmentindo a versão de La Fontaine (LEIROZ, *A Cigarra,* 1915, n. 19, p. 19). *A Cigarra* foi um marco na imprensa brasileira, mantendo-se firme até os anos 1970.

O Parafuso, nos reapresentou São Paulo. Se o leitor se comedisse unicamente a leitura de sua conterrânea, estaria deixando de encontrar uma cidade pujante, repleta de luta, polêmicas, diferentes personagens e personalidades, de ideais. A São Paulo d’*O Parafuso* ia longe, não deixava-se conter pela ideia de modernidade e progresso que a assolava. Suas incursões nos levaram para diferentes bairros e cidades do interior paulista. Essa movimentação permitia que a revista construísse um contra-discurso, um de contraposição à imagem de uma Pauliceia acabada, harmônica sob a égide do progresso e da modernização (GALLOTTA, 1997, p. 116).

O Pirralho, por sua vez, apresentou um pouco de ambas as anteriores. Sua marca absoluta, o humor irreverente, o aproxima d’*O Parafuso,* enquanto seu ufanismo e canção modernizadores o juntam *A Cigarra*. *O Pirralho* foi, também, a única das três publicações que foi analisada na íntegra, visto que todos os seus números se encaixaram no recorte temporal estabelecido. Assim, ele foi a mais complexa delas, tendo passado por inúmeras mãos, que alteraram desde suas diretrizes, até seu projeto gráfico. O próprio Oswald assumiu

diversos cargos — foi o fundador, diretor, redator, colaborador e correspondente internacional. Acompanhando seu desenvolvimento, visitamos uma cidade em formação, repleta de incongruências inarmônicas e irracionais. Suas infâncias, por vezes, nos apresentavam uma São Paulo à la *A Cigarra,* como sua comparsa nas peripécias de crila incorrigível, numa rápida mudança de cenário, um único movimento de luzes que deixa o teatro às escuras, chegávamos a uma cidade heterogênea, mais palpável.

Apesar de diferentes em seus projetos e na difusão da São Paulo daquele período, todas as três revistas tem respaldo. Seja por suas grandes vendagens, representativas de seu sucesso de público, ou pelos numerosos trabalhos acadêmicos sobre elas, ou graças a elas, desenvolvidos. Sendo assim, são publicações que marcaram época e devem ser contempladas no seu papel de difusoras de um imaginário urbano e social. No início desta dissertação, propus, alinhado a Backzo, que a conjuntura naquele início do século XX fez da imprensa, ilustrada ou não, a principal modalidade de difusão do imaginário social. Tido como uma das forças regularizadoras da vida coletiva, o imaginário social oferece referenciais simbólicos que indicam quais indivíduos pertencem a mesma sociedade, da mesma maneira, é ele que define, em parte, as relações com divisões internas e com suas instituições sociais.

A leitura dessas publicações, nos permitiu uma visão múltipla de uma metrópole em formação — ainda, certamente, desfalcada e pouco representativa. Promotoras dos novos hábitos e costumes, elas também se fizeram censoras a tantas outras. Cada qual responsável pela construção da sua São Paulo, do seu cenário para a peça que propunha-se a encenar. Se ela seria estilizada sob as regras do imperialismo europeu, que então se consolidava e se acentuava, opondo sociedades consideradas evoluídas ou atrasadas, ou se ela ergueria voz de justiça, esbravejando contra os excessos e absurdos da oligarquia paulistana, ficou a critério de seus diretores e colaboradores — alinhando-se ao mercado e a demanda crescente por material impresso.

Uma visão resumida e míope deste período pode levar a afirmações como: "*Nada resta da São Paulo provinciana e a cidade do início do século XX já estava alçada à categoria de metrópole"*(CARRETO, 2011, p. 34). Quando, na verdade, e como tão bem colocou Rogério Souza Silva em sua tese de doutorado sobre Raul Pederneiras, foi uma "Modernidade em desalinho", lido como tal em diversas frentes: "[…] visto como parte de um conjunto amplo de resistências múltiplas geradas nos processos de modernização […] ou ainda como fruto de suas próprias contradições. […] quanto mais se tentou homogeneizar e padronizar, mais fragmentos foram produzidos" (SILVA, 2014, p. 27).

De forma concisa, o que caracterizou os anos aqui trabalhados foi uma modernização como tal: uma política desenvolvimentista — amplamente divulgada como "progresso" — determinada por uma estratégia de crescimento que supôs uma forte segregação espacial e social. O processo, vertiginoso e infrene, envolveu esforço de construção de uma ordem social europeizada, que, aliada à inserção de uma miríade de novas tecnologias, hábitos e sociabilidades, comprometia definitivamente o futuro da cidade de São Paulo. O que buscamos analisar nas revistas, trazendo-os a lume, foram justamente os momentos de tensões, conflitos, tumultos e resistências.

A introdução propôs uma incursão por dois grandes eixos. O primeiro deles, a criação do citadino, delineou-se ao longo de todo o texto, apesar de mais claramente ter-se formado no terceiro capítulo, "Orópa da Fazendeirada". De maneira mais proeminente, vimos as limitações dos espaços e costumes em voga, pudemos observar a quem cada um deles pertencia, e a maneira adequada de neles se portar. Muitas vezes disfarçados de públicos, tendo sido construídos como tais, ambientes como o Belvedere do Trianon, o Teatro Municipal, aceitavam somente a presença de uma elite, vestida a caráter e possuidora dos trejeitos necessários.

Mas também existiram as resistências. Algumas disfarçadas, outras mais gritantes, mas todas, presentes. Fosse na figura de um diretor de uma publicação destoante, delatora constante das contradições de uma sociedade, que no frigir dos ovos, não era tão ordeira como se queria crer; ou em caricaturas que passavam pelo filtro rigoroso de uma revista mundana. Todas as três, contudo, foram enfáticas em demonstrar rupturas, deslocamentos e permanências nos papéis de gênero. *A Cigarra*, no período aqui tratado, firmou-se junto aos seus leitores ao divulgar procedimentos e práticas que considerava adequadas ao novo viver urbano. Mesmo julgando comportamentos e condenando práticas, ela indicava possibilidades, divulgando, incansavelmente, numerosos aspectos que apresentavam essas mulheres, idealizadas sim numa valorização preferencial da mulher como mãe, esposa e dona de casa, mas participando na cidade, formando-a (PRADO, 2003, p. 1999).

O segundo grande eixo, a criação dos novos espaços, ditos modernos, onde os citadinos poderiam, enfim, gozar da modernidade, também deu-se durante todo o trabalho. Ao segundo capítulo, "O ver e o ser visto", pertenceu o espaço da rua, em constante reordenação de modo a abarcar os novos hábitos e costumes que se fizeram tão necessários. Em São Paulo "[…] a rua passa a criar seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, inocular-lhes (…) gotos, costumes, hábitos, modos, opiniões" (RIO, 1997, p. 66). Os anseios da elite, com sua

fome modernizadora, se traduzem na importação de automóveis e de bondes elétricos, a rua inflaciona com as marcas de sua presença, e o pedestre se encolhe (SANT'ANNA, 2001, p. 46). Ainda sim, os paulistanos ansiosos por desfrutar do corso, do *footing* e do flanar de seus contemporâneos europeus, arrostam-se e vão de encontro a rua, enfrentando suas intempéries. O terceiro capítulo, "Orópa da Fazendeirada", nos permitiu, ainda, um vislumbre nos espaços, ditos, públicos. Fosse por suas restrições sociais ou monetárias, o fato é que os novos e modernos espaços, eram segregadores, apartando as diferentes São Paulos.

Foi por intermédio do espaço público, das ruas, que pudemos observar essas diferentes São Paulos das revistas. Cada qual demonstrando aquilo que estava de acordo com seu viés, que iria interessar ao seu público leitor. Assim, a composição de uma cidade ampla, heterogênea, igualmente de ruas centrais e subúrbios, de lojas chiques e fábricas, de ricos e pobres, foi percebida somente graças a contribuição d'*O Parafuso*. Este que nos levou para a cidade além-Tamanduatéi.

Afinal, e já incorrendo em paradoxo, pudemos ver diversos novos inícios sendo delineados, assim estas linhas finais não representam uma conclusão para esse estudo. Como no trajeto de qualquer pesquisa, aqui também vimos despontar novas questões e problemáticas, parte perene da prerrogativa do pesquisador. Nesse sentido, a imprensa paulistana, na voz das três publicações aqui enfocadas, oferece diversas outras possibilidades de pesquisa em relação a Cidade de São Paulo e seus habitantes.

De uma forma ou de outra, os personagens que aqui desfilaram, atuaram numa São Paulo múltipla, repleta de lacunas a serem preenchidas, que nunca foram, nem nunca serão. Na voz de Monteiro Lobato, em carta a Godofredo Rangel datada de 23 de janeiro de 1915: "S. Paulo já é alguma coisa, e vale a pena entrar no Palco por essa porta. E iremos juntos" (LOBATO, 1972, p. 196).

BIBLIOGRAFIA E FONTES

AMARAL, Edmundo. *A Grande Cidade*. São Paulo: José Olympio Editora, 1950.

ANDRADE, Margarida Maria de. Brás, Moóca e Belenzinho - "Bairros Italianos" na São Paulo Além-Tamanduateí. *Revista do Departamento de Geografia*, v. 8, p. 97-102, 7 nov. 2011.

ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, Circos e Cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

AZEVEDO, Ricardo Marques. *Metrópole. Abstração*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BACKZO, Bronislaw . Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Antropos, 1985.

BASTOS, G. S. Pall-Mall Rio. In: Antonio Candido [et. al.], *A Crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 225 - 233.

BELLUZZO, Ana Maria Mode Moraes. *Voltolino e as Raízes do Modernismo*. São Paulo: Marco Zero, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. São Paulo: Autêntica, 2015.

_____. *Passagens*. Minas Gerais: editora UFMG, 2007.

BORGES, Augusto Cesar Mauricio. *A Sátira Política em O Pirralho: Juó Bananére e o Hermismo — 1911 a 1915*. São Paulo: Mestrado em História Social, PUC-SP, 2009.

BRAGLIA. Nádia Christina. *Pauliceia de ontem: as revistas ilustradas e o viver urbano nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo. Mestrado em História Social. PUC-SP, 2011.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*: de Gutenberg à internet. 2a edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRITES, Olga. *Imagens da Infância*, São Paulo e Rio de Janeiro, 1930 a 1950. São Paulo: Doutorado em História, PUC-SP, 1999.

BROCA, Brito. *Naturalistas Parnasianos e Decadistas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

CANDIDO, A. A Vida ao Rés-do-Chão. In: Antonio Candido [et. al.], *A Crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 15 - 22.

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt., *Juó Bananére:* irrisor, irrisório. São Paulo: Nankin Editorial: Edusp, 2009

CARRETO, Renata de Oliveira. *O Pirralho*: barulho e irreverência na Belle Époque paulistana. São Paulo: Mestrado em Interunidades em Estética e História da Arte, USP, 2011.

CHALMERS, Vera Maria. *3 Linhas e 4 Verdades*, o jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

HARLOT, M.; MARX, R. (orgs.). *Londres 1851/1901:* a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890 - 1914 - No tempo das certeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CRESPO, Regina Aida. *Crônicas e outros registros: flagrantes do pré-modernismo (1911-1918)*. Campinas, 1990. Mestrado em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, 1990.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo na vida urbana - 1890-1915*. São Paulo: Educ; FAPESP; AESP; Imprensa Oficial SP, 2000.

_____. A Cidade do Reclame:Propaganda e Periodismo em São Paulo - 1890/1915. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 13, p. 81-92, 1996.

_____ (org.) *São Paulo em Revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1997.

_____. *Trabalhadores em Serviços:* dominação e resistência (São Paulo - 1900/1920). São Paulo: Marco Zero, 1990.

DUARTE, A. Esopo e aTradição da Fábula. In: ESOPO. *Fábulas Completas*. *São Paulo: Cosac Naify, 2016*.

ESOPO. *Fábulas Completas*. Tradução: Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite - vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

GALLOTTA, Brás Ciro. *O Parafuso*: humor e crítica na imprensa paulistana 1915-1921. São Paulo: Mestrado em História Social, PUC-SP, 1997.

GELLACIC, Gisele Bischoff. *Bonecas da moda, um estudo sobre o corpo através da moda e beleza, Revista Feminina, 1915-1936*. São Paulo, 2008. Mestrado em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz & Terra, 2017

_____. *A Era dos Impérios* 1875 - 1914. São Paulo, Paz & Terra, 2012.

JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por Trocadilho*: a imprensa de narrativa irreverente paulistana 1900-1911. São Paulo: Alameda, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 5 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1989.

LOPEZ, Telê Ancora. *De São Paulo, cinco crônicas de Mário de Andrade 1920-1921*. São Paulo, Senac SP, 2004.

_____. A Crônica de Mario de Andrade: Impressões que historiam. In: Antonio Candido [et. al.], *A Crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 165 - 188.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS Ana Luiza. *Imprensa e Cidade*. São Paulo, Ed. UNESP, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República. São Paulo, 1890-1922*. São Paulo, EDUSP, 2001.

MATOS, Hivana Mara Zaina de. *A Revista A Cigarra:* São Paulo 1914-1934. Assis: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2003.

MAZZO, Janice. Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre-RS. In: DACOSTA, LAMARTINE (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p. 6.13 - 6.17

MICELI, Sergio. *Nacional Estrangeiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____. *Intelectuais a Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

MONTELEONE, Joana. *Sabores Urbanos* Alimentação, sociabilidade e consumo São Paulo, 1828-1910. São Paulo: Alameda, 2015.

NASCIMENTO, Raquel. *Os Bondes Elétricos:* a chegada e a travessia na cidade de São Paulo - 1900/1914. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. *O Mercado de Prestígio:* consumo, capitalismo e modernidade na São Paulo da "Belle Époque" (1890-1914). São Paulo: Alameda, 2014.

PADILHA, Marcia. *A Cidade Como Espetáculo - Publicidade e Vida Urbana na Sp dos Anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PRADO, Sabrina Gottschlisch do. *Imagens femininas na revista A Cigarra* - 1915-1930. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

PROST, Antoine. Fronteiras do espaço privado. In: *História da Vida Privada 5*: da Primeira Guerra Mundial a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RAGO, Margareth. A Invenção do Cotidiano na Metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (org.) *História da cidade de São Paulo, v. 3. A cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 387-435.

_____. Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Brasil 1890 - 1930. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Os Prazeres da Noite*: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIO, João do. *Alma Encantadora das Ruas*. Org. Raúl Antelo. São Paulo:Companhia das Letras, 1997.

ROLNIK, Raquel.*A Cidade e a Lei*. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp, 1999.

SALIBA, Thomé Saliba. *Raízes do Riso*: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

_____. Juó Bananére, O Raté do Modernismo Paulista? *Revista de História FFLCH USP,* São Paulo, n. 137, 1997.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cidade das Águas*. São Paulo: Senac, 2007.

_____. *Corpos de Passagem*, ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTORO, Paula Freire. *A relação da sala de cinema com o espaço urbano em São Paulo*: do provinciano ao cosmopolita. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, José Carlos Ferreira do. *Nem Tudo Era Italiano*. São Paulo: Annablume, 1998.

SÁVIO, Marco A. C. *A Cidade e as Máquinas:* bondes e automóveis nos primórdios da metrópole paulista 1900 - 1930. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. A Light & Power e a construção do momentum da eletricidade em São Paulo. *Tempos Históricos* - M. C. Rondon, v. 7, p. 187-214, 2005.

_____. *A modernidade sobre rodas:* tecnologia automotiva, cultura e sociedade. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo - cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo, 1997.

SCHVARZMAN, Sheila. Salas de Cinema em São Paulo nos anos 1920: diferenciação social e gênero no imaginário crítico. Artigo apresentado no Women and the Silent Screen Conference VI ; 2010 jun., Bolonha.

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole - arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*.2ª ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole - São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

_____. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____(Org.). *História da vida privada no Brasil* – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L. e SCHWARTZ, V. (orgs.) *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

SILVA, Marcos Antonio da. *Caricata República:* Zé Povo e o Brasil. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVA, Maurício. Espaço e Vivência: transformações modernizadoras na Primeira República. *Saeculum*, João Pessoa, v. 11, 2004.

SILVA, Rogerio de Souza. *Modernidade em Desalinho,* costumes, cotidiano e linguagens na obra humoristica de Raul Pederneiras (1898-1936). São Paulo: Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

SOAREZ, Elena; DAMATTA, Roberto. *Águias, Burros e Borboletas*: um estudo antropológico do jogo do bicho. São Paulo: Rocco, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Yuri Vasquez. *Quando as rodas conquistam a cidade:* cultura, tensões, conflitos e ações na prática do ciclismo em São Paulo. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem: Uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. São Paulo: Objetiva, 2015.

TURAZZI, Maria Inez. Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839 - 1889). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

WALKER, José Roberto. *Neve na manhã de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WIDMAN, J. Cavalleria Rusticana*:* conto-peça-ópera-filme. In: Freitas, R. C.; Milton, J. (Org.), *Adaptação Pesquisas do GREAT Grupo de estudo de adaptação e tradução*. São Paulo: Paulistana, 2017. p. 65 - 84.

FONTES

MEMÓRIAS E RELATOS

AMERICANO, Jorge. *São Paulo Naquele Tempo 1895-1915*. São Paulo, Ed. Saraiva, 1957.

_____. *São Paulo Nesse Tempo 1915-1935*. São Paulo, Ed. Saraiva, 1962.

AMARAL, Amadeu. *Memorial de um Passageiro de Bonde*. São Paulo, Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Oswald de. *Um Homem Sem Profissão* sob as ordens de mamãe. São Paulo, Globo, 1990.

BRUNO, Ernani Silva. *Memória da Cidade de São Paulo*: depoimentos de moradores e visitantes 1553-1958. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.

FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e Reminiscências Paulistanas*. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

MARQUES, Cícero. *De Pastora a Rainha*. São Paulo: Ed. da Rádio Panamericana, 1944.

_____. *Tempos Passados*. São Paulo: Ed. da Rádio Panamericana, 1942.

PENTEADO, Jacob. *Belènzinho, 1910: retrato de uma época*. 2 ed. São Paulo: Carrenho Editorial; Narrativa Um, 2003.

PINTO, Alfredo Moreira. *A Cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

RAFFARD, Henrique. *Alguns Dias na Pauliceia*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.

SCHIMDT, Afonso. *São Paulo de meu amores*. São Paulo: Paz & Terra, 2003.

REVISTAS

A Cigarra (1914-1918)

O Parafuso (1915-1918)

O Pirralho (1911-1918)

A Rolha (1918)

APÊNDICES

APÊNDICE A - Locais Consultados

A Cigarra (1914-1918)

Local	Formato	Números
Hemeroteca Digital BN	Digitalizado	60-72; 75; 77; 80; 84; 86; 89; 94; 95; 97; 102;
Repositório Digital do AESP	Digitalizado	2; 4-6; 8-10; 12-51; 53-55; 58-102;
Seção de Obras Raras BMA	Físico	
Hemeroteca BMA	Microfilme	

O Pirralho (1911 - 1918)

Local	Formato	Números	Observação
Hemeroteca Digital BN	Digitalizado	1 - 248	Com exceção ao número 241 de 1917
Repositório Digital do AESP	Digitalizado	124	
Seção de Obras Raras BMA	Físico	1 - 245	Exceção aos números 240, 241 e 246 de 1917
Hemeroteca BMA	Microfilme	1 - 248	Com exceção ao número 241 de 1917;

A Rolha (1918)

Local	Formato	Números	Observação
Seção de Obras Raras BMA	Físico	12; 26;	
Museu Paulista	Físico	8; 9; 11; 14; 15; 19; 33; 36; 37; 41; 42;	Também consta na coleção números de 1919 e 1921

O Parafuso (1915-1918)

Local	Formato	Números
Seção de Obras Raras BMA	Físico	2; 4-6; 8; 9; 12-15; 18-23; 25; 27-29; 43-62; 68; 70; 82;
Hemeroteca BMA	Microfilme	IDEM
Arquivo do Estado de São Paulo	Microfilme	IDEM
Repositório Digital do AESP	Digitalizado	79

APÊNDICE B - *A Cigarra* (1914-1918)

Data	Intervalo de Lançamento	Total de Páginas	Variação de Páginas	Páginas dedicadas a publicidade	Páginas dedicadas a imagem	Páginas 50% dedicadas a imagens	Data	Páginas dedicadas a texto	Porcentagem da revista com texto
Nº 1	03/06/1914		66		16	18	10	22	33,33%
Nº 2	03/30/1914	24	60	-6	10	18	13	19	31,67%
Nº 3	04/20/1914	21	66	6	15	26	7	18	27,27%
Nº 4	05/06/1914	16	64	-2	12	23	4	25	39,06%
Nº 5	05/25/1914	19	56	-8	10	20	9	17	30,36%
Nº 6	06/15/1914	21	64	8	10	26	5	23	35,94%
Nº 7	07/04/1914	19	72	8	23	29	10	10	13,89%
Nº 8	08/01/1914	28	80	8	19	28	4	29	36,25%
Nº 9	08/29/1914	28	52	-28	12	16	4	20	38,46%
Nº 10	09/16/1914	18	64	12	10	21	7	26	40,63%
Nº 11	10/07/1914	21	58	-6	17	12	9	20	34,48%
Nº 12	10/29/1914	22	62	4	12	16	13	21	33,87%
Nº 13	11/25/1914	27	54	-8	11	15	8	20	37,04%
Nº 14	12/11/1914	16	48	-6	17	9	9	13	27,08%
Nº 15	12/31/1914	20	90	42	29	18	12	31	34,44%
	1915								
Nº 16	01/20/1915	20	54	-36	14	13	10	17	31,48%
Nº 17	02/05/1915	16	54	0	11	15	14	14	25,93%
Nº 18	02/25/1915	20	50	-4	10	20	4	16	32,00%
Nº 19	03/25/1915	28	86	36	13	27	13	33	38,37%
Nº 20	04/21/1915	27	60	-26	7	14	14	25	41,67%
Nº 21	05/04/1915	13	52	-8	7	16	12	17	32,69%
Nº 22	06/07/1915	34	56	4	12	16	9	19	33,93%
Nº 23	07/06/1915	29	52	-4	11	13	7	21	40,38%
Nº 24	08/01/1915	26	56	4	9	14	7	26	46,43%
Nº 25	08/24/1915	23	56	0	11	12	8	25	44,64%
Nº 26	09/14/1915	21	60	4	9	16	12	23	38,33%
Nº 27	09/30/1915	16	52	-8	9	8	18	17	32,69%
Nº 28	10/16/1915	16	51	-1	10	12	13	16	31,37%
Nº 29	10/27/1915	11	56	5	11	10	12	23	41,07%
Nº 30	11/10/1915	14	60	4	11	13	13	23	38,33%
Nº 31	11/24/1915	14	60	0	11	14	14	21	35,00%
Nº 32	12/08/1915	14	52	-8	12	5	12	23	44,23%
Nº 33	12/30/1915	22	100	48	32	15	14	39	39,00%
	1916								
Nº 34	01/19/1916	20	64	-36	12	21	8	23	35,94%
Nº 35	01/31/1916	12	56	-8	11	7	15	23	41,07%
Nº 36	02/18/1916	18	60	4	13	8	10	29	48,33%
Nº 37	02/29/1916	11	60	0	13	9	18	20	33,33%
Nº 38	03/16/1916	16	56	-4	12	13	10	21	37,50%
Nº 39	03/31/1916	15	68	12	17	11	12	28	41,18%
Nº 40	04/19/1916	19	52	-16	7	10	10	25	48,08%
Nº 41	04/30/1916	11	56	4	10	24	5	17	30,36%
Nº 42	05/20/1916	20	52	-4	8	14	9	21	40,38%
Nº 43	05/31/1916	11	52	0	8	13	6	25	48,08%
Nº 44	06/18/1916	18	52	0	8	8	16	20	38,46%
Nº 45	06/30/1916	12	52	0	8	8	10	26	50,00%
Nº 46	07/18/1916	18	52	0	9	9	11	23	44,23%
Nº 47	07/31/1916	13	52	0	9	13	6	24	46,15%
Nº 48	08/17/1916	17	52	0	10	9	10	23	44,23%
Nº 49	08/31/1916	14	52	0	11	8	12	21	40,38%
Nº 50	09/14/1916	14	52	0	11	11	7	23	44,23%
Nº 51	09/28/1916	14	52	0	11	9	12	20	38,46%
Nº 52	10/12/1916	14	54	2	12	11	9	22	40,74%
Nº 53	10/26/1916	14	56	2	15	10	12	19	33,93%
Nº 54	11/09/1916	14	52	-4	14	11	11	16	30,77%
Nº 55	11/23/1916	14	56	4	12	7	13	24	42,86%
Nº 56	12/07/1916	14	56	0	13	17	6	20	35,71%
Nº 57	12/28/1916	21	100	44	40	14	12	34	34,00%
	1917								
Nº 58	01/17/1917	20	60	-40	21	12	15	12	20,00%
Nº 59	01/31/1917	14	56	-4	20	11	7	18	32,14%
Nº 60	02/15/1917	15	56	0	20	4	6	26	46,43%
Nº 61	02/28/1917	13	62	6	19	20	5	18	29,03%
Nº 62	03/14/1917	14	48	-14	19	8	2	19	39,58%
Nº 63	03/28/1917	14	48	0	18	6	6	18	37,50%
Nº 64	04/18/1917	21	98	50	39	5	20	34	34,69%
Nº 65	04/30/1917	12	46	-52	11	8	10	17	36,96%
Nº 66	05/19/1917	19	52	6	18	13	11	10	19,23%
Nº 67	05/31/1917	12	52	0	18	3	12	19	36,54%
Nº 68	06/14/1917	14	54	2	16	12	12	14	25,93%
Nº 69	06/28/1917	14	48	-6	18	10	8	12	25,00%
Nº 70	07/11/1917	13	52	4	16	10	13	13	25,00%
Nº 71	07/26/1917	15	44	-8	14	5	12	13	29,55%
Nº 72	08/10/1917	15	56	12	25	5	10	16	28,57%
Nº 73	08/24/1917	14	52	-4	17	7	12	16	30,77%
Nº 74	09/08/1917	15	56	4	20	9	13	14	25,00%
Nº 75	09/18/1917	10	52	-4	19	9	11	13	25,00%
Nº 76	09/28/1917	10	48	-4	14	8	13	13	27,08%
Nº 77	10/11/1917	13	48	0	14	9	13	12	25,00%
Nº 78	10/31/1917	20	76	28	19	22	18	17	22,37%
Nº 79	11/14/1917	14	52	-24	17	9	9	17	32,69%
Nº 80	11/29/1917	15	52	0	16	9	11	16	30,77%
Nº 81	12/11/1917	12	48	-4	14	7	8	19	39,58%
Nº 82	12/29/1917	18	92	44	35	14	10	33	35,87%
	1918								
Nº 83	01/18/1918	20	52	-40	17	7	9	19	36,54%
Nº 84	01/30/1918	12	52	0	14	11	14	13	25,00%
Nº 85	02/16/1918	17	52	0	15	12	9	16	30,77%
Nº 86	02/28/1918	12	52	0	14	15	10	13	25,00%
Nº 87	03/13/1918	13	52	0	15	4	19	14	26,92%
Nº 88	03/30/1918	17	60	8	22	5	10	23	38,33%
Nº 89	04/16/1918	17	72	12	17	17	16	22	30,56%
Nº 90	04/30/1918	14	48	-24	12	8	13	15	31,25%
Nº 91	05/16/1918	16	52	4	11	10	14	17	32,69%
Nº 92	05/27/1918	11	52	0	13	13	10	16	30,77%
Nº 93	06/14/1918	18	52	0	15	11	8	18	34,62%
Nº 94	06/28/1918	14	52	0	14	10	15	13	25,00%
Nº 95	07/12/1918	14	52	0	11	8	16	17	32,69%
Nº 96	07/29/1918	17	52	0	12	5	18	17	32,69%
Nº 97	08/14/1918	16	52	0	12	9	14	17	32,69%
Nº 98	08/28/1918	14	48	-4	13	4	16	15	31,25%
Nº 99	09/11/1918	14	48	0	15	6	13	14	29,17%
Nº 100	09/25/1918	14	40	-8	11	4	10	15	37,50%
Nº 101	10/17/1918	22	86	46	16	29	21	20	23,26%
Nº 102	11/29/1918	43	44	-42	12	1	10	21	47,73%
Nº 103	12/24/1918	25	64	20	17	5	19	23	35,94%
		Total de páginas com reclame s/ números especiais			1366	Média de páginas preenchida exclusivamente por texto			34,57%
		Média de página com reclames s/ números especiais			13,7979798				

APÊNDICE C - Seções Mundanas d'A Cigarra

	Seção 1	Autor	p.	Seção 2	Autor	p.	Seção 3	Autor	p.	Seção 4	Autor	p.	Seção 5	Autor	p.	Seção 6	p.	Matéria Paga	p.
Nº 1	O Corso	Manuel Leiroz	16	Vida Elegante	s/ autor	36	Na Berlinda	J. da Silva Manoel	37-38	Bellas Artes	s/ autor	42	Theatro		44	Cigarra Sportiva	49	Leiteira Silva	51-53
Nº 2																Cigarra Sportiva	40	Melhoramentos	20
Nº 3	Inverno	Manuel Leiroz	20				Na Berlinda	J. da Silva Manoel	25									Inst. Serumtherapico	37-42
Nº 4				Aspectos da Rua	Couto de Magalhães	41	Na Berlinda	J. da Silva Manoel	45							A Cigarra Sportiva	53		
Nº 5				Aspectos da Rua	Couto de Magalhães	34	Na Berlinda	J. da Silva Manoel	35							A Cigarra Sportiva	24	Café Brasil	30
Nº 6				Aspectos da Rua	Couto de Magalhães	22				Indiscrições	J. Reiss e Cia	17				A Cigarra Sportiva	34	Café Brasil	51-53
Nº 7	A Pedra de Sal	Manuel Leiroz	53	Aspectos da Rua	Couto de Magalhães	28	Na Berlinda	J. da Silva Manuel	49	Indiscrições	J. Reiss e Cia	37	Perfis	M.C.	20	A Cigarra Sportiva	20	Insp. Med nas Escolas	40-44
Nº 8	O condor da Luz	Manuel Leiroz	20-21	Aspectos da Rua	Couto de Magalhães	58	Na Berlinda	J. da Silva Manoel	31							A Cigarra Sportiva	34	Edú Chaves	33
Nº 9							Na Berlinda	J. da Silva Manoel	30							A Cigarra Sportiva	34		
Nº 10							Na Berlinda		28									Banco SP	41-49
Nº 11	Monologo da Chuva	Manuel Leiroz	30-31				Na Berlinda	J. da Silva Manoel	24									Escola Normal	
Nº 12				Língua Portuguesa	Couto de Magalhães	20	Na Berlinda		36	Cigarra no Palco		16	Protocollo da Cigarra	Orlando	38	Perfis Academicos	40	Faculdade de Med SP	41-48
Nº 13							Na Berlinda		32	Soc. Cultura Artistica		15	Perfis Academicos	Conde D'Amiral	36			A medicina em SP	43-45
Nº 14							Na Berlinda		35	Uma Festa Chic		34	Perfis Academicos	Conde D'Amiral	29			A medicina em SP	26-27
Nº 15	Anno Novo	Manuel Leiroz	27				Na Berlinda		35-36									Esc.Profissional Masc.	55-58
	1915																		
Nº 16	Manhan de Tédio	Manuel Leiroz	14-15				Na Berlinda		39				Perfis Academicos	Conde D'Amiral	30-31			Medicina em S. Paulo	41
Nº 17	Carnaval	Manuel Leiroz	18-19				Ne Berlinda		45										
Nº 18							Ne Berlinda	J. da Silva Manuel	41-42	O Corso	Tota	44							
Nº 19	Carta a Cigarra	Manuel Leiroz	18-19	Batalha de Flores	Manuel Leiroz	49	Na Berlinda	J. da Silva Manuel	40									Esc. Profissional Fem.	53-60
Nº 20							Na Berlinda	J. da Silva Manuel	20-21	Guiomar Novaes		14							
Nº 21							Na Berlinda	J. da Silva Manuel	44-45	Guiomar Novaes		20-21	Mercados Livres		29			Os progressos da ind.	40-41
Nº 22	Dia Feio	Manuel Leiroz	21																
Nº 23	A Vingança das Águas	Manuel Leiroz	17-18							A Secca	Antonio Salles	40						A Universal	34-36
Nº 24	As Mulheres Ideais	Manuel Leiroz	11	João do Rio	Leopoldo de Freitas	32-33	Na Berlinda		22	Trabalho de DEcoração		40							
Nº 25	As Boas Festas	Manuel Leiroz	9-10	Praia do Guarujá	Juliano Rey	12-14	Na Berlinda		22-23	Grande Kermesse		28	Festa das Flores		9				
Nº 26	A Peça	Manuel Leiroz	14	A Physionomia	Juliano Rey	43-44	Na Berlinda		36-37	Guiomar Novaes		10	Fórum Civil		30-32				
Nº 27	Resposta a uma Carta	Manuel Leiroz	24-25	Impressões da Manhan	Juliano Rey	20												As nossas Industrias	29-32
Nº 28	A Ideia de Patria	Manuel Leiroz	23-24	As Normalistas	Juliano Rey	10				Alphabeto	Bebeto	36							
Nº 29				De quem é que se torce o Pepino	Juliano Rey	10				Artes e Artistas		16							
Nº 30										Artes e Artistas	Guiomar Novaes	19	Soc. Cultura Artistica		17				
Nº 31				A Minha Rua	Juliano Rey	45													
Nº 32	São Paulo à Noite	Manuel Leiroz	16							Debora	Oswaldo de Andrade	3032							
Nº 33										Bellas Artes		49							
	1916																		
Nº 34										Mon Coeur Balance	Oswald de Andrade	33-36	Grande Sarau Artistico		37	Obras da Cathedral	48-49		
Nº 35	São Paulo a noite	Manuel Leiroz	17-18	Saias e Penteados	Juliano Rey	26-27				Escola de Enfermeiras		13	Carnaval 41-		42				
Nº 36	Excessos da Moda	Manuel Leiroz	15-16	Mulher, Alcool, Jogo	Juliano Rey	20-22													
Nº 37	Ciume	Manuel Leiroz	23-25	O Carnaval	Juliano Rey	30-31							Carmen Lydia		21				
Nº 38	Diálogo com um Mosquito		25-26				Galeria dos Elegantes	Os Raio X	45	Jardim das Papoulas		15-16	O Corso		17	O Carro d'A Cigarra	18-19		
Nº 39							Galeria dos Elegantes	Um dos três Raio X	51-52	Architectura Velha	Ricardo Severo	22-24	Batalha de Flores	Pierrot	50	Tournee Carmen Lydia	30		
Nº 40	Tiradentes	Manuel Leiroz	24-25				Galeria dos Elegantes	Um dos três Raio X	19-20	Cigarras	Mario Rodrigues	22	Exp. de Caricaturas		13			Instituto Disciplinar	26-27
Nº 41	Embaixador de Port.	Manuel Leiroz	19																
Nº 42	A Lingua	Manoel Leiroz	20							Festas e Recepções		7-8							
Nº 43	A Bandeira	Manoel Leiroz	13-14				Santos Dumont		23	Theatros e Salões		8	Automobilismo		24-25			Lab. de Biologia	32-33
Nº 44	Emilio Faguet	Manuel Leiroz	15							Theatros e Salões		7	Automobilismo		35+38	Os Pombos da Av.	18		
Nº 45										Theatros e Salões		8	Noite de S. João		13-14	Football	20		
Nº 46	Lina Fulvia	Manoel Leiroz	20	Alfinetadas	Crypton	18-19	Perfis Elegantes	X P. T O.	21-22	Artes e Artistas	Zacharias Auuori	5	Automobilismo		37-39	Patrimonio do Povo	21-22		
Nº 47	No Trianon	Manuel Leiroz	14-15	Alfinetadas	Crypton	14-16	Perfis Elegantes	X P. T O.	30	Exp. Bellas Artes		39							
Nº 48				Alfinetadas	Crypton	23-24	Perfis Elegantes	X P. T O.	17	Theatros e Salões		48	Munich	Oswald de Andrade	35	Coisas da Sciencia	28		
Nº 49				Alfinetadas	Crypton	20-21	Figuras e Figurões		25				Ultimas Noites no Mar	Oswald de Andrade	35	Coisas da Sciencia	30		
Nº 50				Alfinetadas	Crypton	29	Figuras e Figurões		28							Coisas da Sciencia	12	Lingerie Elegante	38-39
Nº 51																			
Nº 52																			
Nº 53	Primavera	Manoel Leiroz	35-36	Alfinetadas		17				Guiomar Novaes		13							
Nº 54				Alfinetadas	Crypton	4-5													
Nº 55	Pro Urbe Nostra	Manoel Leiroz	17-19	Autor	Juliano Rey	24				Bellas Artes		20	A Primeira Cigarra		32	Club A Cigarra	38		
Nº 56																			
Nº 57																			
	1917																		
Nº 58							Hygiene		34	Bellas Artes		42	A Cigarra	Coelho Netto	44	Asylo de Invalidos	44		
Nº 59	Historia Triste	Manuel Leiroz	16	A Tyramnia do Tempo	Juliano Rey	25-26	Elles não sabem amar	Mary	28-29	Carnaval		20-21	Club A Cigarra		40	Foot-Ball	22		
Nº 60	Carnaval	Manuel Leiroz	18	Artes e Artistas		17	Pagina Caipira	Cornelio Pires	19	Phantasia Verde	Magalhães Torres	22-23	Cartas a uma senhora	Alcantara Carreira	24	Rir ou chorar	26-27	Coisas da Sciencia	
Nº 61				Morte de uma Illusão	Orlando Marçal	28-29	A Revolução de 1917	A Carneiro Leão	18	Alfredo Pujol	Amadeu Amaral	20	Flores D'Água	Coelho Netto	25	O Carro d'A Cigarra	16	As nossas Industrias	45-46
Nº 62																			
Nº 63																			
Nº 64	Ashaverus	Manuel Leiroz	49							O Calvario dos Poetas	Amadeu Amaral	32-34							
Nº 65																			
Nº 66				Velha Rabugenta	Coroca Velha	15-17				Galanteria Social	Magalhães Torres	22-23							
Nº 67				Uma espectativa	Octavio Augusto	32-33				A mocidade de Hoje	Celio Aureliano	19	Antonieta Veiga		21	Os melhoramentos da cidade	26-27		
Nº 68	Rehabilitação d'a Cigarra	Manuel Leiroz	18-19	Velha Rabugenta	Coroca Velha	42-44	Artes e Artistas		35	Contrastando	Marius	13						Lingerie Elegante	39-40
Nº 69													Aguas Sibterraneas	Coelho Netto	22	Estradas de Rodagem	36		
Nº 70	Nós	Manuel Leiroz	24	Ballada da Primavera	Orlando Marçal	31													
Nº 71																			
Nº 72																			
Nº 73							Evolução Estudante		18	Artes e Artistas		25	Nos Entreactos	Um dos Galeristas	17	Guiomar Novaes	21	As Grandes Industrias	34-38
Nº 74							Artes e Artistas		31	Vida Literaria		26-27	Nos Entreactos	Um dos Galeristas	25	Foot-Ball	18-20		
Nº 75							Artes e Artistas		33				Nos Entreactos	Um dos Galeristas	20				
Nº 76							Defesa Nacional	Trabal	17-18	Vida Literaria		26	Club A Cigarra		31				
Nº 77	Grande Matinée no Municipal			Velha Rabugenta	Coróca Velha	31-32													
Nº 78													Faculdade de Direito	Felix	43			Exposição Industrial	39-57
Nº 79	Imprensa Paulista		36	Cartas de Nhá	Trancoso de Taquará	35													
Nº 80							Perfis Bacharelando		24-25										
Nº 81	Exemplo de Civismo		22-23	Velha Rabugenta	Coróca Velha	32-33	Perfis Bacharelando		21							Campanha Sanitária	26-28		
Nº 82							Perfis Bacharelando		28-29	Artes e Artistas		47	Pelos Theatros		49	Cigarra nas Escolas	69	Grandes Industrias	35-38
	1918																		
Nº 83				Velha Rabugenta	Coróca Velha	34-36	Faculdade de Direito		18-19										
Nº 84							Faculdade de Direito		36-37				Pelos Theatros		40	Football	18		
Nº 85							Faculdade de Direito		20-21							Carnaval	28		
Nº 86										Bellas Artes	I.M.	35	Pelos Theatros		39			Lingerie Elegante	28-29
Nº 87							Faculdade de Direito		37				Pelos Theatros		30	Guiomar Novaes	38	Soc. Hippica	25
Nº 88	Amôr	Manuel Leiroz	31	Contos Caboclos	J. Ososrio	19-20	Faculdade de Direito		39							A Situação do Café	32-33		
Nº 89				Minha Imagem	Sylvio Floreal	26				Bellas Artes	Itagyba Caldas	16						Bolsa de Mercadorias	32-45
Nº 90							Faculdade de Direito		30							Football	13-19	Grandes Triumphos	33-34
Nº 91				Esthetica do Silencio	Sylvio Floreal	12-13							Scenas de Hoje	Maria Luiza	35	Foot-Ball	26-27	Commercio Paulista	27
Nº 92							Perfis Academicos		36							Foot-Ball	15	Embaixador Inglês	17-19
Nº 93																		Nossas Vivendas	28-30
Nº 94										Artes e Artes		41	Theatros		42			Nossas Vivendas	31
Nº 95				Papagaios	Leo Vaz	36	Livros Novos		38	Artes e Artes		41	Theatros		42	Foot-Ball	15		
Nº 96				A Madrinha	Leo Vaz	22	Livros Novos		37				Theatros		42				
Nº 97				Vote for... men!	Leo Vaz	16				Artes e Artes		41				Foot-Ball	26-27	Industrias Paulistas	30-34
Nº 98				Os Peixinhos	Leo Vaz	32	Livros Novos		33	Artes e Artes		36						Melhoramentos	19
Nº 99				Livraria Indigena	Leo Vaz	22-23	Traços Academicos	C. V. A.	14	Livros Novos		30	Guiomar Novaes		25-26				
Nº 100	Anos de Jornalismo	Manuel Leiroz	18	Parlando	Lourenço Filho	17				Amadeu Amaral		24	Santos Dumont		24			Exposição Industrial	47-48
Nº 101	Victoria Enfim	Manuel Leiroz	16	Tostão Nacional	Leo Vaz	24-25	Reação da Cultura	Brenno Ferraz	26										
Nº 102				Massacres	Leo Vaz	20-21													
Nº 103				Conto de Natal	Lourenço Filho	32-33	Feriados for ever...	Diagoras	22	O Feminismo	Sud Menucci	18-19							

APÊNDICE D - O Pirralho (1911-1918)									
Data	**Intervalo de Lançamento**	**Total de Páginas**	**Variação de Páginas**	**Páginas dedicadas a publicidade**	**Páginas dedicadas a imagem**	**Páginas 50% dedicadas a imagens**	**Data**	**Páginas dedicadas a texto**	**Porcentagem da revista com texto**
					1911				
Nº 1	08/12/1911		12		4	3	2	3	25,00%
Nº 2	08/19/1911	7	16	4	6	2	2	6	37,50%
Nº 3	08/26/1911	7	16	0	5	2	2	7	43,75%
Nº 4	09/02/1911	7	16	0	5	1	6	4	25,00%
Nº 5	09/09/1911	7	16	0	5	3	4	4	25,00%
Nº 6	09/16/1911	7	16	0	5	3	4	4	25,00%
Nº 7	09/23/1911	7	16	0	5	3	4	4	25,00%
Nº 8	09/30/1911	7	16	0	4	3	7	2	12,50%
Nº 9	10/07/1911	7	16	0	4	2	5	5	31,25%
Nº 10	10/14/1911	7	16	0	4	6	2	4	25,00%
Nº 11	10/21/1911	7	16	0	4	4	4	4	25,00%
Nº 12	10/28/1911	7	16	0	3	3	2	8	50,00%
Nº 13	11/04/1911	7	16	0	3	3	2	8	50,00%
Nº 14	11/11/1911	7	16	0	3	2	2	9	56,25%
Nº 15	11/18/1911	7	16	0	4	2	4	6	37,50%
Nº 16	11/25/1911	7	16	0	3	1	6	6	37,50%
Nº 17	12/02/1911	7	16	0	3	2	4	7	43,75%
Nº 18	12/09/1911	7	16	0	3	1	5	7	43,75%
Nº 19	12/16/1911	7	16	0	3	2	4	7	43,75%
Nº 20	12/23/1911	7	24	8	9	2	3	10	41,67%
Nº 21	12/30/1911	7	24	0	8	3	2	11	45,83%
					1912				
Nº 22	01/06/1912	7	20	-4	6	3	3	8	40,00%
Nº 23	01/13/1912	7	20	0	4	4	2	10	50,00%
Nº 24	01/20/1912	7	16	-4	3	4	4	5	31,25%
Nº 25	01/27/1912	7	20	4	5	3	4	8	40,00%
Nº 26	02/03/1912	7	20	0	6	3	1	10	50,00%
Nº 27	02/10/1912	7	20	0	3	2	5	10	50,00%
Nº 28	02/17/1912	7	20	0	6	3	2	9	45,00%
Nº 29	02/24/1912	7	16	-4	2	3	0	11	68,75%
Nº 30	03/02/1912	7	16	0	3	2	2	9	56,25%
Nº 31	03/09/1912	7	16	0	2	1	2	11	68,75%
Nº 32	03/16/1912	7	16	0	2	2	4	8	50,00%
Nº 33	03/23/1912	7	16	0	2	2	4	8	50,00%
Nº 34	03/30/1912	7	16	0	2	2	2	10	62,50%
Nº 35	04/06/1912	7	16	0	2	2	4	8	50,00%
Nº 36	04/13/1912	7	20	4	5	2	4	9	45,00%
Nº 37	04/20/1912	7	20	0	7	2	2	9	45,00%
Nº 38	04/27/1912	7	20	0	7	2	1	10	50,00%
Nº 39	05/04/1912	7	20	0	6	3	3	8	40,00%
Nº 40	05/11/1912	7	20	0	8	2	2	8	40,00%
Nº 41	05/18/1912	7	20	0	7	3	2	8	40,00%
Nº 42	05/25/1912	7	20	0	7	2	3	8	40,00%
Nº 43	06/01/1912	7	20	0	7	2	1	10	50,00%
Nº 44	06/08/1912	7	20	0	7	2	0	11	55,00%
Nº 45	06/15/1912	7	24	4	8	2	3	11	45,83%
Nº 46	06/22/1912	7	22	-2	7	1	4	10	45,45%
Nº 47	06/29/1912	7	24	2	7	1	1	15	62,50%
Nº 48	07/06/1912	7	24	0	9	2	1	12	50,00%
Nº 49	07/13/1912	7	24	0	8	2	4	10	41,67%
Nº 50	07/20/1912	7	24	0	8	1	3	12	50,00%
Nº 51	07/27/1912	7	24	0	8	1	2	13	54,17%
Nº 52	08/03/1912	7	40	16	13	3	4	20	50,00%
Nº 53	08/10/1912	7	32	-8	12	2	4	14	43,75%
Nº 54	08/17/1912	7	30	-2	11	1	3	15	50,00%
Nº 55	08/24/1912	7	32	2	7	3	5	17	53,13%
Nº 56	08/31/1912	7	28	-4	11	1	5	11	39,29%
Nº 57	09/07/1912	7	28	0	12	3	2	11	39,29%
Nº 58	09/14/1912	7	34	6	12	8	1	13	38,24%
Nº 59	09/21/1912	7	28	-6	11	2	2	13	46,43%
Nº 60	10/05/1912	14	24	-4	7	3	4	10	41,67%
Nº 61	10/12/1912	7	28	4	7	4	4	13	46,43%
Nº 62	10/19/1912	7	28	0	11	4	2	11	39,29%
Nº 63	10/26/1912	7	28	0	11	3	4	10	35,71%
Nº 64	11/02/1912	7	32	4	12	4	6	10	31,25%
Nº 65	11/09/1912	7	28	-4	12	3	2	11	39,29%
Nº 66	11/16/1912	7	28	0	11	3	7	7	25,00%
Nº 67	11/23/1912	7	32	4	11	6	3	12	37,50%
Nº 68	11/30/1912	7	28	-4	12	4	4	8	28,57%
Nº 69	12/07/1912	7	28	0	11	3	6	8	28,57%
Nº 70	12/14/1912	7	28	0	12	4	3	9	32,14%
Nº 71	12/21/1912	7	28	0	12	3	3	10	35,71%
Nº 72	12/28/1912	7	32	4	11	7	0	14	43,75%
					1913				
Nº 73	01/04/1913	7	28	-1885	11	4	4	9	32,14%
Nº 74	01/18/1913	14	28	0	11	3	4	10	35,71%
Nº 75	01/25/1913	7	63	35	17	15	14	17	26,98%
Nº 76	02/01/1913	7	32	-31	12	8	4	8	25,00%
Nº 77	02/08/1913	7	28	-4	12	5	5	6	21,43%
Nº 78	02/15/1913	7	24	-4	12	2	5	5	20,83%
Nº 79	02/22/1913	7	28	4	12	2	5	9	32,14%
Nº 80	03/01/1913	7	28	0	11	5	2	10	35,71%
Nº 81	03/08/1913	7	28	0	11	5	4	8	28,57%
Nº 82	03/15/1913	7	28	0	13	4	3	8	28,57%
Nº 83	03/22/1913	7	30	2	13	6	2	9	30,00%
Nº 84	03/29/1913	7	32	2	12	6	6	8	25,00%
Nº 85	04/05/1913	7	28	-4	12	6	2	8	28,57%
Nº 86	04/12/1913	7	32	4	13	6	0	13	40,63%
Nº 87	04/19/1913	7	32	0	13	5	3	11	34,38%
Nº 88	04/26/1913	7	28	-4	12	6	2	8	28,57%
Nº 89	05/03/1913	7	28	0	12	4	2	10	35,71%
Nº 90	05/10/1913	7	28	0	9	6	3	10	35,71%
Nº 91	05/17/1913	7	24	-4	7	3	4	10	41,67%
Nº 92	05/24/1913	7	24	0	9	5	4	6	25,00%
Nº 93	05/31/1913	7	28	4	8	8	4	8	28,57%
Nº 94	06/07/1913	7	24	-4	9	5	1	9	37,50%
Nº 95	06/14/1913	7	24	0	8	7	2	7	29,17%
Nº 96	06/21/1913	7	24	0	8	7	3	6	25,00%
Nº 97	06/28/1913	7	24	0	7	7	3	7	29,17%
Nº 98	07/05/1913	7	28	4	8	10	2	8	28,57%
Nº 99	07/12/1913	7	24	-4	7	9	3	5	20,83%
Nº 100	07/19/1913	7	24	0	8	9	1	6	25,00%
Nº 101	07/26/1913	7	24	0	7	6	1	10	41,67%
Nº 102	08/02/1913	7	28	4	7	11	0	10	35,71%
Nº 103	08/09/1913	7	24	-4	7	7	3	7	29,17%
Nº 104	08/10/1913	1	44	20	8	5	6	25	56,82%
Nº 105	08/23/1913	13	24	-20	8	5	5	6	25,00%
Nº 106	08/30/1913	7	28	4	7	11	2	8	28,57%
Nº 107	09/06/1913	7	20	-8	7	5	2	6	30,00%
Nº 108	09/13/1913	7	24	4	7	8	3	6	25,00%
Nº 109	09/20/1913	7	24	0	9	5	3	7	29,17%
Nº 110	09/27/1913	7	24	0	8	8	3	5	20,83%
Nº 111	10/04/1913	7	24	0	7	7	2	8	33,33%
Nº 112	10/11/1913	7	24	0	8	6	2	8	33,33%
Nº 113	10/18/1913	7	24	0	5	8	2	9	37,50%
Nº 114	10/25/1913	7	24	0	8	1	5	10	41,67%
Nº 115	11/01/1913	7	20	-4	6	4	2	8	40,00%
Nº 116	11/08/1913	7	20	0	9	5	1	5	25,00%
Nº 117	11/15/1913	7	20	0	8	3	2	7	35,00%
Nº 118	11/22/1913	7	20	0	4	7	0	9	45,00%
Nº 119	11/29/1913	7	20	0	5	3	5	7	35,00%
Nº 120	12/06/1913	7	20	0	3	6	4	7	35,00%
Nº 121	12/18/1913	12	24	4	2	9	2	11	45,83%
Nº 122	12/20/1913	2	24	0	3	12	1	8	33,33%
Nº 123	12/27/1913	7	20	-4	3	2	2	13	65,00%
					1914				
Nº 124	01/03/1914	7	20	0	5	7	0	8	40,00%
Nº 125	01/10/1914	7	20	0	3	5	4	8	40,00%
Nº 126	01/17/1914	7	20	0	3	5	3	9	45,00%
Nº 127	01/24/1914	7	24	4	3	6	5	10	41,67%
Nº 128	01/31/1914	7	20	-4	2	4	5	9	45,00%

Nº 129	02/07/1914	7	20	0	2	6	4	8	40,00%	
Nº 130	02/14/1914	7	16	-4	2	5	4	7	43,75%	
Nº 131	02/21/1914	7	20	4	3	1	6	10	50,00%	
Nº 132	02/28/1914	7	20	0	3	4	3	10	50,00%	
Nº 133	03/07/1914	7	20	0	1	3	4	12	60,00%	
Nº 134	03/14/1914	7	24	4	0	3	5	16	66,67%	
Nº 135	03/21/1914	7	24	0	1	7	3	13	54,17%	
Nº 136	03/28/1914	7	20	-4	1	1	1	17	85,00%	
Nº 137	04/04/1914	7	20	0	1	2	2	15	75,00%	
Nº 138	04/11/1914	7	20	0	1	2	4	13	65,00%	
Nº 139	04/18/1914	7	20	0	1	4	1	14	70,00%	
Nº 140	04/25/1914	7	20	0	1	2	2	15	75,00%	
Nº 141	05/02/1914	7	20	0	2	1	5	12	60,00%	
Nº 142	05/09/1914	7	20	0	1	1	3	15	75,00%	
Nº 143	05/16/1914	7	14	-6	1	1	1	11	78,57%	
Nº 144	05/23/1914	7	20	6	0	3	4	13	65,00%	
Nº 145	05/30/1914	7	20	0	1	5	3	11	55,00%	
Nº 146	06/06/1914	7	16	-4	1	3	2	10	62,50%	
Nº 147	06/13/1914	7	20	4	1	3	1	15	75,00%	
Nº 148	06/27/1914	14	20	0	3	1	8	8	40,00%	
Nº 149	07/04/1914	7	20	0	3	5	3	9	45,00%	
Nº 150	07/11/1914	7	20	0	3	1	2	14	70,00%	
Nº 151	07/18/1914	7	20	0	3	1	5	11	55,00%	
Nº 152	07/25/1914	7	20	0	3	1	6	10	50,00%	
Nº 153	08/01/1914	7	20	0	3	2	2	13	65,00%	
Nº 154	08/08/1914	7	20	0	3	2	4	11	55,00%	
Nº 155	10/03/1914	56	16	-4	1	2	6	7	43,75%	
Nº 156	10/10/1914	7	16	0	2	2	0	12	75,00%	
Nº 157	10/17/1914	7	16	2	3	1	2	10	62,50%	
Nº 158	10/24/1914	7	16	0	3	1	1	11	68,75%	
Nº 159	10/31/1914	7	16	0	3	1	0	12	75,00%	
Nº 160	11/07/1914	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 161	11/14/1914	7	20	4	3	2	1	14	70,00%	
Nº 162	11/21/1914	7	20	0	3	5	4	8	40,00%	
Nº 163	11/28/1914	7	16	-4	3	1	2	10	62,50%	
Nº 164	12/05/1914	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 165	12/12/1914	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 166	12/19/1914	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 167	12/26/1914	7	20	4	3	1	1	15	75,00%	
	1915									
Nº 168	01/02/1915	7	16	-4	3	1	2	10	62,50%	
Nº 169	01/09/1915	7	16	0	3	1	0	12	75,00%	
Nº 170	01/16/1915	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 171	01/23/1915	7	16	0	3	2	3	8	50,00%	
Nº 172	01/30/1915	7	16	0	3	2	2	9	56,25%	
Nº 173	02/06/1915	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 174	02/13/1915	7	16	0	4	1	0	11	68,75%	
Nº 175	02/20/1915	7	16	0	4	2	2	8	50,00%	
Nº 176	02/27/1915	7	16	0	4	1	4	7	43,75%	
Nº 177	03/06/1915	7	16	0	4	2	0	10	62,50%	
Nº 178	03/13/1915	7	16	0	4	1	1	10	62,50%	
Nº 179	03/20/1915	7	16	0	3	1	4	8	50,00%	
Nº 180	03/27/1915	7	16	0	3	1	1	11	68,75%	
Nº 181	04/03/1915	7	16	0	3	1	1	11	68,75%	
Nº 182	04/10/1915	7	16	0	3	1	3	9	56,25%	
Nº 183	04/17/1915	7	16	0	3	2	2	9	56,25%	
Nº 184	04/24/1915	7	16	0	3	2	1	10	62,50%	
Nº 185	05/01/1915	7	16	0	3	1	3	9	56,25%	
Nº 186	05/08/1915	7	16	0	4	1	3	8	50,00%	
Nº 187	05/15/1915	7	16	0	3	2	2	9	56,25%	
Nº 188	05/22/1915	7	16	0	3	1	4	8	50,00%	
Nº 189	05/28/1915	6	16	0	4	1	4	7	43,75%	
Nº 190	06/05/1915	8	16	0	3	2	3	8	50,00%	
Nº 191	06/12/1915	7	16	0	5	1	4	6	37,50%	
Nº 192	06/19/1915	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 193	06/26/1915	7	16	0	4	1	1	10	62,50%	
Nº 194	07/03/1915	7	16	0	5	1	3	7	43,75%	
Nº 195	07/10/1915	7	16	0	3	1	2	10	62,50%	

Nº 196	07/17/1915	7	17	1	4	2	1	2	9	52,94%
Nº 197	07/24/1915	7	16	-1	5	1	2	2	8	50,00%
Nº 198	07/31/1915	7	16	0	4	2	2	2	8	50,00%
Nº 199	08/07/1915	7	16	0	4	1	2	1	9	56,25%
Nº 200	08/14/1915	7	16	0	4	1	3	12	60,00%	
Nº 201	09/04/1915	21	52	36	5	6	3	38	73,08%	
Nº 202	09/18/1915	14	20	-32	3	2	3	12	60,00%	
Nº 203	10/02/1915	14	20	0	3	3	2	12	60,00%	
Nº 204	10/16/1915	14	20	0	3	2	3	12	60,00%	
Nº 205	10/30/1915	14	20	0	4	2	3	11	55,00%	
Nº 206	11/13/1915	14	16	-4	3	1	3	9	56,25%	
Nº 207	11/27/1915	14	16	0	3	2	2	9	56,25%	
Nº 208	12/11/1915	14	16	0	3	1	2	10	62,50%	
Nº 209	12/25/1915	14	18	2	5	1	1	11	61,11%	
	1916									
Nº 210	01/08/1916	14	16	-2	5	1	4	6	37,50%	
Nº 211	01/22/1916	14	16	0	5	2	4	5	31,25%	
Nº 212	02/08/1916	17	16	0	5	1	4	6	37,50%	
Nº 213	01/22/1916	-17	16	0	5	1	4	6	37,50%	
Nº 214	03/07/1916	45	16	0	5	1	5	5	31,25%	
Nº 215	03/21/1916	14	16	0	5	1	5	5	31,25%	
Nº 216	04/04/1916	14	16	0	5	1	5	5	31,25%	
Nº 217	04/18/1916	14	16	0	5	1	5	5	31,25%	
Nº 218	05/02/1916	14	16	0	5	3	5	3	18,75%	
Nº 219	05/20/1916	18	16	0	6	1	5	4	25,00%	
Nº 220	07/01/1916	42	16	0	5	1	4	6	37,50%	
Nº 221	07/29/1916	28	16	0	5	1	4	6	37,50%	
Nº 222	08/19/1916	21	16	0	5	1	4	6	37,50%	
Nº 223	09/30/1916	42	16	0	6	1	5	4	25,00%	
Nº 224	10/14/1916	14	20	4	7	2	4	7	35,00%	
Nº 225	10/28/1916	14	24	4	8	2	9	5	20,83%	
Nº 226	11/09/1916	12	24	0	8	1	7	8	33,33%	
Nº 227	11/23/1916	14	26	2	9	3	8	6	23,08%	
Nº 228	12/14/1916	21	18	-8	6	1	3	8	44,44%	
Nº 229	12/31/1916	17	36	18	14	3	11	8	22,22%	
	1917									
Nº 230	01/13/1917	13	20	-16				20	100,00%	
Nº 231	02/02/1917	20	18	-2	6	1	4	7	38,89%	
Nº 232	02/15/1917	13	22	4	4	1	9	8	36,36%	
Nº 233	03/27/1917	40	32	10	11	2	4	15	46,88%	
Nº 234	04/20/1917	24	20	-12	3	2	3	12	60,00%	
Nº 235	04/28/1917	8	20	0	3	2	4	11	55,00%	
Nº 236	05/05/1917	7	20	0	3	3	5	9	45,00%	
Nº 237	05/12/1917	7	18	-2	3	1	5	9	50,00%	
Nº 238	05/20/1917	8	20	2	3	1	7	9	45,00%	
Nº 239	06/22/1917	33	24	4	4	3	6	11	45,83%	
Nº 240	07/13/1917	21	24	0	4	2	0	18	75,00%	
Nº 241								0		
Nº 242	08/15/1917	08/15/1917	16	16	3	3	2	8	50,00%	
Nº 243	09/01/1917	17	20	4	4	1	5	10	50,00%	
Nº 244	09/15/1917	14	20	0	4	1	2	13	65,00%	
Nº 245	10/15/1917	30	20	0	3	1	1	15	75,00%	
Nº 246	11/15/1917	31	22	2	4	1	2	15	68,18%	
	1918									
Nº 247	01/31/1918	77	19	3	6	1	1	11	57,89%	
Nº 248	02/23/1918	23	28	9	4	1	4	19	67,86%	

								Média de páginas exclusivamente dedicadas a textos		46,11%

APÊNDICE E - Seções Mundanas d'O Pirralho

	Seção 1	Autor	pág	Seção 2	Autor	Pág	Seção 3	Autor	pág				Seção 4	Autor	pág	Seção 5	pág			S. 6 (“vida curta”)	pág	S. 7 (“vida curta”)	Pág
	1912																						
Nº 1	De Camarote	Manéco, o crítico	8	O Pirralho ... Cavando ...	Charéco	8	O Pirralho Chic - A vida mundana	Jayme da Gama	10														
Nº 2	De Camarote	Manéco, o crítico	10				O Pirralho Chic, do Rio P'R'Ahi - A vida mundana	R.L. e Jayme da Gama	10				Instantaneos	Leonan	11								
Nº 3	De Camarote		11				A Vida Mundana	Jayme da Gama	7				Instantaneos	Leonan	6								
Nº 4	De Camarote	Manéco, o crítico					O Pirralho Chic, do Rio P'R'Ahi - A vida mundana	6	12				Instantâneos	Leonan	7	O Pirralho nos Cinemas	8						
Nº 5	De Camarote	Manéco, o crítico					Vida Mundana	Jayme da Gama					Instantaneos	Leonan	4					Chronica do Rio (R.L.)	3		
Nº 6													Instantaneos	Leonan	4	O Pirralho nos Cinemas	6			Chronica do Rio (R.L.)	3	Le Theatre Municipèle	3
Nº 7	De Camarote	Cicero Sylvestre	11				Vida Mundana	Jayme da Gama	4				Instantaneos	Leonan	4	O Pirralho nos Cinemas	12						
Nº 8	Theatros Municipal	Cicero Sylvestre	11				Vida Mundana	Jayme da Gama	9				Instantaneos	Leonan	8								
Nº 9	Theatros Municipal	Cicero Sylvestre	6-7				Vida Mundana	Jayme da Gama	6				Instantaneos	Leonan	4								
Nº 10													Instantaneos	Leonan	7	O Pirralho nos Cinemas	7						
Nº 11							Vida Mundana	Jayme da Gama	7				Instantaneos			O Pirralho nos Cinemas	11			Exposição Bellas Artes	3		
Nº 12													Instantaneos	Leonan	10	O Pirralho nos Cinemas	9			Chronica do Rio (R.L.)	3	O Baile do Concordia	6
Nº 13	Theatros	Cicero Sylvestre	10				Vida Mundana	Jayme da Gama	10				Instantaneos	Leonan	4								
Nº 14	Theatros	Cicero Sylvestre	10				Vida Mundana	Jayme da Gama	7							O Pirralho nos Cinemas	8						
Nº 15							Vida Mundana	Jayme da Gama	11							O Pirralho nos Cinemas	13			No Trinque	7		
Nº 16	Theatros	Cicero Sylvestre	9				Vida Mundana	Jayme da Gama	8							O Pirralho nos Cinemas	13						
Nº 17	Theatros		11													O Pirralho nos Cinemas	10						
Nº 18	Theatros		14										Instantaneos	Mr. de La Palisse	7	O Pirralho nos Cinemas	12			No Trinque	8		
Nº 19	Pelos Theatros	Cicero Sylvestre	10				Vida Mundana	Jayme da Gama	11							O Pirralho nos Cinemas	13			Five o'clock rain	14	No Trinque	8
Nº 20	Pelos Theatros	Cicero Sylvestre	13										Instantaneos	Mr. de La Palisse	9	O Pirralho nos Cinemas	14						
Nº 21	Pelos Theatros	Cicero Sylvestre	17													O Pirralho nos Cinemas	14			No Trinque	12		
	1912																						
Nº 22							Vida Mundana	Jayme da Gama	15							O Pirralho nos Cinemas	16			No Trinque	9	Os Cinemas	16
Nº 23	Pelos Theatros		14													O Pirralho nos Cinemas	16						

Nº 24	Pelos Theatros		12													O Pirralho nos Cinemas	11						
Nº 25	Pelos Theatros		10													O Pirralho nos Cinemas	11						
Nº 26																O Pirralho nos Cinemas	11						
Nº 27	Pelos Theatros		16													O Pirralho nos Cinemas	14			A Kermesse	3	O que há na Sociedade	12
Nº 28	Pelos Theatros		14													O Pirralho nos Cinemas	12			Kermesse	1-8		
Nº 29	Pelos Theatros		10																	O Pirralho nos três dias de carnaval	9	Bailes	13
Nº 30	Pelos Theatros		14													O Pirralho nos Cinemas	8						
Nº 31																O Pirralho nos Cinemas	8						
Nº 32	Pelos Theatros		12																	O Baile no Germania	3	Bailes	13
Nº 33	Pelos Theatros		10													O Pirralho nos Cinemas	8			Os elegantes	8	Baile	10
Nº 34	Pelos Theatros		5													O Pirralho nos Cinemas	10			SP é uma cidade…	14		
Nº 35	Pelos Theatros		15													O Pirralho nos Cinemas	8						
Nº 36	Pelos Theatros		10													O Pirralho nos Cinemas	12			O Pirralho no Braz	15		
Nº 37	Pelos Theatros		10										Instantaneos	Kodac	11	O Pirralho nos Cinemas	8			A Telephonica	9		
Nº 38	Pelos Theatros		11										Instantaneos	Kodac	11	O Pirralho nos Cinemas	13						
Nº 39	Pelos Theatros		15										Instantaneos	Kodak	14	O Pirralho nos Cinemas	13			Olhando a Maré	3	Baile	9
Nº 40	Pelos Theatros		10										Instantaneos	Kodak	9	O Pirralho nos Cinemas	12			Olhando a Maré	3		
Nº 41													Instantaneos	Kodak	10	O Pirralho nos Cinemas	12			Olhando a Maré	3	Os elegantes	8
Nº 42	Pelos Theatros		13										Instantaneos	Kodak	10	O Pirralho nos Cinemas	10	O Pirralho na Academia	7	O cinema	11		
Nº 43	Pelos Theatros		12										Instantaneos	Kodak	8	O Pirralho nos Cinemas	11	O Pirralho na Academia	7	A aviação em S. Paulo	8		
Nº 44													Instantaneos	Kodak	9	O Pirralho nos Cinemas	14	O Pirralho na Academia	7				
Nº 45	Pelos Theatros		7				O Pirralho na Sociedade	Bacharel Petronio	15				Instantaneos	Kodak	5	O Pirralho nos Cinemas	20	O Pirralho na Academia	11	Pirralho visita a Escola Normal	17	São Paulo Artistico	18
Nº 46	Pelos Theatros	José de Mesquita	14										Instantaneos	Kodak	11	O Pirralho nos Cinemas	7						
Nº 47	Pelos Theatros		10				O Pirralho na Sociedade	Bacharel Petronio	9				Instantaneos	Kodak	13	O Pirralho nos Cinemas	10	O Pirralho na Academia	11			São Paulo Artistico	5
Nº 48	Pelos Theatros		14										Instantaneos	Kodak	9	O Pirralho nos Cinemas	11	O Pirralho na Academia	9				

Nº 49	Pelos Theatros		13										Instant aneos	Kodak	11	O Pirralho nos Cinemas	15	O Pirralho na Academia	6				
Nº 50	Pelos Theatros		14													O Pirralho nos Cinemas	10	O Pirralho na Academia	17				
Nº 51	Pelos Theatros		13										Instant aneos	Kodak	10	O Pirralho nos Cinemas	9						
Nº 52	Pelos Theatros		28				Chic…		19-22				Instant aneos	Kodak	11	O Pirralho nos Cinemas	31	O Pirralho na Academia	10	Exposição de Pintura	29		
Nº 53	Pelos Theatros		8				Chic…		15-18				Instant aneos	Kodak	15	O Pirralho nos Cinemas	24			Bailes	12		
Nº 54	Pelos Theatros		14				Chic…		15-16				Instant aneos	Kodak	15	O Pirralho nos Cinemas	22	O Pirralho na Academia	21				
Nº 55	Pelos Theatros		9				Chic…		15-18				Instant aneos	Kodak	15	O Pirralho nos Cinemas	13	O Pirralho na Academia	8	Jardim da Acclimação	11	Exposição de Pinturas	19
Nº 56	Pelos Theatros		21				Chic…		13-16				Instant aneos	Kodak	7	O Pirralho nos Cinemas	8	O Pirralho na Academia	12				
Nº 57	Pelos Theatros		10										Instant aneos	Kodak	11	O Pirralho nos Cinemas	14	Indiscriçõe s… Académ icas	9				
Nº 58	Pelos Theatros		26													O Pirralho nos Cinemas	25	O Pirralho na Academia	26	Club Concordia	23		
Nº 59	Pelos Theatros		20										Instant aneos	Kodak	20	O Pirralho nos Cinemas	12	O Pirralho na Academia	21	Moda	9		
Nº 60	Pelos Theatros		17													O Pirralho nos Cinemas	11	O Pirralho na Academia	17				
Nº 61	Pelos Theatros		19										Instant aneos	Kodak	12	O Pirralho nos Cinemas	8	O Pirralho na Academia	21				
Nº 62	Pelos Theatros		8										Instant aneos	Kodak	7	O Pirralho nos Cinemas	12	O Pirralho na Academia	15	Gente Rica	18		
Nº 63							Notas Mundan as		19				Instant aneos	Kodak	9	O Pirralho nos Cinemas	20	O Pirralho na Academia	10				
Nº 64	De Camarote …		15										Instant aneos	Kodak	16	O Pirralho nos Cinemas	14	O Pirralho na Academia	20	O Pantheon	12		
Nº 65	De Camarote …		21										Instant aneos		8	O Pirralho nos Cinemas	17	Bisbilhot ices	13				
Nº 66	De Camarote …		14													O Pirralho nos Cinemas	18			Exposição de Pintura	15		
Nº 67	De Camarote …		24										Instant aneos	Kodak	23	O Pirralho nos Cinemas	16						
Nº 68	De Camarote …		15										Instant aneos	Kodak	7	O Pirralho nos Cinemas	21						
Nº 69	De Camarote …		14										Instant aneos	Kodak	15	O Pirralho nos Cinemas	18						
Nº 70	De Camarote …		19													O Pirralho nos Cinemas	14						
Nº 71	De Camarote …		19										Instant aneos	Kodak	7	O Pirralho nos Cinemas	14						
Nº 72	De Camarote …		10				Notas Mundan as		9							O Pirralho nos Cinemas	10						
	1913																						
Nº 73	De Camarote …		8				Notas Mundan as		20							O Pirralho nos Cinemas	19			No Baile	7		
Nº 74	De Camarote …		16													O Pirralho nos Cinemas	14			Festa de Caridade	10		
Nº 75	De Camarote …		55										Instant aneos	Kodak	48	O Pirralho nos Cinemas	25						
Nº 76	De Camarote		16										Instant aneos	Kodak	7	O Pirralho nos Cinemas	25						
Nº 77	De Camarote		8													O Pirralho nos Cinemas	8			Adelia	12	Os ratos, o carnaval	15
Nº 78	De Camarote		18										Instant aneos	Kodak	7	O Pirralho nos Cinemas	18			Liberdade Club	18		
Nº 79	De Camarote		8													O Pirralho nos Cinemas	8			Liberdade Club	15	A Festa e 25 de Março	20
Nº 80	De Camarote		10				Notas Mundan as	Jayme da Gama	14							O Pirralho nos Cinemas	10						
Nº 81	De Camarote		18													O Pirralho nos Cinemas	22			Liberdade Club	11		
Nº 82	De Camarote		12													O Pirralho nos Cinemas	18						
Nº 83	De Camarote		22													O Pirralho nos Cinemas	21						
Nº 84	De Camarote		25													O Pirralho nos Cinemas	26			SNOBS	11-12	Festa de Terça Feira	15
Nº 85	De Camarote		12													O Pirralho nos Cinemas	22			Perfil	13		
Nº 86	De Camarote		20										Instant aneos		15	O Pirralho nos Cinemas	14						
Nº 87	De Camarote		24													O Pirralho nos Cinemas	20						
Nº 88	De Camarote		18				Notas Mundan as		10				Instant aneos		16	O Pirralho nos Cinemas	18						
Nº 89	De Camarote		10							Coisas da Rua	Marcus Priscus	15								Modas	14		
Nº 90	De Camarote		24							Coisas da Rua	Marcus Priscus	20				O Pirralho nos Cinemas	24						
Nº 91	De Camarote		20							Coisas da Rua	Marcus Priscus	16								Modas	12		
Nº 92	De Camarote		29							Coisas da Rua	Marcus Priscus	6											
Nº 93	De Camarote		11							Coisas da Rua	Marcus Priscus	10											
Nº 94	De Camarote		10							Coisas da Rua	Marcus Priscus	13											
Nº 95										Coisas da Rua	Marcus Priscus	17											
Nº 96	De Camarote		11							Coisas da Rua	Marcus Priscus	7											
Nº 97	De Camarote		14							Coisas da Rua	Marcus Priscus	5											
Nº 98	De Camarote		14							Coisas da Rua	Marcus Priscus	5											
Nº 99	De Camarote		17							Coisas da Rua	Marcus Priscus	11											
Nº 100	De Camarote		18							Coisas da Rua	Marcus Priscus	18											
Nº 101	De Camarote		9							Coisas da Rua	Marcus Priscus	7								Café Concerto	7	Modas	12-13
Nº 102	De Camarote		24							Coisas da Rua	Marcus Priscus	10								Viaduto Sta. Efigênia	22		
Nº 103										Coisas da Rua	Marcus Priscus	5								Onze de Agosto	14		
Nº 104	De Camarote		38																			A Capital Artistica	20

Nº 105	De Camarote		15							Coisas da Rua	Marcus Priscus	11												
Nº 106	De Camarote		24							Coisas da Rua	Marcus Priscus	6												
Nº 107	De Camarote									Coisas da Rua	Marcus Priscus	5												
Nº 108										Coisas da Rua	Marcus Priscus	8							Concordia	15				
Nº 109	De Camarote		18							Coisas da Rua	Marcus Priscus	8							O Radium	12	O Flirt	14		
Nº 110	De Camarote		19							Coisas da Rua	Marcus Priscus	5												
Nº 111	De Camarote		15							Coisas da Rua	Marcus Priscus	14												
Nº 112				Cortando ...	Gavroche	18-19				Coisas da Rua	Marcus Priscus	5												
Nº 113	De Camarote		17	Cortando ...						Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 114	De Camarote		14	Cortando ...	Gavroche	11-12				Coisas da Rua	Marcus Priscus	15							Modas	16				
Nº 115	De Camarote		14	Cortando ...	Gavroche	12				Coisas da Rua	Marcus Priscus	4												
Nº 116				Cortando ...	Gavroche	12				Coisas da Rua	Marcus Priscus	6												
Nº 117	De Camarote		12	Cortando ...	Gavroche	9																		
Nº 118	De Camarote		14	Cortando ...	Gavroche	15				Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 119	De Camarote		16	Cortando ...	Gavroche	4				Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 120	De Camarote		18	Cortando ...	Gavroche	17				Coisas da Rua	Marcus Priscus	3						Perfis - Ruy Blas	14	Gelasio Pimenta	10	Perfis	14	
Nº 121	De Camarote		21	Cortando ...	Gavroche	7												Perfis - Ruy Blas	21					
Nº 122				Cortando ...		8				Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 123							Pirralho Chic	Ruy Blas	12	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								A Nevrose do Flirt	8			
	1914																							
Nº 124				Cortando ...	Gavroche	13	Pirralho Chic	Ruy Blas	12	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								O Carnaval	6			
Nº 125	De Camarote		17	Cortando ...	Gavroche	17	Pirralho Chic	Ruy Blas	8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3						Perfis	16					
Nº 126				Cortando ...	Gavroche	6	Pirralho Chic	Ruy Blas	9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								Dona Crise	4-5			
Nº 127				Cortando ...	Gavroche	5	Pirralho Chic	Ruy Blas	10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 128				Cortando ...	Gavroche	5	Pirralho Chic	Ruy Blas	8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 129				Cortando ...	Gavroche	4	Pirralho Chic	Ruy Blas	9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 130				Cortando ...	Gavroche	8	Pirralho Chic	Ruy Blas	9-12	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								Nota de Carnaval	7			
Nº 131				Cortando ...	Gavroche	16	Pirralho Chic	Ruy Blas	9-12	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 132				Cortando ...	Gavroche	8-9	Pirralho Chic	Ruy Blas	5	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 133				Cortando ...	Gavroche	5	Pirralho Chic	Ruy Blas	12-13	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 134				Cortando ...	Gavroche	10	Pirralho Chic	Ruy Blas	8-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	4												
Nº 135				Cortando ...	Gavroche	7	Pirralho Chic	Ruy Blas	15	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 136				Cortando ...	Gavroche	11	Pirralho Chic	Ruy Blas	8-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 137				Cortando ...	Gavroche	7	Pirralho Chic	Ruy Blas	9-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 138				Cortando ...	Gavroche	12	Pirralho Chic	Ruy Blas	9-11	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 139				Cortando ...	Gavroche	10	Pirralho Chic	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 140				Cortando ...	Gavroche	11	Pirralho Social	Volatire	7	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								A Jogatina em SP	18			
Nº 141				Cortando ...	Gavroche	12	Pirralho Social	Volatire	7	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								A Jogatina em SP	14	Bebado da élite	17	
Nº 142				Cortando ...	Gavroche	15	Pirralho Social	Volatire	9-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								Sobre o Jogo do Bicho	10			
Nº 143				Cortando ...	Gavroche	8	Pirralho Social	Volatire	11																
Nº 144	Theatros		17	Cortando ...	Gavroche	9-10	Pirralho Social	Volatire	13-14											A Jogatina em SP	3				
Nº 145				Cortando ...	Gavroche	10	Pirralho Social	Volatire	11											A Jogatina em SP	3				
Nº 146				Cortando ...	Gavroche	9-10	Pirralho Social	Volatire	7-8											A Jogatina em SP	6				
Nº 147				Cortando ...	Gavroche	8	Pirralho Social	Volatire	7											Os elegantes	10				
Nº 148				Cortando ...	Gavroche	6-7	Pirralho Social	Volatire	14-15																
Nº 149				Cortando ...	Gavroche	5	Pirralho Social		8-9											A Jogatina em SP	3				
Nº 150				Cortando ...	Gavroche	8	Pirralho Social		6-7											A Jogatina em SP	3				
Nº 151				Cortando ...	Panfucio	8	Pirralho Social	Volatire	6-7											A Jogatina em SP	3				
Nº 152				Cortando ...	Gavroche	14	Pirralho Social	Volatire	6-8																
Nº 153				Cortando ...	Gavroche	12	Pirralho Social	Volatire	4-6											A Jogatina em SP	3				

Nº 154				Cortando ...	Max	5	Pirralho Social	Volatire	6-9															
Nº 155							Pirralho Social	Volatire	6															
Nº 156							Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 157	Palcos e Fitas	Demo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-11	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 158	Palcos e Fitas	Demo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3										Lanterna Mágica	7-10	
Nº 159	Palcos & Fitas	Demo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	4										Lanterna Mágica	7-9	
Nº 160	Palcos & Fitas		4				Pirralho Social	Ruy Blas	6-7	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3										Lanterna Mágica	7-8	
Nº 161	Palcos & Fitas	Demo	16				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3										Lanterna Mágica	7-9	
Nº 162							Pirralho Social	Ruy Blas	5-6	Coisas da Rua	Marcus Priscus	7						Perfis Femininos	11			Lanterna Mágica	5-7	
Nº 163	Palcos & Fitas	Demo	14				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3										Lanterna Mágica	7-9	
Nº 164	Palcos & Fitas		14				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8									Perfis Femininos	10	Theatro Municipal	13			
Nº 165	Palcos & Fitas		14				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3						Perfis Femininos	10			Lanterna Mágica	7-9	
Nº 166							Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								Os progressos	11	Lanterna Mágica	7-9	
Nº 167	Palcos & FItas	E. M.	13				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3						Perfis Femininos	10			Lanterna Mágica	7-9	
	1915																							
Nº 168	Palcos & FItas	J. Felizardo	12				Pirralho Social	Interim	7-10	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3						Perfis Femininos	11	Coisas de Arte	6	Lanterna Mágica	7-9	
Nº 169							Pirralho Social	Interim	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3						Perfis (D'Anilo)	14	Coisas de Arte	6	Lanterna Mágica	7-9	
Nº 170							Pirralho Social	Interim	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 171							Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	4										Lanterna Mágica	7-10	
Nº 172							Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	4						Perfis (D'Anilo)	14	Coisas de Arte	4	Lanterna Mágica	7-9	
Nº 173	Palcos & FItas		6				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								Coisas de Arte	7			
Nº 174	Palcos & FItas		4				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3										Lanterna Mágica	7-10	
Nº 175	Palcos & FItas		12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								Écos de Carnaval	5	Lanterna Mágica	7-9	
Nº 176	Palcos & FItas		13				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9											Últimos Echos de Carnaval	4	Dois Perfis	11	
Nº 177	Palcos & FItas	J. Felizardo	6				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10									Perfis (D'Anilo)	14	Coisas de Arte	4	O Corso na Avenida	10	
Nº 178	Palcos & FItas		12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9									Perfis (D'Anilo)	14	Coisas de Arte	3	Lanterna Mágica	7-10	
Nº 179	Palcos & FItas	J. Felizardo	4				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8															
Nº 180	Palcos & FItas		13				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8									Perfis (D'Anilo)	14					
Nº 181	Palcos & FItas	J. Felizardo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10															
Nº 182							Pirralho Social	Ruy Blas	7-9													Lanterna Mágica	7-10	
Nº 183	Palcos & FItas	J. Felizardo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9															
Nº 184	Palcos & FItas	J. Felizardo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8											Coisas de Arte	9			
Nº 185	Palcos & FItas		12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10											Coisas de Arte	11			
Nº 186	Palcos & FItas	J. Felizardo	6				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8											Coisas de Arte	6			
Nº 187	Palcos & FItas	J. Felizardo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10											Coisas de Arte	10			
Nº 188	Palcos & FItas	J. Felizardo	12				Pirralho Social	Ruy Blas	7-10															
Nº 189	Palcos & FItas	J. Felizardo	11				Pirralho Social	Ruy Blas	7	Coisas da Rua	Marcus Priscus	5								A Jogatina em S. Paulo	9			
Nº 190							Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3												
Nº 191	Palcos & FItas	J. Felizardo	13				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3								O Jogo do Bicho	10	À vol d'oiseau	12	
Nº 192	Palcos & FItas	J. Felizardo	6				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9											Ainda a Jogatina	11	Lanterna Mágica	7-9	
Nº 193	Palcos & FItas	J. Felizardo	6				Pirralho Social	Ruy Blas	7											A Jogatina em S. Paulo	13			
Nº 194	Palcos & FItas	J. Felizardo	4				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8											Ainda a Jogatina	3	À vol d'oiseau	10	
Nº 195	Palcos & FItas		6				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	5										À vol d'oiseau	10	
Nº 196	Palcos & FItas	J. Felizardo	10				Pirralho Social	Ruy Blas	7-9													Lanterna Mágica	7-9	
Nº 197	Palcos & FItas	Xisto Bahia	4				Pirralho Social	Ruy Blas	7-8													À vol d'oiseau	9-10	

Nº 198							Pirralho Social	Ruy Blas	7-8	Coisas da Rua	Marcus Priscus	3										
Nº 199							Pirralho Social	Ruy Blas	7-9										Coisas de Arte	3	À vol d'oiseau	9-10
Nº 200							Pirralho Social	Ruy Blas	7-8												À vol d'oiseau	9
Nº 201							Pirralho Social		19				Instant aneos	Ruy Blas	20				Pelas Artes	15		
Nº 202																A Festa d'O Pirralho	7		Pelas Artes	8	Petit Bleu (Azambuja)	11
Nº 203							Pirralho Social	Interim	12-13													
Nº 204							Pirralho Social	Interim	6-7													
Nº 205							Pirralho Social	Braz D'Archanjo	7-9										Coisas de Arte	13		
Nº 206							Pirralho Social		7-10										Coisas de Arte	6		
Nº 207							Pirralho Social	Braz D'Archanjo	5-6										Coisas de Arte	9		
Nº 208	Theatros	Felizardo	6				Pirralho Social	Braz D'Archanjo	7													
Nº 209							Pirralho Social	Braz D'Archanjo	5													
	1916																					
Nº 210							Pirralho Social	Braz D'Archanjo	7	Mon Coeurs Balance	Dolor de Brito	5-6+8	Café-Concerto	Un Seul Jongleur	4				Coisas de Arte	12		
Nº 211										A Proposito de Mon Coeur Balance	Delicatus	9	Café-Concerto	Un Seul Jongleur	6				Coisas de Arte	4		
Nº 212	De Camarote		7										Café-Concerto	Un Seul Jongleur	10				Coisas de Arte	7		
Nº 213													Café-Concerto	Un Seul Jongleur	13	Como Escreve m	7-9		Coisas de Arte	4		
Nº 214										Carnaval	Rodo	8	Café-Concerto	Un Seul Jongleur	3	Como Escreve m	4		Coisas de Arte	11		
Nº 215							Pirralho Social	s/ assinatura	7-8							Como Escreve m	4					
Nº 216	De Camarote		12													Como Escreve m	4					
Nº 217																Como Escreve m	4					
Nº 218																						
Nº 219				A Greve dos Chauffeurs		3							Café-Concerto	Un Seul Jongleur	3			Livros Novis	6			
Nº 220													Café-Concerto	Un Seul Jongleur	3	Como Escreve m	4			Coisas de Arte	12	Pirralho Sportsman	12
Nº 221							Pirralho Social	s/ assinatura	12	Mon Coeurs Balance	Antonio Define	8-11							Coisas de Arte	4		
Nº 222							Pirralho Social	s/ assinatura	7-8										Coisas de Arte	5		
Nº 223							Pirralho Social	s/ assinatura	7	Memorias Sentimentais de J. Miramar	Oswald Andrade	4										
Nº 224				Figuras & Figurões	Pierrot	7	Pirralho Social	s/ assinatura	9-10							Á Thesoura	11					
Nº 225				Figuras & Figurões	Pierrot	9	Pirralho Social	s/ assinatura	7-8							Á Thesoura	18-20					
Nº 226				Figuras & Figurões	Pierrot	9	Pirralho Social	s/ assinatura	15-16													
Nº 227				Figuras & Figurões	Lucifer	9	Pirralho Social	s/ assinatura	13	Vida Literaria		16						Festas Civicas	7			
Nº 228							Pirralho Social	s/ assinatura	7													
Nº 229							Pirralho Social	s/ assinatura	15				Café-Concerto		16	Á Tesoura	25				Sport Club	17

	1917																					
Nº 230	A Civilização de S. Paulo		10	Olhe a saia della... o que se faz nos cafés	Satulan	7	Pirralho Social	s/ assinatura	9	Carnaval	Folião	4	Café-Concerto	Bonitinho	5	Os Argonautas	10				Sport	8
Nº 231							Pirralho Social		11-13	Carnaval		16								O Jogo em S. Paulo	8-9	Sport	13-14
Nº 232							Pirralho Social		7	Carnaval		9-10						Fabrica de Tecidos	17	Jogatina em S Paulo	8	O Pirralho Sportivo	8-9
Nº 233	De Camarote	G. Lasio	20							Echos de Carnaval		18	Café-Concerto	Les Quatre Jongleurs	19	Os Argonautas	14					
Nº 234	De Camarote	G. Lasio	16										Café-Concerto	Les Quatre Jongleurs	13			Pirralhona Academia	15			Foot-Ball	18
Nº 235	De Camarote	D. Metrio	15	Feira das Vaidades	Bruno de Montevede	5				Pelos Salões		6						Pirralhona Academia	6			Foot-Ball	18
Nº 236	De Camarote		17	Feira das Vaidades	Vivianno de Salazar	16												Pirralhona Academia	9	A Cigarra	3	Foot-Ball	18
Nº 237	De Camarote		16	Feira das Vaidades	Vivianno de Salazar	9	Thesoura Mundana	Fouquières	11							No Dominio da Moda	13	Pirralhona Academia	14			Pirralho Sportivo	12
Nº 238	De Camarote		16	Feira das Vaidades	Vivianno de Salazar	6	Thesoura Mundana	s/ assinatura	13	Memorias Sentimentais de J. Miramar	Oswald Andrade	7				No Dominio da Moda	9	Pirralhona Academia	13-14	No Mundo do Vicio	6	Pirralho Sportivo	18
Nº 239				Feira das Vaidades	s/ assinatura	7	Thesoura Mundana	s/ assinatura	8	Lanterna Mágica	Oswald de Andrade	5-7				No Dominio da Moda	11					Sport no Rio e em SP	17-21
Nº 240																						
Nº 241																						
Nº 242	De Camarote		14															O Pirralhona Academia	7				
Nº 243	De Camarote		14	Feira das Vaidades	Vivianno de Salazar	13							Conselhos ás Damas	Ruim Barbosa	15	No Dominio da Moda	11					
Nº 244	De Camarote	Conde Danilo	14	Feira das Vaidades	Vivianno de Salazar	6							Receitas Praticas	Felix Carteiro	16			Pirralhona Academia	9			Foot-Ball	17
Nº 245	De Camarote		17													No Dominio da Moda	18						
Nº 246	De Camarote		19										Receitas Praticas		14	Nos Domínios da Moda	8	Na Academia	8				
	1918																					
Nº 247	De Camarote	Conde Danilo	10										Receitas Praticas		5					A Jogatina	6		
Nº 248	De Camarote		6	O Pirralho no Carnaval		12-13							Receitas Praticas		10							Sports	8

APÊNDICE F - O Parafuso (1915-1918)

Número	Data	Intervalo de Lançamento	Total de Páginas	Variação de Páginas	Páginas dedicadas a publicidade	Páginas dedicadas a imagem	Páginas 50% dedicadas a imagens	Páginas em branco	Páginas dedicadas a texto	Porcentagem da revista com texto
	1915									
Nº 1	02/27/1915								0	
Nº 2	03/06/1915	7	12	12	0	2	0		10	83,33%
Nº 4	03/20/1915		12		0	3	0		9	75,00%
Nº 5	03/27/1915	7	12	0					12	100,00%
Nº 6	04/03/1915	7	12	0	0	2	2		8	66,67%
Nº 8	04/17/1915		12		0	2	0		10	83,33%
Nº 9	04/24/1915	7	12	0	1	3	0		8	66,67%
Nº 12	05/15/1915		12		1	1	1		9	75,00%
Nº 13	05/22/1915	7	12	0	1	1	0		10	83,33%
Nº 14	05/29/1915	7	12	0	1	3	0		8	66,67%
Nº 15	06/05/1915	7	12	0	1	2	1		8	66,67%
Nº 18	10/23/1915		12		3	1	0		8	66,67%
Nº 19	10/30/1915	7	12	0	3	1	0		8	66,67%
Nº 20	11/06/1915	7	12	0	2	1			9	75,00%
Nº 21	11/13/1915	7	14	2	2	1	0		11	78,57%
Nº 22	11/20/1915	7	12	-2	1	2			9	75,00%
Nº 23	11/27/1915	7	12	0	1	1			10	83,33%
Nº 25	12/11/1915		12		1	1	1		9	75,00%
Nº 27	12/25/1915		12		2	1			9	75,00%
	1916									
Nº 28	01/01/1916	7	12	0	2	1	1		8	66,67%
Nº 29	01/08/1916	7	12	0	1	1			10	83,33%
	1917									
Nº 43	04/14/1917		20	8	3	3	1		13	65,00%
Nº 44	04/21/1917	7	20	0	5	2	1		12	60,00%
Nº 45	04/28/1917	7	20	0	3	2	1		14	70,00%
Nº 46	05/05/1917	7	20	0	3	2			15	75,00%
Nº 47	05/12/1917	7	20	0	2	2	2	1	13	65,00%
Nº 48	05/19/1917	7	20	0	2	2			16	80,00%
Nº 49	05/26/1917	7	20	0	3	1	3		13	65,00%
Nº 50	06/02/1917	7	20	0	3	1	1		15	75,00%
Nº 51	06/09/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 52	06/16/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 53	06/23/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 54	06/30/1917	7	20	0	9	1	2		8	40,00%
Nº 55	07/07/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 56	07/14/1917	7	20	0	1	3		2	14	70,00%
Nº 57	07/21/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 58	07/28/1917	7	20	0	1	3		2	14	70,00%
Nº 59	08/04/1917	7	20	0	1	3			16	80,00%
Nº 60	08/11/1917	7	20	0	3	1	1		15	75,00%
Nº 61	08/18/1917	7	20	0	1	1			18	90,00%
Nº 62	08/25/1917	7	20	0	1	1			18	90,00%
Nº 63	09/01/1917	7	20	0	1	3			16	80,00%
Nº 64	09/08/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 65	09/15/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 66	09/22/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 67	09/29/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 68	10/06/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 69	10/13/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 70	10/20/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 71	10/27/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 72	11/03/1917	7	20	0	3	1	2		14	70,00%
Nº 73	11/10/1917	7	20	0	3	1	1		15	75,00%
Nº 74	11/17/1917	7	18	-2	2				16	88,89%
Nº 75	11/21/1917	4	18	0	2	1	1		14	77,78%
Nº 76	12/01/1917	10	20	2	3	2			15	75,00%
Nº 77	12/08/1917	7	20	0	3	1			16	80,00%
Nº 78	12/15/1917	7	20	0	3	1	1		15	75,00%
Nº 79	12/22/1917	7	20	0	3	1	2		14	70,00%
Nº 80	12/29/1917	7	20	0	3	1	3		13	65,00%
	1918									
Nº 82	01/19/1918		22		3	1	3		15	68,18%
							Média de páginas exclusivamente dedicadas a textos			75,37%

APÊNDICE G - Seções Mundanas d'*O Parafuso*

	Seção 1	Autor	pág	Seção 2	Pág	Seção 3	pág	Seção 4	Pig	Seção 5	Autor	pág	Seção 6	pág	Seção 7	pág	Seção 8	Pág	Seção 9	Autor	Pág
Nº 2	Veículos Oficiais		3			Perfil (Sub-Rostris)	5	Parafusando (Gavroche)	7	Elegancias Paulistas	Armand Fouquières	4	Poeira	6							
Nº 4	Veículos Oficiais		11	Serviço Telephonico	6	Desparafusando	11			Poeira		6							A Hygiene		2
Nº 5										Elegancias Paulistas	Armand Fouquières	11			Contra o Jogo	10	Sport	11	A Hygiene		2
Nº 6	Veículos Oficiais		6																		
Nº 9						Vida Academica	7	Concurso	10						Jogo do Bicho	4					
Nº 12				Serviço Telephonico	5	Perfis Políticos (Bacurau)	6												Hygiene		11
Nº 13						Perfis Políticos (Bacurau)	11	Como Gastam Dinheiro Público	10												
Nº 14								Sr. Washington Luiz	10										Hygiene		2
Nº 15	Automoveis officiaes		2					Que a Prefeitura…	11						Jogo do Bicho	5					
Nº 18				Bondes a 100 Réis	5										Cancros Sociaes	10					
Nº 19				Automovel Club	9																
Nº 20															Jogo do Bicho	9					
Nº 21															Jogo do Bicho	12					
Nº 22				Fitas Indecorosas	8+15																
Nº 23				As porteiras da Ingleza	6																
Nº 25				Acidente de Auto	5	Cortando…	11														
Nº 27				Paulistanas	3	Cortando…	11										Liga Paulista	8			
	1916																				
Nº 28				Paulistanas	5	Conta da Receita	9														
Nº 29				Inst. Disc. Tatuapé	9																
	1917																				
Nº 43	Qual o teu programa?	s/ assinatura	3	Escandalo da Dansarina	16-18	Diz-se…	12	O caso do Trianon	14	Cartas de um Roceiro	Zé Thomaz	8							Theatro Nacional		4
Nº 44				Escandalo da Dansarina	8+15-18	Bem dizia eu…	7								A Jogatina Impera	7					
Nº 45				Escandalo da Dansarina	5+14-15	Bem dizia eu…	18			Cartas de Roceiro	Zé Thomaz	12									
Nº 46				Escandalo da Dansarina	10-11	Bem dizia eu…	15			Cartas de Roceiro	Trocata Chica Gamella	9									
Nº 47				Serviço Telephonico	11	Contra a fome, a dynamite	12	A ladroeira dos taxis	12	Cartas de Roceiro	Zé Thomaz	13	Um passeio de "Viuva Alegre"	14	Jogo Franco	16	Galeria Sportiva	7			
Nº 48				Avenisa S. João	14	Contra a fome, a dynamite	7			Cartas de Roceiro	Zé Thomaz	9			A Jogatina no Auge	14	Parafuso Sportivo	14			
Nº 49	Automoveis officiaes	s/ assinatura	5			Parafusando…	7			Cartas de Roceiro	Zé Thomaz	16			Jogo do Bicho	9+15	Parafuso Sportivo	15	Theatro Nacional		12
Nº 50										Cartas de Roceiro	Zé Thomaz	6	O Curandeiro de S. Caetano	8	A ladroeira doo Bicho	11	Parafuso Sportivo	16-17			
Nº 51						Bem dizia eu…	9	A ladroeira dos taxis	5	Na Academia de Direito		15			O Bicho	10	Parafuso Sportivo	17			
Nº 52				As porteiras da Ingleza	17			Av S. João	14				Curandeiro de S. Caetano	9	Camp. Contra Jogo	12	Parafuso Sportivo	18			
Nº 53	Automoveis officiaes	s/ assinatura	8	Uma fita que saiu cara	4			Desleixo da Prefeitura	10						Camp. Contra Jogo	6-7	Parafuso Sportivo	16			
Nº 54				Serviço Telephonico	5	Combate a Prostituição	9	O desprezo da prefeitura	17						Camp. Contra Jogo	14	Parafuso Sportivo	18			
Nº 55	Automoveis officiaes		15			Combate a Prostituição	11								Camp. Contra Jogo	4	Parafuso Sportivo	16-17			
Nº 56						A Rebelião da fome	9								Camp. Contra Jogo	8	Parafuso Sportivo	16			
Nº 57	Automoveis officiaes		13			A Rebelião da fome	5-6								Camp. Contra Jogo	6	Parafuso Sportivo	17			
Nº 58	Automoveis officiaes		8			Ecos da Greve	4			Na Academia de Direito		12					Parafuso Sportivo	16			
Nº 59	Automoveis officiaes		8					Árvores do Largo S. Bento	10								Parafuso Sportivo	17			
Nº 60				Bondes a 100 Réis	8								Curandeiro de S. Caetano	10-12			Parafuso Sportivo	18			
Nº 61	Automoveis officiaes	s/ assinatura	14	Bondes a 100 Réis	5	Ecos da Greve	13	O Trianon	14	Na Academia de Direito	s/ assinatura	13	Feitiçaria em scena	10-11			Parafuso Sportivo	18			
Nº 62	Automoveis officiaes		11	Bondes a 100 Réis	6								Curandeiros Impunes	14-15			Parafuso Sportivo	18			
Nº 63																	Parafuso Sportivo	17			
Nº 64	Automoveis officiaes		8					Árvores do Largo S. Bento	4				A impunidade dos curandeiros	8	O Bicho	17					
Nº 65						Teremos nova Greve?	17										Parafuso Sportivo	18			
Nº 66	Automoveis officiaes		5														Parafuso Sportivo	18			
Nº 67	Automoveis officiaes		4+8					Árvores do Largo S. Bento	9								Parafuso Sportivo	16-17	Sezione Italiana	Netarcus	14-15
Nº 68						Escandalo Chic	8	Parafuso na Exposição Industrial	4	Os já célebres concursos a da faculdade de Direito		12	Nossas Industrias	10			Parafuso Sportivo	18	Sezione Italiana	Netarcus	14-15
Nº 69								Exposição Industrial	4	Concursos da Faculdade de Direito		9	Curandeiro de S. Caetano	12			Parafuso Sportivo	18	Sezione Italiana	Netarcus	14-16
Nº 70													Curandeiro de S. Caetano	4			Parafuso Sportivo	4	Sezione Italiana	Netarcus	14-16
Nº 71								Exposição Industrial	14								Parafuso Sportivo	12	Sezione Italiana	Netarcus	16-18
Nº 72								Novo Preço dos Taxis	6				Até os curandeiros processam O Parafuso	10-11			Parafuso Sportivo	13	Sezione Italiana	Netarcus	16-17
Nº 73						Estado de Sitio	5						O Silêncio dos Cuurandeiros	17			Parafuso Sportivo	18	Sezione Italiana	Netarcus	14-15
Nº 74																	Parafuso Sportivo	16	Sezione Italiana	Netarcus	17-18
Nº 75						Em estado de sítio	3			Alcoolismo e Falsificações	Benjamin Mota	7	O Processo do Curandeiro	10-12 +6			Parafuso Sportivo	18	Sezione Italiana	Netarcus	14-15
Nº 76										Alcoolismo e Falsificações	Benjamin Motta	5	Os curandeiros de Batina	10+12-13					Sezione Italiana	Netarcus	14-15
Nº 77								Casa Allemã, Casa Enxoval, Casa Kosmos	12	Alcoolismo e Falsificações	Benjamin Mota	11	O quarto processo por injúrias	5			Parafuso Sportivo	8	Sezione Italiana	Netarcus	15-16
Nº 78													Curandeiro de S. Caetano	4			Parafuso Sportivo	15	Sezione Italiana	Netarcus	13-14
Nº 79													Curandeiro de S. Caetano	7			Parafuso Sportivo	16	Sezione Italiana	Netarcus	13-14
Nº 80						Uma reclamação do Parafuso	6										Parafuso Sportivo	8-9	Sezione Italiana	Netarcus	14-15

APÊNDICE H - A Rolha (1918)									
Número	**Data**	**Intervalo de Lançamento**	**Total de Páginas**	**Variação de Páginas**	**Páginas dedicadas a publicidade**	**Páginas dedicadas a imagem**	**Páginas 50% dedicadas a imagens**	**Páginas dedicadas a texto**	**Porcentagem da revista com texto**
Nº 8	04/30/1918		16		0	0	0	16	100,00%
Nº 9	05/07/1918	7	20	-4	3	2	0	15	75,00%
Nº 11	05/21/1918		20	0	3	1	0	16	80,00%
Nº 14	06/11/1918		14	6	0	2	0	12	85,71%
Nº 15	06/18/1918	7	20	-6	3	0	1	16	80,00%
Nº 19	07/14/1918		20	0	3	1	0	16	80,00%
Nº 33	10/22/1918		20	0	3	1	0	16	80,00%
Nº 36	11/19/1918		20	0	2	1	3	14	70,00%
Nº 37	11/26/1918	7	20	0	3	1	0	16	80,00%
Nº 41	12/24/1918		20	0	2	1	0	17	85,00%
Nº 42	12/31/1918	7	20	0	3	1	0	16	80,00%
						Média de páginas exclusivamente dedicadas a textos			81,43%